



ANNE e SERGE GOLON

Digitalização: Fátima Tomás

Revisão: Tatikno



ÍNDICE

CAPÍTULO I – Angélique decide lançar o chocolate. O mordomo Audiger faz-lhe a corte.	3
CAPÍTULO II – Pedido de casamento no moinho de Javel	7
CAPÍTULO III - Angélique torna-se amante do Caga-Versos	16
CAPÍTULO IV – A guerrazinha das licenças.....	24
CAPÍTULO V – Orgia sangrenta na Máscara Vermelha.....	26
CAPÍTULO VI – O escândalo do pequeno vendedor de barquinhos	35
CAPÍTULO VII – Desespero de Angélique	48
CAPÍTULO VIII – Brutalidade e volúpias em casa do polícia Desgrez.....	52
CAPÍTULO IX – O salsicheiro da Praça de Greve faz estranhas confidências acerca da morte de Joffrey de Peyrac	62
CAPÍTULO X – Habilidade comercial de Angélique	67
CAPÍTULO XI - Vítima de um laçao brincalhão, Angélique é defendida pelo marquês de Montespan	74
CAPÍTULO XII - O príncipe de Conde pede a Angélique que seja sua amante	81
CAPÍTULO XIII - Hortense reaparece. Uma sensacional partida de oca. Angélique arrisca a sua fortuna e a sua virtude...89	
CAPÍTULO XIV - Alegrias e tristezas no Palácio de Beautreillis. O fantasma de Joffrey	96
CAPÍTULO XV - Mistérios e venenos no Bairro do Marais.....	102
CAPÍTULO XVI - Raimundo aconselha Angélique a seduzir o glacial Filipe do Plessis.....	108
CAPÍTULO XVII - Sonhos ambiciosos. Consulta à Voisin.....	111
CAPÍTULO XVIII - Uma ameaçadora declaração de amor.....	117
CAPÍTULO XIX - Molines redige o novo contrato de casamento	125
CAPÍTULO XX - Palavras estranhas de Molhes acerca do conde de Pevrac.....	131
CAPÍTULO XXI - Rostos do passado	132
CAPÍTULO XXII - As violências de Audiger.....	134
CAPÍTULO XXIII - Adeus a Desgrcz.....	136
CAPÍTULO XXV - Angélique defende os filhos da fúria de Filipe.....	144
CAPÍTULO XXVI - Brutal noite de núpcias.....	147
CAPÍTULO XXVII - Angélique não se dá por vencida	152
CAPÍTULO XXVIII - Angélique diante do rei	154

CAPÍTULO I – Angélique decide lançar o chocolate. O mordomo Audiger faz-lhe a corte.

O terceiro projeto de Angélique consistia em lançar na sociedade parisiense a bebida exótica chamada chocolate. A idéia não lhe saía da cabeça, apesar da decepção que lhe causara o seu primeiro contacto com a estranha mistura.

David mostrara-lhe a famosa carta-patente do pai.

A carta parecera à jovem apresentar todos os sinais de autenticidade e legalidade. Tinha até a assinatura do rei Luis XIV, que concedia ao Sr. Chaillou o privilégio exclusivo de fabricar e vender chocolate em França e especificava que a referida carta era válida por vinte e nove anos.

"Este jovem pateta não tem a mínima noção do valor do tesouro que herdou", pensou Angélique. "É preciso tirar partido deste papel."

Perguntou a David se tivera oportunidade de fabricar chocolate com o pai. E de que utensílios ele se servia.

O aprendiz de cozinheiro, que se sentia muito feliz por reter assim a atenção da sua Dulcineia, explicou-lhe com ar importante que o chocolate vinha do México e fora introduzido na corte de Espanha, em 1500, pelo célebre navegador Fernando Cortez. De Espanha, o chocolate passara para o Flandres. Depois, no princípio do século, Florença e a Itália tinham-se entusiasmado com a nova bebida, os príncipes alemães também, e naquela altura até já se bebia na Polônia.

- Foi meu pai quem me contou estas coisas, em pequeno - explicou David, um pouco envergonhado da sua erudição.

Os olhos de Angélique, atenta, pousados nele, faziam-no corar e empalidecer alternadamente. Ela pediu-lhe em tom brusco que continuasse as suas explicações.

O rapaz confidenciou-lhe que na sua casa natal, em Tolosa, ainda se encontravam, confiados à guarda de parentes afastados, alguns apetrechos de chocolateiro fabricados pelo seu defunto pai. O fabrico do chocolate era ao mesmo tempo simples e complicado.

O pai de David mandara vir primeiro as sementes de Espanha e depois diretamente da Martinica, donde um comerciante chamado Costa lhas enviava.

Era necessário deixar fermentar as sementes. A operação devia ser efetuada na Primavera, quando o calor não era elevado.

Depois da fermentação secavam-se as sementes, mas sem exagero, de forma a não as partir durante o descasque. Em seguida secavam-se mais uma vez, para se tritурarem mais facilmente com o pilão, mas não demasiado, a fim de conservarem todo o seu aroma.

Por fim moíam-se. Era nesta operação que consistia o grande segredo do êxito do chocolate. Tinha-se de trabalhar DE JOELHOS e o almofariz devia ser metade de madeira, metade de chapa de ferro e ligeiramente aquecido. Esse utensílio chamava-se metal, nome que lhe davam os Astecas, ou homens vermelhos da América.

- Vi uma vez, na Ponte Nova, um desses homens vermelhos - disse Angélique. - Talvez se pudesse voltar a encontrá-lo. O chocolate seria decerto ainda melhor se fosse moído por ele.

- O meu pai não era vermelho e o seu chocolate tinha fama - redargüiu Chaillou, insensível à ironia. -

Portanto, não precisamos do índio para nos sairmos bem. Para a cozedura são necessárias grandes panelas de ferro fundido. Mas primeiro tem-se de peneirar as cascas, assim como as peles e os germes, e sobretudo de esmagar muito fino. Depois se junta açúcar nas devidas proporções, especiarias e outros ingredientes.

- Em suma - concluiu Angélique -, supondo que podíamos mandar vir para aqui o material de chocolateira do teu pai e sementes, serias capaz de fabricar a bebida?

David pareceu perplexo. Depois, perante a expressão de Angélique, disse que sim e foi recompensado com um sorriso radioso e uma palmadinha amistosa na cara.

A partir daquele momento, Angélique aproveitou todas as ocasiões para se informar do que já se sabia em França acerca daquela bebida não alcoólica.

Um velho boticário seu amigo, chamado mestre Lázaro, a quem comprava certas especiarias e ervas raras, disse-lhe que o chocolate era considerado excelente contra os vapores do baço. Esta última propriedade acabava de ser posta em foco pelos trabalhos, ainda inéditos, do célebre médico Renato Moreau, que a observara no marechal de Gramont, um dos raros apreciadores de chocolate da corte.

Angélique tomou cuidadosamente nota das informações e do nome do doutor.

O velho boticário ficou a vê-la afastar-se e abanou a cabeça. Estava preocupado. Conhecera tantas mulheres que procuravam novos meios para abortar... Isto trouxe-lhe de súbito à memória uma recordação horrível. Soltando um grito, mestre Lázaro largou precipitadamente o alambique onde destilava um xarope qualquer e correu para a rua no encalço da jovem. Conseguiu apanhá-la porque ela parou ao ouvir atrás de si o ruído dos passos do velho.

Este, quando conseguiu recuperar o fôlego, deitou à sua volta um olhar desconfiado e segredou-lhe ao ouvido:

- Minha filha, apesar das informações favoráveis que obtive a respeito dessa bebida, parece-me que vos devo prevenir dos inconvenientes do seu uso. Tenho conhecimento de uma coisa terrível relacionada com ela.

- Dizei-a depressa, mestre.

- Não faleis tão alto, minha filha! Lembrai-vos de que me colocais numa penosa situação, pois quase atração o segredo profissional, a que nós, boticários, somos tão obrigados como os médicos. Enfim, é para vosso bem! Como sabeis, em 18 de Novembro de 1622, a nossa jovem rainha deu à luz uma filha que morreu quando ainda mal tinha um mês. Pois bem, essa criança era um monstrozinho negro e peludo como o Diabo e que ninguém sabia onde esconder. Os médicos atribuíram a desgraça às inúmeras chávenas de chocolate que Sua Majestade não se cansava de tomar. Como vedes, minha filha, deveis desconfiar dessa bebida!

- Tomo nota, senhor, tomo nota - garantiu Angélique, a quem a história de mestre Lázaro não causava o menor susto.

Apesar de um começo tão pouco animador, continuava a confiar no chocolate.

Tornou a visitar a anã da rainha e desta vez pôde saborear o produto quando ainda não estava saturado de pimentão e açúcar. Gostou. Dona Teresita, orgulhosa do seu segredo, garantiu-lhe que muito poucas pessoas, mesmo vindas do estrangeiro, eram capazes de preparar o chocolate. Mas o espertalhão do Catraio dissera-lhe que ouvira falar de um jovem burguês que estivera em Itália a aprender a cozinhar e passava por preparar excelentemente a bebida.

Esse jovem burguês, Audiger, era atualmente mordomo do conde de Soissons e estava prestes a obter autorização para fabricar o chocolate em França.

"Era o que faltava!", disse Angélique para consigo. "Quem tem a licença exclusiva do fabrico sou eu."

Decidiu informar-se mais a fundo acerca do mordomo Audiger. Fosse como fosse, aquilo provava que a idéia do chocolate andava no ar e que tinha de se apressar a pô-la em prática se não queria deixar-se ultrapassar por concorrentes mais hábeis ou que beneficiassem de proteções mais poderosas.

Alguns dias depois, numa tarde em que, ajudada por Maçarico, colocava flores em vasos de estanho distribuídos pelas mesas, um homem novo e simpático, ricamente vestido, desceu os degraus da entrada e aproximou-se dela.

- Chamo-me Audiger e sou mordomo do conde de Soissons - apresentou-se. - Consta-me que tencionais fabricar chocolate, mas não tendes licença. Pois bem, tenho-a eu. Venho, pois, prevenir-vos amigavelmente de que é inútil continuardes a acalentar essa idéia. Caso contrário, tereis tudo a perder.

- Agradeço-vos muito a vossa atenção, senhor - respondeu ela.-Mas se estais certo de ganhar, não compreendo porque me vindes procurar, já que vos arriscais a trair-vos mostrando-me uma parte das vossas armas e talvez a fraqueza dos vossos pirulitos.

O jovem sobressaltou-se, embaraçado. Observou mais atentamente a sua interlocutora e um sorriso distendeu-lhe os lábios, sublinhados por um fino bigode castanho.

- Meu Deus, como sois bonita, minha amiga!

- Se abris fogo dessa maneira, pergunto a mim própria que batalha pretendeis travar aqui...- redargüiu Angélique, sem se poder impedir de sorrir também.

Audiger atirou a capa e o chapéu para cima de uma mesa e sentou-se diante de Angélique e Poucos instantes depois tinham-se tornado quase amigos.

Audiger contava cerca de 30 anos. Era um bocadinho gordo, mas isso em nada prejudicava a sua bela figura. Como todos os mordomos ao serviço de um grande senhor, usava espada e vestia tão bem como o amo.

Contou que os pais eram pequenos burgueses da província razoavelmente abastados e que lhe tinham permitido estudar um pouco. Comprara um cargo de despenseiro no exército e, depois de algumas campanhas, conseguira passar a mestre-cozinheiro. Em seguida, a fim de completar os seus conhecimentos, estivera dois anos em Itália a especializar-se em refrescos e confeitaria, gelados e sorvetes, drágeas e pastilhas e também na preparação do chocolate.

- No meu regresso da Itália, em 1660, tive a sorte de agradar a Sua Majestade, de modo que o meu futuro se encontra desde então assegurado. Vou contar-vos como tudo se passou. Quando atravessava o campo, nos arredores de Gênova, vi umas vagens diferentes de todas as outras, que continham umas baguinhas verdes. Ora estávamos em Janeiro. Lembrei-me de as colher e guardar e quinze dias depois, já em Paris, apresentei-as ao rei por intermédio do Sr. Bontemps, o seu primeiro criado de quarto. Sim, minha amiga, evite me olhar com os olhos tão abertos. Fui recebido pelo rei, que me falou com bondade. Tanto quanto me recordo, Sua Majestade estava acompanhada por Monsieur, pelo Sr. Conde de Soissons, pelo Sr. Marechal de Gramont, pelo marquês de Vardes, pelo conde de Noailles e pelo Sr. Duque de Créqui. Depois de examinarem as minhas baguinhas, todos esses príncipes exclamaram em unísono que nunca tinham visto nada mais belo. O Sr. Conde de Soissons descascou algumas diante do rei, que me testemunhou a sua satisfação e ordenou que as levasse ao Sr. Beaudin, o provador, e lhe dissesse que com parte delas mandasse fazer vários pratos, um destinado à rainha-mãe, outro- à rainha e o terceiro ao Sr. Cardeal, que então se encontrava no Louvre, e lhe guardassem o resto, que comeria à noite com Monsieur. Ao mesmo tempo ordenou ao Sr. Bontemps que mandasse dar-me uma gratificação, mas eu recusei. Então, Sua Majestade insistiu e disse que me concederia o que lhe pedisse. Dois anos mais tarde, depois de amearhar algum dinheiro, pedi-lhe autorização para abrir um botequim

que, entre outras bebidas, venderia chocolate.

- Por que motivo ainda não vos estabelecestes?

- Mais devagar, minha linda. Essas coisas requerem tempo para amadurecer... Mas, ultimamente, o chanceler Séguier, depois de examinar a minha carta-patente real, prometeu-me registrá-la, pondo-lhe o selo real e a sua chancela, a fim de torná-la imediatamente executória. Como vedes, minha bela amiga, com este exclusivo de venda não vos será muito fácil levar-me a melhor, mesmo na hipótese de obterdes uma licença igual à minha.

Apesar da simpatia que a galhardia e a franqueza do visitante lhe inspiravam, a jovem estava sinceramente decepcionada.

Esteve quase a contradizer o seu interlocutor, desabridamente, e abater-lhe um pouco a proa revelando-lhe que também possuía - ou, antes, o jovem Chaillou - um exclusivo idêntico, o qual, ainda por cima, tinha a vantagem de ter sido registrado anteriormente. Mas conteve-se a tempo e não mostrou os seus trunfos. Um dos papéis podia não ser válido. Era melhor informar-se primeiro junto das corporações e do preboste dos mercadores.

Como não percebia muito daquelas coisas, preferiu não atacar de frente o seu "concorrente" e continuou a gracejar.

-Não sois galante, senhor, opondo-vos assim aos desejos de uma dama. Estou desejosa de servir chocolate aos Parisienses!...

- Nesse caso - redargüiu jovial -, entrevejo um meio de se remediar tudo: casai comigo.

Angélique riu com vontade e depois perguntou-lhe se ficaria para comer.

Ele aceitou e ela serviu-o com especial solicitude. Tinha de lhe mostrar que os donos da Máscara Vermelha não eram gente de pouco mais ou menos.

Entretanto, Audiger devorava-a com os olhos enquanto ela ia e vinha através da sala. Quando se retirou, parecia que qualquer coisa o deixara de repente preocupado.

Angélique esfregou as mãos. "Começa a compreender que lhe não vai ser fácil lançar o seu chocolate!", disse para consigo. "Mas não posso perder nem um minuto."

À noite falou com mestre Bourjus.

- Tio, gostaria de saber a vossa opinião acerca do caso do chocolate...

- Como se tu, minha espertalhona, precisasses da minha opinião para fazeres apenas o que te vem à cabeça!

- É que o caso é sério, mestre Bourjus. Tenciono ir amanhã à secretaria das Corporações perguntar o valor exato da licença do David...

- Pois vai, pois vai, minha filha. Assim como assim, nenhuma força humana seria capaz de te impedir de lá ires, se foi isso que já decidiste.

- Mestre Bourjus, falais como se reprovásseis a minha iniciativa.

Ele soprou o pavio com que acabava de acender a lanterna e deu uma palmadinha paternal no rosto de Angélique.

- Bem sabes que sou um medroso... Tenho sempre medo de que as coisas dêem para o torto. Mas segue o teu caminho, minha filha, sem te importares com os meus suspiros de velho resmungão. És o sol da minha casa e tudo o que fazes está bem feito.

Comovida, viu-o afastar-se e mergulhar, decidido, nas primeiras sombras da noite, com a sua lanterna e a sua alabarda. Não tomava a sério os pressentimentos do assador e, pela sua parte, preparava-se para triunfar de Audiger.

CAPITULO II – Pedido de casamento no moinho de Javel

No dia seguinte, de manhã, dirigiu-se com David para o prebostado dos mercadores. Recebeu-os um homem gordo e suado, de cabeça branca mais ou menos suja, que confirmou que a carta-patente do jovem Chaillou era válida, com a condição, porém, de pagarem novos direitos.

Angélique objetou:

- Mas nós já renovávamos a licença de venda de assados e pagávamos o imposto de assador, de cozinheiro e de estalajadeiro! Porque havemos de pagar outra vez para servir uma bebida não alcoólica?

- Tendes razão, minha filha, mas a verdade é que me estou a lembrar de que além de o caso envolver os jurados de mercearia, haverá também que remunerar as subcorporações dos refrigerantes. Se tudo vos correr bem, tereis o privilégio de pagar duas licenças suplementares: uma à corporação da mercearia, outra à dos refrigerantes.

Angélique continha a custo a cólera.

- E isso bastará?

- Oh, não! - respondeu o homem, compungido. - Isto sem falarmos, evidentemente, das taxas reais correspondentes, nem das dos jurados inspetores, nem dos aferidores do peso e da qualidade...

- Mas como pretendeis controlar o produto se nem sequer o conheceis?

- Isso não interessa. Como esse produto é uma MERCADORIA, todas as corporações de que depende têm a ver com o seu controlo... e a receber a sua parte de receita. Uma vez que o vosso chocolate é, segundo dizeis, uma bebida em que entram especiarias, deveis ter ao vosso serviço um mestre-especieiro e também um mestre-preparador de bebidas e remunerá-los generosamente, alojá-los e pagar o custo do mestrado do novo estabelecimento em relação a cada uma das corporações. E como pareceis pessoa pouco dada a "partilhar" o que possuía, desde já vos previno de que vigiaremos de perto para que tenhais tudo em ordem.

- Que quereis dizer exatamente com isso? - perguntou Angélique com o seu ar mais audacioso e de mãos nas ancas.

Os graves mercadores acharam graça à sua atitude e um deles, mais novo, explicou-lhe:

- Queremos dizer que, entrando para a corporação, vos comprometeis, por isso mesmo, a admitir TAMBÉM que o vosso novo produto possa ser posto à venda por TODOS os vossos colegas de mercearia e refrigerantes, na hipótese de esse produto estranho agradar aos seus clientes, claro.

- Não podíeis ser mais animadores, cavalheiros. Se bem vos compreendo, devemos suportar todas as despesas, admitir novos mestres com toda a sua filharada, fazer a publicidade, tirar, enfim, as castanhas do lume, como se costuma dizer, e depois ou nos arruinamos ou partilhamos os lucros dos nossos esforços e do nosso segredo com aqueles que nada fizeram para nos ajudar...

- Que fizeram tudo, pelo contrário, minha linda, aceitando-vos e não contrariando o vosso comércio.

- Em suma, é uma espécie de pesagem que reclamais? O jovem mestre-jurado procurou levá-la às boas.
- Não esqueçais que as corporações têm necessidades crescentes de dinheiro. Como sabeis, visto também serdes comerciante, a cada nova guerra, vitória ou nascimento real, ou mesmo principesco, obrigam-nos a remir mais uma vez os nossos privilégios duramente adquiridos. E, ainda por cima, o rei arruína-nos inventando, sempre que tem oportunidade, novos mestrados ou cargos, um pouco no gênero do que nos apresentais em nome desse Sr. Chaillou...
- O Sr. Chaillou sou eu - interveio o aprendiz.-Ou, pelo menos, era o meu defunto pai. E garanto-vos que a sua licença lhe saiu muito cara!
- Precisamente por isso, meu jovem amigo, é que não estais em regra para conosco. Em primeiro lugar, porque não sois nem nunca sereis mestre-especieiro e, depois, porque a nossa corporação nada recebeu de vós.
- Mas, uma vez que o pai dele contribuiu com uma descoberta para a vossa corporação...-começou Angélique.
- Antes de mais nada, tendes de nos provar isso e depois de vos comprometerdes também a fazer-nos beneficiar dessa descoberta.

Angélique julgou que a cabeça lhe ia estourar e soltou um profundo suspiro. Despediu-se dizendo que ia pensar nos mistérios das administrações mercantis e que estava certa de que, quando voltasse da próxima vez, aqueles, cavalheiros já teriam encontrado outra excelente razão para a impedir de fazer qualquer coisa de novo.

No regresso censurou-se por ter mostrado falta de prudência e deixado transparecer o seu nervosismo. Já compreendera, porém, que mesmo com sorrisos não conseguiria nada daquela gente.

Audiger tinha razão ao afirmar que com a autorização do rei podia dispensar o patrocínio das corporações e só teria a ganhar com isso.

Mas ele era rico e tinha poderosos apoios, ao passo que Angélique e o pobre David se encontravam desarmados diante da hostilidade das corporações.

Pedir a proteção do rei para aquela primeira licença, concedida havia cinco anos, parecia-lhe tão delicado como difícil.

Começou por procurar maneira de se entender com Audiger. No fim de contas, em vez de se digladiarem, não lhe seria mais vantajoso juntarem os seus esforços e dividirem entre si o trabalho? Assim, Angélique, com a sua licença e o seu material de chocolateira, poderia encarregar-se de mandar vir as sementes de cacau e torná-las próprias para consumo, isto é, chamar a si a parte que ia até ao fabrico do pó e à sua mistura com açúcar e canela ou baunilha. Por seu turno, o mordomo transformaria o pó em bebida e nas mais variadas especialidades de confeitaria.

Durante a sua primeira conversa, Angélique dera-se conta de que o jovem ainda não pensara, seriamente nas suas fontes de abastecimento. Respondera negligentemente que "isso não apresentava nenhuma dificuldade", que "poderia encomendar o produto em qualquer altura" e que "tinha amigos" que lhe arranjariam o que quisesse.

Ora, graças à anã da rainha, Angélique sabia que a vinda para França dos poucos sacos de cacau necessários para satisfazer a gulodice de Sua Majestade equivalia a uma autêntica missão diplomática, exigia a intervenção de numerosos intermediários e dependia da existência de boas relações nas cortes de Espanha ou de Florença...

Não era assim que se podia encarar o abastecimento destinado ao consumo corrente. E com esse abastecimento só o pai de David parecia ter-se preocupado até ali.

Audiger freqüentava assiduamente a Máscara Vermelha. Como o "glutão" Montmaur, instalava-se numa mesa à parte e evitava visivelmente os outros clientes. Depois de dar os primeiros passos com bastante audácia e despreocupação, tornara-se de súbito taciturno e Angélique sentia-se um pouco ofendida por aquele colega já famoso nunca a felicitar pela sua cozinha. Ele, de resto, limitava-se a debicar e não tirava os olhos da jovem enquanto ela ia e vinha na sala. O olhar obstinado daquele belo rapaz, bem vestido e senhor de si, acabava por intimidar Angélique, que estava arrependida de ter levado as coisas a brincar no primeiro dia e não sabia como abordar o assunto que lhe não saía da cabeça. Audiger

notara, sem dúvida, que seria mais difícil afastá-la do que pensara e, fosse pelo que fosse, observava-a com atenção.

Levava até aquela espécie de vigilância um pouco longe, pois várias vezes, nos domingos em que toda a família ia passear para o campo, acontecera verem-no aparecer a cavalo e, fingindo-se surpreendido, convidar-se cordialmente para compartilhar o piquenique na relva. Nessas ocasiões, como por acaso, trazia nas bolsas da sela um empadão de lebre e uma garrafa de champanhe.

Outras vezes encontravam-no quer na galeota que levava a Chaillot- pelo rio, quer na diligência de Saint-Cloud, onde as suas fitas, as suas plumas e as suas roupas de boa qualidade faziam curiosa figura.

Estava-se no Verão. Aos domingos, logo que rompia o dia, todas as estradas reais à volta de Paris se enchiam, num raio de mais de uma légua, de passeantes de carruagem, a cavalo e a pé, que corriam a tomar ar e a gozar o azul do céu, uns nas suas casas de campo, outros nas aldeias dos arredores.

Depois de ouvirem missa numa igrejinha, as pessoas iam dançar com os camponeses debaixo dos ulmeiros e saborear os vinhos brancos de Sceaux e os vinhos claretes de Vanves, de Issy e de Suresnes.

E os Caga-Versos, dando tréguas à sua mordacidade, celebrava a eterna necessidade de evasão dos Parisienses:

Numa festa com tempo fagueiro, Paris trasborda como um ribeiro. A terra fica coberta, tapada, de gente na verde relva sentada.

O Tio Bourjus e a família deixavam-se ir na onda.

- A Chaillot! A Chaillot! Vamos, um soldo cada um - gritavam os barqueiros.

O barco passava diante do Cours-la-Reine e do Convento dos Bonshommes¹. Mais adiante desembarca vá-se para se ir merendar no Bosque de Bolonha.

Às vezes, os barcos iam até Saint-Cloud. Corria-se então para Versalhes, a fim de ver o rei comer. Mas Angélique negava-se a tomar parte nesses passeios. Jurara a si própria que só poria os pés em Versalhes para ser recebida na corte, pelo rei, e não estava disposta a faltar ao seu juramento, o que equivale a dizer que nunca mais iria a Versalhes... Ficava, pois, à beira do Sena com os dois pequeninos inebriados de ar puro.

Entardecia.

- A Paris! A Paris! Vamos, um soldo cada um - gritavam os barqueiros.

David e o namorado de Rosinda, o filho do assador, com quem a rapariga devia casar no Outono, punham os garotos às cavalitas. Às portas da cidade cruzavam-se com grupos de bêbedos.

No dia seguinte ao de um desses alegres passeios, Audiger saiu bruscamente da sua reserva e disse a Angélique:

- Quanto mais vos observo, mais perplexo me deixais, bela amiga. Há qualquer coisa em vós que me preocupa...

- A propósito do vosso chocolate?

- Não... ou antes, sim... indiretamente. Primeiro imaginei que fôsseis feita para as coisas do coração... e mesmo do espírito. Mas depois verifiquei que sois, na realidade, muito prática, e até materialista, e que nunca perdeis a cabeça.

"Assim o espero, pelo menos", pensou ela, mas limitou-se a sorrir encantadoramente.

- Na vida, como sabeis-disse por fim -, há períodos em que nos vemos obrigados a fazer inteiramente uma coisa e depois outra. Em certas épocas é o amor que domina, em geral quando a vida é difícil. Noutras é o trabalho ou o fim a atingir. Assim, não vos oculto que, para mim, a coisa que atualmente me interessa mais é ganhar dinheiro para os meus filhos, cujo pai morreu.

- Não desejo ser indiscreto, mas, já que me falais dos vossos filhos, parece-vos que num negócio tão cansativo como aleatório, e sobretudo tão pouco conciliável com uma verdadeira vida de família, conseguireis educá-los e torná-los felizes?

- Não tenho por onde escolher -respondeu Angélique, duramente.-De resto, mestre Bourjus não me dá razões de queixa e encontrei junto dele uma situação inesperada relativamente à minha modesta condição.

Audiger pigarreou, brincou um momento com as borlas do cabeção e disse com voz hesitante:

- E... se eu vos proporcionasse essa escolha?

- Que quereis dizer?

Fitou-o e viu-lhe nos olhos castanhos uma adoração mal contida. O momento pareceu-lhe apropriado para dar um empurrão nas negociações.

- A propósito, já tendes a vossa licença? Audiger suspirou.

- Vê-se bem que só isso vos interessa e nem sequer o escondes. Pois bem, para ser franco, ainda não tenho o selo da chancelaria e não o espero ter antes de Outubro, pois o presidente Séguier passa o Verão na sua casa de campo. Mas a partir de Outubro tudo se resolverá muito rapidamente. Falei eu próprio acerca do caso com o conde de Guiche, genro do chanceler.

Séguier. Por aqui já podeis ver que não tendes nenhuma possibilidade de vir a ser uma bela chocolateira... a não ser que...

- Sim... a não ser que... -repetiu Angélique. -Mas agora escutai.

E, sem hesitar, deu-lhe conta das suas intenções. Revelou-lhe que tinha uma licença anterior à dele, com a qual lhe poderia causar "aborrecimentos". Não seria melhor entenderem-se? Ela encarregar-se-ia do fabrico do produto e ele de prepará-lo, e, para participar nos lucros da chocolataria, Angélique não só lá trabalharia, como ainda investiria fundos.

- Onde contaís instalar a vossa chocolataria? -perguntou ela.

- No Bairro Saint-Honoré, ao pé da cruz do Trahoir. Mas o que dizeis não tem pés nem cabeça!

- Tem e vós bem o sabeis. O Bairro Saint-Honoré é um excelente bairro. O Louvre fica perto e o Palais-Royal também. Conviria que a loja não se parecesse com um botequim ou com um estabelecimento de venda de carne assada. Imagino o chão com mosaicos pretos e brancos, espelhos e talha dourada nas paredes e nas traseiras um jardim com caramanchões guarnecidos de parreiras, como na cerca dos Celestinos... caramanchões para os namorados.

O mordomo, que ficara aborrecido com as primeiras palavras da jovem, alegrou-se um pouco ao ouvir esta última descrição.

- Sois verdadeiramente encantadora quando cedeis assim à vossa natureza impulsiva, minha amiga. Gosto da vossa alegria e do vosso entusiasmo, que sabeis temperar com a dose exata de recato. Tenho-vos observado atentamente e verifiquei que tendes a resposta na ponta da língua, mas os vossos costumes são honestos. Isso me agrada. O que me choca em vós, não vo-lo escondo, é o vosso espírito demasiado prático e a forma como quereis tratar de igual para igual com homens experimentados. A fragilidade das mulheres harmoniza-se mal com um tom peremptório e maneiras terminantes. As mulheres devem deixar aos homens o cuidado de debater essas questões, em que os seus cerebrozinhos se perdem e desorientam.

Angélique desatou a rir.

- Até me parece que já estou a ver mestre Bourjus e David a discutirem estas coisas!

- Não me refiro a eles.

- Então? Ainda não compreendestes que tenho de me defender sozinha?

- Precisamente por isso. Precisaís de um protetor. Angélique fez ouvidos de mercador.

- Mais devagar, mestre Audiger. Na realidade, não passais de um grande invejoso que quer beber sozinho o seu chocolate. E, como o que acabo de vos dizer vos deixou deveras embaraçado, tentais sair de apuros discursando sobre a fragilidade das mulheres. Bem vistas as coisas, porém, nesta guerrazinha que travamos, a solução que vos proponho é excelente.

- Conheço uma cem vezes melhor.

Perante o ar carrancudo do jovem, Angélique não insistiu. Retirou-lhe o prato, limpou a mesa e perguntou-lhe o que desejava comer a seguir. Mas, quando ela se dirigiu para a cozinha, Audiger levantou-se e juntou-se-lhe em duas passadas.

- Angélique, minha amiga, não sejas cruel -suplicou. - Vinde no domingo passear comigo. Gostaria de vos falar seriamente. Poderíamos ir ao moinho de Javel. Comeríamos uma caldeirada de enguias e depois daríamos uma volta pelos campos. Quereis?

Pousara a mão na cintura de Angélique. Ela levantou os olhos, atraída por aquele rosto fresco, sobretudo pelos lábios bem desenhados debaixo das duas vírgulas escuras do bigode. Lábios que deviam beijar com firmeza, meigamente, antes de se entreabrirem; que se deviam impor, exigentes, à carne que aflorassem.

Uma vaga de prazer, que não conteve, sacudiu-a, e foi com voz mal firme que aceitou ir no domingo seguinte ao moinho de Javel.

A perspectiva do passeio perturbava-a mais do que desejaria. Por mais que fizesse, não conseguia chamar-se à razão. Todas as vezes que pensava nos lábios de Audiger e na forma como lhe pusera a mão na cintura percorria-a um arrepio agradabilíssimo. Havia muito tempo que não experimentava semelhante sensação. E, quando se detinha a pensar em tal coisa, lembra vá-se de que já lá iam quase dois anos, desde a aventura com o comandante da ronda, que nenhum homem lhe tocava. Tratava-se, porém, de uma maneira de dizer, pois, entretanto a sua existência decorrera numa atmosfera de sensualidade muito difícil de superar. Já perdera a conta ao número de beijos e carícias que tivera de repelir à força de bofetadas. Várias vezes, no pátio, fora assediada por brutos embriagados e tivera de se defender de tamanco em punho e pedir socorro. Tudo isso, juntamente com a desagradável experiência por que passara com o comandante da ronda e com as rudes carícias de Milongas, deixara-lhe uma má recordação de violência que quase lhe embotara os sentidos.

Admirava-se, pois, de senti-los despertar, com uma rapidez e uma doçura que seria incapaz de prever dois ou três dias antes. Procuraria Audiger tirar partido da sua perturbação para a obrigar a prometer

que deixaria de interferir nos seus negócios?

"Não", dizia para consigo Angélique. "O prazer é uma coisa e os negócios são outra. Um dia de convívio descontraído não pode prejudicar o êxito dos meus futuros projetos." Para calar os remorsos que sentia perante a perspectiva de uma cedência inevitável, persuadiu-se de que o interesse dos seus negócios tornava essa cedência quase indispensável. De resto, talvez não acontecesse nada. Não fora Audiger sempre perfeitamente correto?

Arranjava diante do espelho, com um dedo, as sobrancelhas bem desenhadas. Ainda era bonita? Diziam-lhe que sim. Mas o calor dos fogões não lhe teria escurecido mais a tez naturalmente mate?

"Engordei um pouco, o que não me fica muito mal. Aliás, os homens daquele gênero devem gostar de mulheres rechonchudas."

Envergonhou-se das suas mãos ásperas e enegrecidas pelos trabalhos da cozinha e foi à Ponte Nova comprar ao Grande Mateus um boião de creme para as branquear.

Voltou pelo Palácio de Justiça, subiu à galeria dos retroseiros e comprou uma gola de renda da Normandia para pôr no seu modesto vestido de fazenda azul-esverdeada. Teria assim o aspecto de uma burguesinha, e não de uma criada ou de uma comerciante. Completou a toilette com a compra de um par de luvas e de um leque. Uma loucura!

O cabelo preocupava-a. Crescera-lhe mais encaracolado e louro, mas não adquirira comprimento. Recordava com pesar a cabeleira espessa e sedosa que noutros tempos lhe caíra sobre os ombros.

Na manhã do grande dia cobriu-os com um bonito lenço de cetim azul-escuro que pertencera à Sr.^a Bourjus e colocou no decote do corpete um camafeu de cornalina e à cintura uma bolsa enfeitada com pérolas, que também herdara da pobre mulher.

Esperou debaixo do alpendre. O dia prometia estar bonito, a julgar pelo céu límpido que se via por entre os telhados.

Quando a carruagem de Audiger apareceu, correu ao seu encontro com a impaciência de uma colegial em dia de saída.

O mordomo estava positivamente deslumbrante: Trazia calções amarelos enfeitados com fitas vermelhas e o gibão, de veludo cor de camurça com galões alaranjados, deixava ver a camisa plissada da mais fina cambraia. Os folhos dos calções, os punhos da camisa e a gravata eram de renda finíssima.

Angélique apalpou-a com admiração.

- É renda da Irlanda - informou o jovem. - Custou-me uma pequena fortuna.

Um pouco desdenhosamente, levantou a modesta gola da companheira.

- Mais tarde usareis rendas tão belas como estas, minha querida. Estou certo de que sois capaz de usar com graça os trajes mais ricos. Devem ficar-vos muito bem os vestidos de seda e mesmo de cetim.

"E até de brocado dourado", pensou Angélique, apertando os dentes.

Mas pouco depois, quando a carruagem começou a rodar ao longo do Sena, recuperou a boa disposição.

O moinho de Javel erguia entre os rebanhos de carneiros da planície de Grenelle as suas grandes asas de morcego, cujo suave tique-taque acompanhava os beijos e os juramentos dos parzinhos de namorados, que o freqüentavam às escondidas. A estalagem estava instalada num grande edifício, onde os clientes podiam estar à vontade, e o patrão era discreto.

- Se não nos soubéssemos calar numa casa como a nossa - dizia ele -, seria bonito! Poríamos a cidade em estado de sítio.

Viam-se passar burricos carregados de sacos bojudos e andava no ar um cheiro a farinha e a trigo quente, a sopa de peixe e a lagostins.

Angélique aspirava deliciada o ar fresco. Algumas nuvens brancas passavam no céu azul. A jovem sorria-lhes e comparava-as a claras de ovos bem batidas. De vez em quando olhava os lábios de Audiger e saboreava o arrepiozinho delicioso que experimentava imediatamente.

Tentaria beijá-la? Parecia um pouco constrangido no seu belo traje e muito ocupado a escolher a ementa do almoço com o estalajadeiro, honradíssimo com a sua visita.

Na sala, onde reinava uma penumbra propícia, havia outros pares sentados às mesas. À medida que os picheis de vinho branco se despejavam, as atitudes tornavam-se mais livres. Adivinhavam-se gestos ousados, sublinhados pelos risos arrulhadores das damas. Angélique bebia para disfarçar o seu nervosismo e sentia as faces a escaldar.

Audiger começara a falar das suas viagens e da sua profissão, contando tudo com grande cópia de pormenores, sem esquecer uma data nem uma roda quebrada.

- Como vedes, minha querida, a minha situação assenta em bases sólidas e que me colocam ao abrigo de surpresas. Os meus pais...

- Oh, saíamos daqui!-suplicou Angélique, que acabava de pousar a colher.

- Mas está um calor sufocante!

- Lá fora, ao menos, há vento... e não se vê toda esta gente a beijar-se - acrescentou a meia voz.

Debaixo do sol ofuscante, Audiger protestou. Angélique corria o risco de adoecer e de estragar a pele. Pôs-lhe na cabeça o seu amplo chapéu de plumas brancas e amarelas e exclamou, como no primeiro dia:

- Meu Deus, como sois bonita, minha amiga!

Mas, dados alguns passos, quando seguiam por um carreirinho à beira do Sena, voltou ao relato da sua carreira. Em dada altura declarou que, assim que a chocolataria estivesse a funcionar, tencionava escrever um livro importantíssimo acerca do ofício de cozinheiro, livro onde se encontrariam todos os esclarecimentos necessários aos pajens e aos cozinheiros que desejassem aperfeiçoar-se na sua arte.

- Lendo o meu livro, o mordomo aprenderá a ordem de bem servir à mesa e dispor a baixela e o copeiro ficará a saber como deve dobrar os guardanapos, em diversas figuras, assim como a maneira de fazer todo o gênero de compotas e doces, tanto secos como líquidos, e as mais variadas espécies de drágeas e pastilhas, muito úteis a toda a gente. O mordomo aprenderá ainda que, na altura das refeições, deve pegar num guardanapo branco, dobrá-lo no sentido do comprimento e prendê-lo no ombro. Chamar-lhe-ei especialmente a atenção para o fato de o guardanapo ser o sinal do seu poder, o sinal demonstrativo e particular desse poder. É como eu faço. Posso servir de espada ao lado, capa pelas costas e chapéu na cabeça, mas o guardanapo deve estar sempre colocado no sítio que disse.

Angélique soltou uma gargalhadinha trocista.

- E, quando fazeis amor, como colocais o guardanapo?

Mas desculpou-se imediatamente, perante a cara scandalizada e estupefata do rapaz.

- Perdoai-me. O vinho branco provoca-me sempre idéias extravagantes. Mas também foi para me falardes dá forma como se devem colocar os guardanapos que me suplicastes de joelhos que viesse ao

moinho de Javel?...

- Não me ridicularizeis, Angélique. Falo-vos dos meus projetos, do meu futuro, o que está de acordo com as intenções com que vos pedi que viésseis hoje aqui sozinha comigo. Lembrais-vos do que vos disse no primeiro dia em que nos vimos? Então, foi apenas uma pequena brincadeira: "Casai comigo!" Depois disso, porém, tenho pensado muito e cheguei à conclusão de que sois verdadeiramente a mulher que...

-Oh, estão ali umas medas!-exclamou ela.-Vamos depressa. Estaremos lá melhor do que à torreira do sol.

Desatou a correr, segurando o grande chapéu, e deixou-se cair, ofegante, no feno tépido. Fazendo das tripas coração, o jovem seguiu-a rindo e sentou-se a seu lado.

- Louquinha! Decididamente, estais sempre a desconcertar-me. Julgo estar a conversar com uma sensata mulher de negócios e sai-me uma borboleta a voar de flor em flor.

- Uma vez não são vezes. Audiger, sede gentil e tirai a peruca. Fazeis-me calor com essa coisa na cabeça e gostaria de poder acariciar os vossos verdadeiros cabelos.

Ele esboçou um gesto de recuo. No entanto, pouco depois tirou a peruca e passou com alívio os dedos pelos curtos cabelos castanhos.

- E agora eu...- começou Angélique, estendendo a mão. Mas ele segurou-lha, constrangido.

- Angélique!... Que mosca vos mordeu? Sois positivamente diabólica!... E eu que queria falar de coisas sérias!

A mão com que segurava o pulso da jovem transmitia a esta uma sensação de queimadura. Sentia-se de novo emocionada ao vê-lo assim perturbado, inclinado sobre ela. Os lábios de Audiger eram realmente belos, a sua pele lisa e fresca e as suas mãos brancas. Seria deveras agradável tê-lo como amante. Junto dele reencontraria momentos de posse firme, saudável, quase conjugal, que a recompensariam da sua existência de luta e trabalho. E depois, deitados calmamente ao lado um do outro, falariam do futuro, do chocolate.

- Escutai -murmurou. - Escutai o moinho de Javel. A sua canção protesta. Debaixo da sua sombra não se fala de coisas sérias. É proibido... Escutai, olhai o céu azul. Sois belo e eu... eu...

Não se atreveu a concluir, mas fita vá-o audaciosamente com os olhos verdes muito brilhantes. Os seus lábios entreabertos, um pouco úmidos, o fogo das suas faces, a palpitação precipitada dos seus seios, que Audiger vislumbrava através da abertura da grande gola de renda, diziam mais claramente do que as suas palavras: "Desejo-vos."

O rapaz esboçou um movimento na sua direção, mas depois levantou-se precipitadamente e ficou um momento de pé, de costas voltadas.

- Não - disse por fim, com voz firme. - Vós, não! É certo que já me aconteceu ter relações no feno com raparigas de soldados ou criadas. Mas convosco, não! Sois a mulher que escolhi. Sereis minha na noite das núpcias abençoadas por um santo padre. Foi uma coisa que jurei a mim mesmo quando andava metido nas piores aventuras: respeitaria a que escolhesse para esposa e mãe dos meus filhos. E fostes vós quem escolhi, Angélique, quase no instante em que vos vi pela primeira vez. Tencionava pedir-vos hoje a mão, mas desorientastes-me com o vosso comportamento caprichoso. Quero, porém, crer que não é esse o fundo da vossa natureza. Será exagerada a reputação que tendes de ser uma viúva incorruptível?

Angélique abanou despreocupadamente a cabeça. Mordiscava uma flor e observava-o com os olhos semicerrados. Procurava imaginar-se a esposa legítima do mordomo Audiger. Uma bela burguesinha

que as grandes damas cumprimentariam com condescendência no Cours-la-Reine, quando lá passeasse numa modesta carruagem forrada de tecido cor de azeitona, com um monograma rodeado por um filete em forma de corda, um cocheiro vestido de escuro e um lacaiosinho...

Quando envelhecesse, Audiger criaria barriga e tornar-se-ia vermelhusco. E, quando contasse pela centésima vez aos filhos ou aos amigos a história das baguinhas de Sua Majestade, apeter-lhe-ia matá-lo...

- Falei a vosso respeito com mestre Bourjous -continuava Audiger-, que não me ocultou que, embora leveis uma vida exemplar e sejais uma moura de trabalho, não sois devota. Quase não ides à missa aos domingos e nunca assistis às vésperas. Ora a devoção é uma virtude feminina por excelência. É a armadura da sua alma, naturalmente fraca, e um penhor da sua boa conduta.

- Que quereis? Não se pode ser ao mesmo tempo devota e lúcida, crente e lógica.

- Que dizeis, minha pobre filha? Ter-se-ia a heresia apoderado de vós? A religião católica...

- Oh, suplico-vos!-gritou ela, perdendo de súbito a paciência.-Não me faleis de religião. Os homens corrompem tudo em que tocam. Do que Deus lhes deu de mais sagrado, a religião, fizeram uma amálgama de guerras, hipocrisia e sangue que me causa náuseas. Creio, pelo menos, que Deus reconhece ser obra Sua uma mulher nova desejar ser possuída num dia de Verão, uma vez que a fez assim.

- Angélique, perdestes a cabeça! É tempo de serdes arrancada ao convívio desses libertinos, a cujo palavreado fazeis mal em dar ouvidos. Na realidade, creio que precisais não só de um protetor, mas também de um homem que vos domestique um pouco e vos recolque no vosso lugar de mulher. Entre o vosso tio e o cretino do sobrinho, que vos adoram, julgais que tudo vos é permitido. Tendes sido excessivamente amimada e necessitais de ser metida na ordem...

- Deveras? - redargüiu Angélique, que em seguida bocejou e se espreguiçou.

A discussão acalmara-lhe o desejo. Estendeu-se confortavelmente no feno e, ao fazê-lo, levantou sorrateiramente a comprida saia acima dos tornozelos calçados de seda.

- Tanto pior para vós - disse ainda.

Cinco minutos depois, dormia. Com o coração palpitante, Audiger contemplou-lhe o corpo flexível abandonado e percorreu com a vista, em pormenor, todas aquelas maravilhas que conhecia de cor, como uma litania: uma cabeça de anjo, uma boca voluntariosa, um busto encantador. Angélique era de estatura média, mas tão bem proporcionada que parecia alta. Era a primeira vez que lhe via os tornozelos e estes deixavam adivinhar as pernas bem torneadas que os prolongavam.

Com a testa coberta de suor, Audiger decidiu afastar-se, fugindo a uma tentação a que se sentia prestes a sucumbir.

Angélique sonhava que ia no mar num barco de feno e que uma mão a acariciava e lhe dizia: "Não chores."

Acordou e viu que não havia ninguém, que não estava ninguém junto de si. Mas o Sol, que descia no horizonte, envolvia-a na sua suave tepidez.

"Eis-me reduzida a brincar com o sol por causa do idiota do Audiger", disse para consigo, suspirando.

Experimentava uma languidez que parecia não a querer largar. Acariciou os braços penugentos.

"Os teus ombros são duas bolas de marfim e os teus seios foram feitos exatamente para a mão de um homem..."

Em que se transformara aquele engraçado pássaro negro, o homem do barco de feno, que dizia palavras sonhadoras e depois, de súbito, trocistas? Dera-lhe um longuíssimo beijo, mas talvez não existisse...

Levantou-se, sacudiu as ervas que se lhe tinham agarrado ao vestido, foi ter com Audiger à estalagem do moinho e pediu-lhe bruscamente que a reconduzisse a Paris.

CAPÍTULO III - Angélique torna-se amante do Caga-Versos

Naquele crepúsculo de Outono, Angélique passeava na Ponte Nova. Viera procurar flores e aproveitava a oportunidade para vaguear de barraca em barraca.

Parou diante do estrado do Grande Mateus e estremeceu.

O Grande Mateus estava a arrancar um dente a um homem ajoelhado diante dele. O paciente tinha a boca aberta e repuxada pelo alicate do operador. Mas Angélique reconheceu-lhe os cabelos louros e ásperos como a palha de milho e a capa preta e coçada. Era o homem do barco de feno.

A jovem utilizou os cotovelos para furar até à primeira fila.

Embora estivesse bastante frio, o Grande Mateus suava copiosamente.

- Com mil demônios, como diria o nosso rei Henrique IV, está tem agarrado, o maldito! Olá se está!

Interrompeu o trabalho para limpar o suor, retirou o instrumento da boca da vítima e perguntou-lhe:

- Dói-te?

O outro virou-se para o público, sorriu e abanou negativamente a cabeça. Não havia dúvida: era ele, com o seu rosto pálido, a sua boca grande e os seus esgares de lorpa fascinado!

- Vede, senhoras e senhores! - gritou o Grande Mateus.-Não é extraordinário? Aqui está um homem que não sofre, embora, acreditei, tenha os dentes agarrados! E por que milagre não sofre? Graças a este tólsamo miraculoso com que lhe untei a gengiva antes da operação. Este frasquinho, senhoras e senhores, contém o remédio para todas as dores. Ao pé de mim NINGUÉM SOFRE, graças ao bálsamo miraculoso, e arranco-vos os dentes sem dardes por isso. Vamos, meu amigo, recomeçemos o nosso trabalho.

O outro apressou-se a abrir a boca e, praguejando e suando, o charlatão atacou de novo o maxilar renitente.

Por fim, com um grito de triunfo, o Grande Mateus exibiu na ponta do alicate o molar recalcitrante.

- Cá está! Doeu-te, meu amigo?

O outro levantou-se, sempre a sorrir, e fez sinal que não.

- Que mais quereis que vos diga? Aqui está um homem a cujo suplício acabais de assistir e que se levanta fresco e bem disposto. Graças ao bálsamo miraculoso, que sou o único de todos os médicos empíricos que o usa, mais ninguém hesitará em se desembaraçar dos dentes podres e malcheirosos que desonram a boca de um respeitável cristão. Toda a gente procurará sorrindo o arrancador de dentes. Não hesiteis mais, senhoras e senhores. Vinde! Acabou-se a dor! A DOK MORREU!

Entretanto, o cliente, que já pusera na cabeça o chapéu de copa pontiaguda, descia do estrado. Angélique seguiu-o. Apetecia-lhe dirigir-lhe a palavra, mas perguntava a si própria se a reconheceria.

O homem seguia agora pelo Cais dos Enregelados, por baixo do Palácio de Justiça. Angélique

distinguia confusamente, alguns passos à sua frente, no meio do nevoeiro vindo do Sena, a sua silhueta estranha e magra. Mais uma vez lhe parecia não ser real. O homem caminhava muito devagar, parava e depois continuava a andar.

De súbito desapareceu. Angélique soltou um gritinho. Mas não tardou a compreender que o homem se limitara a descer os três ou quatro degraus que levavam do cais à margem do rio. Sem refletir, desceu por seu turno a escada e quase esbarrou com o desconhecido, que estava encostado à muralha. Dobrado em dois, gemia surdamente.

-Que aconteceu? Que tendes?-perguntou-lhe Angélique.- Estais doente?

- Oh, morro!-respondeu-lhe com voz fraca. -Aquele bruto quase me arrancou a cabeça. Com certeza tenho o maxilar deslocado...- E cuspiu um fiozinho de sangue.

- Mas dizíeis que vos não doía...

-Eu não dizia nada. Mesmo que quisesse, não poderia. Felizmente, o Grande Mateus pagou-me bem para desempenhar aquela comediazinha!

Gemeu e tornou a cuspir. Angélique receou que o homem perdesse os sentidos.

- Que estupidez! Não devíeis ter aceitado.

- Há três dias que não como nada...

Angélique passou o braço à roda do peito magro do desconhecido. Era mais alto do que ela, mas tão leve que quase se sentia com forças para transportar aquela pobre carcaça.

- Vinde, esta noite comereis bem - prometeu. - E não vos custará nada. Nem um soldo... nem um dente.

Quando chegou à estalagem, correu à cozinha e procurou o que poderia convir a uma vítima da fome e de um arrancador de dentes. Havia sopa e uma excelente língua de vaca picada com pepinos verdes e de conserva. Levou-lhe tudo, assim como um pichei de vinho tinto e um grande boião de mostarda.

- Começai por isto. Depois veremos. O comprido nariz do pobre palpitou.

-O perfume subtil da sopa...-murmurou o desconhecido, endireitando-se como se ressuscitasse.- Essência abençoada das divindades hortícolas!

Angélique deixou-o, para que pudesse comer à vontade. Depois de dar as suas ordens e de verificar se estava tudo preparado para quando chegassem os clientes, dirigiu-se para a copa, a fim de preparar um molho. A copa era uma divisãozinha onde se fechava quando tinha de arranjar um prato especialmente delicado.

Passados instantes, a porta abriu-se e o seu convidado meteu a cabeça pela abertura.

- Diz-me cá, minha linda, não és aquela mendigazinha que sabe latim?

- Sou... e não sou-respondeu Angélique, sem saber se estava contrariada ou contente por ele a ter reconhecido.-Agora sou a sobrinha de mestre Bourjous, o dono desta estalagem.

- Por outras palavras, já não estás sob a jurisdição pouco agradável do Sr. Milongas...

- Deus me livre!

O homem entrou, aproximou-se dela no seu passo ligeiro e, tomando-a pela cintura, beijou-a nos lábios.

- Então, senhor, bem se vê que já tendes a barriga cheia! - observou Angélique quando conseguiu recuperar o fôlego.

- Nem era preciso tanto para a encher. Há quanto tempo te procurava em Paris, marquesa dos Anjos!
- Caluda! -exclamou ela, olhando à sua volta assustada.
- Não tenhas medo. Não há nenhum beleguim na sala. Não vi lá ninguém e conheço todos, podes acreditar. Pelo que vejo, agora andas por bons sítios. Ficaste farta dos barcos de feno, não? Deixa um homem uma florinha pálida, anêmica e suja, que chora a dormir, e encontra uma comadre anafada, bem instalada na vida... Mas não há dúvida que és tu. Os teus lábios continuam a ser tão bons como dantes, mas agora sabem a cerejas e não a lágrimas amargas... Deixa-me beijar-te outra vez.
- Tenho pressa - redargüiu Angélique, repelindo as mãos que lhe queriam agarrar a cara.
- Dois segundos de felicidade valem dois anos de vida. Além disso, bem sabes que ainda tenho fome...
- Quereis coscorões e compota?
- Não, quero-te a ti. A tua vista e o teu contacto bastam para me satisfazer. Quero os teus lábios de cereja e as tuas faces de pêsego. Tudo em ti se tornou comestível. Não há nada melhor para um poeta faminto... A tua carne é tenra. Apetece-me trincar-te... E estás tão quente!... És maravilhosa! O cheiro das tuas axilas provoca-me uma fome canina...
- Oh, sois insuportável! - protestou ela, soltando-se. -Enlouqueceis-me com as vossas palavras, umas vezes líricas outras vezes vulgares.
- É isso mesmo que pretendo. Vamos, não te faças esquiva. Com um gesto peremptório, demonstrativo de que recuperara as forças, tornou a puxá-la para si, inclinou-lhe a cabeça na curva do braço e desatou a beijá-la.

A pancada de uma colher de pau na mesa separou-os bruscamente.

- Por Santiago! -gritou mestre Bourjous. -Este maldito gazeteiro, este alma do Diabo, este caluniador, na minha casa, na minha copa, a abusar da minha filha! Fora daqui, mariola, ou ponho-te na rua a pontapé no eu!
- Piedade, senhor, piedade para os meus calções! Estão tão velhos que o vosso augusto pé correria o risco de proporcionar um espetáculo indecente às damas...
- Fora daqui, velhaco, escrevinhador, roedor de unhas! Desonras o meu estabelecimento com esses farrapos e com esse chapéu de saltimbanco de feira.

Mas o outro, fazendo caretas, rindo e protegendo com ambas as mãos o traseiro ameaçado, correria entretanto para a porta da rua. Achatou o nariz com o dedo, em ar de troça, e desapareceu. Angélique desculpou-se, um pouco frouxamente: -Entrou na copa e não consegui livrar-me dele...

- Hum!... - resmungou o assador.-Desta vez não parecias muito aborrecida... Calma, minha linda, não protestes! Não é contra isso que barafusto. Um bocadinho de amor de vez em quando não faz mal nenhum a uma bonita rapariga. Mas, francamente, Angélique, decepcionas-me. Não vêm rapazes honestos a nossa casa? Porque havias de escolher um jornalista?

A favorita do rei, M lie de La Vallière, tinha a boca demasiado grande. E coxeava um bocadinho. Dizia-se que isso lhe dava uma graça especial e não a impedia de dançar maravilhosamente, mas a verdade é que coxeava.

Também não tinha peito. Comparavam-na a Diana, havia quem se referisse ao encanto dos seres andróginos, mas a verdade é que tinha o peito chato. E a pele seca. Além disso, as lágrimas causadas pelas infidelidades reais, as humilhações da corte e os remorsos tinham-lhe encovado os olhos. Estava cada vez mais magra e insuportável. Por último, em consequência da sua segunda gravidez, sofria de uma incomodidade de alcova de que só Luís XIV poderia revelar os pormenores. Mas o Caga-Versos

também os conhecia.

E de todas essas misérias ocultas ou reconhecidas, dessas desgraças físicas, fez um panfleto espantoso, cheio de espírito, mas de uma mordacidade e de uma crueza tais que mesmo os burgueses menos pudibundos evitaram mostrá-lo às suas mulheres, que o pediram às criadas.

Sede coxa, tende quinze anos finos,

Seio de tábua, tino de galinha.

Pais? Sabe Deus! Fazei, moça nova,

Na antecâmara vossos meninos:

O primeiro dos amantes tereis, palavra minha,

E a La Vallière aí está como prova!

Assim começava a canção.

Encontraram-se panfletos um pouco por toda a parte em Paris, no Palácio Biron, onde morava Luísa de La Vallière, no Louvre e até nos aposentos da rainha, que, perante semelhante retrato da rival, desatou a rir pela primeira vez em muito tempo e esfregou alegremente as mãozinhas.

Ofendida, cheia de vergonha, M lie de La Vallière meteu-se na primeira carruagem que apanhou a jeito e fez-se conduzir ao Convento de Chaillot, onde queria professar.

O rei ordenou-lhe que voltasse e aparecesse na corte e mandou-a buscar pelo Sr. Colbert. Em tal chamamento havia menos ternura indignada do que desafio encolerizado da parte de um soberano que o seu povo ousava ridicularizar, mas que começava a temer que a amante não fosse digna de si.

Entretanto, os mais finos sabujos da polícia foram lançados na pegada do Caga-Versos.

Desta vez ninguém duvidava de que o enforcassem.

Angélique estava a terminar a sua toilette noturna no seu quatinho da Rua dos Francs-Bourgeois. Javotte acabava de se retirar com uma reverência. As crianças dormiam.

Ouviu-se correr na rua, passos abafados pela delgada camada de neve que naquela noite de Dezembro começava a cair muito lentamente.

Bateram à porta. Angélique vestiu o roupão e foi espreitar pelo ralo.

- Quem é?

- Abre depressa, mendigazinha; depressa. O cão!...

Sem perder tempo a refletir, Angélique correu o ferrolho e o gazeteiro quase lhe caiu em cima. No mesmo instante, surgiu da sombra uma massa branca, que saltou e o filou pelo pescoço.

- Sorbona! - gritou Angélique.

Precipitou-se e a sua mão encontrou a pelagem úmida do cão.

- Deixa-o, Sorbona. Lass ihn! Lass ihn!

Falava-lhe em alemão, pois lembrava-se vagamente de que Desgrez lhe dava ordens nessa língua.

Sorbona rosnava, com os dentes solidamente cravados no cabeçaço da sua vítima. Mas pouco depois reconheceu a voz de Angélique, abanou a cauda e consentiu em largar a presa, embora sem deixar de continuar a rosnar.

O homem arquejava:

- Vai-me matar!
- Qual quê! Entrai depressa.
- O cão vai ficar diante da porta e avisar a Polícia.
- Entrai! Fazei o que vos digo.

Puxou-o ela própria para dentro e ficou debaixo da abóbada, depois de fechar a porta atrás de si, do lado de fora. Segurava firmemente Sorbona pela coleira. Da entrada, debaixo do alpendre, viu turbilhonar a neve à luz de uma lanterna. Por fim, notou a aproximação dos passos abafados, dos passos que se ouviam sempre atrás do cão, os passos do polícia Francisco Desgrez.

Angélique avançou.

- Procurais o vosso cão, maitre Desgrez?

Ele parou e depois entrou por sua vez debaixo da abóbada. Ela não lhe via a cara.

- Não - respondeu com muita calma.-Procuro um panfletário.
- Sorbona ia a passar e, como noutros tempos conheci o vosso cão, chamei-o e permiti-me retê-lo.
- O que, sem dúvida nenhuma, o deixou encantado, senhora. Apanháveis o fresco no vosso portal com este tempo maravilhoso?
- Estava a fechar a minha porta. Mas estamos a falar na obscuridade, maitre Desgrez, e estou certa de que não adivinhais quem sou.
- Não o adivinho, senhora, sei-o. Há muito tempo que sei quem mora nesta casa e, como conheço todas as estalagens de Paris, vi-vos na Máscara Vermelha. Fazeis-vos passar por Sra. Morens e tendes dois filhos, o mais velho dos quais se chama Florimundo.
- Nada se pode esconder-vos, pelo que vejo... Mas, uma vez que sabeis quem sou, por que motivo só por acaso nos falamos?
- Não tinha a certeza de que a minha visita vos desse prazer, senhora. Da última vez que nos vimos, separamo-nos em muito maus termos.

Angélique recordou-se da noite de caça no arrabalde de SaintGermain e Desgrez teve a impressão de que a sua interlocutora ficara sem pinga de sangue.

A jovem perguntou numa voz sem timbre:

- Que quereis dizer?
- Nevava, como esta noite, e a poterna do Templo não estava menos escura do que a vossa abóbada.

Angélique conteve um suspiro de alívio.

- Não estávamos em maus termos. Estávamos derrotados, o que não é a mesma coisa, maitre Desgrez.
- Não me trateis por maitre, senhora, pois vendi o meu cargo de advogado e, além disso, fui expulso da universidade. Mas, como o vendi por bom preço, pude comprar o cargo de capitão de polícia e agora dedico-me a uma tarefa mais lucrativa e não menos útil: a perseguição de malfeitores e mal-intencionados desta cidade. Assim, caí das alturas do verbo nos pélagos do silêncio.
- Continuais a falar muito bem, maitre Desgrez.
- As vezes. Recupero então o gosto por certos primores oratórios. Deve-se sem dúvida a isso o fato de estar encarregado especialmente de evitar os malefícios dos incontinentes da palavra, escrita ou não: os poetas, os gazeteiros, os plumitivos de toda a espécie. Esta noite, por exemplo, persigo uma

personagem virulenta, um tal Cláudio Lê Petit, também conhecido por Caga-Versos, um indivíduo que decerto abençoará a vossa intervenção.

- Porquê?

- Porque nos retivestes quando estávamos no bom caminho e pôde continuar a fugir.

- Peço desculpa de vos ter retido.

- Pessoalmente, estou encantado, embora a salinha onde me recebeis seja pouco confortável...

- Perdoai-me. Espero que volteis, Desgrez.

- Voltarei, senhora.

Inclinou-se para o cão para lhe pôr a trela. Os flocos de neve caíam cada vez com mais abundância. O polícia levantou a gola da capa, deu um passo e depois parou.

- Acabo de me recordar de uma coisa -disse ainda. -O tal Caga-Versos escreveu maledicências muito cruéis na altura do julgamento do vosso marido. Ora esperai...

E a senhora de Peyrac, dama bela, Desejando que a Bastilha se não abra E que ele continue fechado nela...

- Oh, calai-vos, por piedade!-exclamou Angélique, levando as mãos aos ouvidos. - Não volteis a falar dessas coisas. Já me não lembro de nada. Não quero lembrar-me mais disso...

- O passado está, portanto, morto para vós, senhora?

- Sim, o passado morreu!

- Era o que havia de melhor a fazer. Não vos tocarei mais no assunto. Adeus, senhora, e... boas noites!

Angélique, a tiritar de frio, voltou a correr o ferrolho. Estava enregelada por se ter exposto ao tempo apenas com o roupão. E ao frio juntava-se a emoção de ter tornado a ver Desgrez e escutado as suas revelações.

Entrou no quarto e fechou a porta. O homem dos cabelos louros estava sentado na pedra da lareira, com os braços à volta dos joelhos magros. Parecia um grilo.

A jovem encostou-se à porta e perguntou com voz inexpressiva:

- Sois vós o Caga-Versos? Quero dizer, o poeta... Ele sorriu.

- Caga-Versos? Sim, decerto. Poeta? Talvez.

- Fostes vós que escrevestes aquelas... aquelas ignomínias acerca de Mlli de La Vallière? Não podeis deixar as pessoas amarem-se tranquilamente? O rei e essa rapariga fizeram tudo o que puderam para manter em segredo os seus amores e vós exibis o escândalo em termos odiosos! A conduta do rei merece censura, sem dúvida. Mas trata-se de um homem novo, fogoso, casado contra vontade com uma princesa sem espírito nem beleza.

Ele troçou:

- Como tu o defendes, minha linda! Também te conquistou o coração?

- Não, mas horroriza-me ver enxovalhado um sentimento respeitável e real.

- Não há nada no mundo respeitável nem real.

Angélique atravessou o quarto e foi-se encostar do outro lado da chaminé. Sentia-se fraca e tensa. O poeta levantou os olhos para ela e a jovem viu dançar neles os pontos vermelhos das chamas.

- Não sabias quem eu era? - perguntou o homem.
- Nunca ninguém mo disse, como poderia adivinhar? A vossa pena é ímpia e libertina e vós...
- Continua...
- Pareceste-me bom e alegre.

- Sou bom com as mendigazinhas que choram nos barcos de feno e mau com os príncipes.

Angélique suspirou. Não havia maneira de se aquecer. Apontou com o queixo na direção da porta.

- Agora já vos podeis ir embora.
- Ir-me embora! - exclamou. - Ir-me embora quando o cão Sorbona me espera para me filar pelos calções e esse polícia do Diabo se prepara para me prender?
- Já não está na rua.
- Estão, sim. Esperam-me na sombra.
- Juro-vos que não suspeitam que estais aqui.

- Como sabê-lo? Não conheces esses dois compinchas, pequena, apesar de teres pertencido à quadrilha do Milongas?

Ela fez-lhe vivamente sinal para se calar.

- Vês? Tu própria procuras adivinhar o que se passa lá fora, na neve... E queres que me vá embora!
- Sim, ide-vos!
- Expulsas-me?
- Expulso-vos.
- Alguma vez te fiz mal?
- Sim.

Olhou-a demoradamente e depois estendeu a mão para ela.

- Nesse caso temos de nos reconciliar. Aproxima-te. E, como ela continuasse imóvel:
- Somos ambos perseguidos pelo cão. Que nos restará se nos zangarmos? Continuava a estender a mão.
- Os teus olhos tornaram-se duros e frios como esmeraldas. Já não têm aquele reflexo soalheiro de regato sob a folhagem que parece dizer: "Ama-me, beijá-me..."
- Foi o regato que disse tudo isso?
- Foram os teus olhos quando me não consideravas teu inimigo. Anda, aproxima-te!

Ela acedeu de súbito e foi agachar-se junto dele, que lhe rodeou imediatamente os ombros com o braço.

- Tremes. Já não tens o ar confiante de boa estalajadeira. Alguma coisa te assustou e fez mal. O cão? O polícia?
- Foi o cão, foi o polícia e fostes também vós, Sr. Caga-Versos.
- O sinistra trindade de Paris!
- Vós que estais ao corrente de tudo, sabeis o que fazia antes de estar com o Milongas?

Ele esboçou um gesto de enfado e fez uma careta.

- Não. Assim que te voltei a encontrar, adivinhei imediatamente como te tinhas tirado de apuros e seduzido o teu assador. Mas o que foste antes de conheceres o Milongas, não, ignoro, a pista acaba aí.
- É melhor assim.
- O que me aborrece é estar quase certo de que esse polícia do Diabo sabe mais do que eu, de que ele, sim, conhece o teu passado.
- Sois rivais na recolha de informações?
- Cotejamo-las muitas vezes, ele e eu.
- No fundo, pareceis-vos um com o outro.
- Um pouco. Mas, mesmo assim, há uma grande diferença entre nós.
- Qual?
- Eu não o posso matar, ao passo que ele me pode levar à morte. Se esta noite me não tivesses aberto a porta, estaria agora no Châtelet, aos seus cuidados. E já teria "crescido" três polegadas, graças ao cavalete de mestre Albino, e amanhã, ao romper do dia, estaria pendurado na ponta de uma corda.
- Mas porque dizeis que, pelo vosso lado, o não podeis matar?
- Não sei matar. Fico indisposto quando vejo sangue. O seu ar nauseado provocou o riso de Angélique. A mão nervosa do poeta pousou-lhe no pescoço.
- Quando te ris pareces uma rolinha.

Inclinou-se-lhe sobre o rosto. Angélique via através do seu sorriso meigo e trocista o buraco negro deixado pelo alicate do Grande Mateus e isso dava-lhe vontade de chorar e de amar aquele homem.

- Pronto - murmurou ele -, já não tens medo. Tudo desaparece... Fica apenas a neve que cai lá fora e nós aqui, bem quentes... Não me acontece muitas vezes darem-me hospedagem tão invejável! Estás nua debaixo destas roupas?... Estás sim, que eu bem sinto. Não te mexas querida... Não digas mais nada...

A sua mão deslizava, afastava o roupão e seguia a linha do ombro. Insinuava-se mais para baixo. Riu ao senti-la estremecer.

- Cá estão os rebentos da Primavera... E, no entanto, estamos no Inverno!

Tomou-lhe os lábios. Depois, estendeu-se diante do lume e puxou-a suavemente para si.

Mas peço-te presta atenção, Ouço o vendedor de aguardente E creio, sério, amiga do coração, Que já é tarde, verdadeiramente.

O poeta pusera o seu grande chapéu e a capa esburacada. Rompera o dia, estava tudo coberto de neve e, na brancura da rua silenciosa, o vendedor de aguardente, enroupado, equilibrava-se como um urso.

Angélique chamou-o e o homem serviu-lhes um copinho de álcool.

Quando o pobre diabo se afastou, sorriram um para o outro.

- Para onde ides agora?
 - Informar Paris de um novo escândalo. O Sr. de Brienne encontrou, esta noite, a mulher com um amante.
 - Esta noite? Como podeis saber isso?
 - Eu sei tudo. Adeus, minha linda. Ela segurou-o pela capa e disse-lhe: - Voltai.
- Voltou. Aparecia à noite e arranhava os vidros de acordo com um sinal convencionado. Ela abria-lhe a

porta sem ruído e, na tepidez do seu quartinho, junto daquele companheiro alternadamente tagarela, cáustico e apaixonado, esquecia o duro trabalho do dia. Ele contava-lhe os escândalos da corte e da cidade, o que a divertia, visto conhecer a maior parte das personagens de quem falava.

- A minha riqueza é o medo daqueles que me temem -dizia ele.

Mas não aceitava dinheiro. Fora em vão que Angélique procurara vesti-lo mais decentemente.

Sempre que aceitava um bom jantar -sem, de resto, esboçar o gesto de abrir a escarcela para o pagar-, desaparecia durante oito dias, e, quando voltava, pálido, faminto, sorridente, Angélique interrogava-o inutilmente. Por que motivo, uma vez que se entendia tão bem com as quadrilhas da ralé de Paris, não ia de vez em quando comer com elas? Nunca ninguém o vira na Torre de Nesle, embora fosse uma das personagens mais importantes da Ponte Nova e tivesse lá o seu lugar reservado. Além disso, conhecia tantos segredos que poderia fazer "cantar" muita gente.

- É mais divertido fazê-los chorar e ranger os dentes dizia.

Só aceitava auxílio das mãos das mulheres que amava. Uma floristazinha, uma rameira ou uma criada tinham o direito, depois de se entregarem às suas carícias, de o amimar um pouco. Diziam-lhe: "Come, filho", e ficavam a vê-lo devorar, enternecidas.

Depois desaparecia. Como a florista, a rameira ou a criada, Angélique experimentava às vezes o desejo de o reter. Deitada no calor da cama, junto daquele corpo comprido, cujo ato de posse era tão impulsivo como delicado, passava-lhe um braço à roda do pescoço e puxava-o para si.

Mas, logo que ele abria os olhos e notava a claridade nascente do dia através dos vidros encaixilhados de chumbo, saltava da cama e vestia-se num ápice.

Na realidade, não podia estar quieto. Tinha uma mania bastante rara na época e que em todos os tempos se tem pago muito cara: a mania da liberdade.

CAPITULO IV – A guerrazinha das licenças

Nem sempre fazia mal em fugir assim. Muitas vezes, enquanto Angélique acabava de se vestir com a janela aberta, surgia uma sombra negra atrás das grades.

- Fazeis as vossas visitas muito cedo, Sr. Policia...

- Não venho visitar-vos, senhora. Procuo um panfletário.

- E pensais encontrá-lo nestas paragens?-perguntava-lhe Angélique, desenvolta, enquanto punha a capa pelas costas a fim de se dirigir para a Máscara Vermelha.

- Quem sabe?... - respondia ele.

A jovem saía e Desgrez acompanhava-a através das ruas cobertas de neve. O cão Sorbona brincava diante deles, o que recordava Angélique tempos em que tinham caminhado da mesma maneira em Paris. Um dia, Desgrez levava-a aos banhos de São Nicolau; doutra vez, o bandido Milongas saíra-lhes ao caminho.

Agora reencontravam-se, mas cada um guardava para si a parte de sombra dos últimos anos. Angélique não se envergonhava de que a visse a servir numa estalagem. Desgrez seguira bastante de perto o desmoronamento da sua fortuna e devia compreender a necessidade que tinha de se dedicar a um modesto trabalho manual. Sabia que de modo algum a desprezava por isso. Por outro lado, podia enterrar no fundo de si mesma a recordação da sua vida com Milongas. Os anos tinham passado e o homem não tornara a aparecer. Angélique ainda esperava que tivesse conseguido fugir para o campo.

Ter-se-ia juntado a alguma quadrilha de salteadores de estrada? Talvez tivesse caído nas mãos de algum recrutador de soldados...

Fosse como fosse, porém, o seu instinto dizia-lhe que o não tornaria a ver. Podia, portanto, andar pelas ruas de cabeça levantada. O homem que a acompanhava com o seu passo ágil, habituado ao silêncio, não desconfiava dela. Também ele mudara. Falava menos e a sua alegria cedera o lugar a uma ironia que se aprendia a temer. Muitas vezes, atrás das suas palavras mais simples adivinhava-se uma ameaça oculta. Angélique tinha, porém, a impressão de que Desgrez nunca lhe faria mal.

Parecia também menos pobre. Usava botas de boa qualidade e com frequência peruca.

Quando chegavam diante da estalagem, o polícia cumprimentava-a cerimoniosamente e seguia o seu caminho.

Angélique admirava, por cima da porta, a bela tabuleta de cores vivas que lhe pintara seu irmão Gontrão. Representava uma mulher envolta num manto de cetim preto, aos quadrados, com os olhos verdes a brilharem detrás da máscara vermelha. À volta da mulher, o pintor esboçara a Rua do Vale da Miséria, com as silhuetas irregulares das velhas casas recortadas no céu estrelado e envoltas no clarão avermelhado das suas assaduras.

O vendedor de vinho, madrugador, saía da estalagem com o piche na mão.

- Bom vinho, saudável e puro! Vinde todas, boas mulherezinhas, antes que as aduelas rebentem!...

A vida recomeçava vivamente no repicar dos sinos. E, à noite, Angélique alinharia em pilhas os bons escudos que, depois de contados, meteria em saquinhos e guardaria no cofre que pedira a mestre Bourjus que comprasse.

Audiger vinha periodicamente pedi-la em casamento. Angélique, que ainda não desistira dos seus projetos acerca do chocolate recebia-o com um sorriso.

- E a vossa licença?

- Daqui a uns dias é caso arrumado! Angélique acabou por lhe dizer:

- Quereis saber uma coisa? NUNCA tereis a vossa licença! - Deveras, Sra. Adivinha? E por quê?

- Porque pedistes o apoio do Sr. de Guiche, genro do Sr. Séguier. Ora ignorais que o lar do Sr. de Guiche é um inferno e que o Sr. Séguier está do lado da filha. Deixando criar mofo a vossa licença, o chanceler tem mais uma oportunidade, entre outras, de ser desagradável com o genro e não a deixará escapar.

Sabia estes pormenores por intermédio do Caga-Versos. Mas Audiger, ofendido, protestava em altos gritos. O registro da sua licença estava bem encaminhado, garantia. E a prova é que já começara a arranjar o seu estabelecimento de distribuição na Rua de Saint-Honoré.

Quando visitou as obras, Angélique verificou que o mordomo seguira as suas sugestões. A casa tinha espelhos e ornatos de talha dourada.

- Creio que esta novidade atrairá as pessoas ávidas de singularidades - explicou Audiger, esquecendo por completo a quem se devia a idéia. - Quando se lança um produto novo, é necessário um ambiente novo.

- E já tratastes de mandar vir o produto de que precisais?

- Assim que tiver a minha licença, as dificuldades resolver-se-ão por si mesmas.

CAPÍTULO V – Orgia sangrenta na Máscara Vermelha

Angélique pousou a pena na escrivaninha e conferiu com satisfação a conta que acabava de fazer.

Chegara pouco antes da Máscara Vermelha, onde dera pela entrada turbulenta de um grupo de jovens fidalgos cujas golas de renda de Gênova e os amplos folhos dos calções lhe tinham parecido de bom augúrio acerca da sua solvabilidade. Estavam mascarados, prova suplementar da sua elevada categoria. Com efeito, certas personagens da corte preferiam guardar o incógnito quando iam esquecer nos botequins as imposições da etiqueta.

Como acontecia frequentemente havia algum tempo, a jovem deixara a mestre Bourjus, a David e aos ajudantes de cozinha o cuidado de atenderem aqueles clientes de qualidade. Agora que a reputação da casa estava feita e que David já era capaz de preparar as suas especialidades culinárias, Angélique dedicava-se menos à cozinha e mais às compras e à gestão financeira do estabelecimento.

Estava-se em fins do ano de 1664. Paulatinamente, a situação evoluíra no sentido de um estado de coisas que, se fosse previsto três anos antes, teria feito rebentar a rir toda a Rua do Vale da Miséria. Embora ainda não tivesse tomado a casa de mestre Bourjus, como secretamente ambicionava, Angélique tornara-se de certo modo a patroa. O assador continuava a ser o proprietário, mas ela chamara a si todas as despesas e aumentara proporcionalmente a sua parte nos lucros, dos quais mestre Bourjus acabara por ficar com o quinhão mais pequeno. Sentia-se, porém, satisfeito por se ver liberto de todas as preocupações e viver regaladamente na sua própria estalagem, enquanto juntava um peculiozinho para a velhice. Angélique podia assim amealhar todo o dinheiro que quisesse, pois mestre Bourjus apenas desejava continuar a tê-la sob a sua proteção e sentir-se rodeado de uma afeição clarividente e firme. Às vezes, quando falava dela, dizia "a minha filha" com tanta convicção que muitos clientes da Máscara Vermelha estavam persuadidos do seu parentesco. Atreito à melancolia e sempre convencido do seu próximo fim, não escondia que o seu testamento, sem lesar os interesses do sobrinho, beneficiaria grandemente Angélique. De resto, David seria incapaz de reprovar as decisões do tio a respeito de uma mulher que continuava a dominá-lo por completo.

David tornara-se um belo moço. Sabia-o e não perdia a esperança de vir a ser, um dia, amante daquela que adorava.

Angélique notava os progressos do rapaz no campo da ciência amorosa. Avaliava-os pelas suas próprias reações, pois, se noutros tempos os seus modos canhestros de adolescente lhe tinham feito perder a paciência, agora alguns dos seus olhares causavam-lhe um prazer um pouco confuso. Continuava a tratá-lo duramente, em tom ríspido, como a um irmão mais novo, mas por vezes censurava-se de nas palavras bruscas que lhe dirigia haver certa coquetaria. Os risos e os gracejos que trocavam junto dos espetos de assar carne nem sempre estavam isentos dessa provocação mordaz que uma mulher e um homem utilizam quando se sentem atraídos um para o outro e disfarçam sob palavras inocentes um desafio que o é muito menos.

Com um trejeito um pouco trocista dirigido a si mesma, Angélique acabava por perguntar se não cederia um dia, inadvertidamente, àquela paixão tumultuosa e jovem. Por outro lado, precisava de David, pois este era um dos pilares em que assentava o êxito dos seus futuros empreendimentos. Por exemplo, quando comprasse duas ou três barracas na feira de Saint-Germain, David seria o encarregado de assegurar o seu lançamento e celebridade. O outro pilar era Audiger, responsável pelas perspectivas no tocante a chocolate e refrescos. Também com ele precisava de se entender. Era necessário reter e não desanimar esse apaixonado mais grave, mais profundamente enamorado e cuja reserva só podia significar, à medida que aumentava, um sentimento cada vez mais profundo. Com ele não se tratava de o acalmar por meio de qualquer condescendência, o que não era o caso de David. Este, desde que lhe

concedesse uma noite o direito de possuir à vontade o seu "corpo divino", ficar-lhe-ia sem dúvida loucamente submetido, ao passo que, quanto a Audiger, receava um bocadinho a tenacidade de um homem feito e que já ultrapassara a idade dos caprichos, sem nunca ter conhecido a das paixões. Aquele burguês calmo, habituado a servir sem servilismo, militar por hereditariedade nacional, franco, corajoso e prudente como outros são louros ou morenos, não se deixaria embair.

Angélique sacudiu a areia da folha onde acabava de escriturar as suas contas e soltou uma gargalhadinha indulgente.

"Estou bem arranjada com os meus três cozinheiros, todos apaixonados por mim, cada um por motivo diferente! Dir-se-ia que a culpa é da profissão... O calor dos fogões derrete-lhes o coração como se fosse gordura de peru."

Javotte entrou para a ajudar a despir e escovar-lhe o cabelo. - Que barulho é aquele à porta? - perguntou Angélique.

- Não sei. Há um bocado que o ouço. Parece um rato a roê-la.

Como o ruído aumentasse, Angélique dirigiu-se para a antecâmara e verificou que não vinha da parte de baixo da porta, mas sim do postiguiño colocado a meia altura. Abriu-o e soltou um gritinho de repugnância, pois, ato contínuo, uma mãozinha negra introduziu-se pela rede do postigo e estendeu-se tragicamente para ela.

- É Pícolo! - gritou Javotte.

Angélique correu todos os ferrolhos, abriu a porta e o macaco saltou-lhe para os braços.

- Que lhe terá acontecido? Nunca cá veio sozinho. Dir-se-ia... Sim, é verdade, dir-se-ia que partiu a corrente!

Intrigada, levou o animal para o quarto e pô-lo em cima da mesa.

- Ora esta!-exclamou a criada, rindo. -Em que estado ele vem! Tem o pêlo todo peganhento e vermelho. Deve ter caído dentro de vinho...

De fato, depois de afagar Piccolo, Angélique notou que tinha os dedos pegajosos e avermelhados. Cheirou-os e empalideceu intensamente.

- Não é vinho, é sangue! -Está ferido?

- Vou ver...

Despiu-lhe o gibão bordado e os calções, um e outros também sujos de sangue, e verificou que o animal não apresentava vestígios de ferimento, embora tremesse convulsivamente.

- Que tens, Piccolo?- perguntou Angélique a meia-voz.-Que te aconteceu, meu pequerrucho? Anda, dize-me!

O macaco fitava-a com os olhos brilhantes e dilatados. De súbito saltou para trás, pegou numa caixinha de lacre e começou a andar com muita gravidade, agitando a caixinha diante de si.

- Oh, que maroto!-exclamou Javotte, desatando a rir.- Assusta-nos e depois põe-se a imitar o Maçarico com o seu cesto de barquinhos. Não é engraçado, minha senhora? Parece mesmo o Maçarico quando estende grave e delicadamente o cesto.

Mas o animal, depois de dar a volta à mesa imitando o pequeno vendedor de barquinhos, parecia de novo inquieto. Girava, olhava à sua volta, recuava e franzia -o focinho numa expressão ao mesmo tempo compungida e assustada. Erguia a cabeça ora para a direita, ora para a esquerda, como se dirigisse, suplicante, a alguém invisível. Por fim pareceu debater-se, lutar, largou bruscamente a caixa

que segurava, crispou as mãos na barriga e caiu para trás com um grito agudo.

- Mas que tem ele? -balbuciou Javotte, assustada.-Está doente! Perdeu o juízo!

Angélique, que seguira atentamente os gestos do macaco, dirigiu-se com passos rápidos para o guarda-vestidos, tirou a capa e pegou na máscara.

- Parece-me que aconteceu qualquer desgraça ao Maçarico - disse com voz inexpressiva.- Vou ver o que foi.

- Acompanho-vos, minha senhora.

- Pois sim. Traz a lanterna. Mas primeiro leva o macaco à Bárbara e dize-lhe que o lave, aqueça e lhe dê leite.

O pressentimento de que algo grave acontecera apoderou-se de Angélique de forma inelutável. Apesar das palavras de conforto que lhe murmurava Javotte, nem por um instante duvidou, durante o trajeto, de que o macaco tivesse assistido a uma cena terrível. Mas a realidade ainda excedia as suas piores apreensões. Mal chegou à entrada do Cais dos Curtidores, quase foi derrubada por um bólido lançado em louca correria. Era Flipot, desvairado.

Agarrou-o pelos ombros e sacudi-o para o ajudar a recuperar a presença de espírito.

- Ia procurar-te, marquesa dos Anjos - arquejou o garoto.- Eles... eles mataram o Maçarico!

- Eles, quem?

- Eles... Aqueles homens, os clientes.

- Porquê? Que aconteceu?

O pobre ajudante de cozinheiro engoliu em seco e disse precipitadamente, como se recitasse uma lição decorada:

- O Maçarico estava na rua com o cesto de coscorões a apregoar: "Barquinhos! Barquinhos! Quem chama o barquilheiro?..." Apregoava como todas as noites. Um dos clientes que se encontravam na estalagem, um dos fidalgos mascarados, com gola de renda, disse: "Bonita voz. Apetecem-me barquinhos. Tragam-me o vendedor." O Maçarico veio. Então o fidalgo disse: "Por São Dinis, aqui está um miúdo ainda mais sedutor do que a sua voz!" Sentou o Maçarico nos joelhos e pôs-se a beijá-lo. Outros aproximaram-se e quiseram também beijá-lo... Estavam todos bêbados como cachos... O Maçarico largou o cesto e começou a gritar e a dar-lhes pontapés. Um dos fidalgos desembainhou a espada e espetou-lha na barriga. Outro fez o mesmo. O Maçarico caiu, com as tripas de fora...

- Mestre Bourjus não interveio?

- Interveio, mas eles caparam-no.

- O quê? Que estás a dizer? A quem é que fizeram isso?

- A mestre Bourjus.

- Endoideceste!

- Não, não endoideci. Eles é que estão doidos, com certeza. Quando mestre Bourjus ouviu o Maçarico gritar, veio da cozinha e disse: "Senhores! Então, senhores!" Mas eles saltaram-lhe em cima. Riam, batiam-lhe desalmadamente e dizia: "Grande casco! Grande tonel." Até eu não me contive e comecei a rir. Depois, um disse: "Reconheço-o. É o antigo dono do Galo Descarado!..." E vai outro disse: "Não me parecees suficientemente descarado para galo. Vou transformar-te em capão." Pegou num facão de cortar carne, atiraram-se todos a ele e cortaram-lhe...

O garoto concluiu a sua narrativa com um gesto enérgico que não deixava quaisquer dúvidas acerca da espantosa mutilação de que fora a vítima o pobre assador.

- Gritava como se tivesse o Diabo no corpo! Mas agora já não grita. Deve estar morto. David também os quis deter, mas eles afastaram-no com uma grande espadeirada na cabeça. Então, quando vimos aquilo, David, eu, e os outros ajudantes, as criadas e a Susana, raspamo-nos todos dali!

A Rua do Vale da Miséria apresentava aspecto inusitado. Sempre animada naquele período de Carnaval, os numerosos clientes que enchiam as assadorias continuavam a cantar e a beber à saúde uns dos outros. Mas ao fundo da rua havia um ajuntamento anormal de gente vestida de branco e de altos barretes na cabeça. Os assadores vizinhos e os seus ajudantes, armados de lardeadeiras e espetos, agitavam-se diante da Máscara Vermelha.

- Não sabemos que fazer! - gritou um deles a Angélique.- Esses demônios bloquearam a porta com bancos. E têm uma pistola...

- É preciso chamar a ronda.

- David já foi, mas...

O dono do Capão Depenado, que era vizinho da Máscara Vermelha, disse baixando a voz:

- Uns lacaios detiveram a ronda na Rua da Triparia. Disseram-lhe que os clientes que estavam naquela altura na Máscara Vermelha eram fidalgos importantíssimos, gente íntima do rei, e que a ronda faria figura de parva se metesse no caso. Mesmo assim, David ainda foi ao Châtelet, mas os lacaios já tinham prevenido os guardas. No Châtelet disseram-lhe que se arranjasse como pudesse com os seus clientes.

Da Máscara Vermelha vinha uma barulheira infernal: gargalhadas estrepitosas, cantos avinhados e gritos selvagens que punham os cabelos em pé aos pobres assadores.

Mesas e bancos tinham sido empilhados diante das janelas, de modo que não se podia ver o que se passava lá dentro, mas ouvia-se o barulho de copos e louça partida e, de vez em quando, o disparo seco de uma pistola que devia tomar como alvo as garrafas de cristal com que Angélique ornamentava as mesas e a mísula da chaminé.

Angélique viu David. Estava tão branco como o avental e tinha a cabeça atada com um trapo onde se via uma mancha de sangue.

O rapaz aproximou-se e completou em tom balbuciante o relato da espantosa saturnal. Os fidalgos tinham-se mostrado muito exigentes. Já tinham estado a beber noutros lados e haviam começado por despejar uma terrina cheia de sopa quase a ferver na cabeça de um dos ajudantes. Depois fora o cabo dos trabalhos para os expulsar da cozinha, onde queriam abusar da Susana, apesar de ser presa pouco atraente. Por fim dera-se o drama do Maçarico, cujo rosto encantador lhes inspirara desejos horríveis.

- Anda comigo - disse Angélique, pegando no braço do adolescente.- Vamos ver. Vou entrar pelo pátio.

Vinte mãos estenderam-se para a deter.

- Endoideceste?... Varam-te de lado a lado à espada! Esses homens são piores do que lobos!

- Talvez ainda seja tempo de salvar o Maçarico e mestre Bourjus...

- Iremos quando começarem a dormir.

- E tiverem partido, devastado e queimado tudo!-exclamou ela.

Arrancou-se das mãos dos que a queriam deter e, arrastando David, entrou no pátio, donde passou para a cozinha.

Como a porta desta comunicava com a sala comum, David trancara-a cuidadosamente quando fugira com os outros criados. Angélique soltou um suspiro de alívio. Ao menos as grandes quantidades de gêneros alimentícios ali arrecadados não tinham ficado expostos ao furor destruidor dos miseráveis.

Ajudada pelo rapaz, encostou a mesa à parede e subiu para cima dela. Dali, através da bandeira, situada a meia altura, podia dar uma vista de olhos.

Viu a sala devastada, juncada de pratos e travessas, de toalhas sujas e copos partidos. Os presuntos e as lebres tinham sido dependurados das traves. Os bêbados tropeçavam neles e afastavam-nos a pontapé. As palavras obscenas das suas canções, das suas pragas e das suas blasfêmias ouviam-se agora distintamente.

Na sua maioria estavam reunidos à volta de uma mesa, junto da lareira. Pelas suas atitudes e pelas suas vozes, mais pastosas, adivinhava-se que não tardariam a adormecer. Ao clarão do lume, a visão daquelas bocas abertas e vociferantes, debaixo das máscaras negras, tinha algo de sinistro. As roupas suntuosas estavam cobertas de nódoas de vinho e gordura, e talvez também de sangue.

Angélique procurava distinguir o corpo do Maçarico e do assador, mas as velas tinham sido derrubadas e o fundo da sala encontrava-se na penumbra.

- Qual foi o primeiro que atacou o Maçarico? -perguntou em voz baixa.

- Aquele baixinho que está ali à ponta da mesa, o que tem muitas fitas cor-de-rosa no gibão cor de pervinca. Era ele que parecia dar o exemplo e incitar os outros.

No mesmo instante, aquele que David indicava levantou-se penosamente, ergueu o copo com mão trêmula e gritou em voz de falsete:

- Senhores, bebo à saúde de Astreia e Asmodeu, príncipes da amizade!

- Oh, aquela voz!... -exclamou Angélique, recuando. Reconhecê-la-ia entre mil. Era a voz que de vez em quando ainda ouvia nos seus piores pesadelos: "Senhora, ides morrer!"

Ele, sempre ELE. Teria sido escolhido pelos Infernos para representar constantemente junto dela o demônio de um destino maléfico?

- Foi ele que deu ao Maçarico a primeira cutilada? - perguntou.

- Talvez, não sei. Mas aquele alto, ali atrás, de calções encarnados, também o feriu.

Mais outro que não precisava de tirar a máscara para que o reconhecesse.

O irmão do rei e o cavaleiro de Lorena! Agora tinha a certeza de poder dar um nome a todos os outros rostos mascarados!

De súbito, um dos bêbedos começou a atirar as cadeiras e os bancos para o lume. Outro pegou numa garrafa e, de longe lançou-a através da sala. A garrafa reventou no lume. Era de aguardente. Brotou uma grande chama que envolveu imediatamente os móveis. Uma labareda infernal penetrou estrepitosamente na chaminé e saltaram tições crepitantes para os mosaicos.

Angélique desceu do seu posto de observação.

- Vão incendiar a casa. É preciso detê-los!

Mas o aprendiz envolveu-a nos braços musculosos.

- Não ireis. São capazes de vos matar!

Lutaram um instante. Com as forças decuplicadas pela cólera e pelo medo do fogo, Angélique conseguiu soltar-se e repelir David.

Ajustou a máscara. Também não queria ser reconhecida.

Resolutamente, correu os ferrolhos e abriu com estrépito a porta da cozinha.

O aparecimento daquela mulher envolta na sua capa preta e tão curiosamente mascarada de vermelho deixou por instantes estupefatos os folgazões.

O tom dos seus cantos e dos seus gritos baixou.

- Oh, a máscara vermelha!

- Senhores -disse Angélique, com voz vibrante -, perdestes a razão? Não receais a cólera do rei quando a voz pública lhe der conhecimento dos vossos crimes?

No silêncio embrutecido que se seguiu, Angélique adivinhou que proferia a única palavra - o rei!- capaz de penetrar nos cérebros enevoados dos bêbedos e de neles acender um clarão de lucidez.

Aproveitando a sua vantagem, avançou audaciosamente. A sua intenção era aproximar-se da lareira e tirar os móveis incendiados, a fim de reduzir o braseiro e evitar assim que o fogo da chaminé se propagasse ao resto da sala.

Foi então que viu debaixo da mesa o corpo horrivelmente mutilado de mestre Bourjus. Junto dele, o pequeno Maçarico, com a barriga aberta, o rosto branco como neve e calmo como o de um anjo, parecia dormir. O sangue das duas vítimas misturava-se com os regos de vinho que corriam por entre os cacos das garrafas.

O horror de semelhante espetáculo paralisou-a um segundo. Como um domador que, tomado de pânico, vira por instantes as costas às feras, perdeu o domínio da matilha, o que bastou para desencadear de novo a tempestade.

- Uma mulher! Uma mulher!

- Era o que nos faltava!

Uma mão brutal abateu-se na nuca de Angélique. Recebeu uma pancada numa têmpora. Tudo se tornou negro. Uma náusea sufocou-a. Perdeu a noção do sítio onde estava.

Algures, uma voz de mulher soltava um grito agudo e contínuo... Adivinhou que era ela quem gritava.

Estava estendida em cima da mesa e as máscaras negras inclinavam-se sobre si, soltando grandes gargalhadas entrecortadas.

Mãos de ferro imobilizavam-lhe os pulsos e os tornozelos. Levantaram-lhe as saias violentamente.

- De quem é a vez? Quem é que a monta?

Gritava como se grita nos pesadelos, num paroxismo de desespero e terror.

Um corpo abateu-se sobre o seu. Uma boca colou-se à sua boca.

Em seguida houve como que um silêncio brusco, tão profundo que Angélique julgou ter perdido verdadeiramente os sentidos. Não se tratava, porém, disso. Os seus carrascos é que acabavam de se calar e imobilizar. Os seus olhos nublados e assustados observavam qualquer coisa que estava no chão e Angélique não via.

Aquele que um segundo antes subira para a mesa e se preparava para violar a jovem afastara-se precipitadamente. Sentindo os braços e as pernas livres, Angélique levantou-se e baixou violentamente as compridas saias. Não compreendia o que se passava. Dir-se-ia que a varinha de um mágico acabava de súbito de petrificar os canalhas.

Deixou-se deslizar lentamente para o chão. Viu então Sorbona, que derrubara o homenzinho de gibão

cor de pervinca e lhe segurava firmemente a garganta nos dentes. O cão entrara pela porta da cozinha e atacara com a rapidez de um relâmpago.

Um dos libertinos gaguejou:

- Chamai o vosso cão... Onde... onde está a pistola?

- Quietos! -ordenou Angélique. -Se fizerdes um só movimento, mando-o estrangular o irmão do rei!

As pernas tremiam-lhe como as de um cavalo exausto, mas a sua voz era clara.

- Quietos, senhores -repetiu. -De contrário, assumireis TODOS perante o rei a responsabilidade desta morte.

Depois, muito calma, deu alguns passos. Olhou para Sorbona. O cão segurava a sua vítima como lhe ensinara Desgrez. Uma só palavra e aquelas maxilas de aço triturariam por completo aquela carne palpitante e fariam estalar os ossos. Da garganta do Sr. de Orleães brotavam sons inarticulados. Estava roxo de sufocação.

- Warte - disse Angélique, suavemente.

Sorbona abanou levemente a cauda para mostrar que compreendera e esperava ordens. À volta deles, os autores da orgia mantinham-se imóveis, na atitude em que os surpreendera a irrupção do cão. Estavam tão ébrios que nem procuravam compreender o que se passava. Viam apenas que Monsieur, o irmão do rei, estava prestes a ser estrangulado e isso bastava para os aterrorizar.

Sem desviar a vista da cena, Angélique abriu uma das gavetas da mesa, tirou uma faca e aproximou-se do homem de calções encarnados, que se encontrava mais perto dela.

Ao vê-la levantar a faca, o homem recuou.

- Quietos!- ordenou a jovem em tom que não admitia réplica. - Não pretendo matar-vos. Quero apenas saber com que se parece um assassino que usa rendas.

E, com um gesto rápido, cortou a fita que segurava a máscara do cavaleiro de Lorena. Depois de observar aquele belo rosto devastado pela devassidão - rosto que conhecia muito bem por o ter visto inclinado sobre si no Louvre, numa noite que jamais esqueceria -, aproximou-se dos outros.

Embrutecidos, no último grau da embriaguez, deixaram-na tirar-lhes as máscaras e reconhecê-los a todos, todos: Brienne, o marquês d'Olone, o belo De Guiche, seu irmão Louvignys e aquele que, quando o descobriu, esboçou uma careta trocista e murmurou:

- Máscara negra contra máscara vermelha...

Era Péguilin de Lauzun. Reconheceu também Saint-Thierry e Frontenac. Um fidalgo elegante ressonava deitado no chão, em cima de poças de vinho e vomitado. Angélique sentiu-se invadida por uma onda de ódio e amargura rancorosa quando identificou o marquês de Vardes.

Ah, os belos jovens do rei! Admirara-lhes outrora a plumagem cintilante, mas a estalajadeira da Máscara Vermelha só tinha direito à imagem da sua alma corrompida!

Três eram-lhe desconhecidos. O último, porém, despertou nela uma recordação, mas tão vaga que a não pôde precisar.

Era um rapaz alto e magro, de magnífica peruca de um louro-dourado. Menos ébrio do que os outros, estava encostado a um dos pilares da sala e simulava limar as unhas. Quando Angélique se aproximou, não esperou que lhe cortasse o cordão da máscara; tirou-a ele próprio, com um gesto gracioso e negligente. Os seus olhos, de um azul muito pálido, tinham uma expressão gelada e desdenhosa que a perturbou. A tensão nervosa que a sustinha esfumou-se e invadiu-a uma grande fadiga.

O suor parecia lavar-lhe as têmporas, pois o calor da sala tornara-se insuportável.

Voltou para junto do cão e segurou-o pela coleira para que largasse a presa. Esperara que Desgrez aparecesse, mas continuava sozinha e abandonada no meio daqueles fantasmas perigosos. A única presença que lhe parecia real era a de Sorbona.

- Levantai-vos, Monsenhor - disse com voz cansada.-E agora saíam todos daqui. Já fizestes bastante mal.

Vacilantes, com a máscara numa das mãos e arrastando com a outra os corpos inertes do marquês de Vardes e do irmão do rei, os cortesãos saíram. Na rua tiveram de se defender de espada em punho dos cozinheiros, que, armados de espetos, os perseguiram soltando gritos de cólera e de revolta.

Sorbona farejava o sangue e rosnava, com os beiços negros arrepanhados. Angélique puxou para si o corpito do pequeno vendedor de barquinhos e acariciou-lhe a testa pura e gelada.

- Maçarico! Maçarico! Querido pequeno... pobre criança... Um clamor vindo de fora arrancou-a ao seu desespero.

- O incêndio! O incêndio!

O fogo declarara-se na chaminé e comunicara-se ao forro da casa. Começavam a cair destroços na lareira e um fumo espesso invadia a sala.

Levando consigo o Maçarico, Angélique precipitou-se para fora da divisão. A rua estava iluminada como em pleno dia. Clientes e assadores mostravam uns aos outros apavorados as labaredas que saíam do telhado da velha casa. Milhares deagulhas choviam sobre os telhados vizinhos.

As pessoas correram para o Sena, que ficava perto, a fim de organizarem uma cadeia de baldes e de selhas. Mas o incêndio ganhara altura e foi necessário transportar a água através dos andares superiores das duas casas vizinhas, pois a escada da Máscara Vermelha ruíra.

Acompanhada de David, Angélique tentou voltar à sala para trazer o corpo de mestre Bourjus, mas ambos tiveram de recuar, sufocados pelo fumo. Então, pelo pátio, entraram na cozinha e retiraram desordenadamente tudo o que lá se encontrava.

Entretanto chegaram os capuchinhos e a multidão aclamou-os. O povo gostava dos monges, cuja regra incluía a obrigação de acudir aos incêndios e que tinham acabado por se tornar o único corpo de bombeiros da cidade.

Traziam consigo escadas e ganchos de ferro e grandes seringas de chumbo destinadas a lançar de longe fortes jactos de água.

Assim que chegaram ao local do sinistro arregaçaram as mangas dos hábitos de burel e, sem se preocuparem com os restos incandescentes que lhes caíam na cabeça, entraram nas casas contíguas. Pouco depois apareceram nos telhados e começaram a demolir tudo à sua volta com os ganchos. Graças à sua enérgica intervenção, a casa em chamas foi isolada e, como não havia vento, o incêndio não se comunicou ao resto do quarteirão. Toda a gente temia os grandes flagelos de que Paris, com o seu amontoado de velhas casas de madeira, era vítima duas ou três vezes por século.

Uma grande brecha entulhada de calça e cinzas era tudo o que restava no sítio onde ainda na véspera se erguia a simpática estalagem da Máscara Vermelha. Mas o fogo estava extinto.

Com a cara enegrecida, Angélique contemplava a ruína das suas esperanças. A seu lado encontra vá-se o cão Sorbona.

"Onde estará Desgrez? Oh, quero ver Desgrez!", pensou. "Ele me dirá o que devo fazer."

Segurou o cão pela coleira.

- Leva-me ao teu dono.

Não teve de ir muito longe. A poucos metros de distância, na sombra de um portal, distinguiu o chapéu e a grande capa do polícia, que moia tranquilamente um bocado de tabaco.

- Bons dias - disse com a sua voz calma.-Má noite, não é verdade?

- Estáveis aqui, a dois passos!-exclamou Angélique sufocada. - Porque não fostes à estalagem?

- Porque havia de ir?

-Não me ouvistes gritar?

- Não sabia que éreis vós, senhora.

- Que importância tinha isso? Era uma mulher que gritava!

- Não posso correr em socorro de todas as mulheres que gritam- redarguiu Desgrez com bom humor. - No entanto, acreditai, senhora, que, se soubesse que se tratava de vós, teria ido.

Ela resmungou com rancor:

- Duvido!

Desgrez suspirou.

- Não arrisquei já uma vez a minha vida e a minha carreira por vós? Poderia perfeitamente arriscá-las segunda vez. Para meu mal, tornaste-vos, na minha vida, senhora, um hábito deplorável, e muito receio que, apesar da minha prudência inata, ainda acabe por perder a pele por isso.

- Deitaram-me em cima de uma mesa... Queriam violar-me. Desgrez deitou-lhe um olhar sarcástico.

- Só isso? Poderiam fazer pior...

Angélique passou a mão pela testa, perturbada.

- É verdade! Experimentei uma espécie de alívio quando verifiquei que era apenas isso que queriam. E depois Sorbona chegou... a tempo!

- Sempre tive uma grande confiança nas iniciativas desse cão.

- Fostes vós que o mandastes?

- Evidentemente.

A jovem soltou um profundo suspiro e, num gesto espontâneo de fraqueza e desculpa, encostou a cara ao ombro ossudo do rapaz.

- Obrigada.

- Como deveis saber -prosseguiu Desgrez no tom calmo que a exasperava e tranquilizava ao mesmo tempo -, só aparentemente pertenço à polícia do Estado. Sou sobretudo polícia do rei. Já me não impressionam os encantadores excessos dos nossos nobres senhores. Vamos, minha querida amiga, ainda não vivestes o bastante para ignorardes assim a que mundo pertenceis? Quem não seguiria a moda? A embriaguez é uma brincadeira, a devassidão levada até à lubricidade um capricho inofensivo e a orgia levada até ao crime um agradável passatempo. De dia são todos salamaleques na corte e fidalgos distintos; à noite, amor, tavolagens e tabernas. Não é uma existência invejável? Enganais-vos se imaginais que essas pessoas são temíveis. Na realidade, os seus pequenos divertimentos são pouco perigosos! O único inimigo, o pior inimigo do reino, é aquele que com uma palavra pode corromper o seu poderio: é o gazeteiro, o jornalista, o panfletário. Eu persigo os panfletários.

- Nesse caso podeis continuar com a caçada -redargüiu Angélique, endireitando-se, com os dentes apertados.-Prometo-vos que vos arranjarei que fazer.

Acudira-lhe de súbito uma idéia. Afastou-se e deu alguns passos, mas depois voltou atrás.

- Eles eram treze e de três não sei os nomes. Descubram-nos. ****

O polícia tirou o chapéu e inclinou-se.

- Às vossas ordens, senhora - respondeu, recuperando a voz e o sorriso do advogado Desgrez.

CAPÍTULO VI – O escândalo do pequeno vendedor de barquinhos

Como quando do seu primeiro encontro, descobriu Cláudio Lê Petit a dormir num barco de feno do lado do Arsenal. Acordou-o e relatou-lhe os acontecimentos da noite. Todos os seus esforços estavam aniquilados. Os libertinos cobertos de rendas tinham-lhe mais uma vez destruído a vida, tão seguramente como um exército em debandada destrói o país que atravessa.

- Tens de me vingar - repetia com os olhos brilhantes de febre.-Só tu me podes vingar. Só tu, porque és o seu maior inimigo, como me disse Desgrez.

O poeta bocejava ruidosamente e esfregava os olhos piscos de sono.

- Estranha mulher!-disse por fim.-Tratas-me por tu de súbito. Porquê?

Agarrou-a pela cintura e quis puxá-la para si. Ela soltou-se com impaciência.

- Presta atenção ao que te digo!

- Daqui a cinco minutos estás a chamar-me nomes. Já não és uma mendigazinha, mas sim uma grande dama a dar ordens. Pois sim, estou às vossas ordens, marquesa. De resto, já percebi tudo. Por qual queres que comece? Por Brienne? Recordo-me que cortejou M lie de La Vallière e que desejava mandá-la pintar vestida de Madalena. Além disso, o rei dificilmente o suporta. Portanto, vamos servi-lo como aperitivo ao jantar de Sua Majestade.

Virou o belo rosto pálido para o leste, onde nascia o Sol.

- Sim, ainda deve ser possível servi-lo ao jantar... Os prelos de mestre Gilberto estão sempre prontos quando se trata de multiplicar o eco do meu ranger de dentes contra o poder. Já te disse que o filho de mestre Gilberto foi outrora condenado às galés não sei por que pecadilho? Excelente coisa, para nós, não é verdade?

E, tirando do casacão uma velha pena de ganso, o Caga-Versos pôs-se a escrever.

O dia nascia. Todos os sinos das igrejas e dos conventos tocavam alegremente o angelus.

Pouco antes do meio-dia, o rei saiu da capela onde acabava de ouvir missa e atravessou a antecâmara onde o esperavam os apresentadores de petições. Notou que o pavimento estava juncado de folhetos brancos que um lacaios confuso se apressava a apanhar, como se apenas naquela altura os acabasse de ver, e seguiu o seu caminho. Mas um pouco mais adiante, ao descer a escada que levava aos seus aposentos, Luís XIV deparou com a mesma desordem e manifestou o seu desagrado.

- Que significa isto? Parece que caem papéis aqui como folhas no Outono no Cours-la-Reine. Deixai-nos ver, por favor.

O duque de Créqui, muito corado, interpôs-se:

- Majestade, essas lucubrações não têm nenhum interesse... -Ah, já vejo do que se trata! -atalhou o rei estendendo a mão, impaciente. - Mais umas lucubrações desse maldito Caga-Versos da Ponte Nova, que escapa como uma enguia por entre as mãos dos archeiros e vem até ao meu palácio depositar as suas porcarias debaixo dos meus passos. Dai-me isso, peço-vos... Não há dúvida de que se trata dele! Quando virdes o Sr. Tenente da Polícia e o Sr. Preboste de Paris, apresentai-lhes os meus parabéns, senhores...

Quando se sentou à mesa para jantar, diante de três perdizes com uvas, uma caldeirada de peixe, um assado com pepinos e uma travessa de croquetes de língua de baleia, Luís XIV pousou junto de si o papel emporcalhado, cuja tinta ainda úmida sujava os dedos. O rei era um bom garfo e havia muito tempo que se habituara a dominar a sua sensibilidade. O seu apetite não foi, portanto, perturbado pelo que leu. Mas, quando acabou de ler, o silêncio que reinava na sala, onde, em regra, os gentis-homens tagarelavam alegremente com o soberano, era tão pesado como o de uma cripta.

O panfleto estava escrito em linguagem crua e grosseira, mas, apesar disso, as palavras feriam como dardos. Era o estilo que havia mais de dez anos caracterizava aos olhos de todos os habitantes de Paris o espírito irreverente da cidade.

Contavam-se nele as altas façanhas do Sr. de Brienne, primeiro gentil-homem do rei, do homem que, não contente com ter pretendido roubar "a ninfa dos cabelos de luar" ao senhor a quem devia tudo, nem com dar azo, por via dos seus desentendimentos com a esposa, a um escândalo permanente, estivera na noite anterior numa assadaria da Rua do Vale da Miséria onde esse galante jovem e os seus companheiros, depois de violentarem um pequeno vendedor de barquinhos, o tinham esventrado à espada. E, como se isso não bastasse, haviam castrado o dono da casa, que por esse fato morrera, aberto a cabeça ao sobrinho, violado a filha e terminado a brincadeira deitando fogo ao estabelecimento, que ficara reduzido a cinzas.

Querem fazer-nos crer que estes crimes e estes vandalismos

São realmente a triste façanha de alguns desconhecidos.

Mas eles eram treze, todos nobres personagens.

Fulano fez isto. Cicrano fez aquilo.

Cada dia revelará um nome, e o último

Será o de quem matou uma criança de tenra idade,

Um nome sonante, que todos já tereis ouvido.

Quem é o assassino do pequeno vendedor de barquinhos?

- Por São Dinis! -exclamou o rei.-Se isto é verdade, Brienne merece a força. Algum de vós ouviu falar destes crimes, senhores?

Os cortesãos gaguejaram e alegaram que estavam muito pouco ao corrente dos acontecimentos da noite.

Então o rei, vendo um jovem pajem que ajudava a servir à mesa, ordenou-lhe à queima-roupa:

- Vós, meu filho, que deveis ser grande bisbilhoteiro e curioso como é próprio da vossa idade, contai-me resumidamente o que se dizia esta manhã na Ponte Nova.

O adolescente corou, mas, como pertencia a uma família respeitável, respondeu sem se perturbar demasiado:

- Sir, diz-se que tudo o que conta o Caga-Versos é verdade e aconteceu esta noite na estalagem da

Máscara Vermelha. Eu próprio e uns companheiros vimos, quando vínhamos de dançar a farândola, as chamas que consumiam a estalagem e corremos para ajudar a apagar o incêndio, mas os capuchinhos já lá estavam. As outras casas ficaram intactas.

- Dizia-se que o sinistro fora causado por gentis-homens?
- Dizia-se, mas não se sabiam os seus nomes porque estavam mascarados.
- Que mais sabeis?

O rei não tirava os olhos dos do pajem, e este, que, apesar de rapaz, já era cortesão, receava pronunciar alguma palavra que o fizesse cair em desfavor. No entanto, obedecendo à injunção daquele olhar imperioso, baixou a cabeça e murmurou:

- Sir, vi o corpo do pequeno vendedor de barquinhos. Estava morto e tinha a barriga aberta. Uma mulher tirara-o do fogo e apertava-o nos braços. Também vi o sobrinho do dono da estalagem com a cabeça ligada.

- E o dono da estalagem?
- Não foi possível retirar o corpo do incêndio. As pessoas diziam...

O pajem esboçou um sorriso, com a louvável intenção de desanuviar o ambiente.

- As pessoas diziam que fora uma bela morte para um assador...

Mas o rosto do rei conservou-se de gelo e os cortesãos levaram rapidamente a mão aos lábios para dissimularem um sorriso inconveniente.

- Ide-me buscar o Sr. de Brienne -ordenou o rei.- E vós, Sr. Duque -acrescentou dirigindo-se ao duque de Créqui -, mandai transmitir ao Sr. d'Aubrays as seguintes instruções: por um lado, que sejam coligidas todas as informações e averiguados todos os pormenores acerca do incidente desta noite e que me seja apresentado sem demora um relatório a tal respeito; por outro, que todo o portador ou vendedor destes papéis seja imediatamente preso e conduzido ao Châtelet. Mais, qualquer transeunte surpreendido a apanhar ou a ler um destes papéis deverá ser punido com uma multa pesada e ameaçado de ser processado e preso. Quero também que sejam imediatamente tomadas as mais enérgicas medidas para a descoberta do mestre tipógrafo e do Sr. Cláudio Lê Petit.

Encontraram o conde de Brienne em casa, metido na cama pelos criados e a cozer penosamente a bebedeira.

- Meu caro amigo -disse-lhe o marquês de Gesvres, comandante dos guardas -, traz-me junto de vós o cumprimento de um desagradável dever. Embora tal me não tenha sido determinado, creio que, na realidade, estou aqui para vos prender.

E pôs-lhe diante do nariz o poema com que se deliciara durante o trajeto, sem se preocupar com a eventualidade de ser multado.

- Sou um homem perdido - declarou Brienne, com voz pastosa.-As coisas correm depressa neste reino! Ainda não consegui... despejar todo o vinho que bebi naquela maldita estalagem e já me querem obrigar a pagá-lo.

- Sr. Ministro - disse-lhe Luís XIV -, é-me penoso falar convosco por muitas razões. Portanto, sejamos breves. Confessais ter participado esta - noite nos ignóbeis atentados denunciados neste papel? Sim ou não?

- Sir, estive lá, mas não cometi todas essas torpezas. O próprio Caga-Versos reconhece que não fui eu quem assassinou o pequeno vendedor de barquinhos.

- Quem foi então?

O conde de Brienne não respondeu.

- Agrada-me que não lanceis inteiramente para cima de outros uma responsabilidade que compartilhaiis em grande medida, como se vê pela vossa cara. De qualquer forma, tanto pior para vós, Sr. Conde, pois como tivestes a pouca sorte de ser reconhecido pagareis pelos outros. A arraia-miúda murmura... e com razão. Deve, portanto, ser feita justiça, e prontamente. Quero que esta noite se possa dizer na Ponte Nova que o Sr. de Brienne, está na Bastilha... e que será severamente castigado. Quanto a mim, estou encantado por ter oportunidade de me livrar de uma presença que já suportava com dificuldade. Sabeis porquê.

O pobre Brienne suspirou lembrando-se dos tímidos beijos que tentara roubar à terna La Vallière quando ainda ignorava a inclinação do seu senhor para a linda mulher.

la pagar ao mesmo tempo uma paixão cheia de inocência e uma orgia vergonhosa. Houve mais um gentil-homem em Paris para amaldiçoar a pena do poeta. No caminho da Bastilha, a carruagem que transportava Brienne foi detida por um grupo de vendedores das Halles. Brandiam exemplares do panfleto e as suas facas do ofício e exigiam que lhes entregassem o prisioneiro para o submeterem à operação... a que ele submetera o pobre Bourjus.

Brienne só respirou quando as pesadas portas da prisão se fecharam atrás de si e da sua virilidade salva.

Mas no dia seguinte de manhã caiu sobre Paris nova chuvada de panfletos. E, cúmulo da insolência, o rei encontrou o epigrama debaixo do prato de uma refeição ligeira que se preparava para comer antes de ir caçar gansos ao Bosque de Bolonha.

A caçada foi anulada e o Sr. d'Olone, monteiro-mor de França, tomou direção oposta à que contava seguir. Isto é, em vez de descer o Cours-la-Reine, subiu a Alameda de Santo António, que levava à Bastilha.

Com efeito, o novo panfleto mencionava-o expressamente como tendo segurado mestre Bourjus enquanto o assassinavam.

Cada dia revelará um nome, e o último

Será o de quem matou uma criança de tenra idade,

Um nome sonante, que todos já tereis ouvido.

Quem é o assassino do pequeno vendedor de barquinhos?

Em seguida foi a vez de Lauzun. Começou-se a apregoar o seu nome nas ruas quando se dirigia de carruagem para o Louvre a fim de assistir ao levantar do rei. Ato contínuo, Péguilin mandou dar meia volta aos cavalos e tomou a direção da Bastilha.

- Preparai o meu alojamento - disse ao governador.

- Mas, Sr. Duque, não tenho nenhuma ordem a vosso respeito.

- Descansai que a ides receber.

- Mas onde está a vossa carta de prego?

- Aqui - respondeu Péguilin, estendendo ao Sr. de Vannois a folha impressa que acabava de comprar por dez soldos a um garoto miserável.

Frontenac optou por fugir sem demora. Vardes desaconselhou-o vivamente de agir assim.

- A vossa fuga é uma confissão. Vai com certeza denunciar-vos. Ao passo que, continuando a simular

inocência, talvez acabeis por passar através dessa cascata de denúncias. Olhai para mim. Pareço comprometido? Gracejo, rio... Ninguém desconfia de mim e o próprio rei me confia quanto o caso o preocupa.

- Deixareis de rir quando chegar a vossa vez.

- Palpita-me que não chegará. "Eles eram treze", diz a canção. Ainda só foram denunciados três e já se diz que vendedores presos revelaram na tortura o nome do mestre tipógrafo. Dentro de uns dias a chuva de panfletos cessará e tudo reentrará na ordem.

- Não compartilho o vosso otimismo acerca da curta duração destes desagradáveis acontecimentos - redarguiu o marquês de Frontenac, levantando friorento a gola da sua capa de viagem. - Por mim, prefiro o exílio à prisão. Adeus.

Atingira a fronteira da Alemanha quando o seu nome apareceu e passou quase despercebido. Com efeito, na véspera, o próprio Vardes fora sacrificado à vindicta pública, e em tais termos que mesmo o rei ficara impressionado. Porque o Caga-Versos acusava, nem mais nem menos, "esse celerado mundano" de ser o autor da carta espanhola introduzida dois anos antes nos aposentos da rainha, com o único fim de a informar caridosamente das infidelidades do marido com Mlle de La Vallière. A acusação reabriu uma ferida ainda mal sarada no coração do soberano, que nunca conseguira deitar a mão aos culpados e por mais de uma vez trocara impressões com Vardes e lhe pedira conselho a tal respeito.

Enquanto interrogava o comandante dos guardas suíços e chamava à sua presença a Sra. de Soissons, amante e cúmplice de Vardes; enquanto a cunhada, Henriqueta de Inglaterra, também implicada na história da carta espanhola, se lhe lançava aos pés, e enquanto De Guiche e o Petit Monsieur discutiam azedamente em particular com o cavaleiro de Lorena, a lista dos criminosos da estalagem da Máscara Vermelha continuava a oferecer imperturbavelmente, todos os dias, uma nova lista à população. Louvignys e Saint-Thierry, antecipadamente resignados, tinham já tomado as suas disposições quando, uma bela manhã, souberam que Paris conhecia agora o número exato das suas amantes e das suas particularidades amorosas. Esses pormenores condimentavam o habitual estribilho:

Mas quem matou uma criança de tenra idade?

Quem é o assassino do pequeno vendedor de barquinhos?

Tirando partido da perturbação em que as revelações feitas acerca de Vardes tinham lançado o rei, Louvignys e Saint-Thierry conseguiram ser apenas demitidos dos seus cargos e intimados a tomar o caminho das suas terras.

Um vento de excitação soprava sobre Paris.

- A quem toca agora a vez? A quem toca agora a vez? -apregoavam todas as manhãs os vendedores de canções.

Arrancavam-lhes os papéis das mãos. Gritava-se o "nome" do dia da rua para as janelas e as pessoas da alta sociedade adquiriram o hábito de se interrogar misteriosamente quando se encontravam:

- Mas quem matou o vendedor de barquinhos?... - E desatavam a rir.

Depois começou a circular um boato e os risos desapareceram. No Louvre, um ambiente de pânico e profundo constrangimento substituiu a euforia dos que, nada tendo a pesar-lhes na consciência, seguiam alegremente o desenrolar daquela espécie de jogo do pimpampum. A rainha-mãe foi vista várias vezes a caminho do palácio real, aonde ia falar com o seu segundo filho. Nas imediações do palácio habitado pelo Petit Monsieur formavam-se grupos de curiosos hostis, calados. Ninguém falava ainda, ninguém afirmava, mas corria o boato de que o irmão do rei participara na orgia da Máscara

Vermelha e que fora ELE quem assassinara o pequeno vendedor de barquinhos.

Angélique tomou conhecimento das primeiras reações da corte por intermédio de Desgrez.

No dia seguinte ao do atentado, na altura em que Brienne era conduzido à Bastilha e tinha dificuldade em lá chegar, o polícia batia à porta da casita da Rua dos Francs-Bourgeois, onde Angélique se refugiara.

A jovem escutou com ar carrancudo o relato que ele lhe fez das palavras e das decisões do rei e murmurou, com os dentes apertados:

- Imagina que com Brienne o caso fica arrumado, mas engana-se! Isto ainda agora começou... Primeiro atacamos os menos culpados. Mas a maré continuará a subir, a subir até ao dia em que o escândalo reberará, em que o sangue do Maçarico salpicará os degraus do trono.

Torcia com paixão as mãos pálidas e geladas.

- Acabo de o acompanhar ao Cemitério dos Santos Inocentes. Todas as vendedeiras das Halles deixaram as suas bancas e acompanharam o pobre entezinho que só recebera da existência a sua beleza e a sua gentileza. Príncipes viciosos roubaram-lhe o único bem que possuía, a vida. Mas embora muita gente se tenha incorporado no seu funeral...

- As mulheres das Halles estão neste momento a dizer das boas ao Sr. de Brienne - atalhou Desgrez.

- Que o enforcuem, que lhe deitem fogo à carruagem, que deitem fogo ao palácio real! Que deitem fogo a todos os palácios dos arredores: Saint-Germain, Versalhes...

- Incendiária! Aonde iríeis dançar depois, quando voltardes a ser uma grande dama?

Ela fitou-o intensamente e abanou a cabeça.

- Nunca, nunca mais voltarei a ser uma grande dama. Tentei tudo e tudo tornei a perder. Eles são os mais fortes. Tendes os nomes que vos pedi?

- Aqui estão - respondeu Desgrez, tirando um rolo de pergaminho da capa. -Resultado de um inquérito estritamente pessoal e que só eu conheço. Entraram na estalagem da Máscara Vermelha, a noite passada, o Sr. de Orleães, o cavaleiro de Lorena, o Sr. Duque de Lauzun...

- Oh, suplico-vos, nada de títulos! -suspistou Angélique. -Não está mais na minha mão – redargüiu Desgrez, rindo.

- Como sabeis, sou um respeitossíssimo funcionário do regime. Todos nós dizemos os Srs. de Brienne, de Vardes, de PlessisBellière, de Louvignys, de Saint-Thierry, de Frontenac, de Cavois, de Guiche, de La Vallière, d'Olone, de Tormes...

- De La Vallière? O irmão da favorita?

- O próprio.

- Quase me parece impossível tanta sorte...-murmurou, com os olhos brilhantes do prazer da vingança.- Mas... esperai, assim são catorze e eu só contei treze...

- De início eram catorze porque o Sr. Marquês de Tormes estava com eles. É um homem idoso que gosta de partilhar os excessos da juventude. Mas, quando viu quais eram as intenções do Monsieur a respeito do garoto, retirou-se dizendo: "Boas noites, meus senhores. Não desejo acompanhar-vos por esses caminhos escuros. Prefiro seguir por outros mais fáceis e ir dormir simplesmente com a marquesa de Raquenau." Ninguém ignora que essa dama gorda é sua amante.

- Excelente história para o fazer pagar a sua cobardia!

Desgrez observou por instantes o rosto crispado de Angélique e esboçou um meio sorriso.

- A maldade fica-vos bem. Quando vos conheci, éreis mais do gênero comovedor, daquele que atrai a matilha...

- E vós, quando vos conheci, éreis do gênero afável, alegre, franco, ao passo que presentemente às vezes quase vos odeio.

Dardejou-lhe o rosto com os raios dos seus olhos verdes e resmungou:

- Bófia do Diabo!

O polícia desatou a rir com ar divertido.

- Senhora, quem vos ouvisse diria que andastes com gente do mais baixo estofo.

Angélique encolheu os ombros, dirigiu-se para a chaminé e pegou numa acha com a tenaz para dissimular o seu embaraço.

- Tendes medo, não é verdade? - prosseguiu Desgrez com a sua voz arrastada de parisiense dos arrabaldes. - Tendes medo pelo vosso querido Caga-Versos? Desta vez, prefiro advertir-vos: será enforcado.

A jovem evitou responder, embora lhe apetecesse gritar: "Nunca o conseguirão enforcar! Não se prende o poeta da Ponte Nova. Voará como um pássaro e irá empoleirar-se nas torres de Notre-Dame."

Encontra vá-se num estado de exaltação que lhe arrepanhava os nervos até quase os quebrar. Espevitou o lume, conservando o rosto inclinado para as chamas. Tinha na testa uma pequena queimadura causada na noite anterior por uma fagulha. Porque se não ia Desgrez embora? No entanto, gostava que estivesse ali. Hábito antigo, sem dúvida.

- Que nome dissestes? - perguntou de súbito.-Du PlessisBellière? O marquês?

- Agora quereis títulos? Pois bem, trata-se de fato do marquês Du Plessis-Bellière, marechal-de-campo do rei... Do vencedor de Norgen, como sabeis.

- Filipe! -murmurou Angélique.

Como não o reconhecera quando tirara a máscara e pousara nela o mesmo olhar de um azul-frio que pousava outrora, tão desdenhosamente, na prima de vestido cinzento? Filipe Du PlessisBellière! O castelo do Plessis apareceu-lhe pousado como uma branco nenúfar no seu lago...

- Como tudo isto é estranho, Desgrez! Esse homem é um dos meus parentes, um primo que morava a umas léguas do nosso castelo. Brincamos juntos.

- E agora, que o priminho veio brincar convosco nos botequins, ides poupá-lo?

- Talvez. No fim de contas, eram treze. Com o marquês de Tormes, a conta ficará completa.

- Não estareis a ser imprudente, minha amiga, contando todos os vossos segredos a um bófia do Diabo?

- O que vos digo não vos ajudará a descobrir o tipógrafo do Caga-Versos, nem como os panfletos entram no Louvre. Além disso, não me atraioareis, estou certa!

- Não, senhora, não VOS atraioarei. Mas também vos não enganarei. Desta vez o Caga-Versos será enforcado!

- Veremos!

- Ai de nós! De fato, veremos -repetiu.-Até à vista, senhora. Quando a deixou, teve dificuldade em dominar o prolongado arrepio que se apoderou dela. O vento invernosoprava na Rua dos Francs-

Bourgeois e a tempestade rugia-lhe no coração. Nunca experimentara no íntimo de si mesma semelhante tormenta. A ansiedade, o medo, a dor eram-lhe familiares. Mas desta vez sentia um desespero intenso e sem lágrimas, para o qual recusava qualquer apaziguamento, qualquer consolação.

Audiger acorrera com a sua cara de homem virtuoso transtornada. Tomara-a nos braços, mas ela repelira-o.

- Minha pobre querida, é um verdadeiro drama. Mas não deveis desanimar. Deixai essa expressão trágica. Assustais-me!

- É uma catástrofe, uma terrível catástrofe! Agora, que a estalagem da Máscara Vermelha desapareceu, como arranjar dinheiro? As corporações não se consideram obrigadas a defender-me, antes pelo contrário, e o meu contrato com mestre Borjus não tem presentemente valor. Por outro lado, as minhas economias não tardarão a desaparecer. Empatei ultimamente muito dinheiro a arranjar a sala e nas reservas de vinhos, aguardentes e licores. David ainda poderá tentar ser reembolsado pelo Serviço de Incêndios. Mas toda a gente sabe como são agarrados ao dinheiro. De qualquer modo, depois de o pobre rapaz perder toda a sua herança, não estaria muito certo que lhe exigisse o pouco dinheiro que poderá arranjar por esse meio. Tudo o que construí com tanto esforço desapareceu... Que vai ser de mim?

Audiger encostou a cara aos cabelos sedosos da jovem.

- Não receeis nada, meu amor. Enquanto eu viver, vós e os vossos filhos não sentireis falta seja do que for. Não sou rico, mas possuo dinheiro suficiente para vos ajudar. E, assim que montar o meu negócio, trabalharemos juntos, como estava combinado.

Ela arrancou-se-lhe dos braços.

- Mas não é isso que eu quero! -gritou.-Não desejo trabalhar convosco como criada...

- Não seria como criada, Angélique.

- Criada ou esposa é a mesma coisa. Queria entrar com a minha parte no negócio, em pé de igualdade...

-Ora aí está onde vos dói, Angélique! Quase me sinto inclinado a pensar que Deus quis castigar o vosso orgulho. Porque estais sempre a falar da igualdade da mulher? É quase uma heresia. Se vos deixásseis ficar modestamente no lugar que Deus reservou às pessoas do vosso sexo, sérieis mais feliz. A mulher nasceu para viver no seu lar, sob a proteção do marido, a quem deve rodear de cuidados, assim como aos filhos nascidos da sua união.

- Que quadro encantador! - troçou Angélique.-Pois ficai sabendo que essa existência recatada nunca me tentou. Foi por gosto pessoal que entrei na liça com dois filhos nos braços. Ide-vos embora, Audiger! Pareceis-me tão estúpido, de repente, que me dais vontade de vomitar.

- Angélique!

- Retirai-vos, por favor.

Já não o podia suportar. E também já não podia suportar as choraminguices de Bárbara, o ar imbecil de David e a expressão assustada de Javotte, e até a presença dos filhos, que, com o instinto das crianças quando sentem o seu universo em perigo, redobram gritos e caprichos. Estava farta de todos. Porque se lhe agarravam às saias? Perdera o leme e a tempestade arrastava-a no seu turbilhão, onde voavam como aves de grande porte as folhas brancas dos panfletos venenosos do Caga-Versos.

Compreendendo que a sua vez também chegaria, o marquês de La Vallière resolveu ir contar tudo à irmã, ao Palácio de Biron, onde Luís XIV instalara a favorita. Apesar de assustada, Luísa de La Vallière aconselhou o irmão a confiar-se lealmente ao rei.

O que ele fez.

- Arriscar-me-ia, se vos castigasse com excessiva severidade, a fazer chorar uns belos olhos que me são queridos - disse-lhe Sua Majestade.-Deixai Paris, senhor, e ide juntar-vos ao vosso regimento do Rossilhão. Nós abafaremos o escândalo.

Mas isso não era assim tão simples. O escândalo não queria deixar-se abafar. Prendia-se, interroga vâ-se, torturava-se, e todos os dias, com a regularidade de um fenômeno da natureza, aparecia um novo nome. O do marquês de La Vallière já não tardaria, nem o do cavaleiro de Lorena, nem o do irmão do rei! Todas as tipografias eram visitadas, vigiadas. A maioria dos vendedores da Ponte Nova encontravam-se nos calabouços do Châtelet.

Mas continuavam a aparecer panfletos até no quarto da rainha!

No Louvre, as idas e vindas foram vigiadas e as entradas guardadas como as de uma fortaleza. Todos os indivíduos que entravam no palácio às primeiras horas do dia - aguadeiros, leiteiros, criados, etc.- foram revistados até à pele. As janelas e os corredores tinham sentinelas. Era impossível um homem sair do Louvre ou introduzir-se no edifício sem ser notado.

"Um homem, não; mas um meio homem, talvez", dizia para consigo o polícia Desgrez, suspeitando muito do anão da rainha, o Catraia, que podia perfeitamente ser cúmplice de Angélique.

Como eram seus cúmplices os mendigos das esquinas das ruas, que escondiam maços de panfletos nos andrajos e os espalhavam nos degraus das igrejas e dos conventos; e os espadachins que à noite, depois de roubarem um burguês retardatário, lhe davam "em troca" alguns folhetos a ler, "para se consolar"; e as floristas e as vendedeiras de laranjas da Ponte Nova; e o Grande Mateus, que espalhava, a pretexto de distribuir receitas gratuitas à amável clientela, as novas lucubrações do Caga-Versos.

Como era seu cúmplice, enfim, o próprio novo Grande Coesre, o Cu de Pau, para o feudo do qual, numa noite sem Lua, Angélique mandou transportar três arcas cheias de panfletos em que eram desvendados os nomes dos cinco últimos culpados. Uma rusga da polícia nos antros fétidos do Arrabalde de São Dinis era pouco provável. A ocasião parecia mal escolhida para assaltar um bairro cuja capitulação exigiria uma verdadeira batalha.

Apesar da sua vigilância, archeiros, meirinhos e beaguins não podiam estar em toda a parte. A noite continuava a ser ainda todo-poderosa e a marquesa dos Anjos, ajudada pelos seus "homens", pôde transferir sem incidentes as arcas do Bairro da Universidade para o palácio do Cu de Pau.

Duas horas mais tarde eram presos o tipógrafo e os seus empregados. Um vendedor encarcerado no Châtelet e que tivera de engolir pela mão do carrasco cinco chaleiras de água fria, dera o nome do mestre. Encontraram-se na oficina do tipógrafo as provas da sua culpabilidade, mas nenhum vestígio das futuras denúncias. Houve quem se agarrasse à esperança de que ainda não tinham visto a luz do dia, mas o desânimo voltou quando, de manhã, Paris soube da cobardia do Sr. Marquês de Tormes, que, em vez de defender o pequeno vendedor de barquinhos, deixara os companheiros dizendo: "Até à vista, senhores. Vou dormir com a marquesa de Raquenau, como de costume."

O marquês de Raquenau estava perfeitamente a par da sua infelicidade conjugal. Mas, ao vê-la proclamada por toda a cidade, achou-se no dever de ir desafiar o seu rival. Bateram-se em duelo e o marido foi morto. Enquanto o Sr. de Tormes se vestia, o marquês de Gesvres apareceu e apresentou-lhe a sua ordem de prisão. O marquês de Tormes, que ainda não lera o panfleto acusador, julgou que o levavam para a Bastilha por se ter batido em duelo.

-Faltam só quatro! Faltam só quatro!-cantavam os garotos, formando farândolas.

- Faltam só quatro! Faltam só quatro! - grita vá-se debaixo das janelas do palácio real.

Os guardas dispersavam à chicotada a multidão que os injuriava.

Exausto e perseguido de esconderijo em esconderijo, Cláudio Lê Petit acabou por ir ter a casa de Angélique. Estava mais pálido do que nunca e tinha a cara enegrecida pela barba.

- Desta vez, minha linda -disse, com um sorriso crispado -, isto cheira a esturro. Parece-me que não conseguirei safar-me por entre as malhas da rede.

- Não fales assim! Tu próprio me disseste inúmeras vezes que nunca te prenderiam.

- Falamos assim quando ainda nada nos atingiu a nossa força. Mas depois, de súbito, a força foge-nos por um ponto fraco e então vemos claro.

Fora ferido ao fugir por uma janela, a que tivera de partir os vidros e torcer os caixilhos de chumbo.

Obrigou-o a deitar-se na cama, pensou-o e deu-lhe de comer. Ele seguia-lhe os movimentos com atenção e ela sentia-se inquieta por lhe não encontrar nos olhos o habitual brilho trocista.

- O meu ponto fraco és tu - disse ele bruscamente. - Teria sido melhor não te encontrar... nem amar. Desde que começaste a tratar-me por tu, compreendi que me converteras em teu criado.

- Claude, porque me dizes essas coisas? - protestou, magoada. - Eu... senti que estavas muito próximo de mim, que farias tudo por mim. Mas, se queres, deixarei de te tratar por tu.

Sentou-se à beira da cama, pegou-lhe na mão e pousou nela a cara, num gesto terno.

- Meu poeta...

Ele soltou-se e fechou os olhos.

- Ah!-suspirou.-O pior para mim é isso. Junto de ti, um homem põe-se a sonhar como um burguês estúpido e a dizer para consigo: "Gostaria de regressar todas as tardes a uma casa quente e luminosa onde ela me esperaria! Gostaria de a reencontrar todas as noites na minha cama, tépida e roliça, submissa ao meu desejo. Gostaria de ter uma barriga de burguês e de me sentar à tardinha à porta e dizer 'a minha mulher' falando dela aos vizinhos." Aqui tens o que um homem diz quando te conhece. E começa a achar as mesas das tabernas duras para dormir, que faz frio entre as patas do cavalo de bronze e que está sozinho no mundo, como um cão sem dono.

- Falas como o Milongas - redargüiu Angélique, pensativa. -Também a ele fizeste mal. Porque, no fundo, não passas de uma ilusão, fugaz como uma borboleta, ambiciosa, lúcida, impossível de apanhar...

A jovem não respondeu. Estava para além das disputas e das injustiças. Acabava de lhe aparecer o rosto de Joffrey de Peyrac na véspera de ser preso e também o de Milongas um pouco antes da batalha da Feira de Saint-Germain. Alguns homens recuperam, na hora da derrota, o instinto dos animais. Quem não notou a tristeza dos soldados ao partirem para o combate onde a morte os espera?

Desta vez não se devia deixar apanhar de surpresa; era necessário lutar contra o destino.

- Vais deixar Paris - decidiu.- A tua tarefa terminou, pois os últimos panfletos estão escritos, impressos e em lugar seguro.

- Deixar Paris? Eu? Mas para onde iria?

- Para casa da tua velha ama, dessa mulher de quem me falaste e te criou nas montanhas do Jura. Estamos em pleno Inverno, os caminhos encontram-se cobertos de neve e ninguém te irá procurar tão longe. Vais deixar a minha casa, que não é segura, e refugiar-te em casa do Cu de Pau. À meia-noite deste mesmo dia dirigir-te-ás para a Porta de Montmartre, que está sempre muito mal guardada. Encontrarás aí um cavalo e nas bolsas da sela dinheiro e uma pistola.

- Entendido, marquesa - disse ele, bocejando, e levantou-se para partir.

A sua submissão atormentava mais Angélique do que uma audácia imprudente. Seria fadiga, medo ou efeito do ferimento? O caso é que parecia agir como um sonâmbulo. Antes de a deixar olhou-a demoradamente, sem sorrir.

- Agora és muito forte e podes deixar-nos pelo caminho... Angélique não compreendeu o que ele queria dizer. As palavras já não a impressionavam e sentia o corpo dorido como se lhe tivessem batido.

Não ficou a ver afastar-se, debaixo da chuva fina, a silhueta magra e escura do Caga-Versos.

De tarde foi ao mercado dos animais da Feira de Saint Germain, comprou um cavalo que lhe custou parte das suas economias e depois passou pela Rua do Vale do Amor, onde pediu "emprestada" ao Fanchono uma das suas pistolas.

Ficou decidido que, por volta da meia-noite, o Fanchono, o Papoila e mais alguns outros levariam o cavalo à Porta de Montmartre, para onde Cláudio Lê Petit se dirigiria, por seu turno, com alguns homens de confiança do Cu de Pau. Os "manhosos" escoltá-lo-iam através dos arrabaldes até ao campo.

Estabelecido o seu plano, Angélique recuperou um pouco a calma. À noite subiu ao quarto dos filhos e depois ao sótão, onde abrigava David. O rapaz estava com muita febre porque o ferimento, mal tratado, agravara-se.

Mais tarde, no seu quarto, Angélique começou a contar as horas. Os filhos e os criados dormiam; o macaco Piccolo, depois de arranhar à porta, instalara-se na pedra da lareira. Angélique, com os cotovelos fincados nos joelhos, contemplava o fogo. Dentro de duas horas, ou de uma, Cláudio Lê Petit estaria livre de perigo. Nessa altura respiraria melhor, deitar-se-ia e procuraria dormir. Desde o incêndio da Máscara Vermelha parecia-lhe que esquecera o sono.

Soaram passos de cavalo nas pedras da calçada, que depois cessaram. Bateram à porta. Com o coração a saltar-lhe no peito, foi abrir o postigo do ralo. -Sou eu, Desgrez.

- Vindes como amigo ou como polícia?

- Abri. Já vos digo.

Correu os ferrolhos, pensando que a visita de um polícia a sua casa era extremamente desagradável, mas que, no fundo, se sentia feliz por ver Desgrez, pois sempre era melhor do que estar para ali sozinha com a sensação de que cada minuto do relógio lhe caía no coração como um pingo de chumbo derretido.

- Onde está Sorbona?

- Não o trouxe comigo esta noite.

Angélique notou que debaixo da capa molhada trazia um gibão de fazenda vermelha puarnecido de galões pretos e adornado com um cabeção e punhos de renda. Com a sua espada e as suas botas de montar, poderia passar perfeitamente por um fidalgo da província muito orgulhoso de se encontrar na capital.

- Venho do teatro -disse alegremente.-Uma missão bastante delicada junto de uma bela...

- Já não perseguis os pobres panfletários?

- Talvez tenham chegado à conclusão de que sirvo para mais alguma coisa...

- Recusastes ocupar-vos do caso?

- Não é bem isso. Como sabeis, dão-me muita liberdade. Sabem que tenho os meus metodozinhos pessoais.

De pé diante do lume, esfregava as mãos para as aquecer. Pousara em cima de um banco as luvas de punhos pretos e o chapéu.

- Porque não vos alistastes no exército do rei? - perguntou-lhe Angélique, admirando o garbo do antigo advogado miseravelmente vestido. - Seríeis um bonito rapaz e não aborreceríeis ninguém... Deixai-vos estar! Vou buscar-vos um piche de vinho branco e coscorões.

- Não, obrigado! Creio que, apesar da vossa graciosa hospitalidade, é melhor retirar-me. Ainda tenho de dar uma volta para os lados da Porta de Montmartre.

Angélique sobressaltou-se e deitou uma olhadela ao relógio: onze e meia. Se Desgrez se dirigisse naquele momento para a Porta de Montmartre, teria muitas probabilidades de apanhar o CagaVersos e os seus cúmplices. Seria por acaso que queria ir à Porta de Montmartre ou o diabo do homem farejara alguma coisa? Não, era impossível! Tomou bruscamente uma decisão.

Desgrez voltava a pôr a capa.

- Já? - protestou Angélique. - Não percebo nada das vossas maneiras. Chegais a uma hora imprópria, tirais-me da cama e ides-vos embora imediatamente.

- Não vos tirei da cama. Não estáveis despida. Sonháveis diante do lume.

- Precisamente... Aborrecia-me. Vamos, sentai-vos.

- Não - redarguiu ele, atando o cordão da gola.-Quanto mais penso, tanto mais creio que me devo apressar.

- Oh, estes homens! - protestou, amuada, dando voltas à cabeça para encontrar um pretexto que lhe permitisse retê-lo.

Temia menos pelo poeta do que por Desgrez o recontro que inevitavelmente se verificaria se o deixasse partir para a Porta de Montmartre. O polícia tinha uma espada, mas os outros também estavam armados e eram numerosos. Além disso, Sorbona não estava com o dono. De qualquer modo, era inútil que a fuga de Cláudio Lê Petit fosse acompanhada de uma rixa em que um capitão de polícia do Châtelet corria grande risco de ser morto. Era absolutamente necessário evitar que tal acontecesse.

Mas Desgrez já saía do quarto.

"Que estupidez!", pensou Angélique. "Se não sou capaz de reter um homem um quarto de hora, é caso para perguntar a mim mesma por que motivo Deus me fez nascer!"

Acompanhou-o até à antecâmara e, quando o viu agarrar a maçaneta da porta, pousou a mão na dele. A doçura do gesto pareceu surpreendê-lo. Teve uma ligeira hesitação.

- Boas noites, senhora- despediu-se, por fim, sorrindo.

- A noite não será boa para mim se vos fordes embora -murmurou ela.-A noite é demasiado comprida... quando se está só-e pousou-lhe a cabeça no ombro.

"Comporto-me como uma cortesã", pensava, "mas do mal o menos! Alguns beijos permitir-me-ão ganhar tempo. E mesmo que peça mais, porque não? No fim de contas, há muito tempo que nos conhecemos."

- Conhecemo-nos há tanto tempo, Desgrez - repetiu em voz alta.-Nunca pensastes que entre nós...

- Não está nos vossos hábitos lançar-vos à cara de um homem - observou Desgrez, perplexo. - Que se passa convosco esta noite, minha amiga?

Mas a sua mão deixara a porta e agarrava-a pelo ombro. Muito devagar, como contra vontade, o seu outro braço levantou-se e rodeou a cintura da jovem. Contudo, não a apertava a si. Segurava-a mais como se fosse um objeto leve e frágil de que se não sabe que fazer. No entanto, ela teve a intuição de que o coração do polícia Desgrez batia um pouco mais depressa. Não seria engraçado conseguir impressionar aquele homem indiferente e sempre senhor de si?

- Não -disse ele por fim. -Não, nunca me passou pela cabeça dormirmos juntos. Como vedes, o amor é para mim uma coisa vulgaríssima. Nisso, como em muitas outras coisas, ignoro o luxo, que me não tenta. O frio, a fome, a pobreza e as verdascas dos meus mestres não contribuíram para me dar gostos requintados. Sou um homem de taberna e bordel. Tudo o que peço a uma mulher é que seja um bom animal, sólido, um objeto confortável que possa, manejar à vontade. Para vos dizer tudo, minha amiga, não sois o meu gênero de mulher.

Ela escutava-o um pouco divertida e sem levantar a cabeça do ombro dele. Sentia nas costas o calor das mãos de Desgrez. Talvez não fosse tão insensível como pretendia. Uma mulher como Angélique não se enganava facilmente a tal respeito. Muitas coisas a ligavam a Desgrez. Soltou uma gargalhadinha abafada.

- Falais-me como se fosse um objeto de luxo... não confortável, como dizeis. Admirais talvez a riqueza do meu vestido e da minha casa...

- Oh, o vestido não tem importância! Conservareis sempre a consciência da vossa superioridade, dessa superioridade que transparecia dos vossos olhos quando, num dia já longínquo, vos apresentaram certo advogado miserável e plebeu.

- Muitas coisas aconteceram depois, Desgrez.

- Mas muitas outras jamais morrerão, entre elas a arrogância de uma mulher cujos antepassados estiveram com João II, o Bom, - na batalha de Poitiers, em 1356.

- Decididamente, sabeis sempre tudo acerca de toda a gente, como polícia que sois!

- Sim... exatamente como o vosso amigo, o Caga-Versos. Agarrou-a pelos ombros e suave, mas firmemente, afastou-a de si a fim de a olhar de frente.

- Então... sempre é verdade que ele devia estar à meia-noite na Porta de Montmartre?

Ela estremeceu, mas depois pensou que o perigo passara. Ao longe, um relógio batia as últimas badaladas da meia-noite. Desgrez captou-lhe nos olhos um relâmpago de triunfo.

- Sim... sim-, é demasiado tarde - murmurou, abanando a cabeça com ar pensativo. - Havia tanta gente com encontro marcado esta noite na Porta de Montmartre! Entre outros, o próprio Sr. Tenente da polícia e vinte archeiros do Châtelet. Se tivesse possibilidade de chegar um pouco mais cedo, talvez o tivesse podido aconselhar a ir esperar a caça noutro lado... Ou, então, talvez pudesse indicar à peça de caça perseguida que fugisse por outro sítio... Mas agora estou certo... sim, estou certo de que é demasiado tarde...

Flipot ia de manhãzinha buscar o leite fresco para as crianças ao mercado da Pierre-au-Lait. Angélique acabava de dormir um breve sono agitado quando o ouviu regressar a correr. Esquecendo-se de bater à porta, meteu a cabeça desgrenhada pela abertura, com os olhos a saltarem-lhe das órbitas.

-Marquesa dos Anjos - arquejou-, acabo de ver... na Praça de Greve... o Caga-Versos.

-Na Praça de Greve?...- repetiu ela.-Está doido varrido! Que está lá a fazer?"

- Tem a língua de fora - respondeu Flipot. - Enforcaram-no!

CAPÍTULO VII – Desespero de Angélique

- Prometi ao Sr. Aubrays, tenente da Polícia de Paris, que assumiu pessoalmente o mesmo compromisso perante o rei, que os três últimos nomes da lista não seria tornados públicos. Esta manhã, apesar do enforcamento do autor dos panfletos, o nome do conde de Guiche foi entregue à ira dos Parisienses. Sua Majestade compreendeu perfeitamente que a condenação do principal culpado não deteria a mão da justiça imanente que se vai abater sobre o irmão, isto é, sobre Monsieur. Pela minha parte, dei a entender a Sua Majestade que conhecia os seus cúmplices que, a despeito da morte do panfletário, continuariam a sua obra. E, repito, prometi que os três últimos nomes não seria tornados públicos.

- Serão! -Não!

Angélique e Desgrez estavam de novo frente a frente, no mesmo sítio onde, na véspera, ela pousara a cabeça no ombro do polícia, num gesto de que nunca se arrependeria o suficiente. Agora, os olhos dos dois interlocutores cruzavam-se como espadas.

A casa encontrava-se deserta. Apenas David, ferido e febril, estava lá em cima, no sótão. Ouvia-se pouco barulho vindo da rua. O eco da agitação popular quase não chegava àquele bairro aristocrático. Os gritos da multidão que desde manhã desfilava na Praça de Greve, diante da forca onde balouçava o corpo de Cláudio Lê Petit, Caga-Versos da Ponte Nova, detinham-se nos limites do Marais. Havia quinze anos que o poeta inundava Paris com os seus epigramas e as suas canções; ninguém podia acreditar que estivesse, finalmente, morto e enforcado. As pessoas indicavam umas às outras os seus cabelos louros, que o vento agitava, e os seus velhos sapatos com as cardas gastas. A Tia Marjolaine chorava. À esquina da Rua da Cestaria, a Tia Cantigas, com a cara inundada de lágrimas, esganiçava-se a cantar, sobrepondo-se à cegarrega do Tio Cantigas, a célebre legenda:

Quando me for deabalada
Para a abadia onde a morte mora
Por vós rezarei, estai descansada,
Deitando a língua de fora...

Ao ouvi-la, a multidão entrava em transe e, à falta de melhor, estendia o punho para a Câmara Municipal.

Na casita da Eua dos Francs-Bourgeois a luta prosseguia, áspera, implacável, embora em voz baixa, como se Angélique e Desgrez desconfiassem que a cidade inteira espiava as suas palavras.

- Sei onde estão os maços de papéis que contaís ainda distribuir-dizia Desgrez.-Posso pedir a colaboração do exército, assaltar o Arrabalde de São Dinis e dar cabo de todos os mal-intencionados que se oponham a uma busca da polícia em casa do Grande Coesre, o Sr. Cu de Pau. No entanto, há um meio mais simples de resolver as coisas. Escutai-me, tolinha, em vez de me olhardes como uma gata assanhada... Cláudio, o poeta, está morto. Merecia-o. As suas insolências duraram muito tempo e o rei jamais admitirá ser julgado pela ralé.

- O rei! O rei! Não tendes outra coisa na boca. Dantes éreis mais orgulhoso!

- O orgulho é um pecado da juventude, senhora. Antes de nos mostrarmos orgulhosos, devemos saber quem temos de enfrentar. Por força das circunstâncias, fui contra a vontade do rei e estive quase a ser destruído. A prova está feita: o rei é o mais forte. Portanto, estou do lado do rei. Na minha opinião, senhora, vós, que tendes duas crianças a vosso cargo, devíeis seguir o meu exemplo.

- Calai-vos! Causais-me horror.

- Ouvi falar de uma carta-patente que desejaríeis obter para fabricar uma bebida exótica ou qualquer coisa desse gênero... Não vos parece que uma quantia elevada - por exemplo, 50 000 libras seria bem-vinda para vos ajudar a lançar um comércio qualquer? Ou outro privilégio, como uma isenção de direitos, talvez? Uma mulher como vós não deve ter falta de idéias. O rei está pronto a conceder-vos o que quiserdes em troca do vosso silêncio definitivo e imediato. E a melhor forma de pôr ponto final neste drama com vantagem para todos. O Sr. Tenente do Crime será felicitado, conceder-me-ão um novo cargo, Sua Majestade soltará um suspiro de alívio e vós, minha amiga, voltareis a pôr a flutuar o vosso barquinho e continuareis a navegar para os mais altos destinos.

Vamos, não tremais como uma potra sob o chicote do domador. Refleti. Voltarei daqui a duas horas para saber a vossa resposta...

Acabavam de trazer para a Praça de Greve, numa carroça, o mestre tipógrafo Gilberto e dois dos seus empregados. Três outras forças encontravam-se erguidas para eles junto da do Caga-Versos. Quando mestre Albino passava o nó corrediço pela cabeça encanecida do tipógrafo, ouviu-se um rumor que foi aumentando:

- A graça! O rei concede a graça! Mestre Albino hesitou.

Às vezes acontecia, já ao pé do cadafalso, a graça do rei vir arrancar um condenado às mãos diligentes do carrasco. Por isso, prevendo a eventualidade de o soberano mudar de opinião, mestre Albino devia mostrar-se pontual, mas não excessivamente apressado. Esperou, pois, pacientemente, que lhe apresentassem o indulto assinado por Sua Majestade, mas em vão. Fora um mal-entendido. Com efeito, como a carroça dos capuchinhos que vinha buscar os corpos dos condenados à morte não conseguisse abrir caminho por entre a multidão demasiado compacta, o monge condutor pusera-se a gritar:

- Passagem, por graça! Passagem, por graça!

E toda a gente compreendera apenas: "Graça! Graça!"

Vendo que não era nada consigo, mestre Albino voltou tranquilamente ao seu trabalho. Mas mestre Gilberto, ainda pouco antes resignado, já não queria morrer. Debateu-se e pôs-se a gritar com voz terrível:

- Justiça! Justiça! Apelo para o rei! Querem-me matar enquanto os assassinos do pequeno vendedor de barquinhos e do assador Bourjus se pavoneiam em liberdade. Querem-me enforcar porque me tornei o instrumento da verdade! Apelo para o rei! Apelo para Deus!

O cadafalso em que se erguiam as três forças estalou sob o ímpeto da multidão.

Atacado à pedrada e à mocada, o carrasco teve de largar os condenados e de se refugiar debaixo do estrado. Enquanto algumas pessoas corriam à procura de um tição para deitar fogo ao cadafalso, os guardas a cavalo do prebostado desembocaram na praça e, à chicotada, conseguiram afastar o povoleu. Mas os condenados tinham desaparecido...

Orgulhoso de ter arrancado três dos seus filhos à força, Paris sentia renascer em si o espírito da Fronda. Recordava-se de que em 1650 o Caga-Versos fora o primeiro a lançar as flechas das "mazarinadas". Enquanto fora vivo, enquanto se pudera ter a certeza de ouvir de vez em quando a sua língua aguçada fazer-se eco dos novos rancores, fora possível deixar dormir os rancores antigos. Mas agora, que estava morto, apoderava-se do povo um terror pânico, tanto maior quanto era certo esse mesmo povo ter a impressão de haver sido de súbito amordaçado. Tudo voltava à superfície: as fonies de 1656, 1658 e 1662, os novos impostos, etc. Que pena o italiano ter morrido! Ter-lhe-iam incendiado o palácio...

Correram farândolas ao longo do cais, gritando: "Quem degolou o pequeno vendedor de barquinhos?"

Enquanto outras marcavam o compasso: "Amanhã... saberemos! Amanhã... saberemos!"

Mas no dia seguinte a cidade não teve a sua dose quotidiana de folhas brancas. Nem nos dias imediatos. O silêncio voltou. O pesadelo afastava-se. Nunca se saberia quem matara o pequeno vendedor de barquinhos. E Paris compreendeu que o Caga-Versos estava de fato morto, e bem morto.

Aliás, ele próprio o dissera a Angélique: "Agora és muito forte e podes deixar-nos pelo caminho."

Ouvia-o repetir constantemente estas palavras. E, durante as longas noites em que nem por instante conseguia descansar, via-o diante de si, a fitá-la com os seus olhos claros e brilhantes como as águas do Sena quando o sol se refletia nelas.

Não quisera ir à praça de Greve. Já não era pouco que Bárbara lá tivesse levado os filhos, como se fosse assistir a um sermão, e lhe não tivesse poupado nenhum pormenor do sinistro quadro: nem os cabelos louros do Caga-Versos, que se lhe agitavam diante do rosto tumefacto, nem as suas meias pretas a envolverem-lhe, torcidas, as canelas magras, nem o seu tinteiro de chifre e a sua pena de ganso, que o carrasco, supersticioso, lhe deixara à cinta.

Ao terceiro dia, quando se levantou depois de uma noite de insônia, disse para consigo:

"Não posso suportar mais esta existência."

Nesse dia, à noite, devia encontrar-se com Desgrez em casa deste, na Rua da Ponte de Nossa Senhora. Daí, ele levá-la-ia à presença de importantes personagens com as quais se estabeleceria o acordo secreto que poria fim ao curioso caso que ficaria conhecido pelo "caso do pequeno vendedor de barquinhos".

As propostas de Angélique tinham sido aceites. Em troca, entregaria a quem de direito as três arcas de panfletos editados, mas não divulgados, com os quais os senhores da polícia fariam sem dúvida uma grande e alegre fogueira.

E a vida recomeçaria. Angélique teria de novo muito dinheiro, e também o privilégio exclusivo de fabricar e vender em todo o reino a bebida chamada chocolate.

"Não posso suportar mais esta existência", repetiu para consigo.

Acendeu a vela, porque o dia ainda não nascera. O espelho colocado em cima do toucador devolveu-lhe a imagem do seu rosto pálido e abatido.

"Olhos verdes", disse para consigo. "A cor que dá azar. Sim, é verdade, dou azar àqueles que amo... ou por quem sou amada."

Cláudio, o poeta?... Enforcado. Nicolau?... Desaparecido. Joffrey?... Queimado vivo.

Passou lentamente as mãos pelas têmporas. Tremia tanto, intimamente, que tinha dificuldade em respirar. E, no entanto, as suas mãos estavam calmas e geladas.

"Que faço aqui, a lutar contra todos esses homens fortes e poderosos? Este não é o meu lugar. O lugar de uma mulher é no seu lar, junto de um marido que ame, ao calor da lareira, na quietude da casa e do filho que dorme no seu berço de madeira. Lembras-te, Joffrey, do castelinho onde Florimundo nasceu?... A tempestade das montanhas fustigava as vidraças e eu sentei-me nos teus joelhos e encostei a minha cara à tua. E olhava com um pouco de medo e uma confiança deliciosa o teu rosto estranho, onde brincavam os reflexos do lume... Como sabias rir, mostrando os teus dentes brancos! Ou então deitava-me na nossa grande cama e tu cantavas para mim, com essa voz profunda e aveludada que parecia trazida pelo eco da montanha. Então, eu adormecia e tu deitavas-te junto de mim, na frescura dos lençóis bordados e perfumados de íris. Dera-te muito, e sabia-o. E deras-me tudo... E dizia para comigo, sonhando, que seríamos eternamente felizes..."

Cambaleou através do quarto, caiu de joelhos junto da cama e escondeu a cara nos lençóis amarrotados.
-Joffrey, meu amor!...

O grito durante tanto tempo contido acabava de brotar.

- Joffrey, meu amor, volta, não me deixes só... Volta.

Mas ele nunca mais voltaria e ela sabia-o. Partira para muito longe. Onde poderia encontrá-lo algum dia? Nem sequer tinha uma sepultura para rezar... As cinzas de Joffrey tinham sido dispersas ao vento do Sena.

Viu o rio caudaloso e vivo e a couraça de prata que o sol-poente lhe oferecia.

Angélique levantou-se com o rosto coberto de lágrimas, sentou-se à mesa, pegou numa folha branca e aparou a pena.

Quando leres esta carta, senhores, terei deixado de viver. Sei que atentar contra a própria existência é um grande crime, mas, para este crime, Deus, que conhece o fundo das almas será o meu único refúgio. Entrego-me à Sua Misericórdia. Confio o destino dos meus dois filhos à justiça e à bondade do rei. Em troca de um silêncio de que dependia a honra da família real e que respeitei, peço a Sua Majestade que se incline como um pai sobre estas duas pequenas existências, iniciadas sob o signo dos maiores infortúnios. Se o rei lhes não restituir o nome e o patrimônio do seu pai, o conde de Peyrac, que ao menos lhes dê os meios necessários para subsistirem na infância e mais tarde a educação e o dinheiro indispensáveis à sua instalação na vida...

Continuou a escrever, acrescentando alguns pormenores acerca dos filhos e pedindo também proteção para o jovem Chaillou, que era órfão. Escreveu ainda uma carta dirigida a Bárbara, suplicando-lhe que nunca deixasse Florimundo e Cantor e legando-lhe as pobres coisas que possuía, vestidos e jóias.

Meteu a segunda carta no sobrescrito e lacrou-a.

Em seguida sentiu-se melhor. Esmerou-se nos seus arranjos, vestiu-se e passou a manhã no quarto dos filhos. Fez-lhe bem vê-los e a idéia de os ir deixar para sempre não a perturbou. Já não precisavam dela. Tinham Bárbara, de quem gostavam e que os levaria para Monteloup. Seriam criados ao sol e ao ar puro do campo, longe daquele Paris lamacento e fétido.

O próprio Florimundo se desabituara da presença daquela mãe que regressava tarde, à noite, a uma casa que tinham transformado no seu reinozinho, entre as duas criadas, o cão Patou, os seus brinquedos e os seus pássaros. No entanto, como era Angélique que lhes trazia os brinquedos, faziam-lhe uma grande festa quando a viam e, tirânicos, protestavam e exigiam sempre mais alguma coisa. Naquele dia, Florimundo tirou o vestidinho de droquete vermelho e perguntou:

- Mãezinha, quando terei uns calções de rapaz? Não vedes que já sou um homem?

- Meu querido, já tens um grande chapéu com uma bonita pluma cor-de-rosa. Muitos rapazinhos da tua idade contentam-se com uma touca como a do Cantor.

- Quero uns calções!-gritou Florimundo, atirando ao chão a sua trombeta.

Angélique retirou-se, temendo uma birra que a obrigaria a ser severa.

Depois do almoço aproveitou o sono dos filhos para pôr a capa e sair de casa. Levava consigo o sobrescrito lacrado. Entregá-lo-ia a Desgrez e pedir-lhe-ia que o levasse à famosa reunião secreta. Em seguida, deixá-lo-ia e caminharia ao longo das margens. Teria várias horas à sua frente e tencionava andar durante bastante tempo. Queria chegar ao campo, guardar como derradeira visão a imagem dos prados amarelecidos e das árvores douradas, respirar pela última vez o aroma dos musgos que lhe recordariam Monteloup e a infância...

CAPÍTULO VIII – Brutalidade e volúpias em casa do policia Desgrez

Angélique esperava Desgrez na sua casa da Ponte de Nossa Senhora. O polícia gostava de morar por cima das pontes, enquanto aqueles que perseguiu moravam por baixo.

Mas o ambiente mudara desde a primeira visita que Angélique lhe fizera anos antes, numa das casas em ruínas da Ponte Pequena.

Agora possuía casa própria na magnificente Ponte de Nossa Senhora, quase nova e de um mau gosto de burguês opulento, com as paredes ornamentadas de deuses Ternos carregados de flores e frutos, medalhões de reis e estátuas, tudo isto pintado "ao natural", com cores berrantes.

O quarto onde Angélique fora introduzida pelo porteiro refletia o mesmo conforto plebeu. No entanto, a jovem mal reparou na grande cama cujo baldaquino se apoiava em colunas torsas e na secretária guarnecida de objetos de bronze dourado.

Não queria saber das circunstâncias a que o advogado devia aquela modesta abastança. Desgrez era ao mesmo tempo uma presença e uma recordação. Tinha a impressão de que ele sabia tudo a seu respeito e isso tranqüiliza vá-a. Era duro e indiferente, mas firme como uma rocha. Assim que lhe entregasse a sua suprema mensagem, poderia retirar-se descansada: os filhos não seriam abandonados.

A janela aberta dava para o Sena. Ouvia-se um chapinhar de remos, que se transformou num ruído de cascata quando foram retirados da água à passagem pela ponte.

Lá fora o tempo estava agradável, suave. Um sol pálido fazia brilhar os mosaicos pretos e brancos do pavimento do quarto, cuidadosamente encerados.

Por fim, Angélique ouviu no corredor o tinido de esporas de um passo decidido. Reconheceu a maneira de andar de Desgrez, que entrou sem deixar transparecer qualquer surpresa.

- Senhora, os meus cumprimentos. Sorbona, meu cão, fica aí fora que tens as patas sujas.

Desta vez estava vestido, se não com requinte, pelo menos com conforto. Um galão de veludo preto sublinhava-lhe a gola da capa ampla, que atirou para cima da cadeira. Mas Angélique reencontrou o antigo Desgrez no gesto sem cerimônia com que se desembaraçou do chapéu e da peruca. Em seguida tirou a espada. Parecia de muito bom humor.

- Venho de casa do Sr. d'Aubrays. Corre tudo o melhor possível. Minha cara amiga, ides encontrar-vos com as mais altas personalidades do comércio e da finanças. Até é possível que o próprio Sr. Colbert assista à reunião.

Angélique sorriu cortesmente. As palavras que acabava de ouvir pareciam-lhe vãs e não contribuíam para a tirar do seu alheamento. Não teria a honra de conhecer o Sr. Colbert. À hora em que aquelas onipotentes personagens se reuniram em qualquer bairro afastado, o corpo de Angélique de Sancé, condessa de Peyrac, marquesa dos Anjos, vogaria ao sabor das águas entre as margens douradas do Sena. Nessa altura estaria livre, mais ninguém a esperaria. E talvez Joffrey se lhe juntasse...

Estremeceu quando verificou que Desgrez continuava a falar e não prestava atenção às suas palavras.

- Que dizeis?

- Digo que viestes demasiado cedo para o encontro, senhora.

- Não foi por isso que vim. Na realidade, passei por vossa casa de fuga, pois tenho alguém à minha

espera para me acompanhar à galeria do Palais-Royal, onde quero admirar as últimas novidades. Em seguida, talvez vá até às Tulherias. Será uma forma de me distrair e esperar sem nervosismo a hora fatídica do encontro. Mas tenho um sobrescrito que me estorva. Poderíeis guardá-lo? Levá-lo-ei quando passar de novo aqui.

- Às vossas ordens, senhora.

Desgrez pegou no sobrescrito lacrado, dirigiu-se para o cofrezinho colocado em cima de uma consola, abriu-o e guardou o sobrescrito.

Angélique virou-se para pegar no leque e nas luvas. Era tudo muito simples, tudo se desenrolava calmamente. Ia retirar-se com a mesma simplicidade, sem se apressar. Bastaria apenas, em dado momento, obliquar para o Sena... O sol faria cintilar as águas do rio como um pavimento de mosaicos pretos e brancos.

O ruído metálico, áspero, fê-la levantar a cabeça. Viu Desgrez girar a chave na fechadura da porta. Depois, com a maior naturalidade, meteu a chave na algibeira e aproximou-se da jovem, sorrindo.

- Sentai-vos mais uns minutos - disse.-Há muito tempo que desejo fazer-vos duas ou três perguntas e esta vossa visita parece-me propícia.

- Mas... esperam-me!

- E continuarão a esperar-vos - redarguiu Desgrez, sempre sorridente.-De resto, não vos demorarei muito. Sentai-vos, peço-vos.

Indicava-lhe uma cadeira diante da mesa e ele próprio se sentou do outro lado.

Angélique estava demasiado cansada para levantar outras objeções. Havia vários dias que se movia como uma sonâmbula. No entanto, aquilo indicava que algo não corria bem. Mas o quê?... De qualquer modo, porque fechara Desgrez a porta à chave?

- As informações que vos vou pedir referem-se a um caso bastante grave de que me ocupo atualmente. Depende dele a vida de várias pessoas. Seria demasiado longo, e inútil aliás, explicar-vos a gênese do caso. Basta que respondais às minhas perguntas. Ei-las...

Falava sem a fitar e muito devagar. Com uma das mãos em pala por cima dos olhos semicerrados, parecia absorto numa visão longínqua.

-Há cerca de quatro anos, no decurso de um assalto a casa de um boticário do Arrabalde de Saint-Germain, o Sr. Glazer, foram presos dois malfetores de baixo estofo. Tanto quanto me recorde, tinham no seu meio as alcunhas de Rebenta-Fechaduras e Prudente. Ambos foram enforcados. Contudo, antes de morrer, na tortura, o chamado Prudente pronunciou certas palavras que reencontrei ultimamente consignadas num auto do Châtelet e que projetam uma luz singular na minha investigação atual. Essas palavras referem-se ao que o Sr. Prudente viu em casa do Sr. Glazer durante a improvisada visita que lhe fez nessa noite. Infelizmente, porém, os termos do depoimento são imprecisos. Trata-se de um palavreado que permite suspeitar muitas coisas e não prova nada. Por isso, queria pedir-vos que me esclarecêsseis. Que havia em casa do velho Glazer?

O mundo tornava-se cada vez mais irrereal. A decoração do quarto esfumava-se. Subsistia apenas uma luz, a dos olhos castanhos de Desgrez, subitamente abertos e que possuíam uma espécie de irradiação vermelha e estranha, um brilho de tartaruga translúcida.

- É a mim que fazeis essa pergunta? - inquiriu Angélique.

- É. Que vistes nessa noite em casa do velho Glazer?

- Como quereis que saiba? Creio que não estais bom da cabeça. Desgrez soltou um suspiro e a luz dos

seus olhos extinguiu-se atrás das pálpebras descidas. Pegou numa pena de ganso que estava em cima da mesa e começou a girá-la maquinalmente nos dedos.

- Nessa noite estive em casa do velho Glazer uma mulher que acompanhava os assaltantes. E não era uma desconhecida! Essa mulher tinha um nome famoso entre os marginais, como verifiquei. Tratava-se da marquesa dos Anjos. Nunca ouvistes falar dela? Não? Essa mulher era a companheira de um ilustre bandido da capital: o Milongas, preso em 1661 na Feira de Saint-Germain e depois enforcado...

- Enforcado?!-exclamou ela.

- Não, não-emendou suavemente Desgrez.-Não vos assusteis, senhora... Não o enforcaram. A verdade é que fugiu, saltando para o Sena, e... morreu afogado. O seu corpo foi encontrado com duas libras de areia na boca e inchado como um odre. Que pena, tão belo homem! Compreendo que empalideçais... Mas voltemos à marquesa dos Anjos, digna companheira desse pobre homem, que era, como não ignorais, um ladrão famoso e um assassino. Condenado às galés, evadiu-se, etc. Quanto a ela, o seu reinado foi breve, mas edificante: participou em numerosos assaltos e ataques à mão armada de carruagens, como a da própria filha do tenente do Cível. Conta com diversos assassinios no seu ativo, entre outros o de um archeiro do Châtelet, ao qual abriu a barriga com toda a limpeza, podeis acreditar...

O espírito de Angélique ia saindo do seu entorpecimento. A jovem sentia a armadilha fechar-se sobre si.

Olhou para a janela aberta, através da qual entrava o ruído da água. O Sena estava ali... A suprema evasão! "Mergulharei até ao fundo! Não quero mais nada do mundo dos homens, deste mundo odioso!..."

- A marquesa dos Anjos esteve com o Prudente em casa de Glazer - prosseguiu Desgrez.-E viu o que viu esse homem. Ela...

Angélique saltou de súbito para a janela. Mas Desgrez foi mais rápido. Agarrou-a pelos pulsos e obrigou-a a recuar até à cadeira, para onde a empurrou brutalmente. A sua expressão modificara-se.

- Oh, não, deixemo-nos disso! Nada de joguinhos desses comigo!

Inclinava para ela um rosto cruel.

- Vamos, fala, e despacha-te, se não queres que te espevite. Que viste em casa do velho Glazer?

Angélique olha vá-o fixamente. No seu coração digladiavam-se sentimentos contraditórios, de mistura com o medo e a cólera. - Proíbo-vos de me tratar por tu.

- Trato sempre por tu as mulheres que interrogo.

- Parece-me que endoideceste por completo.

- Responde! Que viste em casa de Glazer?

- Vou gritar pó socorro.

- Podes berrar à vontade. A casa é habitada por archeiros e eles estão proibidos de entrar aqui mesmo que ouçam alguém gritar que o estão a assassinar.

O suor começou a perlar as têmporas de Angélique.

"Não devo... não devo transpirar", disse para consigo. "Nicolau dizia que era muito mau sinal. Significa que se está quase a 'ir aos molhos'..."

Uma bofetada magistral assentou-lhe na cara.

- Falas ou não? Que viste em casa de Glazer?
- Não tenho nada a dizer-vos. Bruto! Deixai-me ir embora.

Desgrez aproximou-se dela e, agarrando-a por baixo dos cotovelos, obrigou-a a levantar-se, mas com precaução, como se tivesse estado gravemente doente.

- Não queres falar, amorzinho? - perguntou com uma doçura inesperada.-Isso não é amável, como sabes. Queres absolutamente que me zangue?...

Segurava-a encostada a si. Muito devagar, as suas mãos deslizaram ao longo dos braços da jovem e puxaram-lhe os cotovelos para trás. De súbito, Angélique sentiu uma dor horrível e soltou um grito agudo. Dir-se-ia que uma tenaz de ferro acabava de lhe arrancar os dois braços. O polícia dominava-a de tal forma que não podia fazer um movimento sem ter a impressão de receber uma punhalada entre as costelas. Mas deram sobretudo os seus dedos que a faziam sofrer horrivelmente, os seus dedos afastados, retesados e cuja menor pressão tornava a tortura ainda mais intolerável.

- Vamos, fala! Que havia em casa de Glazer?

Angélique suava por todos os poros. Uma dor insuportável martelava-lhe a nuca, as omoplatas, atingia-lhe os rins.

- Não te peço nada do outro mundo. Uma simples informaçãozinha acerca de um caso que nem sequer te diz respeito, nem a ti, nem aos teus reles companheiros... Fala, minha linda, anda. Ainda não queres?

Ele fez um movimento imperceptível e os dedos frágeis de Angélique estalaram. Sem se comover, Desgrez prosseguiu:

- Vejamos, o amigo Prudente falava, no Châtelet, de um pó branco... Também o viste?
- Também.
- Que era?
- Veneno... arsênico.

- Ah, tu sabias mesmo que era arsênico!...- exclamou rindo. Largou-a. Ficara absorto e parecia pensar noutra coisa. Ainda magoada, Angélique recuperava o fôlego.

Passado um momento, Desgrez saiu das suas reflexões, empurrou-a de novo para a cadeira, puxou um banco e sentou-se diante dela.

- Pronto, agora que és razoável não te farei mais mal. Estava muito perto dela e apertava entre os seus os joelhos trêmulos de Angélique. Esta olhava as palmas das suas próprias mãos, lívidas e como mortas.

- Agora conta-me a tua historiazinha...

Tinha a cabeça inclinada um pouco de lado e já não a olhava. Era de novo o duro confessor de segredos sinistros. Ela começou a falar com voz monocórdia.

- Em casa de Glazer havia um quarto com retortas... Um laboratório.
- Normal... Toda a gente sabe que é boticário.
- O pó branco estava em cima de um balcão, num prato de bronze. Reconheci-o pelo cheiro a alho. Prudente quis prová-lo, mas eu não o deixei, dizendo-lhe que era veneno.
- Que mais notaste?
- Junto do prato de arsênico havia um embrulho de papel ordinário lacrado com lacre vermelho.

- E nesse papel havia alguma coisa escrita?

- Havia. "Para o Sr. de Saint-Croix."

- Perfeito. E depois?

- Prudente derrubou uma retorta, que se partiu. O barulho devia ter acordado o dono da casa. Fugimos, mas, ao atravessarmos o vestibulo, ouvimo-lo descer a escada e gritar: "Nanette!", ou um nome parecido. "Esquecesteis-vos de fechar os gatos..." Perguntou ainda: "Sois vós, Saint-Croix? Vindes buscar o remédio?"

-Perfeito! Perfeito!

-Depois...

O polícia fez um gesto desdenhoso.

- O que aconteceu depois não me interessa. Já tenho o que precisava...

Depois... Angélique revia a rua escura onde surgira de súbito a silhueta do cão Sorbona. Revia-se a correr como louca. O passado não queria morrer. Renascia negro, sórdido, e apagava de chofre quatro anos de paciente e honesto labor. Tentou engolir a saliva, mas tinha a garganta seca como madeira. Por fim conseguiu articular:

- Desgrez... desde quando sabeis?... Ele deitou-lhe um olhar trocista.

- Que és a marquesa dos Anjos? Desde essa noite. Julgas que tenho o hábito de largar uma mulher depois de lhe deitar a luva e sobretudo depois de lhe restituir a navalha?...

Portanto reconheceu-a! Estava a par de todas as faces da sua degradação. Disse precipitadamente:

- Tenho de vos explicar. O Milongas era um camponezinho da minha terra... um companheiro de infância. Falávamos o mesmo dialeto.

- Não te peço que me contes a tua vida -resmungou ele, duramente.

Mas Angélique agarrou-se a ele e insistiu com voz chorosa:

- Sim... tenho de vos dizer... É necessário que me compreendais. Era meu companheiro de infância, criado do castelo. Depois desapareceu e voltou a encontrar-me quando vim para Paris... Como deveis compreender, continuava a gostar de mim... E todos me tinham abandonado... Vós também me tínheis abandonado... na neve. Então, tomou conta de mim, tornou-me sua amante... É certo que o acompanhei, mas não cometi todos os crimes que me imputais. Desgrez, não fui eu que matei o archeiro Martinho, juro-vos... Só matei uma vez. Sim, é verdade, matei o Grande Coesre, mas foi para salvar a vida, para arrancar o meu filho a um destino horrível...

Desgrez ergueu as sobrancelhas, divertido e surpreendido. -Foste tu que mataste o Grande Coesre, esse Meia-Leca de que toda a gente tinha medo? -Fui. Ele desatou a rir baixinho.

- Sim, senhor, sim, senhor! Que número, esta marquesa dos Anjos! Tu, sozinha? Com o teu facalhão? Cuíque!

Ela empalideceu. O monstro estava ali, a dois passos, curvado sobre si mesmo, com a garganta aberta, donde o sangue golfava abundantemente. Julgou que ia vomitar. Desgrez deu-lhe uma palmadinha na cara, rindo.

- Vamos, não faças essa cara! Pareces gelada. Anda cá que eu aqueço-te.

Puxou-a para os joelhos, abraçou-a com força e depois mordeu-lhe os lábios com violência.

Ela soltou um grito de dor e arrancou-se-lhe dos braços. Recuperara de súbito o sangue-frio.

- Sr. Desgrez - disse, apelando para o que lhe restava de dignidade-, ficar-vos-ia agradecida se tornásseis uma decisão a meu respeito. Prendeis-me ou deixais-me ir embora?

- Nem uma coisa nem outra, por ora - respondeu negligentemente.-Depois de uma conversa como a nossa, não nos podemos separar assim, sem mais nem menos. Pensarias que como polícia sou um grande bruto, quando a verdade é que às vezes também posso ser meigo.

Levantou-se junto dela. Sorria, mas os seus olhos tinham recuperado o brilho de tartaruga vermelha. Sem que ela pudesse esboçar um gesto de defesa, ergueu-a nos braços e murmurou, com o rosto inclinado sobre o dela:

-Anda, minha linda patetinha...

- Não admito que me faleis dessa maneira!-protestou, e rompeu em soluços.

Foi uma reação brusca. Um furacão de lágrimas, um maremoto de soluços que lhe arrancavam o coração e a sufocavam.

Desgrez levou-a para a cama, onde a sentou, e ficou durante muito tempo a olhá-la tranquilamente, com muita atenção. Depois, quando a violência do desespero se apaziguou um pouco, começou a despi-la. Angélique sentiu na nuca o contacto dos seus dedos, que lhe desapertavam o corpete com a habilidade de uma criada de quarto. Inundada de lágrimas, já não tinha forças para resistir.

- Desgrez, sois mau! - soluçou.

- Não, minha queridinha, não sou nada mau.

- Julgava que éreis meu amigo... Julgava que... Oh, meu Deus, como sou infeliz!

- Caluda! Então, que idéias são essas?...-rallou-lhe com indulgência.

Com mão lesta, levantou-lhe as compridas saias, desapertou-lhe as ligas, tirou-lhe as meias de seda, enrolando-as, e descalçou-a.

Quando a deixou apenas em camisa, afastou-se e Angélique ouviu-o despir-se por seu turno, assobiando, e atirar as botas, o gibão e o cinturão para os quatro cantos do quarto. Depois, de um salto, juntou-se-lhe na cama e correu os cortinados.

Na penumbra quente da alcova, o grande corpo peludo de Desgrez parecia-lhe vermelho e forrado de veludo preto. O homem não perdera nada da sua vivacidade.

- Upa aí, minha filha! Deixa-te desses ares pudibundos. Acaba de chorar! Vamos rir. Aproxima-te um pouco...

Arrancou-lhe a camisa e ao mesmo tempo assentou-lhe nos rins uma palmada tão sonora que ela saltou, furiosa de humilhação, e cravou-lhe no ombro os pequenos dentes aguçados.

- Ai a cadela! - gritou ele. -Aí está uma coisa que merece castigo!

Mas Angélique debatia-se. Lutaram e ela gritou-lhe os insultos mais soezes que lhe vieram à cabeça, todo o vocabulário da Polak, enquanto Desgrez ria como um louco. Aquele riso, aqueles dentes brancos e o ocre odor a tabaco, que se misturava com aquele suor viril, perturbavam Angélique até à medula. Estava certa de odiar Desgrez, de desejar a sua morte. Gritava-lhe que o mataria com a sua navalha e ele ria cada vez mais. Por fim conseguiu dominá-la debaixo de si e procurou-lhe os lábios.

- Beija-me - dizia.-Beija o polícia... Obedece ou dou-te uma sova que te deixará de cama três dias... Beija-me... Melhor do que isso. Estou certo de que sabes beijar admiravelmente...

Angélique já não conseguia resistir às injunções imperiosas daquela boca que a mordida sem piedade a

cada uma das suas recusas. Cedeu.

Cedeu, embora alguns instantes mais tarde o desejo a impelisse, desvairada, contra aquele corpo que a vencera. A sua luta tomou outro sentido, o da luta eterna dos deuses e das ninfas nos bosques do Olimpo. Desgrez amava com uma fogosidade prodigiosa, inalterável, a que Angélique se entregava febril. A jovem dizia para consigo que ele a tratava sem nenhum respeito, que nunca ninguém a tratara assim, nem mesmo Nicolau, nem mesmo o comandante. Mas, com a cabeça caída à beira da cama, ouvia-se rir, com um riso de rapariga travessa. Agora escaldava. O seu corpo, percorrido por arrepios, dilatava-se.

Por fim, o homem puxou-a para si, num abraço imperioso. Um segundo depois, Angélique entreviu uma máscara diferente: pálpebras fechadas, gravidade apaixonada, um rosto em que todo o cinismo morria, toda a ironia se desvanecia sob o impulso de um sentimento único. Mais um instante, e Angélique sentiu que lhe pertencia. E ele ria de novo, ávido e selvagem. Não gostou de o ver assim. Naquele momento necessitava de ternura. Um novo amante desperta vá-lhe sempre, na primeira posse, um reflexo de espanto e pavor, talvez de repugnância.

A sua excitação desapareceu. Uma lassidão pesada como chumbo invadiu-a por completo.

Deixou-se possuir, inerte, mas ele não pareceu importar-se com isso. Angélique teve a impressão de que a possuía como qualquer prostituta.

Então revoltou-se, agitou a cabeça de um lado para o outro.

- Deixa-me... Deixa-me!...

Mas ele encarnaça vá-se como se quisesse exauri-la completamente.

Tudo se tornou negro. A tensão nervosa que a sustentara durante vários dias cedeu perante uma fadiga esmagadora. Já não podia mais atingira o limite das suas forças, das suas lágrimas e da volúpia...

Quando acordou, viu-se estendida na cama em desordem, com os braços e as pernas abertos, como se fosse uma estrela-do-mar, na posição em que o sono a vencera. Os cortinados estavam afastados e um círculo de sol cor-de-rosa dançava no pavimento. Ouviu cantar a água do Sena entre os arcos da Ponte de Nossa Senhora, ruído a que se juntava outro mais próximo, uma espécie de arranhar ativo e discreto.

Virou a cabeça e viu Desgrez a escrever sentado à secretária. Estava de peruca e cabeção branco, engomado. Parecia muito calmo e absorto no seu trabalho. Olhou-o sem compreender. Continuava com as idéias confusas. Sentia o corpo pesado como chumbo e a cabeça oca. Tomou consciência da sua posição impudica e fechou as pernas.

Neste momento, Desgrez levantou a cabeça. Ao vê-la acordada, pousou a pena na secretária e aproximou-se da cama.

- Como vos sentis? Dormistes bem?-perguntou com voz absolutamente cortês e natural.

Olhou-o com ar um pouco aparvalhado, sem saber muito bem que pensar a seu respeito. Onde o vira aterrador, brutal, lascivo? Em sonhos, sem dúvida.

- Dormi? -balbuciou.-Parece-vos que dormi? Durante quanto tempo?

-Há bem três horas que tenho diante dos olhos esse espetáculo encantador...

- Três horas! - repetiu Angélique, sobressaltada, puxando o lençol para se cobrir.- Mas isso é espantoso! E o encontro com o Sr. Colbert?

- Ainda tendes uma hora para vos arranjardes. Dirigiu-se para a divisão contígua e prosseguiu:

-Tenho aqui uma casa de banho confortável e tudo o que é necessário para as senhoras se arranjarem:

cosméticos, moscas, perfumes, etc.

Voltou trazendo no braço um roupão de seda, que lhe atirou.

- Vesti isso e despachai-vos, minha linda.

Um pouco aturdida e com a impressão de se mover numa atmosfera esponjosa, Angélique tomou banho e vestiu-se. As suas roupas estavam cuidadosamente dobradas em cima de uma arca. Diante do espelho encontravam-se numerosos acessórios, pelo menos surpreendentes naquela casa de banho de solteirão: boiões de alvaiade e de vermelhão, negro para as pálpebras e um completo sortido de frascos de perfumes.

A memória voltava pouco a pouco a Angélique, embora com dificuldade, pois tinha a impressão de ser incapaz de coordenar as idéias. Recordou-se da sonora bofetada com que o polícia a deixara meio atordoada. Espantoso! Tratara-a como uma rameira, sem nenhum respeito. E sabia que era a marquesa dos Anjos. Que faria dela agora?...

Ouvia ranger a pena de ganso. De súbito, Desgrez levantou-se e perguntou:

- Conseguis vestir-vos sozinha? Posso servir-vos de criada de quarto?

Sem esperar resposta, entrou e começou a atar-lhe com destreza os cordões da saia.

Angélique já não sabia que pensar.

Ao recordar-se das carícias que ele lhe impusera, sentiu-se mortalmente constrangida. Mas Desgrez parecia pensar em coisas muito diferentes. Julgaria sonhar se o espelho não lhe tivesse mostrado o seu próprio rosto de mulher sensual e saciada, com as pálpebras pisadas pela fadiga do prazer e os lábios inchados pela mordedura dos beijos. Que vergonha! A sua cara revelaria aos olhos menos perspicazes os sinais dos gozos violentos para que Desgrez a arrastara.

Pousou maquinalmente dois dedos nos lábios tumefactos, que continuavam a arder-lhe quase dolorosamente.

Os seus olhos cruzaram-se no espelho com os de Desgrez, que esboçou um sorriso.

- Sim, nota-se, mas não tem nenhuma importância. As graves personagens com quem vos ides encontrar ficarão apenas mais subjugadas... e talvez vagamente invejosas.

Sem responder, Angélique acabou de compor os caracóis e colou uma mosca na extremidade de uma das maçãs do rosto.

Entretanto, o polícia afivelara o boldrié e pegara no chapéu... Estava verdadeiramente elegante, embora a sua indumentária conservasse algo sombrio e austero.

- Não há dúvida de que subis cada vez mais, Sr. Desgrez- observou Angélique, esforçando-se por lhe imitar a desenvoltura. -Já usais espada e confesso que tendes uma casa muito burguesa.

- Ganho bem. A sociedade evolui estranhamente, como sabeis. Que culpa tenho eu se as pistas que farejo me levam sempre um pouco mais acima? Sorbona está velho. Quando ele morrer, não o substituirei, pois já não é nas espeluncas que se devem procurar os piores assassinos do nosso tempo, é noutros sítios.

Pareceu refletir e acrescentou, abanando a cabeça:

- Nos salões, por exemplo... Estais pronta, senhora? Angélique pegou no leque e fez sinal que sim.

- Quereis que vos entregue o vosso sobrescrito? -Qual sobrescrito?

- O que me confiastes ao chegar aqui.

A jovem franziu o sobrolho. Depois, bruscamente, recordou-se e sentiu um leve rubor invadir-lhe o rosto. Tratava-se do sobrescrito que continha o seu testamento e que entregara a Desgrez com a intenção de ir em seguida suicidar-se?

Suicidar-se? Que idéia extravagante! Porque queria suicidar-se? O momento não era o mais adequado. Pela primeira vez, nos últimos anos, estava prestes a ver coroados de êxito os seus esforços e quase tinha o rei de França à sua mercê!...

- Sim, sim, dai-mo - respondeu precipitadamente.

Ele abriu o cofre e estendeu-lhe o sobrescrito lacrado. Mas reteve-o na altura em que Angélique o ia agarrar e a jovem fitou-o com ar interrogador. Desgrez tinha de novo aquele olhar de reflexos vermelhos que parecia penetrar como um raio até aos recônditos da alma.

- Querieis morrer, não é verdade?

Angélique desviou a vista, como uma criança apanhada em falta. Depois baixou a cabeça e acenou afirmativamente.

- E agora?

- Agora?... Já não sei. De qualquer modo, não há motivo para me não aproveitar da fraqueza dessa gente e tirar dela o melhor partido. É uma ocasião única e estou persuadida de que, se conseguir lançar o chocolate, poderei recuperar seguramente a minha fortuna.

- Aí está uma idéia sensata.

Tirou-lhe o sobrescrito, dirigiu-se para a lareira e lançou-o ao fogo. Quando a última folha foi consumida, Desgrez voltou para junto dela, sempre calmo e sorridente.

- Desgrez, como adivinhastes?...-murmurou Angélique.

- Oh, minha cara amiga!-exclamou rindo.-Julgais-me assim tão ingênuo que não ache suspeito ver uma mulher chegar a minha casa com ar desvairado, sem pó nem carmim, e contar-me que tem um encontro para ir dar uma volta pela galeria do Palais-Royal?... De resto...

Pareceu hesitar.

- De resto, conheço-vos muito bem - prosseguiu - e vi imediatamente que qualquer coisa não corria bem, que se tratava de coisa grave e era necessário agir depressa e com energia. Tendo em conta as minhas intenções amistosas, perdoais-me ter-vos brutalizado, não é verdade, senhora?

-Ainda não sei -redargüiu com certo rancor.-Pensarei nisso.

Mas Desgrez desatou a rir e envolveu-a num olhar ardente, que a humilhou. Ao mesmo tempo, porém, disse para consigo que não tinha melhor amigo no mundo. Ele acrescentou:

- Quanto à informação que me confiastes... com tão boa vontade, não vos preocupeis com as suas conseqüências. É preciosa para mim, mas obtê-la não passou de um pretexto. Conservo-a, mas já esqueci quem ma forneceu. Mais um conselho, senhora, se o permitis a um modesto polícia: olhai sempre em frente. Nunca vos vireis para o vosso passado. Evitai remexer as cinzas... Essas cinzas que foram dispersas ao vento. Porque todas as vezes que pensardes nisso tereis vontade de morrer. E eu nem sempre estarei presente para vos acudir a tempo...

Mascarada e, para maior precaução, com os olhos vendados, Angélique foi conduzida, numa carruagem com as cortinas corridas, a uma casinha do arrabalde de Vaugirard. Só lhe tiraram a venda numa sala iluminada por algumas velas, onde se encontravam quatro ou cinco personagens de peruca, muito senhoras de si e que pareciam mais contrariadas do que satisfeitas por a ver.

Sem a presença de Desgrez, Angélique receou ter-se deixado arrastar para uma cilada de que talvez não saísse viva.

Mas as intenções do Sr. Colbert, um burguês de rosto frio e severo, eram leais. Ninguém melhor do que esse plebeu, que desaprovava as devassidões e os esbanjamentos da corte, estava habilitado a admitir o fundamento da petição que Angélique dirigia ao rei. O próprio soberano assim o compreendera, um pouco constrangido e forçado, diga-se em abono da verdade, pelo escândalo dos panfletos do Caga-Versos.

Angélique não tardou a adivinhar que, se houvesse discussão, seria por mero pró-forma. A sua posição pessoal era excelente.

Quando, duas horas mais tarde, saiu da douta assembléia, trazia consigo a promessa de que lhe iam ser concedidas 50 000 libras dos próprios fundos do rei, para a reconstrução da estalagem da Máscara Vermelha, e de que a licença de chocolataria concedida ao pai do jovem Chailou seria confirmada. Desta vez, Angélique figuraria expressamente nela, com a especificação de não depender de nenhuma corporação.

Além disso, eram-lhe dadas todas as facilidades para a obtenção das matérias-primas. Finalmente, e a título de reparação, pedia para si mesma a propriedade de uma ação da Companhia das Índias Orientais, recentemente fundada.

Esta última cláusula surpreendeu os seus interlocutores. Mas aqueles senhores da finanças viram que a jovem conhecia perfeitamente os negócios e cederam quando lhes fez notar que, dependendo em especial o seu comércio de produtos exóticos, a Companhia das Índias Orientais só teria motivos para se felicitar por ter uma cliente que tinha toda a vantagem em que a empresa prosperasse e fosse apoiada pelas maiores fortunas do reino.

O Sr. Colbert reconheceu entredentes que as reivindicações da jovem eram sem dúvida importantes, mas pertinentes e fundadas. Em conjunto, tudo foi concedido. Em troca, os esbirros do Sr. d'Aubrays, tenente da polícia, dirigir-se-iam a um pardieiro situado em campo raso, onde encontrariam uma arca lá deixada anonimamente, cheia de panfletos onde se denunciavam em letra de forma os nomes do marquês de La Vallière, do cavaleiro de Lorena e de Monsieur, o irmão do rei.

Angélique procurava conter a sua alegria enquanto a reconduziam a Paris na mesma carruagem com as cortinas corridas, pois não lhe parecia decente estar feliz, sobretudo quando pensava nos horrores a que devia o seu triunfo. Mas, enfim, se tudo corresse como previa, só por um grande azar não conseguiria ser, um dia, uma das mulheres mais ricas de Paris. E, dispondo de dinheiro, até onde não poderia subir? Iria a Versalhes, seria apresentada ao rei, recuperaria a sua posição e os filhos seriam educados como jovens senhores.

No regresso, não lhe vendaram os olhos, pois já era noite cerrada. Estava sozinha na carruagem, mas, para os seus cálculos e para os seus sonhos, o trajeto pareceu-lhe curto. Ouvia à sua volta o barulho dos cascos dos cavalos da escolta que a acompanhava.

De súbito, a carruagem parou e uma das cortinas foi levantada do exterior. À luz de uma lanterna viu o rosto de Desgrez inclinar-se para a portinhola. Estava a cavalo.

- Deixo-vos aqui, senhora. A carruagem vai levar-vos a vossa casa. Julgo que vos tornarei a ver dentro de dois dias, para vos entregar o que vos é devido. Tudo bem?

- Creio que sim. Oh, Desgrez, é maravilhoso! Se conseguir abrir a chocolataria, estou certa de que a minha fortuna está feita.

- Conseguireis. Viva o chocolate! -exclamou o polícia.

Tirou o chapéu e, inclinando-se, beijou-lhe a mão, talvez um pouco mais demoradamente do que a cortesia o autorizava.

- Adeus, marquesa dos Anjos! Ela sorriu com malícia. - Adeus, bófia!

CAPÍTULO IX – O salsicheiro da Praça de Greve faz estranhas confidências acerca da morte de Joffrey de Peyrac

O salsicheiro da Praça de Greve tomava o fresco diante da loja. Era um dos primeiros dias da Primavera. O céu estava radioso. Não havia nenhum enforcado no cadafalso, nem preparativos para qualquer execução, e, do outro lado do Sena, as torres quadradas de Notre-Dame erguiam-se para o céu cor de pervinca, no meio de bandos de pombos e de gralhas.

O ar estava tão límpido que da loja se podia ouvir o tique-taque da azenha de mestre Hughes, da parte de baixo do rio.

Havia pouca gente na praça, naquela manhã. Via-se perfeitamente que a Quaresma se aproximava. As pessoas começavam a andar com menos pressa e a tomar uma expressão contrita, como se fosse uma catástrofe o dever de sacrificar uma vez por ano em honra de Nosso Senhor. Claro que mestre Lucas, o salsicheiro, seria obrigado a fechar a loja. Perderia dinheiro e a esposa resmungaria como uma porca enfadonha, mas, enfim, a penitência é a penitência! Onde estavam os cristãos que queriam fazer penitência sem sofrer? Intimamente, mestre Lucas agradecia à Igreja ter instituído a Quaresma, que lhe permitia associar as suas câibras de estômago às dores de Cristo na Cruz.

Entretanto desembocou na praça uma carruagem bastante elegante, que parou não longe da salsicharia e da qual desceu uma mulher -uma mulher muito bela, penteada à nova moda das damas do Marais: cabelo curto, em caracolinhas compactos, com dois caracóis mais compridos deslizando ao longo do pescoço até assentarem graciosamente no peito. Mestre Lucas via naquilo mais um sinal da loucura dos tempos. Não estava certo que as mulheres cortassem o cabelo, esse gracioso ornamento que Deus lhes dera. Seria bonito ver a Sra. Lucas, ou mesmo a filha, Joaninha, cortarem o cabelo para imitar as grandes damas!

Mesmo durante a grande fome de 1658, quando o dinheiro faltava em casa, mestre Lucas opusera-se a que a mulher vendesse a cabeleira aos malditos peruqueiros, sempre ansiosos por agradar aos senhores. Assim ia o mundo: cortava-se o cabelo às mulheres para pôr na cabeça dos homens!

A dama olhava as tabuletas e parecia procurar qualquer coisa.

Quando se aproximou da Salsicharia Santo António, mestre Lucas reconheceu-a. Um dia tinham-lha indicado no Bairro das Halles, onde ela tinha dois depósitos de mercadorias. Não se tratava de uma dama de categoria, como o seu porte e a beleza do traje poderiam levar a crer, mas sim de uma das mais ricas comerciantes de Paris, uma tal Sra. Morens, que fizera fortuna por ter tido a idéia engenhosa de lançar a moda do chocolate. Não só dirigia a chocolataria da Anã Espanhola, no arrabalde de Saint Honoré, como ainda era proprietária de vários restaurantes e botequins famosos. Além disso, tinha também a maior parte do capital de algumas pequenas empresas, mais modestas mas prósperas, como a das "carruagens de cinco soldos", e várias bancas da Feira de Saint-Germain, assim como o monopólio da venda de aves das ilhas no Cais da Pelaria. Quatro dos comerciantes que acompanhavam a corte nas suas deslocações pagavam-lhe patente.

Dizia-se que era viúva e de origem modestíssima, mas tão hábil nos negócios que as maiores personagens da finanças e até o Sr. Colbert gostavam de conversar com ela.

Ao recordar-se de tudo isto, mestre Lucas tirou o barrete quando a dama se lhe dirigiu e inclinou-se tanto quanto lho permitia o seu ventrezinho rotundo.

- É aqui que mora mestre Lucas, dono da Salsicharia Santo António? - perguntou ela.

- Sou eu, senhora, para vos servir. Se quereis dar-vos ao incômodo de entrar no meu modesto estabelecimento... -e precedeu-a, calculando antecipadamente receber uma encomenda importante.- Tenho salsichões e paios mais agradáveis à vista do que ágatas e mais apaladados do que um néctar, carne de porco salgada de fresco que perfuma a sopa e todos os pratos a que se junte nem que seja apenas um bocadinho do tamanho de um dedal, e também um presunto que...

- Bem sei... bem sei que tudo o que fabricais é excelente, mestre Lucas -interrompeu-o, sorrindo. - E tanto assim que vou mandar-vos esta tarde um moço com uma encomenda. Mas esta manhã vim cá pessoalmente por outra coisa... Esta: há muitos anos que tenho uma dívida para convosco, mestre Lucas, e ainda a não liquidei.

- Uma dívida? -repetiu o salsicheiro, surpreendido.

Fitou atentamente os belos olhos da sua interlocutora e em seguida abanou a cabeça, convencido de que nunca falara com tão linda mulher.

Ela sorriu.

- Sim. Devo-vos o preço da visita de um médico e de um boticário, que mandastes chamar para tratar de uma pobre rapariga caída doente à vossa porta... já lá vão quase cinco anos.

- Isso não me diz quem sois - redarguiu em tom bondoso -, pois já me aconteceu mais de uma vez cuidar de pessoas caídas doentes à minha porta. Com tudo o que se passa na Praça de Greve, teria feito melhor tornar-me monge hospitaleiro do que abrir um estabelecimento de salsicharia. A Greve não é sítio para quem queira viver tranqüilo. Em compensação, não falta com que nos distrairmos... Mas conta-me mais ou menos como foi isso, para ver se me lembro.

- Era uma manhã de Inverno - começou Angélique, com voz a seu pesar alterada.-Queimava-se um feiticeiro. Quis assistir à execução e vim, mas fiz mal, pois encontra vá-me grávida e quase a dar à luz. O fogo assustou-me. Perdi os sentidos e acordei em vossa casa. Tínheis chamado um médico e...

- Sim! Sim! Já me lembro!-exclamou ele.

O sorriso jovial desaparecera-lhe dos lábios. Fitava Angélique com expressão perplexa, onde havia piedade e também um bocadinho de medo.

- Portanto, éreis vós -disse suavemente. - Pobre mulher! Angélique sentiu-se corar. Bem sabia que aquela diligência lhe traria à memória dolorosas recordações. Prometera a si própria não deitar um só olhar ao passado e dizer constantemente a si mesma que agora era a Sra. Morens, possuidora de uma fortuna sólida e de uma reputação quase sem mácula. Mas a exclamação do excelente homem comoveu-a e reviu-se perdida na multidão, empurrada, apertada por todos os lados e tão miserável com os seus olhos esgazeados e o seu pobre corpo deformado...

Endireitou-se, alisou a saia de faile azul e as rendas tufadas nos pulsos guarnecidos de jóias e disse, esforçando-se por sorrir:

- É verdade. Nessa altura era uma pobre mulher e vós fostes caridoso comigo, mestre Lucas. Mas, como vedes, desde então a vida mostrou-se mais clemente comigo e hoje posso agradecer-vos.

Dizendo isto, tirou da escarcela uma pesada bolsa de couro que preparara antes de vir e pô-la em cima do balcão. O salsicheiro pareceu não a ver. Continuava a olhar a visitante com ar atento e desconfiado.

- Elisa, chega cá! -chamou por cima do ombro.

A salsicheira aproximou-se, quase perdida nas suas numerosas vasquinhas de ferrandine sutachadas de veludo. Ouvira a conversa.

- Não há dúvida que mudastes muito!-exclamou. -Mas mesmo assim reconhecer-vos-ia, quanto mais não fosse pelos olhos. O meu marido e eu temo-nos censurado muitas vezes por vos termos deixado ir embora no estado em que vos encontráveis e também muitas vezes desejamos tornar a ver-vos.

- Tanto mais...

-...que pensamos depois que deveríamos ter-vos dito a nossa idéia...

-...acerca do que acontecera antes... -...caso fôsseis da sua família...

Falavam com embaraço, interrogando-se com a vista e completando as palavras um do outro como numa litania.

- De qual família? - perguntou Angélique, atônita.

- Da família do feiticeiro, ora essa!

A jovem abanou a cabeça e esforçou-se por se mostrar indiferente.

- Não, na verdade não era da sua família.

- Às vezes acontece. Há mulheres que vêm assistir às execuções e desmaiam diante da minha porta. Mas nesse caso... se não sois da sua família...

- Que me teríeis dito se fosse da sua família?

- Ora essa, o que se passou na taberna do nosso vizinho, a Vinha Azul, quando a carroça lá parou e desceram o feiticeiro para beber um copo antes de subir à fogueira.

- Que se passou?

O homem e a mulher entreolharam-se.

- Bom, como deveis calcular -disse mestre Lucas -, não são coisas que se contem a qualquer pessoa... Enfim, quero dizer a pessoas a quem o caso não diga respeito. Só a um membro da família isso poderia interessar...e como o não conhecia...

Os olhos de Angélique iam de um para o outro dos dois rostos rubicundos, nos quais via apenas bondade e ingênua delicadeza.

-Sim, conhecia-o - murmurou com voz sufocada.-Era... meu marido!

O salsicheiro abanou a cabeça.

-Já desconfiávamos disso. Nesse caso, escutai.

-Espera...- atalhou a mulher.

Dirigiu-se para a porta, fechou-a cuidadosamente e colocou os dois taipais de madeira diante da "montra" onde se expunham as virtualhas aos olhos dos transeuntes.

Na penumbra impregnada do cheiro apetitoso das salsichas, do toucinho salgado e do presunto, Angélique perguntava a si própria, com o coração agitado, que revelação iria ouvir. Estava ali sem idéias preconcebidas. Censurara-se muitas vezes por não ter ainda reembolsado as excelentes pessoas que a tinham socorrido, mas adiara sempre esse instante. Que lhe poderiam dizer que já não soubesse?... Não acendera o carrasco a fogueira?... Não fora o corpo de Joffrey de Pevrac consumido pelas chamas e as suas cinzas dispersas ao vento?...

- Mestre Gilberto, o taberneiro, é que nos contou tudo -explicou o salsicheiro. - Abriu-se conosco uma

noite em que bebera uma pinga a mais e o segredo lhe pesava. Depois obrigou-nos a jurar que não diríamos nada, pois, com semelhantes histórias, um homem arrisca-se a que, uma bela noite, lhe cravam um punhal na garganta. Contou que na véspera da execução fora procurado por uns homens mascarados que lhe ofereceram uma bolsa cheia de escudos. Que queriam em troca? Que mestre Gilberto lhes cedesse a taberna durante toda a manhã do dia seguinte. Claro que, numa manhã de execução, uma taberna da Praça de Greve faz bom negócio. Mas o que havia na bolsa ultrapassava três vezes o que poderia ganhar. Então ele disse: "Pronto, estamos conversados, a casa é vossa!" No dia seguinte, quando os figurões mascarados voltaram, Gilberto pôs os taipais e retirou-se para o seu quarto com a família e as criadas. De vez em quando, para se distraírem, espreitavam por um buraco aberto na parede, a fim de verem o que faziam os camaradas mascarados. Não faziam nada. Estavam sentados à volta das mesas, com ar de quem espera alguma coisa. Alguns tinham tirado as máscaras, mas Gilberto não os conhecia. Devo dizer-vos que tinha as suas desconfianças acerca do motivo por que lhe haviam pedido aquele favor. Debaixo da taberna existem uns grandes subterrâneos que são velhas fundações romanas, e um deles, meio arruinado, até comunica com as margens do Sena. Aqui para nós, Gilberto utiliza às vezes esse subterrâneo para receber uns cascos de vinho sem pagar direitos a esses senhores da Câmara Municipal. Por isso, não se surpreendeu quando viu os camaradas levantarem-se e abrirem o alçapão subterrâneo. Estava-se na altura em que a multidão começava a gritar porque a carroça do condenado chegava à esquina da Rua da Cutelaria e da praça. Toda a gente estava à janela, exceto o meu Gilberto, que não tirava o olho da parede, pois interessa vá-lhe mais o que se passava na taberna. Viu outros homens saírem do subterrâneo com qualquer coisa bastante comprida metida num saco... mas não conseguiu ver do que se tratava. No entanto pensou: "Por minha fé, aquilo tem todo o ar de ser um morto!" Lá fora gritava-se cada vez mais alto. A carroça encontrava-se precisamente diante da Vinha Azul e havia uma espécie de revessa, de pressão contrária, que a impedia de avançar. Mestre Albino gritava e os seus ajudantes distribuíam chicotadas. Albino decidiu entrar na Vinha Azul para tentar reanimar o seu "cliente" com um pouco de aguardente. Faz muitas vezes isso. Ele próprio bebe também um copo, assim como os ajudantes. Deve-se reconhecer que o ofício de carrasco exige um bocado de gênica, não é verdade? Quando a porta se abriu, Gilberto viu perfeitamente o condenado que traziam. Tinha a camisa branca suja de sangue e os compridos cabelos pretos pendiam-lhe até ao chão... Perdoai-me, senhora, se vos aflijo. Elisa, vai buscar uma garrafinha e uns copos.

- Não, peço-vos que continueis -suplicou Angélique, arquejante.

- É que... já não há muito mais a dizer, valha a verdade. O próprio Gilberto confessa que não viu nada. A loja estava escura. Ouvia mestre Albino gritar por não haver ninguém que lhe desse de beber. Na rua, os archeiros guardavam a porta. Tinham deitado o condenado numa mesa...

- E que faziam os outros, os homens mascarados?

- Estavam de pé ou sentados... Como sabê-lo? Estava escuro e só sei o que Gilberto disse; não vi nada. Mas a imaginação é mais forte do que ele e ninguém lhe tira da cabeça que o fardo que os outros depois levaram não continha o mesmo que à chegada e que... foi o primeiro corpo saído do subterrâneo que queimaram naquele dia na Praça de Greve!

Angélique passou a mão pela testa. A história parecia-lhe insensata e perguntava a si mesma porque lha contavam. Tinha dificuldade em apreender o significado implícito na narrativa. No entanto, pouco a pouco, a luz penetrou através do seu assombro. JOFFREY TALVEZ NÃO ESTIVESSE MORTO!

Mas seria possível? Vira-o queimar, recordava-se daquele grande vulto negro amarrado ao poste. Ficara sozinha, à mercê de todos... e nunca na sua noite brilhara um clarão de esperança, uma palavra, uma mensagem, um sinal amigo... Joffrey vivo! Tivera de esperar mais de cinco anos para que lhe fosse feita uma alusão a esse milagre... por um salsicheiro que, segundo ele próprio confessava, não vira nada e se limitava a repetir as palavras de um bêbedo... Que loucura!

Joffrey vivo! Poderia tornar a vê-lo, tocar-lhe... Rever o seu rosto misterioso, fascinante, único; o seu rosto medonho e tão belo! Onde estaria? Por que motivo ainda não voltara? Ah, se ainda não voltara, era porque estava morto! Sim, morto! Não havia esperança...

-Acalmai-vos - disse a salsicheira.-Não tremais assim. Tudo isto é simplesmente uma suposição. Tomai, bebei uma pinguinha de vinho.

O vinho, muito alcoólico, fez-lhe bem. Respirou profundamente duas ou três vezes e recuperou a presença de espírito. Mas sentia-se quebrada como depois de uma doença breve e violenta.

Abanou tristemente a cabeça.

- O que me contastes é muito estranho, sem dúvida. Como interpretá-lo? Se tivesse havido substituição, mestre Albino teria dado por isso mais tarde, na altura de cobrir a cabeça do condenado com o capuz preto, antes de o amarrar ao poste. Teríamos de admitir que mestre Albino fora pago em troca da sua cumplicidade e que...

Estremeceu.

- Se tivésseis visto o carrasco- uma só vez, como eu o vi, compreenderíeis que isso é impossível.

O bondoso casal esboçou um gesto de impotência.

-É tudo o que sabemos, minha pobre senhora! Pensamos que vos interessaria... Dizíamos muitas vezes para conosco: "Porque não terá voltado a pobre pequena? Talvez a nossa história lhe pudesse dar um pouco de esperança..."

- Cinco anos!-murmurou Angélique.-E nada durante todo este tempo! Se tinha amigos dedicados - quais?- capazes de o arrancar assim às mãos do carrasco, amigos suficientemente ricos para poderem pagar a fortuna necessária para subornar mestre Albino, por que motivo ninguém me fez, desde então, um só sinal? Não, isso não passa de uma loucura!

Levantou-se. As pernas tremiam-lhe. Não pôde impedir-se de deitar um olhar inquieto aos seus interlocutores.

- Porque me contastes isso? Ides atraiçoar-me?

- De modo nenhum! Por quem nos tomais, senhora? - Então, porquê? Quereis mais dinheiro?

- Não estais no vosso juízo!-protestou o salsicheiro, endireitando-se com súbita dignidade. – Gosto de ser prestável ao meu próximo, mais nada. E, quanto mais pensava nesta história, mais me convencia de que significava qualquer coisa e de que era a vós que devia ser contada.

Levantou devotamente os olhos para a imagem da Virgem e prosseguiu:

- Peço muitas vezes a Nossa Senhora que me inspire atos de verdadeira caridade, dessa caridade útil e benfazeja, e não daquela de que as pessoas se vangloriam e humilha quem a recebe.

- Se sois assim tão bom cristão, deveríeis ter-vos regozijado com a morte de um feiticeiro...

- Não me regozijo com nenhuma morte - murmurou o salsicheiro, cujos olhos azuis, enterrados nos refegos de gordura, brilharam suavemente.-Perante a morte, nenhum homem é mais do que uma alma em perigo. Nem um só condenado passou por esta praça sem que eu pedisse a Nossa Senhora que o salvasse, a fim de ter tempo de se resgatar, ou de viver melhor, depois de avaliar a sua fraqueza perante o abismo da eternidade. E às vezes isso acontece: um mensageiro do rei chega com o perdão ou então... como sucedeu há pouco tempo, rebenta um motim e três condenados conseguem fugir. Sim, é com estas coisas que me regozijo...

Mestre Lucas fora abrir a porta. O sol, que entrava de novo, apenas iluminava no rosto do salsicheiro

sentimentos sinceros. Angélique, a quem a experiência da vida tornara extremamente clarividente, não vislumbrava no comerciante nenhum vestígio de hipocrisia.

- Porque sois bom? -perguntou surpreendida.-As pessoas das vossas corporações são duras. Raramente são úteis a alguém sem mira de recompensa.

- Porque não havia de ser bom? -respondeu o salsicheiro com a satisfação de um filho de Deus.- A vida é tão curta e tenho tão pouca vontade de perder o meu paraíso que não o trocaria por qualquer vigarice ou dureza, que apenas me tornaria mais rico e poderoso do que os outros.

Quando os deixou, Angélique mandou embora a carruagem e decidiu ir a pé até à Praça Real.

Sentia-se fraca, mas necessitava de andar para pôr as idéias um pouco em ordem.

Seguiu ao longo do Sena por um cais que acabava de ser construído e contornava a cerca dos Celestinos¹.

As latadas do belo jardim monástico começavam a cobrir-se de folhas e gavinhas de um verde-tenro. O público podia passear na cerca. As portas só eram fechadas na época em que as uvas maduras podiam tentar os visitantes, mas reabriam-nas depois das vindimas.

Angélique entrou no jardim e foi-se sentar debaixo de um dos caramanchões. Vinha muitas vezes ali com amigas e amigos que lhe recitavam versos, ou, mais simplesmente, ao domingo, como mãe de família, com Florimundo e Cantor.

Naquela manhã, a cerca encontrava-se ainda meio deserta. Alguns frades de hábito castanho e com um avental de pano grosso à cintura cavavam os canteiros ou enxertavam as vinhas. Do convento vinha um murmúrio de preces e cânticos salmodiados e um sino tocava ininterruptamente.

Era daquele amálgama de vozes, de cânticos, de velas acesas, de incenso, e daquela acumulação de ritos, de regras e de dogmas que surgia de vez em quando, no decurso dos tempos, uma flor de santidade real, perfeita, como o Sr. Vicente ou como o salsicheiro da Praça de Greve.

Santidade quotidiana, impregnada de indulgente sabedoria que apagava séculos de torpezas, mesquinhices e intolerância religiosa.

"Graças a esses seres excepcionais", disse Angélique para consigo, "é possível perdoar."

CAPÍTULO X – Habilidade comercial de Angélique

Sentado debaixo do caramanchão, rememorava a sua visita ao salsicheiro. O seu espírito continuava a girar à volta da bem-aventurada pessoa de mestre Lucas, na esperança de extrair dela quer a certeza, quer a dúvida.

Conforme a idéia que fazia do salsicheiro, assim a história que ele lhe contara tomava aspecto diferente. Tão depressa julgava ver nela o fruto de uma imaginação mística, como uma manobra interesseira para lhe extorquir dinheiro, ou simplesmente as confidências de um bisbilhoteiro sempre desejoso de mostrar que estava melhor informado do que os outros.

Passados tantos anos, que podiam significar as proezas de alguns farsantes mascarados, numa manhã de execução? Na hipótese de a memória nublosa de um bêbedo, tal como a do dono da Vinha Azul, não ter confundido dois acontecimentos num só, quem se daria ao incômodo de organizar a fuga de Joffrey

¹ Atual Praça dos Vosgos

de Peyrac?

Angélique sabia melhor que ninguém em que abandono se tinham encontrado, o marido e ela, depois da sua desgraça.

Na época, Andijos não passava de um fugitivo. É certo que mais tarde se soubera que sublevara o Languedoc contra o rei e que se declarara uma guerra surda, misto de hostilidade e de guerrilha, caracterizada pela recusa de pagar impostos e por escaramuças com as tropas reais. Por fim, no ano anterior, o próprio rei tivera de ir ao Languedoc pôr termo a essa tensão perigosa e Andijos fora capturado. Angélique soubera tudo isso através da tagarelice de pessoas da corte que saboreavam o seu chocolate na Anã Espanhola.

Tais acontecimentos talvez tivessem vingado Joffrey de Peyrac, mas não o haviam salvo.

E mestre Albino? Como aceitar sequer a idéia da sua cumplicidade? Esse perfeito funcionário do reino recusara fortunas, ao que se dizia.

E por que motivo, durante cinco anos, não recebera Angélique o mais pequeno eco dessa estranha conspiração?

À medida que as horas passavam, o raciocínio frio da Sr.^a Morens destruía a louca esperança da pobre Angélique. Enfim, já não era uma rapariga romântica! A vida encarregara-se de a convencer da sua irremediável solidão. Quer o marido tivesse morrido na fogueira, quer mais tarde num retiro ignorado, estava, sem dúvida nenhuma, morto e nunca mais o tornaria a ver.

Apertou as mãos uma na outra, num gesto que se lhe tornara familiar quando queria dominar emoções demasiado vivas. O seu rosto de mulher ainda nova adquiria por vezes a expressão alheada e calma que a resignação dá. Mas poucas pessoas lhe conheciam esse rosto, pois as necessidades do seu comércio exigiam-lhe que fosse alegre e amável e até um bocadinho ruidosa. Submetia-se de boa vontade a esse papel, de resto, visto ser próprio da sua natureza mostrar-se animada.

Por outro lado, isso aturdi-a e não lhe deixava tempo para pensar. Assim, durante o ano, não hesitara em se lançar em iniciativas arriscadas que faziam gemer Audiger, embora todas, ou quase todas, tivessem sido bem sucedidas.

Agora, Angélique era rica. Tinha carruagem e morava na Praça Real. Já, não era ela quem, na chocolataria, deitava a beberagem odorífera nas chávenas das belas coquetes, mas sim um exército de pretinhos cobertos de fitas, que mandara vir de Sete e treinara para o efeito. Pessoalmente, só se ocupava das contas e das faturas. A sua existência era a de uma burguesa endinheirada.

Angélique levantou-se e retomou o seu caminho ao longo do Cais dos Celestinos. A fim de evitar pensar demasiado na confiança de mestre Lucas, pôs-se a evocar as diversas etapas percorridas desde a tarde em que comparecera, no meio de grande segredo, perante o Sr. Colbert.

Começara por montar a chocolataria, que em pouco tempo se tornara um dos locais da moda de Paris e a que dera o nome de Anã Espanhola. O estabelecimento fora visitado pela rainha, encantada por já não ser a única a beber chocolate. Sua Majestade era acompanhada pela anã e pelo anão, o digno Catraia.

Desde então, a chocolataria não deixara de prosperar. Angélique reconhecia de boa mente que a sociedade com um homem tão apaixonado como o excelente Audiger representava uma grande vantagem. Demasiado fraco para lhe resistir e, por outro lado, persuadido de que ela seria um dia sua mulher, deixava-a fazer o que quisesse.

Escrupulosa na aplicação dos termos do contrato, Angélique nem por isso deixava de procurar, acima de tudo, fazer frutificar a sua parte. Assim, chamara inteiramente a si a instalação de chocolatarias anexas em diversas cidadezinhas dos arredores de Paris, como Saint-Germain, Fontainebleau e

Versalhes, e até em Lião e Nantes.

Tinha um talento especial para escolher sem se enganar aqueles que colocava à frente dos novos estabelecimentos. Concedia-lhes grandes vantagens, mas exigia uma contabilidade honesta e estipulava nos contratos que nos primeiros seis meses o estabelecimento devia fazer progressos contínuos, pois, de contrário, o gerente seria substituído. Assim, este, espicaçado por tal ameaça, desenvolvia uma atividade febril para convencer os provincianos de que tinham a obrigação de beber chocolate...

Contrariamente a muitos comerciantes e financeiros da época, Angélique não entesourava. Com ela, "o dinheiro girava".

Colocou o que possuía noutros negociozinhos, como o das carruagens públicas de Paris, que partiam do Palácio de Saint Fiacre, apanhavam pelo caminho a arraia-miúda -criados, pajens, vendedeiras e costureiras, soldados estropiados e escreventes- e transportava-a aonde quisesse apenas por cinco soldos. Por outro lado, associara-se também com o seu antigo cabeleireiro de Tolosa, Francisco Binet.

Angélique reencontrara Francisco Binet num dia em que, diante do espelho, se desolava mais uma vez pensando nos seus longos cabelos, recentemente sacrificados pelos "malvados" do Châtelet.

Os "novos" cabelos não eram feios. Eram até mais dourados e encaracolados do que os antigos, mas mantinham-se enervantemente curtos. Por isso, agora, que voltara a ser uma senhora e os não podia esconder debaixo de uma touca, tal fato causava-lhe um pouco de constrangimento. Necessitava, portanto, de postiços. Mas ser-lhe-ia fácil encontrar o tom de ouro polido, bastante raro, que lhe era próprio? Recordou-se da observação do soldado que lhe cortara os cabelos. "Vou vendê-los ao Sr. Binet, da Rua de Saint-Honoré." Seria o Binet de Tolosa?... Fosse quem fosse, era pouco provável que o cabeleireiro ainda tivesse na loja a cabeleira de Angélique. Mas a curiosidade de tornar a ver aquele familiar dos tempos felizes já a não largou e foi imediatamente procurá-lo.

Era de fato, Francisco Binet, como sempre discreto, cortês e falador. Com ele podia estar tranqüila. Falava de tudo, mas não fazia qualquer alusão ao passado.

Casara com uma mulher chamada La Martin, que tinha muito talento para pentear as damas, e ambos possuíam já uma clientela muito selecionada.

Angélique podia-se apresentar sem falsa vergonha diante do antigo barbeiro do marido.

A Sra. Morens, chocolateira, era uma personalidade muito conhecida em Paris. No entanto, enquanto a penteava, Binet continuava a tratá-la a meia-voz por "Sra. Condessa" e ela não sabia se isso lhe dava prazer ou vontade de chorar.

Binet e a mulher compuseram para Angélique um penteado audacioso. Cortaram-lhe sem hesitar os cabelos muito curtos, de forma a descobrirem-lhe as orelhas encantadoras, e com o que tiraram arranjaram dois ou três caracóis postiços que lhe assentavam graciosamente ao longo do pescoço e nos ombros e davam ao conjunto uma falsa aparência de comprimento.

No dia seguinte, quando Angélique passeava com Audiger no Mail, dirigiram-se-lhe duas damas que lhe perguntaram quem a penteara de forma tão original.

Indicara-lhes Binet e partira daí a idéia de se associar com o cabeleireiro e a mulher. Mandar-lhes-ia as grandes damas da sua própria clientela e receberia uma percentagem sobre as receitas. Empréstou-lhes também dinheiro para mandarem à província carros carregados de aprendizes com a missão de comprarem às belas raparigas do campo as suas cabeleiras. Paris já não conseguia satisfazer o enorme consumo de cabelos empregados no fabrico de perucas.

Por último, Angélique concluiu um negócio mais importante do que todos os outros. Comprou "partes de barco" a um negociante de Honfleur chamado João Castevast, com o qual já tinha negócios no

tocante ao seu estabelecimento de cacau.

Mestre Castevast entregava-se a um tráfico bastante complicado, que ia do fretamento de barcos de pesca para os bancos da Terra Nova à venda do bacalhau em Paris e da compra de quantidades maciças de sal nas costas do Poitou e da Bretanha ao armamento de barcos que traziam da América produtos exóticos. Armava também navios de corso.

Os seus negócios corriam bem. Empréstava dinheiro a juros altos e por prazos curtos aos marinheiros das suas próprias tripulações, ressegurava ao juro de 47c créditos duvidosos que os estrangeiros julgavam pouco seguros, mas que ele considerava bons, e resgatava e trocava os escravos cristãos por mouros capturados pelos seus barcos, isto por intermédio dos religiosos da Trindade, que tinham um convento em Lisieux.

Esta última atividade permitia a mestre Castevast passar por benfeitor da humanidade, embora exigisse "adiantamentos" aos familiares dos prisioneiros e aceitasse a expressão substancial do seu reconhecimento.

Os negócios do negociante Castevast eram, em geral, muito rendosos, mas, como assumia grandes riscos, nos últimos tempos vira-se bruscamente à beira da falência. Um dos seus barcos fora capturado pelos Bárbaros, outro desaparecera depois de uma revolta da tripulação e o aumento do imposto sobre o sal fizera-o perder um carregamento completo de bacalhau.

Angélique aproveitara a oportunidade para fingir correr em socorro do astuto negociante, de quem já tivera oportunidade de apreciar a audácia e a habilidade.

Começou por o ajudar emprestando-lhe dinheiro e depois, servindo-se das suas relações, conseguiu que fosse eleito procurador do rei na Câmara Municipal de Honfleur. Obteve igualmente para o irmão do negociante o cargo de procurador do rei no Tribunal Marítimo da mesma localidade, e assim, graças a estes dois cargos reais, João Castevast encontrava-se quase inteiramente ao abrigo da rapacidade do fisco.

Além disso, como acionista da Companhia das Índias Orientais e Ocidentais, Angélique obteve de Colbert autorização para os barcos de Castevast terem acesso à Martinica, pagando apenas um pequeno imposto aos funcionários reais da ilha.

A isenção de impostos fora a primeira satisfação que procurara, como uma desforra inconsciente sobre o meirinho que conhecera na sua infância. Talvez se recordasse também dos primeiros ensinamentos comerciais que lhe inculcara o Sr. Molines.

Um dos princípios da Sra. Morens, e talvez o segredo do seu êxito, era este ditado pessoal que por nada deste mundo revelaria a quem que fosse: "Qualquer negócio é vantajoso... sem o fisco!"

Em troca dos seus empréstimos e dos seus serviços, Angélique obtivera de Castevast duas partes sobre os seus barcos. Além disso, era a sua única comanditária em Paris no tocante a produtos exóticos: cacau, tartaruga, marfim, aves das ilhas e madeiras preciosas.

Fornecia madeira às novas Manufaturas Reais de Móveis, que o Sr. Colbert acabava de fundar. Quanto aos macacos e às aves, vendia-os aos Parisienses.

Tudo isto lhe permitia ganhar muito dinheiro.

Angélique notou que, toda entregue aos seus pensamentos, deixara o cais e entrara na Rua do Beautreillis. A barafunda que reinava na rua trouxe-a à realidade. Arrependia-se de ter mandado embora a carruagem. Andar a pé no meio dos aguadeiros e das criadas que faziam compras não era próprio da sua nova condição.

Além disso, como deixara de usar as saias curtas das mulheres do povo, via com pesar encher-se de

lame a parte de baixo das saias pesadas que usava agora.

Um remoinho da multidão comprimiu-a contra a parede de uma casa. Protestou violentamente, mas o gordo burguês que quase a esmagava virou-se e gritou-lhe:

- Tem paciência, minha linda! E o Sr. Príncipe que vai sair. Com efeito, acabava de se abrir- um grande portão, pelo qual saía uma carruagem puxada por seis cavalos. Angélique teve tempo de reconhecer através da vidraça o perfil soturno do príncipe de Conde. Algumas pessoas gritaram:

- Viva o Sr. Príncipe!

Este ergueu, severo, o punho de renda. Para o povo, continuava a ser o vencedor de Rocroi. Infelizmente, a paz dos Pirenéus obrigava-o a uma inatividade que não lhe agradava muito.

Depois de ele passar, a circulação normalizou-se. Angélique parou diante do pátio do palácio donde o príncipe acabava de sair e espreitou. Havia algum tempo que a sua bela casa da Praça Real lhe não bastava. Também ela ambicionava possuir um palácio com portão, pátio principal para carruagens, pátio de cavaliças e cozinhas, instalações para a criadagem e, nas traseiras, um bonito jardim com laranjeiras e canteiros floridos.

O edifício que viu naquela manhã era de construção relativamente recente. A sua fachada distinta e sóbria, com janelas muito altas e varandas de ferro forjado, e o seu telhado de ardósia quase nova, com Incarnas arredondadas, eram do estilo adotado nos últimos anos.

O portão fechava-se lentamente. Sem saber porquê, Angélique não arredava pé. Notou que o brasão de armas esculpido por cima da porta parecia ter sido quebrado. Não fora a velhice nem as intempéries que tinham destruído assim as armas principescas, mas sim o cinzel de um operário.

- A quem pertence este palácio?-perguntou a uma florista instalada com a sua banca perto dali.

- Mas... ao Sr. Príncipe -respondeu a outra, empertigando-se.

- Porque mandou o Sr. Príncipe retirar o brasão colocado por cima da porta? É pena, pois as outras esculturas são tão belas!

- Oh, isso é uma longa história!-redargüiu a boa mulher, compungida.- Eram as armas de quem mandou construir o palácio. Um gentil-homem maldito. Entrega vá-se a feitiçarias e invocava o Diabo. Condenaram-no à fogueira.

Angélique ficou imóvel. Depois sentiu o sangue fugir-lhe lentamente das face. Aí estava porque experimentara diante daquela porta de carvalho claro, que brilhava ao sol, uma impressão de já visto...

Fora ali que se dirigira em primeiro lugar, quando chegara a Paris. Fora naquela porta que vira apostos os selos da justiça do rei...

- Diz-se que era um homem muito rico - continuava a mulher. - O rei distribuiu os seus bens. O Sr. Príncipe recebeu a maior parte, incluindo este palácio. Mas, antes de lá se instalar, mandou picar as armas do feitiçeiro e espalhar água benta por toda a parte. Como deveis calcular... queria dormir tranqüilo!

Angélique agradeceu à florista e afastou-se.

Ao atravessar a rua do bairro de Santo António, procurava já descobrir por meio de que hábil manobra conseguiria ser apresentada ao príncipe de Conde.

Angélique instalara-se na Praça Real alguns meses depois de abrir a chocolataria. Já o dinheiro afluía. Ao trocar a Rua dos Francs-Bourgeois pelo centro do bairro aristocrático, a jovem subia um degrau da escada social.

Na Praça Real, os gentis-homens batiam-se em duelo e as damas discutiam filosofia, astronomia e rimas forçadas.

Liberta do cheiro cediço do cacau, que a acompanhava para toda a parte, Angélique sentiu-se renascer e abriu os olhos cheios de simpatia para aquele mundo fechado e tão parisiense.

A praça, rodeada pelas suas casas cor-de-rosa, com os seus altos telhados de ardósia e a sombra das suas arcadas, que abrigavam ao nível da rua lojas de frivolidades, ofereceu-lhe um refúgio onde descansava do seu trabalho.

Ali vivia-se discreta e elegantemente e os escândalos assumiam aspectos de lances de teatro.

Angélique começou a saborear o prazer da conversação, esse instrumento de cultura que havia meio século transformava a sociedade francesa. Infelizmente, receava sentir-se desajeitada. O seu espírito estivera tanto tempo afastado dos problemas que suscitavam um epigrama, um madrigal ou um soneto!

Além disso, devido à sua origem plebéia ou como tal considerada, os melhores salões continuavam a estar-lhe fechados. Para os conquistar, armou-se de paciência. Vestia-se ricamente, mas sem estar muito certa de respeitar a moda.

Quando os filhos passeavam debaixo das árvores da praça, as pessoas viravam-se para os admirar, de tal forma eram bonitos e andavam bem vestidos. Florimundo e o próprio Cantor usavam agora autênticos trajes masculinos -de seda, brocado e veludo-, com grandes golas de renda, meias de baguettes e sapatos com rosetas e saltos altos. Na cabeça, de belos cabelos encaracolados, traziam chapéus de plumas, e Florimundo tinha uma espadinha que o encantava. Sob uma aparência nervosa e frágil, o garoto possuía a paixão da guerra e desafiava para duelos o macaco Piccolo ou o pacífico Cantor. Este, que contava 4 anos, quase não falava e, se não fosse a inteligência dos seus belos olhos verdes, Angélique julgá-lo-ia um bocadinho atrasado. Era, porém, apenas taciturno e não via utilidade em falar, uma vez que Florimundo o compreendia e a criadagem adivinhava os seus mais pequenos desejos.

Na Praça Real, Angélique tinha uma cozinheira e um criado. Com Flipot, promovido a lacaio, e o cocheiro, a Sra. Morens podia fazer figura bastante aceitável entre as suas vizinhas. Bárbara e Javotte usavam toucas de renda, cruzeiros de ouro e xales indianos.

Mas Angélique tinha perfeita consciência de que, aos olhos dos outros, não passava de uma nova-rica. Queria subir mais alto, e precisamente os salões do Marais permitiam às ambiciosas "saltarem" da classe plebéia para a da aristocracia, pois neles burguesas e grandes damas identificavam-se sob o signo do espírito.

Começou por conquistar as boas graças da solteirona que morava no andar de baixo, a qual conhecera os belos dias do preciosismo e das discussões femininas. Convivera com a marquesa de Rambouillet, dava-se com Mlle de Scudéry e utilizava uma linguagem delicada e ininteligível.

Filónida de Parajonc pretendia existirem sete espécies de estima e dividia os suspiros em cinco categorias. Desprezava os homens e odiava Molière. O amor era, a seus olhos, "o grilhão infernal".

Contudo, nem sempre fora tão feroz. Segredava-se que, na sua juventude, longe de se contentar com o insípido país da Ternura², não desdenhara o reino da Coquetaria e fora muitas vezes à sua capital, o Prazer. Aliás, ela própria confessava, de olhos em alvo: "O amor dilacerou-me terrivelmente o coração!"

"Se só lhe tivesse dilacerado isso!", resmungava Audiger, que não via com bons olhos a intimidade de

² País alegórico cujos diversos caminhos do amor foram imaginados por M^{lle} de Scudéry e pelos escritores do seu círculo. (N. do T.)

Angélique com aquela preciosa decadente. "Ainda acabais por vos tornar pedante. Na minha terra há um provérbio que diz que uma mulher sabe o bastante quando conhece a diferença entre a camisa e o gibão do marido."

Angélique ria e desarmava-o com um trejeito rebelde.

Em seguida ia assistir com Mlle de Parajonc às conferências do Palácio Precioso, onde a amiga a inscrevera por três pistolas³, freqüentado pelo escol das pessoas de bem, isto é, muitas mulheres da média burguesia, eclesiásticos, jovens eruditos e provincianos. O programa da sociedade era deveras aliciante:

"Mediante apenas três pistolas, pretendemos proporcionar durante três meses, do primeiro dia de Janeiro a meio da Quaresma, todos os divertimentos que um espírito razoável pode imaginar.

" Às segundas-feiras e aos sábados, baile e comédia, com distribuição gratuita de limões doces e laranjas de Portugal.

"Às terças-feiras, concertos de alaúde, de canto e instrumental

" Às quartas-feiras, lição de filosofia.

" Às quintas-feiras, leitura das gazetas e das peças novas submetidas a apreciação.

" Às sextas-feiras, propostas interessantes submetidas a apreciação."

Estava tudo previsto para tranquilizar as damas que pudessem temer o regresso a casa de noite:

"Dá-se boa escolta às pessoas que dela necessitarem para a segurança do seu dinheiro, das suas jóias e das suas rendas de Gênova. No entanto, isso talvez venha a não ser necessário, em virtude de estarmos em vias de chegar a um acordo com todos os gatunos de Paris, que nos prometem bons passaportes mediante os quais se poderá ir e vir com toda a segurança, pois esses senhores timbram em demonstrar que são bastantes escrupulosos no cumprimento da sua palavra, uma vez dada."

A tanta solícitude, o Palácio Precioso juntava um grupo selecionado de conferencistas distintos. Roberval, professor de Matemática do Colégio Real, dissertava acerca do cometa que em 1665 agitava os Parisienses. Discutiam-se as cheias do Nilo e o amor sentimental, mas também as causas da luz e o problema do vácuo e do peso do ar.

Angélique descobriu que as conferências científicas lhe provocavam um sofrimento só comparável ao de uma possessa em contacto com a água benta. Estremecia perante certos termos, julgando ouvir a voz apaixonada de Joffrey de Payrac e ver brilhar o fogo do seu olhar.

- O meu cérebro é demasiado pequeno -declarou um dia a Mlle de Parajonc.-Todos esses assuntos importantes me assustam.

Não quero voltar ao Palácio Precioso a não ser nos dias de baile e de música.

- O vosso sublime está demasiado profundamente preso à ma teria-observou, desolada, a solteirona.- Como quereis brilhar num salão se não estiverdes ao corrente do que se diz? Não vos interessais pela filosofia, nem pela mecânica, nem pela astronomia e não sabeis rimar. Que vos resta?... A devoção. Já lestes, ao menos, S. Paulo e Santo Agostinho? Aí tendes dois bons obreiros da vontade soberana de Deus. Hei-de emprestar-vos.

Mas Angélique recusou S. Paulo e Santo Agostinho, e até o livro de Mlle de Gournay, Da Igualdade dos Homens e das Mulheres, que, no entanto, lhe poderia proporcionar sólidos argumentos para opor às declarações de Audiger.

³ Moeda antiga de ouro. (N. do E.j)

Em contrapartida, mergulhava ardentemente e quase às escondidas no Tratado de Requebros e Boas Maneiras, de Mlle de Quintin, e ri Arte de Agradar na Corte, de Mlle de Croissy.

CAPÍTULO XI - Vítima de um laçao brincalhão, Angélique é defendida pelo marquês de Montespan

No dia seguinte ao da sua ida à Praça de Greve, Angélique pedira a Mlle de Parajonc que a acompanhasse às Tulherias.

Mlle de Parajonc era a sua companhia habitual. Conhecía toda a gente e indicava uns e outros à companhia, que aprendia assim a conhecer as caras novas da corte. Servia também a Angélique para realçar o contraste entre a sua beleza e a fealdade da amiga, embora sem que esta tivesse a mais pequena consciência disso, pois a pobre Filónida, coberta de alvaiade até aos olhos e com as pálpebras pintadas de negro como uma velha coruja, continuava a julgar-se tão irresistível como no tempo em que fazia suspirar interminavelmente os seus admiradores.

Ensinava a Angélique a melhor maneira de passear nas Tulherias, mimando os gestos necessários com muita vivacidade, o que fazia rir os insolentes, embora só visse nisso homenagens prestadas aos seus encantos.

- Nas Tulherias - dizia - de vê-se passear negligentemente na grande alameda e falar sempre sem nada dizer, a fim de se parecer espiritual. Deve-se rir sem motivo, para se parecer alegre, nunca perder o aprumo para salientar o colo, abrir os olhos para os aumentar, morder os lábios para os tornar rubros, cumprimentar uns com a cabeça e outros com o leque... Enfim, deveis desconstrair-vos, minha querida! Gracejai, requebrai-vos, mas tudo com ar afetado...

De fato, a lição não era má e Angélique aplicava-a com mais moderação -e também mais êxito- do que a companhia.

Na opinião de Mlle de Parajonc, as Tulherias eram "a liça da alta sociedade" e o Cours-la-Reine "o império das olhadelas". Ia-se às Tulherias para se esperar a hora do Cours e volta vá-se lá à tardinha, depois do Cours, alternando o passeio de carruagem com o passeio a pé.

Os recantos do jardim eram propícios aos poetas e aos amantes. Os padres preparavam neles os seus sermões e os advogados a defesa das suas causas. Todas as pessoas de qualidade marcavam ali os seus encontros e também lá apareciam de vez em quando o rei ou a rainha e com frequência o delfim com a sua aia.

Naquele dia, Angélique arrastou a companhia para os lados do Grand Parterre, onde se reuniam habitualmente as personagens importantes e quase todas as tardes se encontrava o príncipe de Conde. Ficou, porém, decepcionada por não o ver e bateu o pé, impaciente.

- Gostaria muito de saber porque estáveis tão ansiosa por ver Sua Alteza - admirou-se Filónida.

- Tinha muita necessidade de falar com ele.

- Alguma petição?... Nesse caso, não vos apoquenteis mais, minha querida. Ei-lo.

De fato, o príncipe de Conde acabava de chegar e aproximava-se através da grande alameda, rodeado de gentis-homens da sua casa.

Angélique lembrou-se então de que não havia nenhum encontro possível entre ela e o príncipe. Poderia, porventura, dizer-lhe sem mais nem menos: "Monsenhor, restitui-me o palácio da Rua do Beautreillis,

que me pertence e recebestes indevidamente das mãos do rei"? Ou então: "Monsenhor, sou a mulher do conde de Peyrac, cujas armas mandastes picar e cujo palácio fizestes exorcizar"?

O impulso que a levava às Tulherias para se encontrar com o príncipe de Conde era pueril e estúpido. Não passava de uma chocolateira enriquecida. Ninguém a podia apresentar a tão grande senhor e, além disso, que lhe diria?... Furiosa consigo mesma, censurou-se asperamente: "Idiota! Se fosses sempre tão impulsiva e insensata, aonde iriam parar os teus negócios?..."

- Vinde - disse à solteirona.

E, com um gesto brusco, desviou-se do grupo cintilante e palrador que passava por ela.

Apesar da tarde radiosa e da doçura primaveril do céu, Angélique conservou-se amuada durante todo o resto do passeio. Filónida perguntou-lhe se iriam ao Cours. Respondeu que não. A sua carruagem era demasiado feia.

Um peralvilho abordou-as:

-Senhora -disse a Angélique -, o meu companheiro e eu interrogámo-nos a vosso respeito. Um apostou que éreis a esposa de um procurador, o outro que éreis solteira e preciosa. Qual de nós acertou?

Poderia ter rido. Mas estava de mau humor e detestava aqueles peralvilhos arrebicados como bonecas e que usavam pretensiosamente a unha do dedo mindinho mais comprida do que as outras.

- Continuai a apostar-respondeu-, pois, como sois parvo, nunca perdereis.

E deixou-o boquiaberto.

Filónida de Parajonc ficou sem pinga de sangue.

- À vossa réplica não faltava certo espírito, mas cheirava a comadre a três léguas de distância. Nunca conseguireis triunfar num salão se...

- Oh, Filónida!-exclamou Angélique, parando bruscamente. -Olhai... ali!

- Onde?

- Ali -repetiu Angélique, numa voz que não era mais do que um murmúrio.

A alguns passos dela, enquadrado pelo arvoredado, encontrava-se um homem novo, alto, negligentemente encostado ao pedestal de uma estátua de mármore. Era de uma beleza notável, ainda realçada pelo requinte do vestuário. Envergava casaca de veludo verde-amêndoa, com bordados a ouro representando pássaros e flores, um pouco extravagante, mas bela como a libré da Primavera. Um chapéu branco, enfeitado com plumas verdes, cobria-lhe a abundante peruca loura. Adornava-lhe o rosto branco e rosado, emoldurado pelos longos caracóis e suavizado por um pouco de pó, um bigode louro, desenhado de um traço. Tinha olhos grandes, de um azul-transparente, que a sombra da folhagem enverdecia.

O gentil-homem mantinha-se impassível, sem pestanejar sequer. Sonhava? Meditava?... As suas pupilas azuis pareciam vazias, como as de um cego, e tinham, na fixidez do seu alheamento sem finalidade, a frieza da serpente.

O desconhecido parecia não se dar conta do interesse que suscitava.

- Palavra de honra, Angélique, não há dúvida de que perdeste o juízo!-observou azedamente Mlle de Parajonc. - Essa maneira de observar um homem é de uma vulgaridade!...

- Como... como se chama ele?

- É o marquês Du Plessis-Bellière. Vamos, que tem ele de extraordinário? Espera um dos seus

amiguinhos, sem dúvida. Vós, que não apreciáis os peralvilhos, não vejo por que motivo ficais aí especada como uma árvore que tivesse criado raízes.

- Perdoai-me - balbuciou Angélique, procurando recuperar a presença de espírito.

Durante um segundo voltara a ser uma rapariguinha admirativa e arisca. Filipe, o seu nobre primo desdenhoso!... Oh, Monteloup e o cheiro da sala onde o calor da sopa fazia fumegar a toalha úmida! Sofrimentos e doçuras confundiam-se.

As duas passantes passaram diante dele, que pareceu notá-las, se mexeu e, tirando o chapéu com um gesto de profundo enfado, as cumprimentou.

- É um gentil-homem do séqüito do rei, não é? -perguntou Angélique depois de se afastarem um bocado.

- É. Guerreou com o Sr. Príncipe no tempo em que este se bandeou com os Espanhóis. Depois foi nomeado monteiro-mor de Franca. É tão belo e gosta tanto da guerra que o rei lhe chama Marte. No entanto, contam-se a seu respeito coisas horríveis.

- Coisas horríveis?... Gostaria muito de saber de que natureza. Mlle de Parajonc soltou uma gargalhadinha resignada.

- Pronto, já estais irritada por ouvir dizer mal desse belo senhor! Aliás, todas as mulheres são como vós. Perseguem-no e ficam embasbacadas diante dos seus cabelos louros, da sua frescura, da sua elegância, e não descansam enquanto se lhe não metem na cama. Mas então o estribilho muda. Sim, sim, recebi as confidências de Aramanda de Circé e de Mlle Jacari... O belo Filipe parece afável e cortês, sempre distraído como um velho sábio, o que faz sorrir a corte. Mas consta que no amor é de uma brutalidade inaudita: um palafrenero é mais delicado com a mulher do que ele com as suas amantes. Todas as que passaram pelos seus braços o odeiam...

Angélique mal a ouvia. A visão de Filipe encostado à estátua de mármore, imóvel e quase tão irreal como uma aparição, não a deixava. Noutros tempos pegara-lhe na mão para a fazer dançar. Fora no Plessis, naquele castelo branco misteriosamente rodeado pela grande floresta de Nieul.

- Parece que tem uma imaginação requintada para torturar as amantes - continuava Filónida.- Por uma ninharia espancou de tal forma a Sr." de Circé que ela ficou sem se poder mexer, ou quase, durante oito dias, situação deveras embaraçosa por causa do marido. E nas suas campanhas comporta-se, quando vence, de uma maneira verdadeiramente escandalosa. Os seus soldados são mais temidos do que os do famoso João de Werth. As mulheres são perseguidas até nas igrejas e violadas indiscriminadamente. Em Norgen mandou vir as filhas dos notáveis, deu-lhes uns tabefes porque elas resistiam e depois de uma noite de orgia com os seus oficiais entregou-as à soldadesca. Muitas morreram ou enlouqueceram. Se o Sr. Príncipe não tivesse intervindo, Filipe du Plessis teria certamente caído em desgraça.

- Filónida, sois uma velha invejosa! -exclamou Angélique, dominada por súbita irritação. - Esse homem não é, não pode ser o energúmeno que me descreveis. Sentis prazer em exagerar os mexericos que ouvistes a seu respeito.

Mlle de Parajonc parou, sufocada de indignação.

- Eu!... Mexericos!... Sabeis perfeitamente como tenho horror a isso, a histórias de vizinhas e a tudo o que cheira a conversas de comadres. Eu, mexericos!... Eu que estou tão desprendida das coisas vulgares! Sevos falo assim, é porque é VERDADE!

- Pois seja, mas, se é verdade, a culpa não é inteiramente sua - decretou Angélique.-É assim porque as mulheres lhe fizeram mal devido à sua beleza.

- Como... como sabeis isso? Conhecei-lo? -N... não.

- Então estais louca! - exclamou M lie de Parajonc, tornando-se escarlate de cólera. - Nunca vos julgaria capaz de perder a cabeça por um bonifrate de tal espécie. Adeus...

Deixou-a e dirigiu-se apressadamente para o portão de saída. Angélique não teve outro remédio senão segui-la, pois não se queria zangar com M lie de Parajonc, de quem era muito amiga.

Se Angélique e a velha preciosa não tivessem discutido naquele dia nas Tulherias, por causa de Filipe du Plessis-Bellière, não se teriam retirado tão cedo. E se não tivessem saído precisamente naquele instante, não teriam sido vítimas de uma aposta grosseira que os lacaios aglomerados diante dos portões acabavam de fazer. O Sr. de Lauzun e o Sr. de Montespan também se não teriam batido em duelo pelos belos olhos verdes da Sr. Morens e Angélique teria, sem dúvida, de esperar ainda muito tempo antes de se poder relacionar de novo com os grandes do mundo, o que prova que às vezes é vantajoso ter a língua comprida e o coração ao pé da boca.

Com efeito, como a entrada do jardim estava interdita por um letreiro "aos lacaios e à ralé", havia sempre diante dos portões magotes ruidosos de criados, lacaios e cocheiros que matavam o tempo de espera entre partidas de cartas ou de chinquillo, lutas e a taberna da esquina. Naquela tarde, os lacaios do duque de Lauzun acabavam de fazer uma aposta. Pagariam um quartilho ao que tivesse a audácia de levantar a saia à primeira dama que saísse das Tulherias.

Por acaso essa dama foi Angélique, que acabava de chegar junto de Filónida e procurava acalmá-la.

Antes que tivesse tempo de prever o gesto do insolente, viu-se agarrada por um grande tringalhadaças que tresandava a vinho e arregaçada da forma mais atrevida. Quase imediatamente, a sua mão esbofeteou o descarado, enquanto M lie de Parajonc gritava como um papagaio.

Um gentil-homem que subia para a sua carruagem e vira a cena fez sinal aos criados que o acompanhavam e estes, contentíssimos por terem oportunidade de se salientar, atiraram-se à criadação do Sr. de Lauzun.

Lutou-se furiosamente em cima dos excrementos dos cavalos e no meio de um círculo de basbaques. A vitória coube à libré do gentil-homem, que a aplaudiu ruidosamente.

Depois aproximou-se de Angélique e cumprimentou-a.

- Obrigada, senhor, pela vossa intervenção -disse ela.

Estava furiosa e humilhada, mas sobretudo assustada, pois estivera quase a dar pessoalmente uma lição ao bêbedo, à boa maneira da estalagem da Máscara Vermelha, e a condimentá-la com algumas palavras enérgicas extraídas diretamente do vocabulário da Polak. Ora, se tal tivesse acontecido, todos os seus esforços para voltar a ser uma grande dama iriam por água abaixo. No dia seguinte, as damas do M arais rir-se-iam à sua custa por causa do incidente.

Branca de emoção por via deste pensamento, a jovem tomou o partido de desfalecer ligeiramente, de acordo com as boas tradições.

- Ah, senhor... que falta de respeito! É espantoso! Estar assim exposta aos ultrajes destes mariolas!...

- Tranqüilizai-vos, senhora - disse ele, amparando-a pela cintura com um braço solícito e vigoroso.

Era um belo rapaz, de olhos vivos e cuja pronúncia cantante não podia enganar. Um gascão, sem dúvida nenhuma. Apresentou-se:

- Luís Henrique de Pardaillan de Gondrin, cavaleiro de Pardaillan e doutros lugares, marquês de Montespan.

Angélique conhecia o nome. O seu defensor pertencia à mais alta nobreza de Guiena. Sorriu com toda a

sedução de que era capaz e o marquês, manifestamente encantado com o encontro, insistiu em saber onde e quando poderia ter notícias suas. Angélique não quis dizer quem era, mas respondeu:

- Vinde às Tulherias amanhã à mesma hora. Espero que as circunstâncias sejam mais favoráveis e nos permitam conversar agradavelmente.

- Onde vos espero?

- Ao pé do Eco.

O local prometia muito. O Eco era o sítio dos encontros galantes. Deslumbrado, o marquês beijou a mão que lhe estendiam.

- Tendes liteira? Quereis que vos leve a casa?

- A minha carruagem não está longe - respondeu Angélique, que não desejava exhibir a sua modestíssima equipagem.

- Então até amanhã, misteriosa beleza.

Desta vez beijou-a rapidamente no rosto e, contentíssimo, virou-se e voltou para a sua carruagem.

- A vossa falta de pudor...- começou M lie de Parajonc.

Mas o marquês de Lauzun aparecia ao portão. Ao ver o estado em que se encontravam os seus criados, um a cuspir os dentes e o outro a sangrar do nariz, todos rotos e cobertos de pó, desatou a barafustar com voz de falsete. Quando lhe explicaram que tudo aquilo era obra da criadagem de um grande senhor, gritou:

- É preciso desancar à paulada esses velhacos e o seu amo. Gente dessa espécie não é digna de ser tocada com uma espada!

O marquês de Montespan ainda não se instalara na sua carruagem. Ao ouvir tais palavras, saltou do estribo, correu atrás de Lauzun, agarrou-o por um braço, obrigou-o a fazer uma pirueta e, depois de lhe enterrar o chapéu até aos olhos, chamou-lhe alarve e patife.

Um segundo mais tarde, as espadas relampejavam e os dois gascões batiam-se em duelo sob as vistas cada vez mais interessadas dos basbaques.

- Senhores, por favor! - gritava M lie de Parajonc. -O duelo é proibido! Ireis dormir esta noite à Bastilha!

Mas os dois marqueses não faziam caso destes vaticínios razoáveis e esgrimiam com ardor, enquanto a multidão opunha autêntica resistência passiva ao pelotão de guardas suíços que procurava abrir caminho até aos duelistas.

Felizmente, o marquês de Montespan conseguiu ferir Lauzun numa coxa. Péguilin vacilou e largou a espada.

- Depressa, caríssimo! - gritou o marquês, amparando o seu adversário. - Evitemos a Bastilha! Senhoras, ajudai-me.

A carruagem pôs-se em andamento no preciso instante em que, à força de socos e golpes de alabarda, os guardas suíços, com as gorjeiras às três pancadas, conseguiram aproximar-se.

Enquanto o veículo descia com grande estrépito a Rua de Saint-Honoré, Angélique, comprimindo com a charpa o ferimento de Péguilin, encontrou-se empilhada de qualquer maneira dentro da carruagem, com o marquês de Montespan, Mlle de Parajonc e o próprio lacaio que provocara o incidente e se atirara meio morto para o chão.

- Serás condenado à goliilha e às galés - disse -lhe Péguilin, batendo-lhe com o salto do sapato no estômago.-E não serei eu que pagarei uma libra pelo teu resgate!... Com mil demônios, meu caro Pardaillan, graças a vós o meu cirurgião não precisará de me sangrar este ano.

- É necessário tratar-vos - disse o marquês. - Vinde a minha casa. Creio que a minha mulher está lá hoje reunida com as suas amigas.

Na esposa do Sr. de Montespan, Angélique reconheceu a bela Ateneia de Mortemart, a antiga amiga de colégio de Hortense, com a qual assistira outrora à entrada triunfal do rei.

Mlle de Mortemart, que na sua juventude se chamara Mlle de Tonnay-Charente, casara-se em 1662 e tornara-se ainda mais bela. A sua pele rosada, os seus olhos azuis, os seus cabelos dourados o espírito célebre da sua família impunham-na entre as mulheres mais notáveis da corte. Infelizmente, assim como a sua família e a do marido se equivaliam no tocante a alta linhagem, também não ficavam atrás uma da outra no que dizia respeito a escassez de recursos. Crivada de dívidas e perseguida pelos credores, a pobre Ateneia não podia dar à sua beleza o brilho que merecia e acontecia-lhe ter de renunciar a ir às festas da corte por não poder exhibir nelas vestidos novos.

A casa em que os duelistas das Tulherias, acompanhados de Angélique e Filónida de Parajonc, entraram apresentava, a par de uma elegância quase opulenta, vestígios de uma pobreza que tocava as raias da miséria.

Vestidos suntuosos amontoavam-se em cima de móveis cobertos de poeira, não havia lume aceso de a estação ainda estar fresca e Ateneia, de roupão de tafetá, lutava como uma megera com o caixeiro de um ourives que exigia o sinal da encomenda de um colar de prata dourada e ouro que a jovem devia estreitar em Versalhes na próxima semana.

O Sr. de Montespan encarregou-se imediatamente de resolver a situação e expulsou o caixeiro a pontapé. Ateneia protestou. Queria o seu colar. Seguiu-se uma disputa, enquanto o sangue do pobre Lauzun inundava o chão.

A Sr." de Montespan tomou, por fim, consciência do que se passava e chamou a sua amiga Francisca d'Aubigné, que viera ajudá-la a pôr a casa um pouco em ordem, pois as criadas tinham-se ido embora na véspera.

A viúva do poeta Scarron apareceu imediatamente, tão semelhante a si própria, com o seu pobre vestido, os seus grandes olhos negros e a expressão reservada da sua boca, que Angélique teve a impressão de apenas no dia seguinte a ter deixado no Templo.

"Não tarda nada que não esteja a ver surgir Hortense", pensou.

Ajudou Francisca a transportar para um canapé o marquês de Lauzun, que acabara de perder os sentidos.

- Vou buscar água à cozinha - disse a viúva Scarron.-Por favor, conservai o penso na ferida... senhora...

Perante esta imperceptível hesitação, Angélique compreendeu que a Sra. Scarron também a reconhecera, o que, aliás, não tinha importância. A Sra. Scarron pertencia ao número das pessoas interessadas em ocultar parte da sua existência. De qualquer modo, Angélique estava decidida a enfrentar, mais dia menos dia, aqueles que conhecera no passado.

Na divisão contígua, o casal Montespan continuava a discutir.

- Mas como não a reconhecestes?... Trata-se da Sra. Morens! Agora bateis-vos em duelo por uma chocolateira?

- É adorável... e não vos esqueçais de que tem fama de ser uma das mulheres mais ricas de Paris. Se de

fato é ela, não me arrependo do meu gesto.

- Enojais-me!

- Minha cara, quereis ou não o vosso colar de diamantes?

"Bom", disse Angélique para consigo, "já sei como devo testemunhar o meu reconhecimento a esta gente da alta nobreza. Um presente suntuoso, talvez mesmo uma bolsa bem recheada, mas tudo envolto em discrição e delicadeza."

O marquês de Lauzun abriu os olhos e pousou em Angélique um olhar vago.

- Devo estar a sonhar-balbuciou.-Sois de fato vós, minha amiguinha?

- Sim, sou eu - respondeu ela, sorrindo.

- Diabos me levem se esperava tornar a ver-vos, Angélique! Tenho perguntado tantas vezes a mim mesmo o que vos teria acontecido...

- Pois sim, mas confessais que o não procurastes saber...

- É verdade, amiguinha. Sou um cortesão e todos os cortesãos são um pouco cobardes para com aqueles ou aquelas que incorrem em desfavor.

Examinou o traje e as jóias da jovem e acrescentou:

- Parece que as coisas se compuseram...

- O Diabo nem sempre está atrás da porta. Agora chamo-me Sra. Morens.

- Por S. Severino, ouvi falar de vós! Vendeis chocolate, não é verdade?

- Entretenho-me. Há quem se dedique à astronomia ou à filosofia. Eu vendo chocolate. E vós, Péguilin? A vossa existência continua a ser tão dourada como dantes? O rei continua a ser vosso amigo?

O rosto de Péguilin nublou-se e este pareceu esquecer a sua curiosidade.

- Ah, minha cara, o equilíbrio do meu valimento é instável! O rei está convencido de que colaborei com Vardes na história da carta espanhola... Voe sabeis, aquela carta que chegou às mãos da rainha, dando-lhe conta das infidelidades do seu augusto esposo com a La Vallière... Não consigo dissipar tais suspeitas e Sua Majestade trata-me às vezes com uma rudeza!... Felizmente, a Grande Mademoiselle está apaixonada por mim.

- M lie de Montpensier?

- Sim - segredou Péguilin, pondo os olhos em alvo. -Creio até que me vai pedir em casamento...

- Oh, Péguilin!- exclamou Angélique, desatando a rir. -Sois impagável, incorrigível. Não mudastes nada!

- Vós também não mudastes nada. Sois bela como uma ressuscitada...

- Que sabeis acerca da beleza das ressuscitadas, Péguilin? -Meu Deus, o que diz a Igreja!... Uma corporação gloriosa!...

Aproximai-vos, amorzinho, para que vos beije.

Tomou-lhe o rosto com ambas as mãos e puxou-a para si.

- Com mil demônios!-exclamou Montespan da entrada da sala.-Pelos vistos, não bastou que te ferisse numa perna para te impedir de correr, Péguilin do Diabo, pois mesmo assim vens-me passar as palhetas na minha própria casa! Estou bem arrependido de não te deixar ir para a Bastilha!

CAPÍTULO XII - O príncipe de Conde pede a Angélique que seja sua amante

Depois deste encontro, Angélique voltou a ver com frequência, nas Tulherias e no Cours-la-Reine, o duque de Lauzun e o marquês de Montespan, que a apresentaram aos seus amigos. E, pouco a pouco, os rostos do passado reapareceram. Um dia em que Angélique passeava no Cours com Péguilin, a sua carruagem cruzou-se com a da Grande Mademoiselle, que a reconheceu. Não houve qualquer alusão ao passado. Prudência ou indiferença? Todos tinham mais em que pensar!

Depois de a ter desdenhado, Ateneia de Montespan afeiçoara-se-lhe de repente e convidava-a. Notara que aquela chocolateira falava pouco, mas lhe dava admiravelmente a réplica.

Foi a Sra. Scarron, que Angélique encontrava com frequência em casa dos Montespan, quem a apresentou a Ninon de Lenclos.

O salão da célebre cortesã não era considerado um lugar de libertinagem, mas sim a escola, por excelência, do bom gosto.

"Em sua casa", escrevia o cavaleiro de Méré, "não se fala de religião ou de governo, mas fala-se muito de espírito e com bastante engenho, de literatura antiga e moderna e de novelas galantes, mas sem abrir a porta à galantaria. A graça, a vivacidade e a inspiração da dona da casa permitem a todos encontrar-se com prazer."

A amizade que uniu M^{lle} de Lenclos e Angélique de Sancé foi discreta. Ficaram poucas cartas reveladoras dessa amizade e nem uma nem outra fez gala dos sentimentos profundos e firmes que as ligaram desde o primeiro encontro. Pertenciam ambas à espécie de mulheres que atraem os homens mais ou menos inconscientemente através de um encanto em que se doseiam igualmente os atrativos do corpo, do coração e da inteligência. Poderiam ser inimigas, mas tal não aconteceu. Pelo contrário, experimentaram uma pela outra a única amizade feminina da sua existência.

A luta encarniçada que travara para sobreviver permitia a Angélique apreciar em Ninon essas qualidades de retidão, coragem e simplicidade tão raras nos seus semelhantes e que faziam da cortesã "um homem de bem". Pela sua parte, esta compreendeu imediatamente que Angélique pretendia servir-se dela para subir o mais alto possível na escala social e desempenhou esse papel o melhor que pôde, guiando a sua nova amiga, aconselhando-a e apresentando-a a todos.

E, para que Angélique não tivesse dúvidas a tal respeito, disse-lhe um dia:

- A minha amizade é o que tenho de melhor, Angélique. Ela é capaz de todas as dedicações, de todas as delicadezas e da longanimidade que o amor não possui. Ofereço-vo-la de todo o coração. Dependerá apenas de vós que dure o tempo da nossa vida.

Conhecendo melhor que ninguém o preço de uma existência voluptuosa, Ninon comprazia-se em encaminhar nesse sentido as naturezas verdadeiramente sensíveis. Por isso aconselhou Angélique a arranjar um amante de alta estirpe. Mas Angélique torceu o nariz. Como materialmente tinha a vida assegurada pelas suas atividades comerciais, achava que a vida da galantaria era na realidade a menos segura para alcançar o prestígio das honrarias. A Companhia do Santíssimo Sacramento, oculta e poderosa, estendia-se até aos degraus do trono e tinha devotos por toda a parte. Ora, no jogo a que se dedicava, Angélique apoiava-se, por um lado, neles, graças à sua reputação de honestidade, e, por outro, nos libertinos, graças ao espírito e à vivacidade com que participava em todas as festas.

- Tomai ao menos um amante para o prazer -insistia Ninon.-Decerto não me quereis convencer de que o amor vos desagrada!

Mas Angélique respondia que não tinha tempo para pensar nisso. De resto, ela própria se admirava da calma do seu corpo. Dir-se-ia que a sua cabeça, à força de trabalhar sem cessar e de acumular projetos sobre projetos, a esvaziara do desejo mais elementar. Quando, à noite, se deixava cair na cama, morta de fadiga e depois de terminar o dia com uma derradeira partida de jogo de escondidas com os filhos, só tinha uma idéia: dormir profundamente, recuperar forças para voltar no dia seguinte à sua tarefa.

Nunca se aborrecia, e o amor é muitas vezes um derivativo para uma mulher ociosa. As declarações inflamadas dos seus admiradores, as suas carícias furtivas e as "cenas conjugais" com Audiger, que por vezes terminavam em beijos a que o mordomo dificilmente se arrancava, tudo isso não representava para si mais do que "jogos úteis ou inúteis", consoante o proveito que deles tirava.

Depois de escutar as suas confidências, Ninon afirmou-lhe que semelhante mentalidade tocava as raías da mania. Para se curar, devia renunciar durante algum tempo ao trabalho e gozar os prazeres que uma existência livre oferecia aos ociosos: passeios, bailes de máscaras, teatro, ceias e jogo a todas as horas.

Em casa de Ninon, Angélique encontrou as pessoas mais notáveis de Paris. O príncipe de Conde ia lá jogar todas as semanas a sua partida de oca.

Também viu diversas vezes Filipe du Plessis, a quem pediu para ser apresentada. O belo homem deixou cair sobre ela um olhar cujo peso desdenhoso Angélique já tivera ensejo de apreciar e, depois de refletir, disse com indiferença:

- Ah, sois então vós a Sra. Chocolate!...

Angélique ficou sem pinga de sangue, mas inclinou-se numa profunda vênia e respondeu:

- Para vos servir, meu primo. O jovem franziu o sobrolho.

- Vosso primo? Parece-me, senhora, grande atrevimento da vossa parte esse...

- Não me haveis reconhecido? -interrompeu-o, fitando-o com os olhos verdes fulgurantes de cólera.- Sou a vossa prima Angélique de Sancé de Monteloup. Encontramo-nos outrora no Plessis. Como está o vosso pai, o amável marquês?... E a vossa mãe?

Continuou a falar assim mais um bocado, a fim de o convencer da sua identidade, e depois deixou-o, arrependida da sua tolice.

Durante alguns dias viveu no receio de ver o seu segredo divulgado, e logo que tornou a encontrar o Sr. do Plessis suplicou-lhe que não repetisse o que lhe dissera.

Filipe du Plessis pareceu cair das nuvens. Por fim declarou que a confidência o deixara absolutamente indiferente e que, de resto, não estava interessado em que se soubesse que era parente de uma dama que descera a vender chocolate.

Angélique deixou-o, furiosa, jurando a si própria nunca mais lhe prestar atenção. Sabia que o pai de Filipe morrera e que a mãe, que se tornara devota para compensar as suas loucuras passadas, se retirara para o Vale da Graça. O jovem delapidava a fortuna em extravagâncias. O rei apreciava-o pela sua beleza e pela sua bravura, mas a sua reputação era escandalosa e até inquietante. Angélique censurava-se por pensar nele com tanta frequência.

Uma declaração de amor inesperada e uma partida de oca sensacional perturbaram-lhe a existência e desviaram-na durante alguns meses dos seus pensamentos.

Sentia-se deveras orgulhosa por figurar na lista das pessoas a quem Mlie de Montpensier permitia a entrada no jardim do Luxemburgo. Quando um dia lá chegou, a mulher do suíço é que lhe abriu a porta,

pois o marido estava ausente.

Angélique embrenhou-se nas belas, alamedas ladeadas de salgueiros e maciços de magnólias. Pouco depois reparou que o jardim, habitualmente muito animado, estava naquele dia quase deserto. Viu apenas dois criados de libré que corriam a toda a pressa e desapareceram numa mata. Depois, mais nada. Intrigada e vagamente inquieta, continuou o seu passeio solitário.

Quando passava junto de uma grutazinha artificial, julgou ouvir um leve ruído e, virando-se, distinguiu uma forma humana escondida numa moita. "Algum larápio", disse para consigo. "Algum vassalo do Sr. Cu de Pau em busca de oportunidade para fazer alguma das suas. Seria engraçado surpreendê-lo e pregar-lhe um susto para ver a cara que faria..."

Sorriu antecipadamente da idéia. Não era com certeza todos os dias que um ratoneiro postado à coca tinha oportunidade de se encontrar diante de uma grande dama capaz de se exprimir na linguagem castiça da Torre de Nesle e do arrabalde de São Dinis. "Em seguida dar-lhe-ei a minha bolsa para o recompensar do susto. Pobre homem!", pensou, entusiasmada com uma travessura que não teria testemunhas.

Mas, quando se aproximou, sorrateira, viu que o homem estava ricamente vestido, apesar de sujo de lama. Encontrava-se de joelhos, inclinado para a frente e apoiado nos cotovelos, numa atitude estranha. De súbito virou nervosamente a cabeça, como se apurasse o ouvido e Angélique reconheceu o duque d'Enghien, o filho do príncipe de Conde, que já encontrara nos passeios da moda, nas Tulherias e no Cours-la-Reine. Era um adolescente muito elegante, mas que diziam ser intratável em questões de etiqueta e que não tinha o juízo todo.

Angélique verificou que estava muito pálido e com expressão bravia e assustada.

"Que fará aqui? Porque se esconderá? De que terá medo?", perguntou a si própria, dominada por um mal-estar indefinível.

Depois de hesitar, retirou-se sem ruído e dirigiu-se para uma das grandes alamedas do jardim, onde se encontrou com o suíço, que, ao vê-la, a fitou com os olhos esgazeados.

- Oh, senhora, que fazeis aqui? Retirai-vos depressa!

- Mas porquê? Bem sabes que figuro na lista de Mlle de Montpensier, e a tua mulher deixou-me entrar sem dificuldade.

O guarda olhou à sua volta com ar desolado. Angélique era sempre muito generosa com ele.

- Perdoai-me, senhora -segredou, aproximando-se -, mas a minha mulher não sabe o segredo que vos vou confiar: o jardim está hoje interdito ao público porque desde manhã se anda à caça do Sr. Duque d'Enghien, que imagina ser um coelho.

E, como a jovem arregalasse os olhos, tocou com o dedo na testa.

- Sim, são coisas que dão de vez em quando ao pobre rapaz. Parece que é uma mania. Quando se julga coelho ou perdiz, tem medo que o matem e corre a esconder-se. Há horas que o procuramos.

- Está na mata, ao pé da grutazinha. Vi-o lá.

- Deus todo-poderoso! É necessário prevenir o Sr. Príncipe. Ah, ele aí vem!

Aproximava-se uma liteira, O príncipe de Conde deitou a cabeça fora da janela.

- Que fazeis aqui, senhora? - perguntou furioso.

O suíço apressou-se a intervir:

- Monsenhor, a senhora acaba precisamente de ver o Sr. Duque junto da grutazinha.

- Ah, bom! Abri-me esta portinhola, velhacos. Ajudai-me a descer, com mil demônios! Não façais tanto barulho, para não o assustar. Tu, corre a buscar o seu primeiro criado de quarto, e tu reúne todos os criados que encontrares e coloca-os nas saídas...

Alguns instantes mais tarde ouviram-se nas moitas saltos desordenados e depois uma corrida rápida, e o duque d'Enghien surgiu, lançado a toda a velocidade. Mas dois criados que o perseguiam conseguiram agarrá-lo e detê-lo. Foi imediatamente rodeado e dominado e o seu primeiro criado de quarto, que o criara, falou-lhe com doçura:

- Ninguém vos matará, monsenhor... Ninguém vos fechará numa gaiola... Agora ides descansar e depois podereis correr de novo pelos campos.

O duque d'Enghien estava lívido. Não dizia nada, mas havia no seu olhar a expressão comovente e interrogadora dos animais acoissados. O pai aproximou-se. O jovem debateu-se furiosamente, embora sempre em silêncio.

- Levai-o -ordenou o príncipe de Conde.- Chamai o seu médico e o seu cirurgião. Que o sangrem, o purguem e sobretudo que o prendam. Não tenho vontade nenhuma de recomeçar a jogar às escondidas esta tarde. Mandarei vergastar aquele que o deixar fugir outra vez.

O grupo afastou-se. O príncipe aproximou-se de Angélique, que assistira completamente desorientada àquela triste cena e estava quase tão pálida como o pobre doente.

Conde plantou-se diante dela e examinou-a com olhar sombrio.

- Então que me dizeis do que vistes? É belo o adolescente dos Condes, dos Montmorencys?... O seu bisavô tinha manias e a sua avó era louca. Tive de casar com a filha. Nessa época já começava a arrancar os cabelos um a um com uma pinça. Eu sabia que isso se transmitiria à minha descendência, mas, mesmo assim, tive de a desposar. Era uma ordem do rei Luís XIII. Aí está o meu filho! Às vezes julga-se cão e faz esforços inauditos para não ladrar diante do rei. Ou então imagina que é um morcego e receia chocar com o teto do quarto. Há dias sentiu-se transformar em planta e os criados tiveram de o regar... Engraçado, não é verdade? Não rides?

- Monsenhor... como podeis crer, sequer, que tenha vontade de rir?... Claro que não me conheceis, mas...

Ele interrompeu-a com um sorriso súbito que lhe iluminou o rosto severo:

- Enganais-vos! Enganais-vos! Conheço-vos muito bem, Sra. Morens. Vi-vos em casa de Ninon e doutras pessoas. Sois alegre como uma rapariga, bela como uma cortesã e tendes o coração repousante de uma mãe. Além disso, desconfio que sois uma das mulheres mais inteligentes do reino. Mas não fazeis gala nisso, porque sois esperta e sabeis que os homens temem as mulheres ilustradas.

Angélique sorriu por sua vez, surpreendida com esta declaração inesperada.

- Monsenhor, lisonjeais-me... Gostaria de saber quem vos deu essas informações a meu respeito...

- Não preciso que ninguém me informe - redargüiu ele, com os seus modos bruscos e severos de guerreiro.-Observei-vos. Não notastes que vos olhava com freqüência? Creio que me temeis um bocadinho. Contudo, não sois tímida...

Angélique levantou os olhos para o vencedor de Lens e Rocroi. Não era a primeira vez que o olhava assim. Mas, evidentemente, o príncipe estava a cem léguas de se lembrar da pequena cerceia cinzenta que o enfrentara e à qual dissera: "Prevejo que, quando fordes mulher, se enforcarão homens por vossa causa!"

Sempre julgara alimentar profundo rancor para com o príncipe de Conde, e por isso teve de se defender de um sentimento de simpatia e entendimento que nascia entre ambos. Não os fizera espiar durante anos, a ela e ao marido, pelo criado Clemente Tonnel? Não herdara os bens de Joffrey de Peyrac? Havia muito tempo que Angélique perguntava a si mesma como poderia conhecer exatamente o papel que o príncipe de Conde desempenhara no seu drama. E agora o acaso servia-a estranhamente.

- Não dizeis nada - observou o príncipe.-É então verdade que vos intimido?

- Não! Mas sinto-me indigna de conversar convosco, monsenhor. A vossa fama...

- Ora, ora, a minha fama!... Sois demasiado jovem para saberdes alguma coisa a tal respeito. As minhas armas estão cobertas de ferrugem e, se sua Majestade se não decidir a dar uma lição aos velhacos dos Holandeses ou dos Ingleses, corro sério risco de morrer na cama. Quanto a conversar, Ninon já me disse cem vezes que as palavras não são balas que se disparem contra o estômago de um adversário e ela pretende que ainda não aprendi completamente a lição... Ah, ah!

Soltou uma das suas gargalhadas ruidosas e pegou com desenvoltura no braço de Angélique.

- Vinde. A minha carruagem espera-me lá fora, mas, para caminhar, vejo-me obrigado a apoiar-me num braço caridoso. É isto que devo à minha fama: reumatismo contraído nas trincheiras cheias de água e que em certos dias me obriga a arrastar a pata como um velho. Quereis fazer-me um pouco de companhia? A vossa presença é a única que me parece suportável depois do dia penoso que acabamos de ter. Conheceis o meu palácio de Beautreillis?

- Não, monsenhor - respondeu Angélique, sobressaltada.

- Dizem que é uma das coisas mais bonitas construídas pelo Tio Mansart. Não gosto dele, mas sei que as damas se extasiavam diante da beleza do edifício. Vinde vê-lo.

Embora o negasse, Angélique apreciava a honra de se sentar na carruagem de um príncipe de sangue que os basbaques aclamavam à passagem.

Estava surpreendida com as atenções que o companheiro lhe dispensava e que sentia sinceras. Era voz corrente que, desde que a sua amiga Marta do Vigean entrara para as Carmelitas do arrabalde de Saint-Jacques, o príncipe de Conde deixara de conceder às mulheres as atenções que a nobreza de França costumava dispensar-lhes. Limitava-se a pedir-lhes um prazer inteiramente físico e havia anos que só se lhe conheciam aventuras de curta duração e origem bastante baixa. Nos salões, a rudeza com que tratava o belo sexo desencorajava as melhores vontades. Desta vez, porém, o príncipe parecia esforçar-se por agradecer à sua companheira.

A carruagem deu a volta ao pátio do Palácio do Beautreillis.

Angélique subiu a escadaria de mármore. Cada pormenor daquela residência harmoniosa e distinta lhe falava de Joffrey de Peyrac. Fora ele que escolhera aquelas linhas flexíveis como enlços de vinha para os ferros forjados das varandas e das balaustradas, aqueles frisos de talha dourada que enquadravam as altas superfícies planas dos mármore ou dos espelhos, aquelas estátuas e aqueles bustos, aqueles animais e aquelas aves de pedra, espalhados por toda a parte como gênios de um lar feliz.

- Não dizeis nada? -admirou-se o príncipe de Conde, depois de percorrerem os dois andares nobres. - Em geral, as minhas visitantes soltam gritinhos de admiração como papagaios. Não vos agrada o conjunto? No entanto, diz-se que sois muito entendida no que se refere ao arranjo de uma casa...

Encontravam-se numa salinha forrada de cetim azul bordado a ouro. Um gradeamento de ferro forjado, de desenho delicado, separava-os da comprida galeria que dava para os jardins.

Ao fundo, a chaminé, enquadrada por dois leões esculpidos, apresentava no frontão uma ferida recente. Angélique levantou o braço e pousou a mão no frontão.

- Porque quebraram este ornamento? - perguntou. - E não é a primeira coisa partida que noto... Vede, até nas janelas desta sala suprimiram o desenho em certos sítios.

O rosto do Sr. Príncipe nublou-se.

- Eram os monogramas do antigo dono do palácio, que mandei raspar. Um dia restaurarei isso, mas ainda não sei quando, com a breca! Prefiro empregar o dinheiro na instalação da minha casa de campo em - Chantilly.

Angélique continuava com a mão pousada no brasão mutilado.

- Porque não deixastes as coisas como estavam em vez de as danificardes assim?

- A vista das armas desse homem causa vá-me uma impressão desagradável. Era um maldito!

- Um maldito? - repetiu ela, como um eco.

- Sim. Um gentil-homem que fabricava ouro com um segredo que lhe dera o Diabo. Queimaram-no. E o rei doou-me os seus bens. Ainda não estou muito certo de que, com o seu gesto, Sua Majestade não tenha querido dar-me azar.

Angélique aproximara-se lentamente da janela e olhava para fora.

- Conhecei-lo, monsenhor?

- Quem? O gentil-homem maldito?... Palavra que não, e tanto melhor para mim!

- Creio que me lembro do caso - disse ela, espantada com a sua audácia e, no entanto, muito calma.

- Não era um tolosano, um senhor... de Peyrac?

- Era, sim - confirmou o príncipe, com indiferença. Ela passou a língua pelos lábios secos.

- Não se disse que o condenaram sobretudo porque possuía um segredo terrível do Sr. Fouquet, então muito poderoso?

- É possível. O Sr. Fouquet considerou-se durante muito tempo o rei de França. Tinha dinheiro bastante para isso. Muita gente cometeu tolices por sua causa. Eu, por exemplo, ah, ah, ah!... Bom, mas tudo isso pertence ao passado.

Angélique virou-se ligeiramente para o observar. Deixara-se cair num cadeirão e seguia com a ponteira da bengala as rosáceas do tapete. Embora tivesse soltado uma gargalhada amarga ao pensar nas tolices que o Sr. Fouquet o levava a cometer, não reagira às alusões relativas a Joffrey de Peyrac. A jovem teve a certeza de que não fora ele quem, durante anos, colocara junto de si o criado Clemente Tonnel. Talvez, quem sabe, Clemente Tonnel já tivesse sido posto como espião, pelo Sr. Fouquet, junto do príncipe de Conde... Nas conspirações desse tempo tinham-se visto intrigas mais complicadas e os nobres tinham razão em praticar a política da memória curta.

Que necessidade tinha presentemente o Sr. Príncipe de se recordar que noutros tempos quisera envenenar Mazarino e se vendera a Fouquet? Já lhe dava bastante que fazer recuperar o valimento junto de um jovem rei ainda desconfiado e, naquele momento, tentar conquistar a bela mulher que tinha diante de si e cuja secreta melancolia, sob o riso divertido, o seduzira mais profundamente do que queria crer.

- Estava na Flandres na altura do julgamento de Peyrac - prosseguiu ele.-Não acompanhei o caso. Aliás, isso pouco importa! Deram-me o palácio, mas confesso que não me agrada muito. Parece que o feiticeiro nunca o habitou. No entanto, não me posso impedir de encontrar dentro destas paredes um não sei quê triste e sinistro. Dir-se-ia um cenário preparado para uma cena que nunca se representou... Os objetos graciosos aqui reunidos esperam um hóspede que não sou eu. Conservei um velho

palafreneiro que pertencia à criadagem do conde de Peyrac. O homem pretende que certas noites vê o fantasma do conde... É possível. De fato respira-se aqui uma presença que nos repugna e nos escorraça. Vivo cá o menos que posso. Também experimentais esta desagradável impressão?

- Não, pelo contrário -murmurou Angélique.

Olhava à sua volta. "Aqui, estou em minha casa", pensava. "Eu e os meus filhos somos os hóspedes que estas paredes esperam."

- Quereis dizer que este palácio vos agrada? - perguntou o príncipe.

- Adoro-o. É admirável. Oh, como gostaria de cá viver! -exclamou, juntando as mãos sobre o coração, com uma paixão inesperada.

- Poderíeis viver aqui, se quisésseis...- disse o príncipe.

Angélique virou-se vivamente para ele, que a observava com aquele olhar que continuava a ser magnífico e imperioso e a que um dia o Sr. Bossuet se referira em termos eloqüentes: "Esse príncipe... que trazia nos olhos a vitória..."

- Viver aqui? -repetiu Angélique.-A que título, monsenhor? Ele voltou a sorrir e levantou-se bruscamente para se aproximar dela.

- Vejamos! Tenho 44 anos e já não sou novo, mas também ainda não sou velho. De vez em quando sofro dos joelhos, como sabeis, mas, quanto ao resto, ainda estou aqui para as curvas, para falar cruamente. Em suma, creio que posso ser um amante suportável... e espero que não fiquéis ofendida com a minha declaração. Ignoro o vosso passado, mas qualquer coisa me diz que já ouvistes muitas outras declarações semelhantes e, pelo menos, não vos apanho desprevenida. Nunca estive com meias medidas com as mulheres; acho inútil estar com cerimônias ridículas para chegar sempre à mesma pergunta: "Quereis ou não quereis?" Não, não respondais ainda. Desejo que conheçais bem as vantagens que vos poderia proporcionar. Teríeis uma pensão... Sim, sei que sois muito rica! Pois bem, escutai: dar-vos-ei este palácio do Beautreillis, uma vez que ele vos agrada, ocupar-me-ei dos vossos filhos e recomendá-los-ei na sua educação. Também sei que sois viúva e bastante ciosa da vossa reputação de castidade. É certo que se trata de um bem precioso, mas... considerai que vos não peço que percais essa reputação por um mariola qualquer. E já que vos referistes à minha fama, permiti-me que vos observe que...

Hesitou, com uma modéstia sincera e deveras comovente.

-... que não é desonroso ser amante do Grande Conde. O nosso mundo está assim feito. Apresentar-vos-ei em toda a parte... Porquê esse sorriso céptico e um bocadinho desdenhoso, senhora?

- Porque - respondeu Angélique, sorrindo -me lembrei do estribilho que o Tio Cantigas, um velho farsista, canta à esquina das ruas:

Estranha gente são os príncipes.

Feliz quem não tem de os conhecer.

E mais feliz ainda quem só tem de os fazer...

- Leve o Diabo o insolente!-exclamou ele com fingida irritação.

Rodeou-lhe a cintura e puxou-a para si.

- É por isso que vos amo, minha amiguinha- declarou com voz abafada.-Porque notei que no vosso ofício de mulher tínheis uma bela audácia de amazona. Atacais no momento próprio, tirais partido da fraqueza do adversário com uma habilidade maquiavélica e desferis-lhe golpes terríveis. Mas não

recuastes com suficiente rapidez para as vossas posições... e agora estais nas minhas mãos! Como sois fresca e forte! Tendes um corpinho sólido e tranquilizador!... Ah, como desejaria que não me escutásseis como príncipe, mas sim tal como sou, isto é, como um pobre homem bastante infeliz. Sois tão diferente das mulheres provocantes de coração árido!

Encostou a cara aos cabelos de Angélique.

- Há aqui, no meio dos vossos cabelos louros, uma madeixa branca que me perturba. Parece que sob o vosso ar de juventude e despreocupação possuís a experiência que dão as grandes dores. Engano-me?

- Não, monsenhor - respondeu Angélique, docilmente. Pensava que, se naquela mesma manhã alguém lhe dissesse que antes de anoitecer estaria nos braços do Príncipe de Conde e encostaria sem revolta a fronte naquele ombro augusto, gritaria que a vida não era tão louca. Mas a sua vida nunca fora simples e começava a habituar-se às surpresas do destino.

- Desde a minha juventude - continuava ele -, só amei uma mulher. Nem sempre lhe fui fiel, mas só a ela amei. Era bela, meiga e a companheira da minha alma. As intrigas e as conspirações constantemente forjadas para nos separar cansaram-na. Desde que professou, que me resta? Toda a minha vida tive apenas dois amores: ela e a guerra. A minha bem-amada retirou-se para um convento e o velhaco do Mazarino assinou a paz dos Pirenéus. Não passo de um manequim de parada que faz a corte ao jovem rei na esperança de obter, só Deus sabe quando, qualquer governo militar e talvez um comando, a não ser que alguma vez lhe ocorra a feliz idéia de reclamar o dote da rainha aos Flamengos. Diz-se... Mas deixemos isto; não vos quero aborrecer. A vossa presença despertou em mim uma chama viva que parecia extinguir-se. A morte do coração é a pior... Gostaria de vos conservar junto de mim...

Angélique soltara-se suavemente enquanto ele falava e recuara um pouco.

- Monsenhor...

- É sim, não é verdade? - perguntou com ansiedade.-Oh, suplico-vos!... Quem vos prende? Amais alguém? Decerto me não ides dizer que estais apaixonada por esse criado de baixa origem, por esse Audiger que vos segue pela cidade como um cão fiel...

- Audiger é meu sócio.

- O que não impede-resmungou subitamente ciumento-que vos tenha visto ontem no teatro com o mordomo do conde de Soissons. Um homem vulgaríssimo!

- Monsenhor, sabeis que nunca renego os meus amigos enquanto me são úteis. Ainda necessito do mordomo Audiger.

Ele mordeu os lábios.

- Meu Deus, como sois terrível quando falais assim!

- É para que vejais que não sou apenas tranquilizante...- redargüiu ela, com um sorrisinho.

- Não interessa! Desejo-vos tal como sois.

Não podia compreender o dilema que lhe apresentava. Que lhe responderia Angélique se lhe fizesse semelhante proposta noutra sítio? Ignorava.

Mas ali, naquele palácio onde entrara pela primeira vez, encontrava-se rodeada de fantasmas. Junto do príncipe de Conde, surgido do passado com os seus calções um pouco fora de moda, estava a silhueta luminosa e dura de Filipe, com os seus cetins claros, e atrás deles a sombra esbatida, vestida de veludo preto e prata, com um único rubi sangrento no dedo, o gentil-homem maldito que fora o seu senhor e o seu único amor.

Entre todos aqueles que a vida ou a morte libertara, continuava a ser a única prisioneira do drama antigo.

- Que tendes? - perguntou o príncipe.-Porque chorais? Que mal vos fiz? Ficai aqui, onde pareceis sentir-vos bem. Deixai-me amar-vos. Serei discreto...

Ela abanou lentamente a cabeça.

- Não. É IMPOSSÍVEL, monsenhor.

CAPÍTULO XIII - Hortense reaparece. U nu sensacional partida de oca. Angélique arrisca a sua fortuna e a sua virtude

Quando tornou a ver o príncipe de Conde este não lhe demonstrou nenhum rancor. No amor, não tinha a arrogância que mostrava na corte e nos campos de batalha.

- Ao menos não me abandoneis na minha partida de oca - disse-lhe ele.- Conto convosco, em casa de Ninon, todas as segundas-feiras.

Concordou, feliz por ele lhe testemunhar a sua amizade. A proteção do Sr. Príncipe não era coisa que se desdenhasse. Mas, sempre que pensava no Palácio do Beautreillis, mordida os dedos, embora não estivesse arrependida de ter recusado a proposta. Mas o Palácio do Beautreillis era SEU, e por isso não podia suportar a idéia de se ver excluída dele, de o não poder reivindicar sem contrapartida.

A sua personalidade de comerciante enriquecida pesava-lhe cada vez mais. Um dia, ao ouvir Ninon pronunciar o nome de Sancé, perguntou vivamente:

- Conheceis alguém da minha família?

- Vossa família? - surpreendeu-se a cortesã. Angélique emendou o deslize o melhor que pôde:

- Julguei ter ouvido dizer Rance. São uns parentes afastados... Mas de quem faláveis, afinal?

- De uma amiga que deve estar a chegar. É muito viva e gosto de a ouvir, embora seja uma mulher temível. Refiro-me à Sra. Fallot de Sancé.

- Fallot de Sancé...-repetiu Angélique, endireitando-se bruscamente.

Os olhos dilataram-se-lhe.

- E ela vem... cá?

- Claro. Aprecio a sua verve... embora, para dizer a verdade, seja quase sempre mordaz. Mas as línguas que destilam vinagre também são necessárias para apimentar um pouco a conversa. Um mundo de benignidade e doçura seria enfadonho.

- Confesso que me contentaria com ele.

- Pareceis odiar a Sra. Fallot de Sancé...

- Dizer que a odeio ainda é pouco.

- Pois ela não tarda aí.

- Vou arrancar-lhe a pele!

- Não, minha amiga... isso não se faz em minha casa.

- Ninon, não podeis saber... não podeis compreender...
- Minha querida, se todas as pessoas que se encontram aqui resolvessem ajustar contas assim que se vêem, assistiria a três ou quatro mortes violentas por dia... Por isso, sereis sensata. Custar-vos-á muito dominar-vos?
- Sim, custará - respondeu Angélique, que se sentia muito pálida.-Acho melhor ir-me embora.
- Porque não ficais? Todos os sentimentos se podem dominar, minha querida, mesmo o rancor mais justificado. Não há justificação para a loucura e a cólera não é mais do que isso. Quereis um conselho? Afastai-vos da vossa cólera como de um aquecedor em brasa. Se vos queimardes nela, far-vos-á mais mal do que bem. Confiai tranquilamente em vós própria e evitai deter-vos nas razões do vosso ódio.
- Será difícil, se tiver de falar com a minha irmã.
- Vossa irmã?...
- Oh, Ninon, já não sei o que digo! - exclamou Angélique. É uma prova superior às minhas forças.
- Não há prova superior às vossas forças, Angélique - respondeu Ninon, rindo.-Quanto mais vos conheço, mais persuadida estou de que sois capaz de tudo... até disso. Vede, aí está a Sra. Fallot., Ficai aqui, neste canto, um momento, a fim de recuperardes o sangue-frio.

Afastou-se para ir ao encontro de um grupo que acabava de chegar e Angélique sentou-se num banco de pelúcia. Como se sonhasse, reconheceu, dominando a troca de cumprimentos, a voz aguda da irmã. Era a mesma voz que lhe gritara um dia: "Vai-te embora! Vai-te embora!"

Angélique conteve-se, como lhe recomendara Ninon, e procurou esquecer aquele grito.

Passado um bocado atreveu-se a levantar a cabeça e a olhar para a sala. Reconheceu Hortense, que envergava um lindíssimo vestido de tafetá vermelho-escuro. Emagrecera e tornara-se ainda mais feia, se era possível, mas pintava-se e penteava-se bem. A sua voz aguda provocava risos. Parecia extraordinariamente animada.

Ninon pegou-lhe no braço e levou-a para o canto onde se encontrava Angélique.

- Querida Hortense, há muito tempo que desejáveis conhecer a Sra. Morens. Preparei-vos esta surpresa. Aqui a tendes.

Angélique não teve tempo de fugir. Viu, muito perto de si, o rosto horrível de Hortense, franzido numa expressão temperada de indulgência. Mas sentia-se agora muito calma.

- Boas tardes, Hortense...

Ninon olhou-as um instante e depois eclipsou-se.

A Sra. Fallot de Sancé sobressaltou-se violentamente. Abriu muito os olhos amendoados. Empalideceu debaixo da pintura que lhe cobria o rosto.

- Angélique!-exclamou com voz abafada.
- Sim, sou eu. Senta-te, minha querida Hortense... Porque estás com esse ar espantado? Sinceramente, julgavas que tinha morrido?
- Julgava!-redargüiu Hortense violentamente, mais refeita da surpresa.

Apertou o leque com a mão, como uma arma. Franziu o sobrolho e contraiu a boca convulsivamente. Angélique tornava a vê-la como sempre a conhecera.

"Como é feia! Como é horrível!", disse para consigo com o mesmo júbilo pueril do tempo da sua infância.

- E permita-me que te diga - continuava Hortense asperamente - que, na opinião da família, era o que terias feito melhor: morrer.

- Não partilho a opinião da família a esse respeito.

- Pois é pena. Com que cara ficaremos agora? Precisamente quando a agitação provocada por esse terrível caso mal começa a acalmar-se e conseguimos fazer esquecer que eras dos nossos é que tu reapareces para nos causares mais aborrecimentos!

- Se é isso que te preocupa, não tenhas medo, Hortense -redargüiu Angélique, tristemente.-A condessa de Peyrac nunca mais reaparecerá. Agora toda a gente me conhece por Sra. Morens.

Mas isto não acalmou a mulher do procurador.

- Com que então és tu a Sra. Morens?... Uma original que leva vida escandalosa, uma mulher que se dedica ao comércio como um homem ou como a viúva de um padeiro. Pelos vistos, estás disposta a passar a vida a singularizar-te para nos desonrar! Saber que há apenas uma mulher em Paris que vende chocolate e descobrir que essa mulher é a minha própria irmã!

Angélique encolheu os ombros. As lamúrias de Hortense não a impressionavam.

- Hortense - disse bruscamente-, dá-me notícias dos meus filhos.

A Sra. Fallot interrompeu-se de súbito e fitou a irmã com ar aparvalhado.

- Sim, dos meus filhos - repetiu Angélique. -Dos meus dois filhos que te confiei quando me escorraçavam por toda a parte.

Viu Hortense recompor-se mais uma vez e preparar-se para lutar.

- Escolheste bem a altura para te informares dos teus filhos! Só te lembraste deles por me encontrares - escarneceu. - Ora vejam, que terno coração de mãe!...

- Tive dificuldades...

- Parece-me que poderias informar-te da sua sorte antes de comprares jóias como essas que trazes.

- Sabia-os em segurança junto de ti. Fala-me deles. Como estão?

- Eu... não os vejo há muito tempo - respondeu Hortense, com esforço.

- Não estão em tua casa? Entregaste-os a alguma ama?

- Que querias que fizesse? - barafustou a Sra. Fallot, num assomo de cólera. -Ia tê-los comigo quando nunca pude pagar a uma ama ao domicílio para os meus próprios filhos?

- Mas agora? Estão crescidos. Que é feito deles?

Hortense olhava à sua volta com ar apossado. De súbito perdeu a arrogância e as commissuras dos lábios descaíram-lhe de forma lamentável. Angélique teve a surpreendente impressão de que a irmã ia romper em soluços.

- Angélique - respondeu sufocada -, não sei como te dizer... Os teus filhos... É horrível... Os teus filhos foram raptados por uma cigana!

Virou a cabeça. Os lábios tremiam-lhe. Houve um longuíssimo silêncio.

- Como soubeste isso? - perguntou Angélique, por fim.

- Pela ama... quando fui a Neuilly. Era demasiado tarde para prevenir a polícia... Já havia seis meses que os teus filhos tinham sido raptados...

- Portanto, estiveste mais de seis meses sem ires a casa da ama, sem lhe pagar, talvez?

- Pagar-lhe?... Com quê? Mal tínhamos para viver. Depois do escândalo do julgamento do teu marido, Castão perdeu quase toda a sua clientela. Tivemos de nos mudar. E nesse ano fomos obrigados a pagar os impostos reais. Logo que pude, fui a Neuilly e a ama contou-me o drama... Parece que um dia lhe entrou no pátio uma cigana, uma mulher esfarrapada, e reclamou as duas crianças, dizendo que era a mãe. E como a ama quisesse chamar os vizinhos, feriu-a com um facalhão... Até tive de lhe pagar a conta do boticário por causa do ferimento...

Hortense fungou e procurou o lenço na bolsa. Angélique estava aparvalhada. As lágrimas que avermelhavam os olhos de Hortense causavam-lhe ainda mais estupefação do que saber que a irmã voltara a casa da ama.

A mulher do procurador pareceu notar o seu comportamento insólito.

- Então, é assim que recebes a notícia? -sibilou. -Digo-te que os teus filhos desapareceram e ficas mais indiferente do que uma pedra?... Ah, fomos muito estúpidos, Castão e eu, por nos termos apoquentado durante anos pensando no pobre Florimundo a vaguear pelas estradas com ciganos!

A voz quebrou-se-lhe ao proferir a última palavra.

- Hortense, acalma-te -balbuciou Angélique.-Não aconteceu nenhum mal às crianças. Essa... essa mulher que os foi buscar... era eu.

-Tu?!

Nos olhos horrorizados de Hortense, Angélique viu passar a imagem de uma mulher esfarrapada, armada de uma faca pontiaguda.

- A ama exagerou. Eu não estava esfarrapada nem a ameacei com nenhuma faca. Apenas tive de gritar um pouco mais alto porque as crianças se encontravam num estado horroroso. Se as não tivesse trazido, também as não terias encontrado; estariam mortas. Para a outra vez procura escolher um pouco melhor a ama...

- Evidentemente. Contigo pode-se sempre prever uma OUTRA VEZ - redargüiu Hortense, levantando-se fora de si.- És de uma indiferença espantosa, de uma insolência, de uma... Adeus!

E foi-se embora, derrubando, na sua fúria, o banco em que estivera sentada.

Uma vez só, Angélique ficou durante muito tempo com as mãos juntas pousadas no colo, numa atitude de meditação. Dizia para consigo que as pessoas nem sempre são tão más como parecem ser.

Uma Hortense que, sob a influência de um medo abjeto, a pusera na rua sem piedade era capaz de sentir remorsos ao pensar no pequeno Florimundo transformado em cigano.

Um alegre meridional como Andijos, que só servia para perder ao jogo e tufar os punhos da camisa, declarava de súbito guerra ao rei e mantinha durante quatro anos, como chefe de bando, uma província inteira em estado de rebelião.

Um príncipe de Conde salvava um reino, tramava assassínios, atraía e depois humilhava-se para recuperar o valimento, mas, no fundo, não passava de um homem simples, realmente modesto, amargurado pela loucura do filho, um homem que toda a vida fora dominado por um único amor, terno e apaixonado.

No dia seguinte, Angélique mandaria Florimundo e Cantor a casa dos Fallots de Sancé, com presentes para os primos e para a tia.

- Ainda aqui estais? - perguntou Ninon, soerguendo a tapeçaria.-Vi sair a Sra. Fallot. Parecia de boa

saúde, embora de mau humor. Sempre lhe arrancastes a pele?

- Depois de refletir - respondeu Angélique, suavemente-, pensei que era mais cruel deixar-lha como a tinha.

Aquele mesmo dia poderia ser assinalado com uma pedra branca. À noite, a Sra. Morens e o príncipe de Conde jogaram a célebre partida de oca que estava destinada a alimentar a crônica mundana, escandalizar os devotos, encantar os libertinos e divertir todo o Paris.

A partida começou, como habitualmente, à hora a que se acendiam as velas. Consoante a sorte dos jogadores, podia durar três ou quatro horas. Em seguida ceiar-se-ia e depois todos se retirariam,

A oca começava com um número ilimitado de parceiros.

Naquela noite iniciou-se com cerca de quinze jogadores. Jogava-se forte. As primeiras jogadas eliminaram rapidamente metade da mesa. A partida esfriou.

De súbito, Angélique, que estava distraída e pensava em Hortense, notou com espanto que travava ousadamente um combate encarniçado com o Sr. Príncipe, o marquês de Thianges e o presidente Jomerson. Era ela que havia algum tempo "conduzia" o jogo. O duquezinho de Richemont, que a adorava, marcava-lhe os pontos. Ao deitar-lhes uma olhadela, Angélique viu que já ganhara uma pequena fortuna.

- Estais com sorte esta noite, senhora -disse-lhe o marquês de Thianges', fazendo uma careta.- Há perto de uma hora que tendes a mão e não pareceis decidida a largá-la.

- Nunca vi um jogador ter a mão durante tanto tempo!-exclamou o duquezinho, muito excitado.- Senhora, não esqueçais que, se a perderdes, tereis de pagar a cada um destes senhores a mesma importância que ganhais presentemente. Ainda estais a tempo de parar. Tendes esse direito.

O Sr. Jomerson pôs-se a gritar que os espectadores não tinham o direito de intervir e que, se aquilo continuasse, mandaria evacuar a sala. Acalmaram-no observando-lhe que não estava no Palácio de Justiça, mas sim em casa de Mlle de Lenclos. Esperava-se a decisão de Angélique.

- Continuo - disse ela.

Distribuiu as cartas. O presidente respirou. Já perdera muito e esperava que um lance de sorte lhe permitisse recuperar em breve o cêntuplo das suas imprudências. Nunca se vira um jogador ter a mão tanto tempo como aquela dama. Se a Sr. Morens não cedesse, tanto melhor para os outros; perderia fatalmente. Era mesmo de uma mulher agarrar-se assim às cartas! Felizmente, não tinha marido a quem prestar contas, pois, de contrário, o pobre homem bem se poderia preparar para chamar o seu administrador, a fim de saber de que dinheiro líquido dispunha.

Entretanto, o presidente Jomerson teve de mostrar um jogo lamentável e abandonou a partida muito envergonhado.

Angélique continuava a dar cartas. Todos a rodeavam e aqueles que já estavam prontos para sair não se decidiam a ir embora e mantinham-se de pé, de pescoço estendido.

Durante algumas jogadas, a igualdade manteve-se. Neste caso, Angélique arrecadava a parada proposta, mas nenhum jogador era eliminado. Depois, o Sr. de Thianges perdeu e levantou-se da mesa, a enxugar a testa. O serão fora violento! Que diria a mulher quando soubesse que tinha de pagar à Sra. Morens, a chocolateira, o equivalente a dois anos de rendimento? Com a condição de ela ganhar, evidentemente! Caso contrário, a mesma Sr. Morens teria de pagar ao príncipe de Conde o dobro da importância que ganhara. Dava vertigens só de pensar nisso! Aquela mulher era louca! Corria para a ruína. No ponto a que chegara, nenhum jogador, nem mesmo o mais desmiolado, se atreveria a continuar.

- Detei-vos, meu amor! - suplicava o duquezinho ao ouvido de Angélique.-Já não podeis ganhar.

Angélique tinha a mão pousada nas cartas. Estas formavam um montinho liso e duro que lhe queimava a palma.

Olhou atentamente para o príncipe de Conde. No entanto, a partida não dependia apenas dele, mas também da SORTE.

A SORTE estava diante de si. Tomara o rosto do príncipe de Conde, os seus olhos ardentes, o seu nariz de águia, os seus dentes brancos e carnívoros, que um sorriso lhe descobria. E já não eram cartas o que ele tinha na mão, mas sim um cofrezinho onde brilhava uma ampola verde, de veneno.

Em torno dele havia apenas trevas e silêncio.

Depois, o silêncio quebrou-se como vidro sob o choque da voz de Angélique:

- Continuo.

Mais uma jogada e novamente igualdade. Villarceaux, à janela, chamava quem passava, gritando que subissem, que nunca se vira partida tão sensacional desde aquela em que o avô jogara a mulher e o seu regimento, no Louvre, com o rei Henrique IV.

A sala estava apinhada. Os próprios criados se tinham empoleirado em cadeiras para seguirem de longe o combate. As velas fumegavam, mas ninguém se dava ao trabalho de lhes cortar o morrão.

Fazia um calor sufocante.

- Continuo -repetiu Angélique. -Igualdade.

- Mais três empates e terão de "escolher a parada".

- O lance supremo da oca... Um lance que só se vê de dez em dez anos!

- De vinte em vinte, meu caro. -Uma vez em cada geração.

- Lembrai-vos do financeiro Tortemer, que pediu o brasão a Montmorency.

- Que, por sua vez, pediu toda a frota de Tortemer.

- Foi Tortemer quem perdeu...

- Continuais, senhora?

- Continuo.

A agitação dos circunstantes quase derrubou a mesa e por pouco não esmagou os dois jogadores sobre as suas cartas.

- Com mil demônios! - praguejou o príncipe, procurando a bengala. -Juro que vos desanco a todos se não nos deixais respirar. Afastai-vos, que diabo!...

O suor escorria pela testa de Angélique. Mas apenas devido ao calor. Ela não experimentava nenhuma ansiedade, não pensava nem nos filhos, nem em todos os sacrifícios que fizera e que estava prestes a deitar a perder.

Na verdade, tudo lhe parecia perfeitamente lógico. Lutara durante demasiados anos contra a SORTE, como uma toupeira em apuros. Mas agora encontrava a sorte cara a cara, no seu campo, na sua loucura. Ia agarrá-la pelo pescoço, apunhalá-la. Era tão louca, tão perigosa e tão inconsciente como a própria SORTE. Eram iguais!

- Igualdade.

Ouviu-se um murmúrio e depois um grito:

- A escolha da parada! A escolha da parada!

Angélique esperou que a desordem acalmasse um pouco para perguntar com voz comedida de escolar em que consistia exatamente esse lance supremo da oca.

Toda a gente começou a falar ao mesmo tempo. Depois, o cavaleiro de Méré sentou-se ao pé dos jogadores e explicou-lhe com voz trêmula do que se tratava.

Os jogadores iniciavam a derradeira jogada a partir de zero. Ganhos e perdas anteriores eram anulados. Em contrapartida, cada um indicava a sua parada, isto é, não a que arriscava, mas sim a que exigia, a qual devia ser enorme. Citaram-se exemplos: no século passado, o financeiro Tortemer reclamara os títulos de nobreza de um Montmorency, e repetiu-se que o avô de Villarceaux aceitara ceder, se perdesse, a mulher e o seu regimento ao adversário.

- Ainda me posso retirar? - perguntou Angélique. - É o vosso direito mais estrito, senhora.

Ficou imóvel, com o olhar sonhador. Poder-se-ia ouvir voar uma mosca. Angélique "conduzira o jogo" durante várias horas. Abandoná-la-ia a sorte naquele lance supremo?

O seu olhar pareceu despertar e começou a brilhar com uma intensidade quase feroz. No entanto, ela sorriu.

- Continuo.

O cavaleiro de Méré engoliu em seco e disse:

- Na "escolha da parada", a frase regulamentar é esta: "Partida aceita. Se ganhar, peço..."

Angélique inclinou docilmente a cabeça e, sempre sorridente, repetiu:

- Partida aceita, monsenhor. Se ganhar, peço-vos o vosso Palácio do Beautreillis.

A Sra. Lamoignon soltou uma exclamação, que o marido abafou rapidamente com um furioso gesto de mão.

Todos os olhos estavam pousados no príncipe, que tinha a sua expressão colérica. Mas era um jogador franco e que nunca recuava.

Sorriu, por seu turno, e ergueu a cabeça altiva.

- Partida aceita, senhora. Se ganhar, sereis minha amante. Num movimento simultâneo, as cabeças viraram-se desta vez para Angélique. Continuava a sorrir. As luzes punham reflexos nos seus lábios entreabertos. A transpiração que lhe perlava a pele dourada tornava-a brilhante, lustrosa como uma pétala umedecida pelo orvalho matinal. A fadiga que lhe azulava as pálpebras dava-lhe uma curiosa expressão de sensualidade e abandono.

Os homens presentes estremeceram. O silêncio tornou-se pesado e incômodo.

O cavaleiro de Méré tomou a palavra a meia-voz:

- A escolha ainda vos pertence, senhora. Se recusardes, partida restabelecida e volta-se ao lance anterior; se aceitardes, partida ajustada.

A mão de Angélique pegou nas cartas.

- Partida ajustada, monsenhor.

Ela tinha apenas valentes, damas e cartas baixas. O seu pior jogo desde o início da partida. No entanto, depois de algumas trocas conseguiu compor uma figura de pouco valor. Restavam-lhe duas soluções:

mostrar as cartas imediatamente e arriscar-se a que o jogo atual do príncipe de Conde fosse melhor do que o seu ou tentar compor, com o auxílio da "lotaria", uma figura mais importante. Nesse caso, o príncipe, talvez bastante mal fornecido, poderia recuperar e exhibir diante dela uma figura de reis e ases.

Angélique hesitou e depois mostrou as cartas.

O gesto não fez grande barulho, mas um tiro de canhão não teria petrificado menos a assistência.

O príncipe, com os olhos postos no seu jogo, ficou imóvel.

Bruscamente, levantou-se, mostrou as suas cartas e inclinou-se profundamente.

- O Palácio de Beautreillis é vosso, senhora.

CAPÍTULO XIV - Alegrias e tristezas no Palácio de Beautreillis. O fantasma de Joffrey

Não podia acreditar nos seus olhos. Um acaso e a sorte mais insensata, mais absurda, restituíra-lhe o Palácio de Beautreillis!

Com os dois filhos pela mão, percorreu a suntuosa residência. Não se atrevia a dizer-lhes: "Isto pertencia ao vosso pai." Mas repetia-lhes: "Isto é vosso! E vosso!"

Não se cansava de pormenorizar maravilhas: a graciosa decoração de deusas, crianças e folhagens, os balaústres de ferro forjado e os revestimentos de madeira ao gosto da época, que atiravam para o passado a moda das pesadas tapeçarias.

Na penumbra das escadas e dos corredores abundavam o ouro e as grinaldas de flores, cuja cintilação só era interrompida a intervalos regulares pelo braço resplandecente de uma estátua que empunhava um tocheiro.

O príncipe de Conde não se dera ao incômodo de tornar mais confortável o palácio, de que não gostava, e até retirara alguns móveis. Os restantes cedeu-os a Angélique com uma generosidade de grande senhor.

Bom jogador, eclipsava-se depois de entregar a parada da partida àquela que a ganhara. Na realidade, estava talvez mais magoado do que queria confessar com o completo desinteresse da jovem a seu respeito. Ela só tinha olhos para o Palácio de Beautreillis e o príncipe perguntava a si próprio, com sombria melancolia, se a amizade que às vezes julgara ler nos olhos da sua gentil vencedora não fora também uma manobra interesseira.

Além disso, o Sr. Príncipe temia um pouco que o eco daquela partida sensacional chegasse aos ouvidos de Sua Majestade, que não apreciava muito as excentricidades demasiado retumbantes. Por isso, Conde decidiu retirar-se para Chantilly.

Angélique ficou só perante o seu sonho exaltante e, com um prazer ingênuo, dedicou-se à tarefa de decorar o seu palácio com tudo o que havia de mais moderno.

Foram chamados marceneiros, ourives e estofadores. Encomendou ao Sr. Boulle móveis de madeiras exóticas, adornados com marfim, madrepérola e bronze dourado. A sua cama esculpida, as cadeiras e as paredes do quarto foram forradas de cetim branco e verde com grandes flores amarelo-douradas. No boudoir, a mesa, a jardineira e as cadeiras eram de lindíssimo esmalte azul. E o chão de ambas as divisões era de marchetaria e de uma madeira tão odorífera que o seu perfume penetrava nas roupas de

quem a pisava.

Chamou Gontrão para pintar o teto do salão nobre.

Comprava mil coisas: estatuetas da China, quadros, roupas de casa e baixelas de ouro e cristal.

O contador, que lhe servia também de escrivãzinha, passava por ser uma peça rara, da escola italiana, e era quase o único móvel antigo do palácio. Era de ébano e adornavam-no rubis cor-de-rosa e vermelho-cereja, granadas e ametistas.

Na sua febre de gastar, comprou também uma hacaneiazinha branca para Florimundo, para que pudesse galopar nas alamedas do jardim, que guarnecera de laranjeiras envasadas.

Cantor teve dois grandes cães sisudos e mansos, que podia atrelar a uma carruagenzinha de madeira dourada para passear.

Ela própria se submeteu à moda da época e comprou um desses câezinhos de salão, de pêlo comprido, que eram o encanto das damas e ao qual deu o nome de Crisântemo. Florimundo e Cantor, que gostavam de animais corpulentos e ferozes, desprezavam francamente aquela miniatura peluda.

Por fim, para inaugurar a sua instalação, decidiu oferecer uma grande ceia, seguida de baile. A festa consagraria a nova situação da Sr.^a Morens, que deixara de ser a chocolateira do arrabalde de Saint-Honoré e se tornara uma das damas de qualidade do Marais.

A propósito da ceia, lembrou-se de Audiger. Os conselhos do mordomo ser-lhe-iam preciosos. Recordou-se então de que o não via há três meses. Descurara um pouco os negócios durante esse tempo, mas felizmente pudera gastar sem remorsos, pois dois dos seus navios tinham regressado a salvo da primeira viagem às índias Orientais e vira bruscamente duplicar os seus lucros.

Angélique sabia que o então conde (mais tarde duque) de Soissons acompanhara o rei ao Rossilhão e pensava que Audiger fizesse parte do seu séqüito. Estranhava, porém, que o sócio, sempre tão solícito e respeitoso, tivesse deixado Paris sem se despedir.

Pelo sim, pelo não, mandou-lhe um bilhete em que lhe pedia que lhe desse notícias suas e dizia que teria prazer em o ver.

Audiger apareceu no dia seguinte, com ar sombrio e puritano.

- Que vos parece o meu palácio? -perguntou-lhe Angélique, acolhendo-o alegremente. -Não é um dos mais bonitos de Paris?

- Para dizer a verdade, não me parece nada - respondeu Audiger com voz cavernosa.

Angélique deixou transparecer a sua decepção.

- Pelos vistos, continuais zangado! Então, não estais contente com o meu êxito?

- Há êxitos e êxitos - redargüiu o mordomo, obstinado.

- Inclino-me diante daqueles que são fruto do trabalho e da inteligência, mas quanto aos outros... Não é verdade que ganhastes o vosso palácio ao jogo?

-É.

- E não é verdade que, em troca da parada, o príncipe de Conde, que era o vosso parceiro, exigiu que fôsseis sua amante?

- Também é verdade.

- Que teríeis feito se tivésseis perdido?

- Teria sido sua amante, Audiger! Sabeis tão bem como eu que uma dívida de jogo é sagrada.

A cara do mordomo tornou-se escarlate e este aspirou profundamente. Angélique apressou-se a acrescentar:

- Mas não perdi! E agora sou a dona deste magnífico palácio... Não vos parece que, para o possuir, valeu a pena correr o risco de me tornar... coque te?

- Semeai coquetes e colhereis cornudos -redargüiu Audiger, sombriamente.

- As vossas reflexões são estúpidas, meu pobre amigo. Olhai a realidade de frente. Eu não perdi e vós não sois cornudo... pela simples razão de que não somos casados. Não o esqueçais com tanta frequência!

- Como poderia esquecê-lo? -gemeu ele, com a voz alterada.-Consumo-me a pensar nisso, Angélique.

E estendendo as mãos para ela:

- Angélique, casemo-nos, suplico-vos. Casemo-nos enquanto ainda é tempo.

- Enquanto ainda é tempo?... -repetiu ela, com surpresa. Encontrava-se de pé no último degrau da escada, donde o interpelara quando viera ao seu encontro.

A sua mãozinha ornada de anéis repousava no corrimão de pedra lavrada. Trazia um vestido de casa de veludo preto, que lhe realçava a carnção ambarada, e no pescoço um colar de pérolas.

Nos cabelos anelados, de reflexos de ouro, a madeixa de cabelos brancos, frisada como uma rosa de prata, era como outra jóia, comovente...

A sua pessoa era a imagem de uma jovem viúva demasiado frágil para viver assim isolada num grande palácio semi-deserto. Mas os seus olhos verdes recusavam qualquer espécie de clemência. Lentamente; abarcaram o cenário grandioso do vestibulo de mosaicos de pedra dura, as altas janelas abertas para o pátio e o teto de caixotões, guarnecido de monogramas que não tinham podido apagar.

- Enquanto ainda é tempo? - repetiu em voz mais baixa, como se falasse consigo mesma.-Oh, não! Sinceramente, não creio que o seja.

Com a sensação de ter recebido uma bofetada, Audiger avaliou o abismo que o separava dela. O pobre rapaz não compreendia por que implacável evolução a modesta criada da Máscara Vermelha se metamorfoseara naquela grande dama desdenhosa e ativa. Não via nela mais do que uma ambiciosa.

Na sua ingênua bonomia desprovida de instinto, o mordomo não podia adivinhar que trágica silhueta se erguia ali mesmo atrás da jovem solitária: a de Joffrey de Peyrac, conde de Tolosa, o esposo querido que fora queimado como feiticeiro na Praça de Greve, mas que, mesmo morto, continuava a ser o senhor incontestado daquelas paragens.

Conhecendo a nobreza, os seus dentes acerados, a sua estupidez inveterada e a sua soberba, estava persuadido de que a nobre criança se despedaçaria contra barreiras intransponíveis e voltaria para ele um dia, palpitante, humilhada, mas finalmente sensata. Aliás, não desejara tornar a vê-lo, não o chamara, tomando por fim consciência da sua loucura e desejosa de um conselho amigo e prudente que só ele lhe podia dar?

- Não me escrevestes dizendo que me desejáveis ver? perguntou cheio de esperança.

- Oh, sim, Audiger!-exclamou, satisfeita por poder mudar de assunto.-Desejo muito dar uma grande ceia e gostaria que vos ocupásseis de pôr a mesa e de orientar o serviço dos criados.

Ele corou. Sentiu o seu erro e procurou vingar-se, recusando.

- Não é natural que recorra a vós? -insistiu Angélique. -Sois o mais perfeito mordomo que conheço e ninguém melhor do que vós sabe dobrar os guardanapos, dar-lhes as formas mais variadas, curiosas e originais...

Audiger passava por todas as cores do arco-íris. Apetecia-lhe simultaneamente injuriar Angélique, moê-la de pancada, retirar-se em silêncio, obedecer-lhe e dar um tiro nos miolos. Dizia para consigo, com amargura, que não havia ninguém como as mulheres. para tornar um homem ridículo, fosse qual fosse o partido que tomasse.

Escolheu, no entanto, o mais digno.

- Estou desolado, mas não conteis comigo.

E, com uma grande vênha, retirou-se, deixando-a decepcionada.

Teve de se resignar a passar sem ele. Mas, apesar disso, a festa que a Sra. Morens deu no seu palácio de Beautreillis foi um grande êxito.

Dignaram-se assistir as pessoas mais nobres de Paris. A Sr." Morens dançou com Filipe du Plessis-Bellière, deslumbrante no seu traje de cetim azul-pervinca. O vestido de Angélique, de veludo azul-real, sutachado a ouro, harmoniza vá-se com o fato do marquês. Ambos formavam o par mais esplendoroso da festa. Angélique teve até a surpresa de ver o frio rosto do primo animar-se com um sorriso terno enquanto, segurando-lhe a mão levantada, a guiava através do salão nobre para dançarem um branle.

- Hoje já não sois a baronesa do Triste Vestido -disse-lhe ele.

Ela guardou estas palavras no coração, com o sentimento avaro de um bem precioso, infinitamente raro. O segredo da sua origem tornava-os cúmplices. Ele recordava-se da pequena cerceta cinzenta cuja mão tremiera na de um belo primo.

"Como era tola!", dizia para consigo, sorrindo, revendo sonhadora o seu passado de adolescente.

Terminada a sua instalação, Angélique teve -de súbito uma depressão moral. A solidão da sua casa principesca oprimiu-a. O Palácio de Beautreillis significava demasiadas coisas para ela. Aquela mansão que nunca fora habitada e, no entanto, parecia impregnada de recordações afigurava-se-lhe envelhecida por um longo sofrimento.

"As recordações do que poderia ter sido", pensava.

Deixava correr as horas sentada, nas suaves noites primaveris, diante da lareira ou da janela. A sua atividade habitual abandonava-a. Sentia-se dominada por um mal-estar que não podia compreender. Porque o seu corpo de mulher nova estava solitário, ao passo que o seu espírito e o seu coração sentiam a presença de um fantasma. Acontecia-lhe levantar-se de repente e, de candelabro na mão, ir até à porta espreitar na sombra da galeria nem ela sabia o quê...

Aproximava-se alguém?... Não! Tudo estava silencioso. Os filhos dormiam nos seus aposentos, sob a guarda de criados dedicados. Restituíra-lhes a casa do pai.

Angélique deitava-se na sua cama suntuosa. Tinha frio. Tocava a sua carne macia e firme e acariciava-a com uma espécie de tristeza. Nenhum homem vivo poderia satisfazer o seu desejo. Estava sozinha por toda a vida!

Naquela parte do Marais onde se situava o Palácio de Beautreillis havia inúmeros vestígios da Idade Média, pois o edifício ocupava o local onde se erguera o Palácio de Saint-Pol, que nos reinados de Carlos VI e Carlos VII fora a residência preferida dos reis. Construído para os soberanos e para os seus príncipes, o Palácio de Saint-Pol agrupara numerosas habitações ligadas entre si por galerias e

separadas por pátios e jardins onde se encontravam instalados os aviários, os estábulos e os campos de jogos e torneios. Os grandes vassalos tinham os seus palácios particulares na vizinhança imediata do rei. Esses palácios, muitos belos, como o de Sens ou de Reims, ainda exibiam as suas empenas e os seus torreões pontiagudos no meio das novas residências. Por toda a parte a pedra medieval, torturada e contorcida como uma chama, sobrevivia e subia ao assalto das belas fachadas concebidas por Mansart ou Perrault.

Devido a isso, Angélique possuía ao fundo do jardim um poço antiquíssimo, trabalhado como uma peça de ourivesaria. Depois de subirem os três degraus circulares que lhe serviam de base, as pessoas podiam sentar-se no parapeito e sonhar à vontade sob a cúpula de ferro forjado, acariciando com um dedo salamandras esculpidas e cardos de pedra musgosa.

Durante um passeio, numa noite de lua cheia e temperatura amena, a jovem encontrou ao pé do poço, a tirar água, um velhote de cabelos brancos. Reconheceu o criado que tinha a seu cargo acarretar a lenha e tratar das velas, o qual já se encontrava no Palácio de Beautreillis quando ela lá se instalara e que, segundo o príncipe de Conde, estivera ao serviço do anterior proprietário.

Angélique raramente falara com o velho, que os restantes criados tratavam por "avô". Perguntou-lhe como se chamava.

- Pascalou Arrengen, minha senhora, para vos servir.
- Aí está um nome que diz bem onde nasceste. Se não és gascão, és pelo menos bearnês...
- Sou de Baiona, minha senhora. Ou, para melhor dizer, sou basco.

Angélique passou a língua pelos lábios e perguntou a si própria se deveria interrogar o homem.

O velho tirara o balde do poço. A água salpicara o parapeito e brilhava ao luar.

- É verdade que quem mandou construir este palácio era do Sul, do Languedoc?
- Sem dúvida. Era... de Tolosa.
- Como se chamava?

Queria ouvir-lhe o nome, saborear a doçura amarga de o sentir ainda vivo na memória de um pobre homem que o conhecera e talvez o tivesse amado. Mas o velhote benzeu-se precipitadamente e olhou à sua volta, assustado.

- Caluda! Não se deve pronunciar o seu nome. É maldito! O coração de Angélique sangrou.
- É então verdade? - perguntou ainda, continuando a desempenhar o seu papel. - Diz-se que foi queimado como feiticeiro...
- Pois diz.

O velho observava-a com extrema atenção. Os seus olhos claros pareciam interrogá-la, como se hesitasse à beira de uma confidência.

De súbito sorriu e as suas rugas impregnaram-se de uma malícia manhosa.

- Diz-se... mas não é verdade.
- Porquê?
- Foi outro, um já morto, que queimaram na Praça de Greve. Desta vez, o coração de Angélique começou a bater-lhe no peito como um tambor.
- Como sabes?

- Sei... porque o tornei a ver.
- Quem?
- Ele... o conde maldito.
- Viste-o? Onde?
- Aqui... Uma noite... na galeria de baixo...

Angélique suspirou e fechou os olhos com lassidão. Que loucura procurar uma esperança nas divagações de um pobre criado que julgara ver um fantasma! Desgrez tinha razão quando dizia que jamais devia falar DELE, que era necessário nunca mais pensar NELE.

Mas o velho Pascalou estava lançado.

- Foi uma noite, pouco depois da fogueira. Eu dormia na cavaleriça, no pátio, e estava sozinho, pois até o porteiro se fora embora. Eu fiquei. Para onde havia de ir? Ouvi barulho na galeria e reconheci-lhe os passos.

Um riso mudo fendeu-lhe a boca desdentada.

- Quem não reconheceria os seus passos?... Os passos do Grande Coxo do Languedoc!... Acendi a lanterna e entrei. Os passos soavam adiante de mim, mas não via ninguém, porque a galeria faz um cotovelo. Mas, quando cheguei à esquina, vi-o! Estava encostado à porta da capela e virou-se para mim...

A pele de Angélique contraiu-se num prolongado arrepio.

- Reconheceste-lo?
- Reconheci-o como um cão reconhece o dono, mas não lhe vi a cara. Trazia uma máscara... Uma máscara de aço preto... De repente penetrou na parede e deixei de o ver.
- Oh, vai-te embora!-gemeu ela. -Fazes-me morrer de medo.

O velhote olhou-a com surpresa, passou a manga por baixo do nariz, pegou no balde e afastou-se docilmente.

Angélique regressou ao seu quarto num estado de pânico indescritível. Aí estava o motivo por que, entre aquelas paredes, se sentia alternadamente dominada pela alegria e pela dor. Era porque o fantasma de Joffrey de Peyrac rondava por ali. Joffrey de Peyrac... fantasma! Que triste destino para ele, que era toda vida, que adorava a vida sob todas as formas e cujo corpo estava tão maravilhosamente treinado para a volúpia!

Deixou cair a cabeça entre as mãos e julgou que ia chorar.

Foi então que do seio da noite brotou um cântico, um cântico celestial e delicioso que se assemelhava ao dos anjos quando se espalhavam por cima dos campos na noite de Natal.

Ao princípio, Angélique julgou-se vítima de uma alucinação. Mas, quando se aproximou do corredor, distinguiu nitidamente uma voz infantil que cantava.

Pegou numa palmatória e dirigiu-se para o quarto dos filhos. Levantou suavemente o cortinado e deteve-se, deslumbrada com o quadro que tinha diante dos olhos.

Uma lamparina de prata dourada iluminava palidamente a alcova onde dormiam os garotos. De pé em cima da cama, Cantor, de camisa branca, com as mãos papudas cruzadas no ventre e de olhos erguidos, cantava como um anjinho do Paraíso. A sua voz era de uma pureza extraordinária, mas a sua dicção de bebê ligava as palavras da forma mais comovente:

Foi no dia de Natal Que Jesus nasceu. Nasceu num estábulo, Em cima da palha; Nasceu numa manjedoura, Em cima do feno.

De cotovelos fincados na almofada, Florimundo escutava-o com visível prazer.

Um ligeiro ruído tirou Angélique da sua contemplação. A seu lado, Bárbara enxugava duas lágrimas enternecidas.

- A senhora não sabia que o nosso tesouro cantava tão bem?-segredou a criada.-Eu queria fazer uma surpresa à senhora, mas ele é arisco e só quer cantar para Florimundo.

Mais uma vez a alegria substituíra a mágoa no coração de Angélique. A alma dos trovadores encarnara em Cantor. Ele cantava. Joffrey de Peyrac não estava morto, pois revivia nos filhos. Um parecia-se com ele, o outro teria a sua voz...

Decidiu imediatamente encarregar o Sr. Lulli, o músico do rei, de dar lições a Cantor.

CAPÍTULO XV - Mistérios e venenos no Bairro do Marais

Angélique organizava assim a sua vida naquele belo bairro onde a fina flor de Paris se reunia. Construíram-se muitas casas simples, de fachadas ligeiramente inclinadas, e os jardins e os pátios dos palácios particulares formavam no meio daquelas construções muito juntas ilhotas de verdura em que se misturavam os cheiros contrastantes das laranjeiras, do lado dos jardins, e das cavalariças, do lado dos pátios.

A Sra. Morens tinha duas carruagens, seis cavalos, dois palafreiros e quatro lacaios. Completavam o seu pessoal dois criados graves, um mestre cozinheiro, um escrevente, várias criadas e um número ilimitado de moços de recado e de cozinha. Se quisesse levar ainda mais a sério o seu papel de dama do Marais, poderia fazer-se acompanhar à igreja por um laiaio com a almofada, por outro com as funções de caudatário e por um terceiro encarregado de lhe levar o saco bordado com o missal.

Mas Angélique ia raramente à igreja, para não dizer nunca, embora isso lhe pesasse, atendendo a que lhe prejudicava a reputação. No entanto, a casa de Deus era para ela um lugar de tortura, pois recordava-se de que cometera um crime ao viver amancebada. Além disso, não podia esquecer a fogueira da Praça de Greve nem o crucifixo erguido pelo monge Bécher...

Dominada por uma náusea física, via-se de novo no adro das igrejas, no meio dos mendigos que pejavam os degraus...

Assim, tivera de renunciar a acompanhar as amigas aos ofícios religiosos, embora isso surpreendesse o círculo das suas relações. A sua vida casta e a sua irreligiosidade impressionavam aqueles que a conheciam, numa época em que apenas se praticava a conversão da carne ou da heresia, mas não a fé em Deus.

A Sra. Scarron dedicara-se secretamente a reconduzi-la à devoção. Angélique parecia-lhe presa mais fácil do que a encantadora

Ninon, cujo livre-pensamento se baseava numa filosofia bebida nas fontes gregas e se manifestava através de uma vida escandalosa.

Angélique tinha frequentemente oportunidade de encontrar a viúva Scarron, quer nas graves reuniões do Palácio de Aumont, quer nas recepções mais agitadas dos Montespan. No regresso, Francisca oferecia-se para a acompanhar. Voltavam a pé, conversando amigavelmente, pois tanto uma como

outra conservavam dos tempos de pobreza o gosto de caminhar pelas ruas e desdenhavam a escravatura da carruagem. Seria esse passado miserável, que as juntara furtivamente junto da lareira da Tia Cordeau, que as ligava tão firmemente? Angélique temia a Sra. Scarron pela mesma razão por que gostava dela: pela forma deveras notável como sabia escutar confidências. Devido à sua voz harmoniosa, à sua compreensão e ao seu interesse, que não era fingido, incutia no coração mais fechado o desejo de se expandir, e Angélique receava a todo o momento deixar escapar uma palavra imprudente. Pela sua parte, a Sra. Scarron lembrava-se de que nascera numa prisão, de que aos 12 anos, em La Rochelle, ia buscar um prato de sopa aos Jesuítas e de que mais tarde, em casa da tia, a Sra. de Navailles, pouco melhor tratada do que uma criada, viajava montada num dos machos que transportavam a liteira da prima.

Ocultando as suas misérias antigas, ambas sentiam, pois, que se estabelecera entre as duas uma atração que era fruto de um mesmo e nebuloso destino e experimentavam grande prazer no seu convívio.

Outra amiga com quem Angélique se dava assiduamente era a encantadora marquesa de Sévigné.

Também esta, como a Sr. Scarron, fugia do amor, que durante muito tempo a martirizara. Mas, ao passo que Francisca substituíra a paixão por uma ambição tão desmedida como secreta, a Sra. de Sévigné enchera o coração de amizade, como ela própria confessava. Era um enlevo passar umas horas junto dela e mais ainda receber as suas cartas, vivas e cheias de espírito.

Angélique ia a sua casa para a ouvir falar de Versalhes, que a marquesa visitava de vez em quando a convite expresso do rei, que apreciava muito a sua companhia. A Sra. de Sévigné contava com grande vivacidade e entusiasmo os divertimentos da corte: pequenas excursões, bailados, comédias, fogos-de-artifício, passeios... E, quando via transparecer nos olhos de Angélique a mágoa profunda de não poder assistir a tais festas, exclamava:

- Não vos desoleis, minha querida! Versalhes é o reino da desordem. A balbúrdia é tanta que, quando há festa, os cortesãos perdem a cabeça, porque o rei não se preocupa nada com eles.

Outro dia, os Srs. de Guise e de Elbeuf quase não tinham um buraco onde se instalar. Tiveram de dormir na cavalaria!

Mas Angélique estava persuadida de que os Srs. de Guise e de Elbeuf preferiam dormir na cavalaria a serem excluídos das festas de Versalhes, e tinha razão.

O palácio real, de que toda a gente falava e que ela se recusava a conhecer antes de lá se poder apresentar em todo o seu esplendor, adquirira aos olhos de Angélique o brilho maravilhoso de uma miragem. Tornara-se o objetivo ao mesmo tempo exclusivo e inverossímil da sua ambição. Ir a Versalhes! Mas uma chocolateira, mesmo a mais rica de Paris, teria lugar na corte do Rei Sol?

Estava persuadida de que isso aconteceria um dia. Já conseguira tantas coisas!...

Luís XIV gastava dinheiro a rodos no embelezamento de Versalhes. "Preocupa-se tanto com a beleza da sua casa como uma beldade com a sua aparência", dizia ainda a Sra. de Sévigné.

Quando a rainha-mãe morreu de cancro, o rei, que desmaiara à sua cabeceira, correu para Versalhes, onde ficou três dias a vaguear entre as alamedas de tílias, os bosquezinhos de buxo aparado em forma de bola e as estátuas de mármore das deusas e dos deuses. Versalhes foi um bálsamo para a sua dor pungente. Pôde chorar, evocar com ternura a presença augusta daquela que fizera dele um rei e que revia nos seus atavios negros, clareados por véus ou por rendas, com o magnífico colar de pérolas que lhe descia até aos joelhos, a sua bela cruz de diamantes e as suas mãozinhas admiráveis. Atardou-se na sala onde a recebera, ornamentada com duas coisas que Ana de Áustria preferia: ramos de jasmim grandes como moitas e estatuetas da China de filigrana de ouro e prata. Pelo menos em Versalhes não fizera chorar a mãe.

Mais ou menos na mesma altura, a Sra. de Montespan perdeu também a mãe, e esse luto, juntamente com o da corte, reteve durante algum tempo em casa a louca poitevina, que passou a visitar Angélique com mais frequência, para fugir aos credores e aos aborrecimentos domésticos. A sua vivacidade era, porém, matizada por um tormento secreto. Falou da sua infância. O pai era homem dado ao prazer e a mãe muito beata, de modo que, como ela passava os dias na igreja e ele as noites na paródia, os dois esposos quase se não viam e ninguém sabia como tinham arranjado maneira de fazer alguns filhos. Ateneia falava também da corte, mas com reticências e impaciência mal dissimulada. A rainha era estúpida e a La Vallière não passava de uma pobre imbecil. Quando se decidiria o rei a repudiá-la? Não lhe faltavam mulheres dispostas a ocupar o seu lugar... Constava que as Sr. de

Roune e de Soissons tinham procurado a Voisin para envenenar a La Vallière.

Falava-se muito de veneno em Paris. No entanto, no Marais, já quase só as damas muito velhas pediam, na altura das refeições, que lhes trouxessem a credencia, um armariozinho que continha taças cheias de crapudinas ou chifres de licorne, e também o "linguareiro", espécie de saleiro de ouro ou de prata onde se guardavam línguas de serpente. Todas estas coisas se destinavam a combater os efeitos do veneno.

A nova geração simulava desprezar tais práticas. Contudo, muitas pessoas morriam misteriosamente e os médicos encontravam-lhes as vísceras queimadas por um fogo corrosivo. Aparentemente, alguém lhes dera, segundo a expressão do polícia Desgrez, "um tiro de pistola num caldo".

Angélique tinha como vizinha a marquesa de Brinvilliers, que morava a dois passos, na Rua Carlos V. Foi, no entanto, por acaso que se tornou a encontrar na presença de uma mulher que assaltara para os lados da porta de Nesle, no tempo em que fazia parte da quadrilha do Milongas.

A Sra. de Brinvilliers não a reconheceu (pelo menos, Angélique assim o esperou), mas esta última sentiu-se deveras constrangida durante toda a visita, pensando na pulseira de ouro guardada num cofrezinho junto do punhal de Redonho-o-Cigano.

A Sra. Morens procurara a filha do tenente da polícia, Sr. de Aubrays, para lhe fazer um pedido. O Sr. de Aubrays morrera recentemente, mas o filho herdara o cargo e Angélique esperava que a Sra. de Brinvilliers se dignasse intervir junto do irmão. Tratava-se de obter a libertação de um pobre mendigo, preso por mendicidade, e que a Sra. Morens, que o conhecera noutros tempos, desejava tomar ao seu serviço.

O mendigo em questão era o Calcanhares.

Um dia, ao passar de carruagem pela Praça do Pelourinho, Angélique vira exposta na golilha a cara comprida, de olhos tristes, do Calcanhares.

O sangue gelou-se-lhe nas veias, pois o Calcanhares era um pobre diabo a quem a dura profissão de recadeiro tornara enfermo e reduzira à miséria. Mesmo na Torre de Nesle, Angélique nunca o vira roubar. Quase não mendigava e o Milongas considerava justo alimentá-lo e abrigá-lo sem lhe exigir contrapartida.

Angélique mandou parar a carruagem e apeou-se. Sem fazer caso dos basbaques, interpelou o condenado:

- Calcanhares, meu amigo, que fazes aí em cima?

- Oh, és tu, marquesa dos Anjos? -respondeu o desgraçado.-Sei lá porque estou aqui. O meirinho dos pobres deitou-me a luva. Depois meteram-me aqui. Saber porquê, é outra história.

- Tem mais um bocadinho de paciência que já te venho libertar.

A fim de não perder tempo em diligências inúteis, Angélique foi diretamente a casa do Sr. de Aubrays. Conseguiu que o inquérito acerca do rapaz fosse rápido e o mandado de soltura assinado no dia

seguinte. A Sra. de Brinvilliers convidou Angélique para a sua próxima reunião, onde teria ensejo de encontrar muitas pessoas encantadoras, entre as quais o cavaleiro de Saint-Croix. Ninguém ignorava que o cavaleiro era o amante da dama...

Calcanhares recebeu uma lindíssima libré e foi nomeado criado grave de Florimundo e Cantor. Não podia fazer grande coisa, mas era meigo e bondoso e sabia contar histórias às crianças. Ninguém lhe exigia mais.

De resto, não era o primeiro habitante da Torre de Nesle que Angélique acolhia no palácio de Beautreillis.

Os outros, mendigos inveterados, estropiados e vagabundos, depressa tinham aprendido o caminho da sua casa, onde três vezes por semana os esperava uma sopa quente, pão e roupas. Desta vez, Angélique não pedira ao Cu de Pau que a desembaraçasse dos seus mendigos. Receber os pobres fazia parte das suas atribuições de grande dama e gostaria de poder abrigar todos.

Enquanto a intimidade com um Audiger começava a tornar-se-lhe odiosa, por lhe recordar a sua humilde condição de criada, os pobres continuavam a ser seus irmãos, seus companheiros, e não receava, baixando a voz para não ser ouvida pelos criados, "dar à taramela" com eles. Os mendigos davam então largas à sua alegria e soltavam aquelas grandes gargalhadas assustadoras que tão bem conhecia...

Poderia esquecer alguma vez a Torre de Nesle, o cheiro do guisado a ferver na panela, as velhinhas a devorarem os ratos apanhados pelo Espanhol, a dança monstruosa do Tio e da Tia, cantigas, a música da sanfona, as grandes gargalhadas, os grandes gritos e os arquejos?...

Abria-lhes a porta. E nas manhãs geladas de Inverno, nessas manhãs silenciosas de neve, em que o bafo podre dos mendigos se condensava em nuvens opacas, via-os correr para ela como feras.

"Os pobres são terríveis", dizia o Sr. Vicente.

Sim, eram terríveis. Mas Angélique sabia como o infortúnio e a malvadez podiam morder a própria carne, o próprio coração. Também fora arrastada pela vaga purulenta.

A velha voz ardente que despertara o século para a caridade, a voz do Sr. Vicente, encontrava eco nela.

"Os pobres... que não sabem para onde ir nem que fazer, que vagueiam na solidão da sua miséria e cada vez se multiplicam mais, é esse - ai de mim! - o meu fardo e a minha dor!"

Ajoelhada nas lajes, lavava-lhes os pés e tratava-lhes as feridas. Só eles e os seus dois filhos tinham o poder de reanimar a fonte do amor no seu coração endurecido.

Pouco depois do incidente do Calcanhares encontrou o Pão de Centeio. O velho não mudara. Continuava a andar carregado de conchas e rosários de falsos peregrinos. Enquanto lhe tratava da eterna úlcera que lhe roia a perna, o velho disse-lhe:

- Minha irmã, vim cá para te prevenir: se tens amor à pele, não debes continuar com os teus manejozinhos...

- Que estás a insinuar, Pão de Centeio? Que mal fiz eu?

- Tu, nenhum. Mas fez a outra.

- Qual outra?

- Essa compincha que te traz nas palminhas há perto de oito dias. Olha, ainda hoje a vi sair de tua casa.

Angélique lembrou-se de que a Sra. de Brinvilliers a viera visitar.

- Aquela dama franzina, de capa cor de amaranto?
 - Não sei se a sua capa é da cor do amaranto, mas conheço suficientemente essa damazinha para te dizer que desconfies dela... como do Diabo.
 - Então, Pão de Centeio, é a Sra. de Brinvilliers, a própria irmã do tenente da polícia.
 - É possível! Mas digo-te que desconfies dela.
 - De resto, como é que a conheces?
 - Oh, isso é uma longa história!... Um dia em que o tempo estava frescote adormeci no adro da Igreja de Santa Oportuna e acordei no Hôtel-Dieu. Cobertores, colchão, cortinados e, na cabeça, um barrete como o dos cozinheiros... Nunca a minha bicharada se apanhara tão quentinha!... De tal modo que já nem as gâmbias me queriam arrancar dali... Fiquei no Hôtel-Dieu... Que remédio! Ora, essa dama visitava-nos. Trazia compotas, presunto... Uma verdadeira boa dama. Só que, enfim, todos os doentes que comiam o que lhes trazia morriam como moscas... Como tenho olhos na cara e felizmente vejo bem, quando um dia apareceu e me disse toda derretida: "Aqui tendes uns doces, meu pobre homem...", respondi-lhe: "Muito obrigado, mas ainda me não apetece ir fazer uma visita ao Pai do Céu. Não tenho vontade nenhuma de morrer!" Se visses os holofotes que me deitou! Brilhavam como as fogueiras do Inferno... É por isso que te digo: desconfia dela, marquesa dos Anjos, não é pessoa com quem te convenha dares-te.
 - O que tu havias de imaginar, meu pobre Pão de Centeio!
 - Imaginar... imaginar!... Só acredito no que vejo. E também conheço um criado chamado La Chaussée, que está ao serviço do Sr. de Sainte-Croix, o amásio dessa Brinvilliers, que me contou bonitas coisas.
- Angélique ficou pensativa. O nome de Sainte-Croix estivera metido na expedição a casa do velho Glazer, onde ela descobrira o arsênico. Não dizia Desgrez que "os criminosos do nosso tempo já não é nas ruas que se devem procurar, mas sim noutros sítios... talvez nos salões"?...
- Estremeceu. Belo e calmo, bairro do Marais!... Quantos dramas se ocultavam atrás dos portões encimados pelos seus brasões de pedra! Não havia paz neste mundo...
- Está bem, Pão de Centeio, não me darei mais com essa dama. Obrigada por me teres avisado.
- Foi buscar uma garrafa de vinho e um naco de toucinho.
- A tua sacola não está muito recheada, meu pobre Pão de Centeio...
- O velho olhava a perspectiva nevada da rua, sua única morada. Piscou o olho e recitou:
- A i, os pobres mendigos cheios de desventuras Só são ricos de coisas futuras!...
- Atrás do falso peregrino veio o polícia de nariz comprido. Angélique vira poucas vezes Desgrez no decurso dos últimos anos e sempre com certo embaraço. Apesar das maneiras corretíssimas do polícia, não podia esquecer por completo a sessão, ao mesmo tempo brutal e voluptuosa, a que fora submetida. Sentia-se inferiorizada diante dele e desde então temia-o um pouco.
- Quando a avisaram da sua presença, fez uma careta e desceu aborrecida. Tinham-no mandado entrar para um gabinetezinho onde habitualmente recebia os escreventes e os fornecedores.
- Não pareceis muito satisfeita, senhora - observou, alegremente, Francisco Desgrez.-É por me verdes? No entanto, venho felicitar-vos pela admirável residência onde tivestes o talento de vos instalar. Deus sabe como a tereis conseguido...
 - Deus talvez o não saiba-respondeu Angélique-, mas, em contrapartida, estou absolutamente certa de que vós o sabeis.

Deixai-vos de hipocrisias, Sr. Polícia, eizei-me sem rodeios a que devo a honra da vossa visita.

- Sempre decidida nos negócios, pelo que vejo. Bem, vamos aos fatos!... Segundo creio, tendes como vizinha a encantadora Sr." de Brinvilliers. Poderíeis apresentar-me a essa dama na primeira oportunidade que tivésseis?

- Porquê? Sois polícia e, como tal, podeis muito bem ser admitido em sua casa por intermédio do irmão.

- Precisamente, não quero apresentar-me como polícia. No entanto, poderei ser, por exemplo, um jovem gentil-homem vosso amigo, seduzido pelos seus belos olhos e mortinho por lhe fazer a corte...

- Porquê? -repetiu Angélique, que torcia as mãos com uma angústia inconsciente.- Porque me pedis isso a mim?

- Já estais ao corrente de algumas coisas, minha querida, e podereis ser me útil...

- Não quero ser-vos útil! - explodiu ela.-Não quero introduzir-vos nos salões para neles vos dedicardes à vossa repugnante tarefa de bófia! Não quero conviver com essa mulher... Não quero ter nada de comum com todos vós... com todos esses horrores. Quero que me deixem em paz!

Tremia como varas verdes. O jovem olhou-a com surpresa.

- Que vos aconteceu? Juraria que tendes os nervos num feixe. Já vos vi assustada ou desesperada, mas nunca assim tão amedrontada, sem motivo plausível. No entanto, parece-me que triunfastes. Estais tranqüila aqui, ao abrigo de vicissitudes.

- Não, não estou ao abrigo de vicissitudes, pois continuais a voltar... voltais sempre! Especulais com o meu miserável passado para me obrigar a confessar... não sei o quê. Não sei nada, não quero saber nada, não quero ouvir nem ver nada... Não compreendeis que já destruí a minha vida por me ter metido nas intrigas dos outros? Tenho ainda um longo caminho a percorrer e, se tremo, é porque tenho medo de todos vós, prontos a coligar-vos para me perder mais uma vez... Deixai-me, esquecei-me. Oh, Desgrez, suplico-vos!

Escutava-a pensativo e Angélique julgou ver-lhe no fundo dos olhos castanhos uma expressão inusitada, um olhar melancólico de cão escoraçado. Estendeu a mão como se quisesse afagar-lhe o rosto, mas não concluiu o gesto.

- Tendes razão - declarou, suspirando.- Já vos fizeram bastante mal. Ficai em paz. Ninguém vos torturará mais, meu amor.

Saiu e não voltou mais.

O afastamento de Desgrez deixou-lhe uma mágoa inconfessada, mas, ao mesmo tempo, sentiu-se aliviada.

Não queria mais nada de um passado que começava a arrancar de si como um traje desonroso.

A Brinvilliers que envenenasse toda a sua própria família, se isso lhe dava prazer. Era-lhe indiferente. Não seria ela que ajudaria um polícia a desmascará-la.

Tinha mais que fazer. Queria ser recebida em Versalhes. Mas os últimos metros da sua ascensão eram os mais penosos. Arquejava. Pressentia que para chegar ao fim teria de travar um derradeiro combate, o mais duro, o mais áspero de todos...

Marcou um ponto importante quando o acaso a levou à presença do irmão, o jesuíta Raimundo de Sancé.

CAPÍTULO XVI - Raimundo aconselha Angélique a seduzir o glacial Filipe do Plessis

Uma noite, já tarde, quando Angélique secava com areia uma carta para a sua querida amiga Ninon de Lenclos, vieram dizer-lhe que um clérigo tonsurado lhe queria falar com urgência. À entrada, a jovem encontrou um abade que lhe disse que o irmão, o reverendo padre de Sancé, a queria ver.

- Agora?

- Imediatamente, senhora!

Angélique voltou a subir ao quarto e pôs uma capa e uma máscara. Hora estranha, não só para um jesuíta se encontrar com uma irmã, mas também com a viúva de um feiticeiro queimado na Praça de Greve!

O abade disse que não era longe. De fato, dados alguns passos, a jovem encontrou-se diante de uma casa de aparência burguesa, um antigo palacete da Idade Média contíguo à nova colegiada dos Jesuítas. No vestíbulo, o guia de Angélique desapareceu como um fantasma negro. A jovem subiu a escada, com os olhos levantados para o primeiro andar, de cuja balaustrada se debruçava uma silhueta alta, com um castiçal na mão.

- Sois vós, minha irmã?

- Sou eu, Raimundo.

- Vinde, peço-vos.

Seguiu-o sem fazer perguntas. O vínculo secreto dos Sancés de Monteloup reatava-se imediatamente. Ele fê-la entrar numa cela de pedra mal iluminada por uma lamparina. Ao fundo da alcova, Angélique distinguiu um rosto pálido e delicado - mulher ou criança? - com os olhos fechados.

- Está doente e vai talvez morrer- disse o jesuíta.

- Quem é?

- Maria Inês, a nossa irmã.

- Veio refugiar-se junto de mim. Obriguei-a a descansar, mas, dada a natureza do seu mal, concluí que precisava da ajuda e dos conselhos de uma mulher. Pensei em ti...

- Fizeste bem. Que tem ela?

- Perde sangue com abundância. Creio que provocou um aborto.

Angélique examinou a irmã mais nova, com mãos maternas, precisas e que sabiam tratar. A hemorragia não parecia violenta, mas sim lenta e contínua.

- É necessário detê-la o mais depressa possível, pois, de contrário, ela morre.

- Pensei mandar chamar um médico, mas...

- Um médico?!... Só saberia sangrá-la, o que ainda a mataria mais depressa.

- Infelizmente não posso introduzir aqui uma parteira, sem dúvida curiosa e tagarela. A nossa regra é, ao mesmo tempo, muito livre e muito rigorosa. Ninguém me censurará por socorrer a minha irmã em segredo, mas devo evitar os mexericos. Por isso me é difícil conservá-la nesta casa, que confina com o seminário maior. Creio que compreendes sem dificuldade o que quero dizer...

- Assim que receber os primeiros socorros, farei transportá-la para o meu palácio. Entretanto, é necessário mandar buscar o Grande Mateus.

Um quarto de hora mais tarde, Flipot corria para a Ponte Nova, assobiando de vez em quando para ser reconhecido pelos malfeitores. Angélique já uma vez recorrera ao Grande Mateus, quando de um acidente de Florimundo, atropelado por uma carruagem, e sabia que o empírico possuía um remédio quase miraculoso para estancar o sangue. Por seu turno, ele também sabia, quando lho recomendavam, ser firme e discreto como uma rocha.

Veio imediatamente e cuidou da sua jovem paciente com a energia e a habilidade de uma longa prática, enquanto monologava como era seu hábito:

- Ah, senhorinha, porque não usastes a tempo o eletuário de castidade que o Grande Mateus vende na Ponte Nova?... É feito de cânfora, alcaçuz, sementes de videira e flores de nenúfar. Basta tomar de manhã e à noite duas ou três dramas e beber por cima um copo de leite em que se tenha mergulhado um ferro em brasa... Acreditai no que vos digo, senhorinha: não há nada melhor para reprimir os excessivos ardores de Vênus, que se pagam tão caros...

Mas a pobre Maria Inês estava absolutamente incapaz de escutar tão tardias recomendações. Com as faces diáfanas, as pálpebras cor de malva e o rosto definhado no meio dos seus opulentos cabelos negros, parecia uma suave figura de cera privada de vida.

Por fim, Angélique verificou que a hemorragia cessara e que as faces da irmã readquiriam um pouco de cor.

O Grande Mateus retirou-se, depois de deixar a Angélique uma tisana que a doente devia tomar de hora a hora, "para recuperar o sangue que perdera", e de recomendar que esperassem umas horas antes de a mexerem.

Quando ele saiu, Angélique sentou-se junto da mesinha onde um crucifixo de pedestal projetava na parede uma sombra gigantesca. Pouco depois, Raimundo juntou-se-lhe e sentou-se do outro lado da mesa.

- Creio que ao romper do dia a poderemos levar para minha casa - disse Angélique.-É melhor esperar um pouco que recupere forças...

- Esperemos-aprovou Raimundo.

Inclinara o perfil inexpressivo, talvez um bocadinho menos magro do que dantes, em atitude meditativa. Os seus cabelos negros e lisos caíam-lhe sobre o cabelo branco da sotaina. A tonsura aumentara-lhe um pouco, devido aos primeiros sinais de calvície, mas no mais quase não mudara.

- Raimundo, como soubeste que morava no Palácio de Beautreillis e que vivia sob o nome de Sra. Morens?

O jesuíta esboçou um gesto vago com a bela mão branca.

-Era-me fácil informar-me, reconhecer-te. Admiro-te, Angélique. A terrível desgraça de que foste vítima está agora bastante longe.

- Não está tão longe como isso - redargüiu ela,- com amargura-, pois ainda não me posso mostrar à luz do dia. Muitos nobres de mais modesto nascimento do que eu olham-me como uma chocolateira endinheirada e nunca mais poderei voltar à corte nem ir a Versalhes.

O irmão deitou-lhe um olhar penetrante. Conhecia todas as formas de contornar as dificuldades mundanas.

- Porque não casar com um grande nome? Não te faltam pretendentes e a tua fortuna, para já não falar

da tua beleza, pode tentar mais de um gentil-homem. Recuperarias assim nome e títulos novos.

Angélique pensou de repente em Filipe e esta nova idéia fê-la corar. Desposá-lo? Marquesa du Plessis-Bellière?... Seria maravilhoso...

- Raimundo, porque não me lembrei disso mais cedo?

- Talvez porque ainda não tinhas pensado que eras viúva e livre - respondeu ele, com firmeza.- Presentemente dispões de todos os meios para atingires uma alta posição de forma honesta. Tal posição tem muitas vantagens e posso ajudar-te a alcançá-la com todo o meu valimento.

- Obrigada, Raimundo. Seria maravilhoso -repetiu, sonhadora.-Não imaginas o longo caminho que tive de percorrer. De toda a família fui eu quem caiu mais baixo, embora se não possa dizer que o destino de cada um de nós tenha sido brilhante. Porque acabamos tão mal?

- Agradeço-te esse "nós" - redargüiu ele, com um sorriso breve.

- Oh, fazeres-te jesuíta também foi uma forma de acabares mal! Lembra-te de que o nosso pai não ficou encantado com a idéia. Preferia ver-te possuidor de um bom e sólido benefício eclesiástico. Juscelino desapareceu na América. Dinis, o único militar da família, tem fama de ser um cabeça no ar e um mau jogador, o que é mais grave. Gontrão? Não falemos dele. Desclassificou-se pelo prazer de pintalgar uma tela, corr.o um artífice. Alberto é pajem do marechal de Rochant. Tem amores com o cavaleiro, a menos que esteja reservado para os encantos obesos da marechala. E Maria Inês...

Calou-se, escutou a respiração quase imperceptível que vinha da alcova e prosseguiu mais baixo:

- Não se deve esquecer que já em pequena era uma rapariga ardente e se rebolava na palha com os rapazes da região. Estou convencida de que na corte dormiu com toda a gente. Fazes idéia de quem seria o pai da criança?

- Creio que nem ela própria o imagina - respondeu cruamente o jesuíta.-Mas o que sobretudo gostaria que esclarecesses é se tratou de um aborto ou de um parto clandestino. Tremo só de pensar que tenha deixado um entezinho vivo nas mãos dessa Catarina Monvoisin.

- Ela foi a casa da Voisin?

- Creio que sim. Pelo menos, balbuciou o seu nome.

- Quem é que lá não vai? - redargüiu Angélique, encolhendo os ombros.-Recentemente, o duque de Vendôme procurou-a disfarçado de saboiano, a fim de lhe arrancar algumas revelações acerca de um tesouro que o Sr. de Turenne teria escondido. E o Monsieur, o irmão do rei, chamou-a a Saint-Cloud para que lhe mostrasse o Diabo. Não sei se ela o conseguiu, mas o caso é que o príncipe lhe pagou como se o tivesse visto. Bruxa, abortadeira, vendedora de venenos... é uma mulher de muitos talentos.

Raimundo escutava sem sorrir as revelações da irmã. Fechou os olhos e suspirou profundamente.

- Angélique, minha irmã, estou apavorado. Vivemos num século em que assistimos a hábitos tão infames e a crimes tão atrozes que os tempos futuros tremerão ao recordá-lo. Só este ano, várias centenas de mulheres acusaram-se-me no confessionário de se terem desembaraçado do fruto dos seus amores. E isto não é nada; é apenas o resultado da licenciosidade dos costumes, dos adultérios. O pior é que cerca de metade dos meus penitentes confessam ter envenenado um dos seus, procurado fazer desaparecer por meio de práticas demoníacas aquele ou aquela que os incomodava. Seremos ainda bárbaros? Abalando as barreiras da fé, terão as heresias revelado o fundo da nossa natureza? Há um desacordo terrível entre as leis e as tendências. E é à Igreja que compete reencontrar o bom caminho no meio desta desordem...

Angélique escutava com surpresa as confidências do jesuíta.

- Porque me contas tudo isso, Raimundo? Sou talvez uma dessas mulheres que...

O olhar do religioso voltou a pousar nela. Pareceu examiná-la e depois abanou a cabeça.

- Tu és como o diamante - disse. - Uma pedra nobre, dura, intransigente... mas simples e cristalina. Ignoro que pecados terás cometido durante os anos em que desapareceste, mas estou convencido de que, se os cometeste, foi porque muitas vezes não pudeste proceder doutro modo. Tu és como o verdadeiro povo humilde, minha irmã: pecas sem saber, contrariamente aos ricos e aos grandes...

Uma gratidão ingênua invadia o coração de Angélique à medida que escutava as surpreendentes palavras do irmão, nas quais distinguia como que um apelo da Graça e a expressão de um perdão vindo de mais alto.

A noite estava calma. Pairava na cela um aroma a incenso e a sombra da cruz que velava entre eles, à cabeceira da irmã em perigo, pareceu a Angélique, pela primeira vez em muitos anos, suave e tranqüilizante.

Num gesto espontâneo, ajoelhou-se nas lajes.

- Raimundo, queres ouvir-me em confissão?

CAPÍTULO XVII - Sonhos ambiciosos. Consulta à Voisin

O restabelecimento de Maria Inês prosseguiu satisfatoriamente no Palácio de Beautreillis. Contudo, a jovem conservava-se dolente e pouco alegre. Parecia ter esquecido o seu riso cristalino, que encantava a corte, e só mostrava a parte exigente e impulsiva do seu temperamento. De início, não manifestou nenhum reconhecimento pelas gentilezas de Angélique. Mas, como recuperava forças, esta aproveitou a primeira oportunidade para a meter na ordem com uma boa bofetada. A partir daí, Maria Inês decretou que Angélique era a única mulher com quem se poderia entender e recorrer a artifícios carinhosos para se vir aninhar junto da irmã nos serões de Inverno em que se podiam atardar ao pé do lume a tocar bandolim ou a bordar. Ambas trocavam impressões a respeito das pessoas que conheciam e, como tinham a língua acerada e o espírito vivo, riam por vezes a bandeiras despregadas das suas saídas.

Uma vez curada, Maria Inês não parecia de modo algum decidida a deixar a "sua amiga Sra. Morens". Toda a gente ignorava que eram parentas próximas e isso divertia-as. A rainha informou-se da saúde da sua dama de honra. Maria Inês mandou dizer que se sentia bem, mas que ia entrar para um convento. Tratava-se de um capricho mais sério do que parecia. Maria Inês recusava quase ferozmente ver quem quer que fosse, mas embrenhava-se na leitura das Epístolas de São Paulo e acompanhava Angélique à igreja.

Angélique sentia-se contentíssima por ter tido a coragem de se confessar a Raimundo, pois isso permitia-lhe apresentar-se agora diante do altar do Senhor sem dissimulação nem falso pudor e desempenhar perfeitamente o seu papel de dama do Marais. Reencontrava com satisfação o ambiente das longas cerimônias impregnadas de incenso e entrecortadas pela voz trovejante dos pregadores e dos órgãos.

Era deveras repousante ter tempo de rezar e de pensar na salvação da sua alma.

A fama da sua conversão levava ao Palácio de Beautreillis gentis-homens enternecidos. Apaixonados de Angélique ou ex-amantes de Maria Inês, todos protestavam:

- Que significa isto? Fazeis penitência? Enclausurais-vos?

Maria Inês opunha às perguntas uma máscara de esfingezinha desdenhosa. A maior parte das vezes preferia não aparecer ou então abria ostensivamente um livro de orações. Pela sua parte, Angélique negava energicamente. O momento parecia-lhe mal escolhido. Assim, quando a Sra. Scarron a apresentou ao seu diretor espiritual, o respeitável abade Godin, Angélique insurgiu-se logo que o sacerdote lhe falou de cilícios. Não era naquela altura, quando arquitetava projetos sobre projetos para casar com Filipe, que ia estragar a pele e as linhas sedutoras do seu belo corpo com cintos de crina e outros objetos de penitência.

Nenhum dos seus atrativos seria de mais para vencer a indiferença daquele homem estranho, que parecia, com os seus trajos de cetim claro e os seus cabelos louros, petrificado e revestido de gelo.

E, no entanto, ele era bastante assíduo no Palácio de Beautreillis. Chegava, indolente, e falava pouco. Angélique não se interrogava acerca do seu espírito. Quando o contemplava, na sua beleza desdenhosa, reencontrava sempre uma sensação distante, um pouco humilde e admirativa, de rapariguinha na presença do nobre primo elegante. Contudo, quando pensava nisso, essa recordação desagradável coloria-se de uma voluptuosidade algo perturbante. Recordava-se das mãos brancas de Filipe nas suas coxas, do arranhão causado pelos seus anéis... Agora, porém, que o via tão frio e tão distante, acontecia-lhe lamentar esse contacto e a sua própria fuga.

Filipe ignorava, certamente, que ela era a mulher que atacara naquela noite.

Quando os seus olhos claros pousavam em Angélique, esta tinha a impressão deprimente de que o jovem nunca reparara na sua beleza. Não lhe dirigia nenhum cumprimento, nem mesmo o mais banal. Era pouco amável e as crianças, em vez de se sentirem atraídas pelo seu garbo, temiam-no.

- Tens uma maneira de olhar o belo Plessis que me preocupa - declarou uma noite Maria Inês à irmã mais velha. - Angélique, tu, que és a mulher mais sensata que conheço, não me digas que te deixaste conquistar pela sedução desse...

Pareceu procurar um epíteto lapidar, não o encontrou e substituiu-o por uma careta de repugnância.

- Que lhe censuras? - admirou-se Angélique.

- Que lhe censuro? Pois bem, precisamente ser tão belo, tão sedutor, e nem sequer saber tomar uma mulher nos braços. Não achas que conta a forma como um homem toma uma mulher nos braços?...

- Maria Inês, essa conversa parece-me demasiado frívola para uma rapariga que tenciona professar!

- Justamente. Acho que devo aproveitar enquanto não entro para o convento. Para mim, a forma como um homem me agarra permite-me julgá-lo à primeira vista. O gesto do braço peremptório e terno, de que sinto que não me poderia soltar mesmo que quisesse e que, no entanto, me deixa livre... Oh, como é bom, nesse instante, ser mulher e frágil!

O seu rosto delicado, em que brilhavam uns olhos de gata cruel, adoçou-se num êxtase sonhador e Angélique sorriu ao ver-lhe fugazmente a máscara de volúpia que a irmã só mostrava aos homens. Depois, a jovem voltou a franzir o sobrolho.

- No entanto, devo reconhecer que poucos homens possuem esse dom. Mas, ao menos, todos eles fazem o melhor que sabem, ao passo que Filipe nem sequer tenta. Só conhece uma maneira de proceder com as mulheres: derrubá-las e violá-las. Deve ter aprendido a amar nos campos de batalha. A própria Ninon nada conseguiu. Provavelmente, reserva a delicadeza para os seus amantes!... Todas as mulheres o detestam na proporção em que as decepçiona.

Inclinada sobre o lume onde assava castanhas, Angélique irritava-se consigo própria por via da cólera que as palavras da irmã lhe causavam.

Decidira desposar Filipe du Plessis. Era a melhor solução, aquela que resolvia tudo e poria ponto final

na sua ascensão e na sua reabilitação. Desejaria, porém, iludir-se a si própria acerca do homem que escolhera para segundo marido e dos sentimentos que a impeliam para ele. Desejaria achá-lo "amável" para ter o direito de o amar.

Num ímpeto de franqueza para consigo mesma, correu no dia seguinte a casa de Ninon e abordou logo de entrada o assunto:

- Que pensais de Filipe du Plessis?

A cortesã refletiu, com um dedo na cara.

- Penso que, quando o conhecemos bem, verificamos que é muito menos interessante do que parece. Mas, quando o conhecemos melhor, verificamos que é muito mais interessante do que parece.

- Não percebo, Ninon.

- Quero dizer que não possui nenhuma das qualidades que a sua beleza promete, nem mesmo o desejo de se fazer amar. Em compensação, se formos ao fundo das coisas, inspira estima, pois representa um espécime de uma raça quase desaparecida: é um nobre por excelência. É rigoroso em questões de etiqueta e teme aparecer com um pingo de lama nas meias de seda. Mas não teme a morte. E, quando morrer, morrerá solitário como um lobo e não pedirá socorro a ninguém. Só pertence ao rei e a si mesmo.

- Não o sabia dotado de tanta grandeza!

- Assim como também não notais a sua pequenez, minha querida! A mesquinhez de um verdadeiro nobre é hereditária. O seu brasão oculta-lhe há séculos o resto da humanidade. Porque havemos sempre de supor que a virtude e o seu contrário não podem coexistir num único ser? Um nobre é, ao mesmo tempo, grande e mesquinho.

- E que pensa ele das mulheres?

- Filipe?... Minha querida, quando o souberdes, vinde dizer-mo.

- Parece que é horripelantemente brutal com elas...

- Consta...

- Ninon, não acredito que não tenhais dormido com ele. -Infelizmente, tendes de acreditar, minha querida. Devo confessar que todos os meus talentos falharam com ele.

- Ninon, assustais-me!

- Para ser franca, esse Adónis de olhos duros tentava-me. Diziam-no mal preparado para as coisas do amor, mas, como não receio certos arrebatamentos desastrados e gosto de os disciplinar, arranjei maneira de o atrair à minha alcova...

- E depois?

- Depois, nada. Talvez tivesse tido mais sorte com um boneco de neve amassado no pátio. Acabou por me confessar que o não inspirava de modo algum, pois sentia amizade por mim. Creio que lhe são necessários o ódio e a violência para se sentir em forma.

- É um louco!

- Talvez... Ou, antes, não. Está apenas atrasado em relação ao seu tempo. Deveria ter nascido cinquenta anos mais cedo. Quando o vejo, impressiona-me estranhamente, porque me recorda a minha juventude.

-A vossa juventude, Ninon?...-disse Angélique, olhando a tez delicada, sem uma ruga, da cortesã.- Mas vós sois mais nova do que eu!

- Não, minha amiga. A certas pessoas diz-se por vezes para as animar: "O corpo envelhece, mas a alma conserva-se jovem." Comigo dá-se, porém, um pouco o contrário: o meu corpo mantém-se jovem -que os deuses sejam louvados!-, mas a minha alma envelheceu. O tempo da minha juventude foi no fim do último reinado e princípios do atual. Os homens eram diferentes. Lutava-se por toda a parte: huguenotes, suecos revoltados do Sr. Gastão de Orleães... Os jovens sabiam guerrear e não amar. Eram grandes selvagens de golas de renda... Quanto a Filipe... Sabeis com quem se parece? Com Cinq-Mars, esse belo gentil-homem que foi o favorito de Luís XIII. Pobre Cinq-Mars! Apaixonou-se por Marion Delorme. Mas o rei era ciumento... e o cardeal Richelieu não teve dificuldade em precipitar a sua desgraça. Cinq-Mars pousou a sua bela cabeça loura no cepo. Nesse tempo havia muitos destinos trágicos!

- Ninon, não faleis como uma avozinha. Não vos fica nada bem.

- Necessito de tomar um tom de avó para vos ralhar um pouco, Angélique. Porque receio que vos precipiteis! Angélique, minha linda, vós que sabeis o que é um grande amor, não ides decerto dizer-me que vos apaixonastes por Filipe. Está demasiado longe de vós. Decepcionar-vos-ia mais do que a qualquer outra.

Angélique corou e as comissuras dos lábios tremeram-lhe como as de uma criança.

- Porque dizeis que conheci um grande amor?

- Porque se vê nos vossos olhos. São tão raras as mulheres que trazem no fundo das pupilas esse sinal melancólico e maravilhoso. Sim, bem sei... Para vós, isso acabou agora. De que forma? Que importa! Talvez tenhais descoberto que era casado, talvez vos tenha enganado, talvez tenha morrido...

- Morreu, Ninon!

- Melhor assim. A vossa grande chaga não tem veneno. Mas... Angélique endireitou-se, com orgulho.

- Ninon, não digais mais nada, peço-vos. Quero casar com Filipe. É necessário que eu case com Filipe. Vós não podeis compreender porquê. Não o amo, é certo, mas ele atrai-me. Sempre me atraiu. E sempre pensei que um dia me pertenceria. Não me digais mais nada...

De posse de tão poucas animadoras informações sentimentais, Angélique voltou a encontrar no seu salão o mesmo Filipe enigmático. Ele vinha, mas o namoro não progredia.

Angélique acabou por perguntar a si mesma se ele não viria por causa de Maria Inês. Entretanto, a irmã mais nova retirou-se para as Carmelitas para a comunhão pascal, e ele continuou a aparecer com frequência. Um dia, Angélique soube que se gabava de beber em sua casa o melhor rosólio de Paris. Talvez viesse apenas para saborear esse excelente licor que ela própria preparava com grandes quantidades de funcho, anis, coriandro, camomila e açúcar macerados em aguardente.

Angélique orgulhava-se dos seus talentos de boa dona de casa e estava decidida a recorrer a todos os engodos. Mas este pensamento magoou-a. Nem a sua beleza, nem a sua conversação atraíam Filipe?

Quando chegaram os primeiros dias da Primavera, sentiu-se desesperada, tanto mais que um jejum rigoroso a enfraquecia. Entusiasmara-se de tal modo com a idéia secreta de desposar Filipe que não tinha coragem de renunciar aos seus planos. Com efeito, tornada marquesa do Plessis seria apresentada na corte, tornaria a ver a sua terra natal e a sua família e reinaria no belo castelo branco que encantara a sua juventude.

Enervada com as alternativas de esperança e desânimo, ansiava por consultar a Voisin, a fim de saber o que o futuro lhe reservava. Tal oportunidade foi-lhe proporcionada pela Sra. Scarron, que lhe apareceu uma tarde em casa.

- Angélique, venho buscar-vos porque é absolutamente necessário que me acompanheis. Meteu-se na

cabeça a essa louca da Ateneia ir perguntar não sei o quê a uma bruxa diabólica, uma tal Catarina Monvoisin. Parece-me que duas mulheres devotas como nós não serão de mais para orar e lutar contra os malefícios que decerto se vão abater sobre essa pobre imprudente.

- Tendes toda a razão, Francisca - apressou-se a dizer Angélique.

Escoltada pelos seus dois anjos da guarda, Ateneia de Montespan penetrou alvoroçada e nada impressionada no antro da feiticeira, uma lindíssima casa do arrabalde do Templo para a qual, desde que enriquecera, a bruxa se mudara do sinistro casebre onde durante muito tempo o anão Catraia introduzira silhuetas furtivas. Agora, procuravam-na quase abertamente.

Em geral entregava-se às suas práticas numa espécie de trono e envolta num manto recamado de abelhas douradas. Mas, naquele dia, Catarina Monvoisin, a quem o convívio com a alta-roda não desviava dos seus deploráveis hábitos, estava bêbeda como um cacho.

Assim que transpuseram o limiar do locutório oride foram introduzidas, as três mulheres compreenderam que não podiam tirar nada da pitonisa.

Esta, depois de as contemplar demoradamente com um olhar nublado, acabou por descer do seu lugar e, cambaleando, caiu em cima da horrorizada Francisca Scarron, em cuja mão pegou.

- Agora vós, agora vós! -exclamou.-Tendes um destino pouco vulgar. Vejo o Mar, e depois a Noite, e depois sobretudo o Sol. A Noite é a miséria. Sabemos o que isso é! Não há nada mais negro! Como a Noite! Mas o Sol é o rei. Pronto, minha linda: o rei amar-vos-á e até casará convosco!

- Estais enganada! - gritou Ateneia, furiosa.-Eu é que vos venho perguntar se o rei me amará. Confundis tudo...

- Não vos zangueis, minha querida senhora -desculpou-se a outra, com voz pastosa.- Estou tão bêbeda que até confunde o destino de duas pessoas. Cada uma tem o seu, não é verdade? Dai-me a vossa mão. Em vós também há Sol. E depois a Sorte. Sim, sereis igualmente amada pelo rei. Mas, com a breca, ele não vos desposará!

- Que o Diabo te leve, bêbeda!-resmungou Ateneia, retirando a mão com raiva.

Mas a Voisin achava que devia dar a cada uma a medida bem cheia. Assim, apoderou-se por dever de ofício da mão de Angélique, rolou os olhos e abanou a cabeça.

- Um destino prodigioso! A Noite, mas sobretudo o Fogo, o Fogo que domina tudo.

- Gostaria de saber se casarei com um marquês...

- Não vos posso dizer se será marquês, mas vejo dois casamentos. Aqui, estas duas linhas. E depois seis filhos...

- Jesus!

- E depois... ligações!... Uma, duas, três, quatro, cinco...

- Isso não interessa - atalhou Angélique, procurando retirar a mão.

- Esperai!... Este fogo é que é surpreendente. Queima toda a vossa vida... até ao fim. É tão violento que oculta o Sol. O rei amar-vos-á, mas vós não o amareis por causa deste Fogo...

De regresso, na carruagem, Ateneia continuava irritada.

- Essa mulher não vale um só soldo de todo o dinheiro que lhe dão. Nunca ouvi semelhante chorrilho de asneiras. O rei amar-vos-á!... O rei amar-vos-á!... Diz a mesma coisa a toda a gente!

Angélique soube a novidade por intermédio de M lie de Parajonc. Como a não esperava, levou certo

tempo a desvendar a verdade oculta no palavreado retorcido da velha preciosa. Como de costume, esta apareceu-lhe mais ou menos à hora da ceia, saída da noite brumosa como uma lúgubre coruja, coberta de inúmeras fitas e com os olhos atentos e esquadrinhadores. Angélique ofereceu-lhe caridosamente uns bolos ao canto da lareira e Filónida discretoeu demoradamente acerca da sua vizinha, Sra. de Gauffray, que acabava de "sofrer as conseqüências do amor lícito", isto é, dez meses depois de casada dera à luz um belo rapaz. Em seguida alongou-se na descrição dos incômodos dos "seus queridos doentes". Angélique julgou que se referia aos velhos pais, mas tratava-se apenas dos pés de M lie de Parajonc. Os "queridos doentes" tinha calos. Por fim, depois de muitas minudências e picuinhas, e de declarar, olhando a chuva que batia nos vidros: "O terceiro elemento cai", Filónida, inteiramente dominada pelo prazer de anunciar a novidade, resolveu falar como toda a gente.

- Sabeis que a Sra. de Lamoignon vai casar a filha?

- Bom proveito lhe faça! A pequena não é bonita, mas tem dinheiro suficiente para fazer um casamento brilhante.

- Como sempre, vedes imediatamente as coisas tal como são, caríssima. Com efeito, só o dote dessa moreninha pode tentar um gentil-homem tão simpático como Filipe du Plessis.

- Filipe?

- Ainda não tínheis ouvido nenhum zumzum? -perguntou Filónida, cujos olhos atentos pestanejaram.

Mas Angélique já se recompusera e respondeu, encolhendo os ombros:

- Talvez... Mas não liguei importância. Filipe du Plessis não pode descer a casar com a filha de um juiz, altamente colocado, é certo, mas de origem plebéia.

A solteirona troçou:

- Um campônio dos meus domínios dizia-me muitas vezes: "O dinheiro só se colhe na terra e para o colher temos de nos baixar." Toda a gente sabe que o querido D u Plessis anda sempre em dificuldades. Joga forte em Versalhes e gastou uma fortuna em equipamento na sua última campanha. Levava atrás de si uma recua de dez machos com a sua baixela de ouro e não sei que mais. A seda da sua tenda era tão bordada que os Espanhóis a referenciavam das suas trincheiras e tomavam como alvo... Reconheço, aliás, que esse encantador insensível é singularmente belo...

Angélique deixava-a monologar. Depois de uma primeira reação de incredulidade, sentia-se desanimada. O último limiar a transpor para se encontrar finalmente exposta à luz do Rei Sol – o casamento com Filipe- desmoronava-se. Sempre soubera, de resto, que seria muito difícil lá chegar e que não teria forças suficientes para tanto. Estava cansada, exausta,.. Não passava de uma chocolateira e não se poderia manter muito mais tempo ao nível da nobreza, que nunca a acolheria. Recebiam-na, mas não a acolhiam... Versalhes!... Versalhes!... O brilho da corte, o esplendor do Rei Sol! Filipe! Belo deus Marte inacessível!... Tornaria a descer ao nível de Audiger. E os filhos nunca seriam gentis-homens...

Toda entregue aos seus pensamentos, não dava por o tempo passar. O lume extinguia-se na chaminé, a vela fumegava.

Angélique ouviu Filónida interpelar Flipot, que se mantinha de guarda à porta:

- Inútil, tirai o supérfluo a esse ardente.

Como Flipot ficasse de boca aberta, Angélique traduziu em tom cansado:

- Lacaio, tira o morrão à vela.

Filónida de Parajonc levantava-se, satisfeita.

- Minha querida, pareceis sonhar. Deixo-vos com as vossas musas...

CAPÍTULO XVIII - Uma ameaçadora declaração de amor

Naquela noite, Angélique não conseguiu pregar olho. No dia seguinte, de manhã, assistiu à missa, da qual saiu mais calma. No entanto, não tomara nenhuma decisão e, quando, de tarde, chegou a hora do Cours e subiu para a carruagem, ainda não sabia o que faria.

Contudo, dedicara cuidados especiais à sua toilette.

Enquanto ajeitava os faíscas e as sedas, censurou-se de súbito no isolamento da carruagem. Porque estrear naquele dia aquele vestido de três saias alternadas, cor de castanha-da-índia, de folha morta e de verdura nova? Um bordado de ouro, delicado como uma teia de aranha e realçado por pérolas, cobria como uma rede de filamentos cintilantes a primeira saia, a capa e o corpete. As rendas da gola e das mangas, apertadas com fitas verdes, reproduziam o desenho dos bordados. Angélique mandara-as executar especialmente em Alençon, segundo desenho do Sr. de Moyne, ornamentista das casas reais. De início reservara aquela toilette, simultaneamente austera e suntuosa, para as reuniões das grandes damas, como as que oferecia a Sra. de Albret, onde as conversas mundanas não deviam ser demasiado frívolas. Angélique sabia que o vestido condizia admiravelmente com a sua tez e com os seus olhos verdes, embora a envelhecesse um pouco.

Mas porque o envergara para ir ao Cours? Esperaria deslumbrar o implacável Filipe ou inspirar-lhe confiança com a severidade do traje? Abanou-se nervosamente para atenuar a onda de calor que lhe subia às faces.

Crisântemo franziu o focinho úmido e deitou um olhar perplexo à dona.

- Parece-me que vou fazer uma tolice, Crisântemo -disse-lhe a jovem, com melancolia. - Mas não posso desistir. Não, realmente não posso desistir.

Depois, com grande surpresa do cãozinho, fechou os olhos e deixou-se ir no fundo da carruagem, como se tivesse perdido todas as forças.

No entanto, quando chegou às imediações das Tulherias, Angélique reanimou-se de súbito. Com os olhos cintilantes, pegou no espelhinho trabalhado que lhe pendia da cintura e verificou a maquilagem. Pálpebras sombreadas, lábios vermelhos. Não se permitia mais nada. Não branqueava a cara, pois acabara por descobrir que o calor da sua carnção lhe atraía mais homenagens do que as delicadas experiências de embranquecimento da pele que estavam na moda. Os seus dentes, cuidadosamente limpos com pó de flores de giestas e enxugados com vinho queimado, tinham um brilho úmido.

Sorriu.

Segurou Crisântemo debaixo do braço e, apanhando a capa com uma das mãos, transpôs o portão das Tulherias. Por momentos disse para consigo que, se Filipe não estivesse ali, renunciaria à luta. Mas estava. Viu-o ao pé do Grand Parterre, junto do príncipe de Conde, que perorava naquele lugar preferido pela corte, onde gostava de se mostrar aos basbaques.

Angélique dirigiu-se ousadamente para o grupo. Descobrira de repente que, visto o destino ter trazido Filipe às Tulherias, pela sua parte cumpriria o que decidira.

O fim da tarde estava suave e fresco. Um breve aguaceiro, que acabava de cair, escurecera o saibro e envernizara as primeiras folhas das árvores.

Angélique passava, cumprimentando, sorridente. Notava, contrariada, que o seu vestido destoava horivelmente do traje de Filipe. Este, sempre vestido de claro, trazia naquela tarde uma extraordinária casaca azul-pavão, profusamente bordada a ouro. Sempre na vanguarda da moda, dera já à casaca nova forma amplamente rodada, que a espada levantava atrás.

Os punhos da camisa eram lindos, mas os calções quase não tinham folhos e cingiam apertadamente os joelhos. Aqueles que ainda usavam calções largos coravam ao vê-lo. Bonitas meias escarlates, de cantos dourados, harmonizavam-se com os saltos vermelhos dos seus sapatos de couro com fivelas de diamantes. Debaixo do braço, Filipe segurava um chapelinho de castor, tão fino que dir-se-ia feito de velha prata polida. A guarnição de plumas era azul-celeste, e, como o jovem acabava de chegar, não tivera a contrariedade de ver esta obra-prima de azul desfrisada pela chuva primaveril.

Com a sua peruca loura a cair-lhe em cascata sobre os ombros, Filipe du Plessis parecia um belo pássaro emproado.

Angélique procurou com a vista a silhueta da jovem Lamoignon, mas a sua pobre rival não estava presente. Com um suspiro de alívio, apressou-se a ir ao encontro do príncipe de Conde, que fingia cumulá-la, sempre que a encontrava, de uma afeição desiludida e resignada.

- Olá, meu amor! -suspirou, esfregando o comprido nariz na testa de Angélique, ao beijar-lha.-Minha cruel amiga, dar-nos-eis a honra de nos acompanhar ao Cours na nossa carruagem?

Angélique soltou uma gargalhadinha. Depois fingiu deitar um olhar embaraçado a Filipe e murmurou:

- Que Vossa Alteza me perdoe, mas o Sr. du Plessis já me tinha convidado para o passeio.

- Diabos levem estes jovens galos emplumados! -resmungou o príncipe. - Vejamos, marquês, tereis a pretensão de reter muito tempo, para vosso uso pessoal e exclusivo, uma das mais belas damas da capital?

- Deus me defenda, monsenhor! -respondeu o jovem, que manifestamente não ouvira o diálogo e ignorava de que dama se tratava.

- Está bem, podeis levá-la. Concedo-vo-la. Mas de futuro dignai-vos descer da vossa nuvem a tempo de considerardes que não estais só no mundo e que outros como vós têm direito ao mais deslumbrante sorriso de Paris.

- Tomo boa nota, monsenhor - respondeu o cortesão, varrendo o saibro com a sua pluma azul.

Entretanto, depois de uma profunda reverência aos presentes, Angélique pousara a mãozinha na de Filipe e leva vá-o dali. Pobre Filipe! Porque pareciam temê-lo? Pelo contrário era inofensivo com a sua distração altiva, de que facilmente se podia abusar.

Quando o par passava diante de um banco, o Sr. de La Fontaine, que se encontrava acompanhado dos Srs. Racine e Boileau, disse em aparte:

- O faisão e a sua faisoa!

Angélique compreendeu a sua alusão ao contraste que formavam os seus trajes: ela, de escuro e discreta no seu esplendor; ele, deslumbrante de cores vivas e contrastantes e de jóias. Por detrás do leque, a jovem fez uma pequena careta ao poeta, que lhe respondeu com uma piscadela de olho divertida. Mas ela pensava: "O faisão e a sua faisoa?... Deus queira!"

Baixava os olhos e via, com o coração alvoroçado, os passos firmes e elegantes de Filipe esmagarem com os saltos vermelhos o saibro da alameda. Nenhum gentil-homem sabia pousar o pé como ele, nenhum possuía tão belas pernas, robustas e bem torneadas. "Nem mesmo o rei...", pensou a jovem. Mas, para ter a certeza, necessitava de tornar a ver o rei um pouco mais de perto, e para isso tinha de ir

a Versalhes. IRIA A VERSALHES! Assim, com a mão na de Filipe, subiria a galeria real. Com os olhos em fogo, a corte analisar-lhe-ia em pormenor a toilette maravilhosa. Pararia a alguns passos do rei... "A Sra. Marquesa du Plessis-Bellière..."

Os dedos crispavam-se-lhe levemente. Filipe disse então, com uma surpresa impertinente:

- Ainda não compreendi por que motivo o Sr.: Príncipe me impôs a vossa presença...
- Porque pensou dar-vos o prazer. Como sabeis, estima-vos ainda mais do que ao Sr. Duque. Sois o filho do seu espírito guerreiro.

E acrescentou, deitando-lhe um olhar terno:

- A minha presença aborrece-vos assim tanto? Esperáveis alguém?
- Não! Mas não tencionava ir ao Cours esta tarde.

Angélique não se atreveu a perguntar-lhe porquê. Talvez não houvesse nenhuma razão. Com Filipe acontecia muitas vezes assim. As suas decisões não envolviam nada importante, mas ninguém ousava interrogá-lo.

Ao longo do Cours, os passantes eram ainda mais raros. Um cheiro a vegetação fresca e a cogumelos impregnava o ar sob a abóbada protetora das grandes árvores.

Ao subir para a carruagem de Filipe, Angélique reparara na gualdrapa de franjas prateadas que caíam até ao chão. Onde teria arranjado o dinheiro necessário para aquela nova elegância? Julgava-o muito endividado depois das suas loucuras do Carnaval. Seria já o resultado das generosidades do presidente De Lamoignon para com o futuro genro?

Nunca Angélique suportara tão dificilmente o silêncio de Filipe.

Impaciente, fingia interessar-se pelas facécias de Crisântemo ou pelas carruagens com que se cruzavam. Abriu várias vezes a boca para falar, mas o perfil imperturbável do companheiro desanimava-a. Este, alheado, movia lentamente as faces, chupando qualquer pastilha de almíscar ou de funcho. Angélique disse para consigo que, quando fossem casados, o faria perder aquele hábito. Quando se possui uma beleza tão delicada, deve-se evitar tudo o que possa lembrar um ruminante.

Agora estava mais escuro, porque as árvores se tinham tornado mais frondosas. O cocheiro mandou perguntar por um laçao se devia dar a volta ou continuar através do Bosque de Bolonha.

- Continuai-ordenou Angélique, sem esperar pelo assentimento de Filipe.

Quebrado, finalmente, o silêncio, prosseguiu vivamente: -Sabeis a tolice que contam por aí, Filipe? Parece que ides casar com a pequena Lamoignon...

Ele inclinou a bela cabeça loura e respondeu:

- Essa tolice é exata, minha cara.
- Mas...

Angélique tomou fôlego e continuou:

- Mas é impossível! Vós, o árbitro das elegâncias, não quereis decerto convencer-me de que encontrais beleza nessa pobre salta-pocinhas...
- Não tenho nenhuma opinião acerca da sua beleza.
- Nesse caso, que vos atrai nela? -O dote.

Mlle de Parajonc não mentira, portanto. Angélique conteve um suspiro de alívio. Se tratava de uma

questão de dinheiro, tudo se poderia ainda arranjar. No entanto, esforçou-se por dar ao rosto uma expressão contristada.

- Oh, Filipe, não vos julgava tão materialista!

- Materialista? -repetiu ele, erguendo as sobrancelhas com ar de incompreensão.

- Quero dizer, tão preso às coisas terrenas.

- A que quereis que me prenda? O meu pai não me destinou para padre...

- Não é preciso ser-se da Igreja para considerar o casamento de modo diferente de um negócio de dinheiro!

- Como se deve considerar, então?

- Bom... um negócio de amor!

- Oh, se é isso que vos preocupa, caríssima, posso garantir-vos que estou absolutamente decidido a fazer uma ranchada de filhos a essa pobre salta-pocinhas!...

- Não! -gritou Angélique, com raiva.

- Tê-los-á em troca do seu dinheiro.

- Não! -repetiu Angélique, batendo com o pé. Filipe olhou para ela profundamente surpreendido.

- Não quereis que faça filhos à minha mulher?

- Não se trata disso, Filipe. Apenas não quero que seja vossa mulher.

- E porquê?

Angélique soltou um suspiro cansado.

- Oh, Filipe, não compreendo como vós, depois de frequentardes o salão de Ninon, ainda não adquiristes um bocadinho a noção da conversa! Com os vossos "porquês" e os vossos ares estupefatos, acabais por dar aos vossos interlocutores a impressão de que são completamente estúpidos.

- E talvez o sejam...- redargüiu com um meio sorriso. Devido a este sorriso, Angélique, que tinha vontade de lhe bater, sentiu-se invadida por uma ternura absurda. Ele sorria... Mas porque sorria tão raramente? Tinha a impressão de que só ela poderia vir a compreendê-lo e a fazê-lo sorrir assim.

"Um tolo", diziam uns. "Um bruto", diziam outros. E Ninon de Lenclos: "Quando o conhecemos bem, verificamos que é muito menos interessante do que parece. Mas quando o conhecemos melhor, verificamos que é muito mais interessante do que parece... É um nobre... Só pertence ao rei e a si mesmo..."

"Também me pertence a mim", pensou Angélique, ferozmente.

Impacientava-se. Que seria necessário para arrancar aquele rapaz à sua indolência? O cheiro da pólvora? Pois bem, teria a guerra, já que a desejava! Empurrou nervosamente Crisântemo, que lhe mordiscava as borlas da capa, fez um esforço para dominar a sua irritação e disse em tom despreocupado:

- Se trata apenas de redourar o vosso brasão, Filipe, porque não casais comigo? Tenho muito dinheiro e que não corre o risco de se ir em hipotecas devido a más colheitas. Os meus negócios são bons e sólidos e só mostram tendência para prosperar.

- Casar convosco? -repetiu ele.

A sua estupefação era sincera. Solto uma gargalhada desagradável.

- Eu, casar com uma chocolateira?!-acrescentou, com supremo desdém.

Angélique corou violentamente. Aquele Filipe teria sempre artes de a encher de vergonha e de cólera. Redargüiu, com os olhos cintilantes:

- Dir-se-ia que proponho unir o meu plebeísmo a um sangue real! Não vos esqueçais que me chamo Angélique de Ridoué de Sancé de Monteloup. O meu sangue é tão puro como o vosso, meu primo, e mais antigo, porque a minha família descende dos primeiros Capetos, ao passo que pelos homens só vos podeis orgulhar de um qualquer bastardo de Henrique II.

Olhou-a demoradamente, sem pestanejar, e um interesse subtil pareceu despertar nos seus olhos claros.

- Oh, recordo-me de, noutros tempos, já me terdes dito qualquer coisa desse gênero! Foi em Monteloup, na vossa fortaleza em ruínas. Uma rapariguinha horrorosa, mal penteada e esfarrapada, esperava-me ao pé da escada para me observar que o seu sangue era mais antigo do que o meu. Oh, era realmente muito engraçada e ridícula!...

Angélique reviu-se no corredor gelado de Monteloup, com os olhos levantados para Filipe. Recordou-se de como tinha as mãos frias, a cabeça a arder e o ventre dorido, enquanto o via descer a grande escadaria de pedra. Todo o seu corpo jovem, excitado pelo mistério da puberdade, tremera diante da aparição do belo adolescente louro. Perdera os sentidos.

Quando voltara a si, na grande cama do seu quarto, a mãe explicara-lhe que já não era uma rapariguinha e que se dera no seu corpo um fenómeno novo.

O fato de Filipe ter estado assim relacionado com as primeiras manifestações da sua vida de mulher ainda a perturbava passados tantos anos. Sim, como ele dizia, era ridícula, mas isso não deixava de ter a sua doçura.

Fitou-o com ar indeciso e esforçou-se por sorrir. Como naquela tarde, sentia-se prestes a tremer diante dele. Murmurou em tom abafado e suplicante:

- Filipe, casai comigo. Tereis todo o dinheiro que quizerdes. Sou de sangue nobre. Depressa esquecerão o meu negócio. De resto, presentemente, muitos gentis-homens não consideram desonroso ocuparem-se de negócios. O Sr. Colbert disse-me...

Interrompeu-se. Ele não a escutava. Talvez pensasse noutra coisa... ou em nada. Se ele lhe perguntasse: "Porque quereis casar comigo?", gritar-lhe-ia: "Porque vos amo!" Porque naquele momento descobria que o amava com o mesmo amor nostálgico e ingênuo com que embelezara a sua infância. Mas ele não perguntava nada. Então prosseguiu, desajeitadamente, cheia de desespero:

- Compreendi-me... quero voltar ao meu meio, ter um nome, um grande nome... Ser apresentada na corte... em Versalhes...

Não era, porém, assim que lhe devia falar. Lamentou imediatamente ter feito semelhante confissão e esperou que a não tivesse ouvido. Mas ele murmurou, com um sorriso irônico:

- Claro que assim não se poderia considerar o casamento um negócio de dinheiro!...

Depois, no mesmo tom em que afastaria a mão de alguém que lhe estendesse uma confeitaria, acrescentou: -Não, minha querida, sinceramente, não... Ela compreendeu que a sua decisão era irrevogável. Perdera.

Pouco depois, Filipe observou-lhe que não correspondera à saudação de Mlle de Montpensier.

Angélique verificou que a carruagem voltara às alamedas do Cours-la-Reine, agora muito animadas, e começou a corresponder maquinalmente aos cumprimentos que lhe dirigiam.

Parecia-lhe que o Sol se extinguira e que a vida adquirira um sabor a cinza. Acabrunhava-a o fato de Filipe se encontrar sentado a seu lado e de, apesar disso, se encontrar tão desarmada. Não haveria mais nada a fazer?... Os seus argumentos, a sua paixão, tinham deslizado sobre ele como sobre uma carapaça lisa e gelada. Não se pode obrigar um homem a desposar uma mulher quando a não ama nem a deseja e lhe é possível salvaguardar os seus interesses através doutra solução. Somente o medo o poderia talvez vergar. Mas que medo conseguiria fazer curvar a cabeça daquele deus Marte?

- Vem aí a Sra. de Montespan - prosseguiu Filipe.- Está com a irmã abadessa e com a Sra. de Thianges. São, de fato, umas mulheres radiosas.

- Julgava a Sra. de Montespan no Rossilhão. Tinha pedido ao marido que a levasse para lá, a fim de escapar aos credores.

-A julgar pela gualdrapa da sua carruagem, os credores devem-se ter deixado comover. Já reparastes como o veludo é bonito? Mas porquê aquele preto? É uma cor sinistra.

- Os Montespan ainda andam de luto aliviado pela mãe.

- Aliviadíssimo. Ontem, a Sra. de Montespan dançou em Versalhes. Foi a primeira vez que a corte se divertiu um pouco desde a morte da rainha-mãe. O rei convidou a Sra. de Montespan.

Angélique fez um esforço para perguntar se aquilo significava que a desgraça de Mlle de La Vallière estava próxima. Sustentava a custo semelhante conversa mundana. Era-lhe indiferente que o Sr. de Montespan entrasse no rol dos cornudos e que a sua audaciosa amiga se tornasse amante do rei.

- O Sr. Príncipe está a fazer-vos sinal - disse Filipe. Angélique correspondeu com alguns acenos de leque aos sinais que o príncipe de Conde lhe fazia com a bengala através da portinhola da carruagem.

- Sois, sem dúvida nenhuma, a única mulher a quem monsenhor ainda dirige alguns galanteios - observou o marquês, soltando uma gargalhadinha que ninguém poderia dizer se era trocista ou admirativa.-Desde a morte da sua terna amiga, Mlle Lê Vigean, no Carmelo do arrabalde de Saint-Jacques, jurou que nunca mais pediria às mulheres senão o prazer carnal. Foi ele que me confidenciou. Pergunto a mim próprio, porém, o que lhes pediria anteriormente.

E, depois de um bocejo discreto:

- Só deseja uma coisa: tornar a obter um comando. Desde que sabe andarem no ar idéias de novas campanhas, não falta um dia ao jogo do rei e paga as suas perdas em pistolas de ouro.

- Que heroísmo! -gargalhou bruscamente Angélique, a quem o tom displicente e afetado de Filipe começava a exasperar. -Até onde não irá esse perfeito cortesão para recuperar as boas graças do rei?... Quando se pensa que em tempos tentou envenenar Luís XIV e o irmão!

- Que dizeis, senhora? - protestou Filipe, indignado.-Que o príncipe se tenha revoltado contra o Sr. de Mazarino, nem ele próprio o nega. O seu ódio levou-o mais longe do que desejaria. Mas atentar contra a vida do rei, foi idéia que jamais lhe passou pela cabeça. Ora vejam até onde podem chegar as palavras inconsideradas das mulheres!

- Oh, não vos armeis em inocente, Filipe! Sabeis tão bem como eu que o que digo é verdade, pois foi no vosso próprio castelo que se tramou a conspiração.

Houve um silêncio e Angélique compreendeu que acertara no alvo.

- Estais louca! -redargüiu Filipe, com a voz alterada. Angélique virou-se de repente para ele. Teria encontrado assim tão depressa o caminho do seu medo, do seu único medo?...

Viu-o pálido, tenso, esquadrinhando-a com os olhos finalmente atentos, e disse em voz baixa:

- Eu estava lá. Ouvi-os. Vi-os. O príncipe de Conde, o monge Exili, a duquesa de Beaufort, vosso pai e muitos outros ainda vivos que procuram agora, hipocritamente, ser bem vistos em Versalhes. Ouvi-os venderem-se ao Sr. Fouquet.

- É falso!

Angélique semicerrou os olhos e recitou:

- "Eu, Luís II, príncipe de Conde, dou a Monsenhor Fouquet a garantia de não ser nunca por ninguém a não ser por ele, de lhe entregar as minhas praças, fortificações e outras, todas as vezes..."

- Calai-vos! - gritou ele, com horror.

- "Dado em Plessis-Bellière, em 20 de Setembro de 1649." Via-o, com júbilo, empalidecer cada vez mais.

- Tolinha - observou Filipe, encolhendo os ombros com desprezo. - Porque exumais essas velhas histórias? O passado é o passado. O próprio rei recusaria acreditar nisso.

- O rei nunca teve na mão tais documentos. Nunca soube verdadeiramente até onde podia ir a perfídia dos grandes.

Interrompeu-se para cumprimentar a Sra. de Albert, que passava na sua carruagem, depois prosseguiu com muita suavidade:

- Ainda não há cinco anos, Filipe, que o Sr. Fouquet foi condenado...

- E depois? Aonde quereis chegar?

- A isto: que ainda durante muito tempo o rei não poderá ver com bons olhos os nomes de certas pessoas ligados ao do Sr. Fouquet.

- E não os verá. Esses documentos foram destruídos.

- Nem todos.

O jovem aproximou-se dela no banco de veludo. Angélique esperava que semelhante gesto fosse o prelúdio de um beijo de amor, mas manifestamente o momento não era próprio para galantarias. Filipe agarrou-lhe o pulso e esmagou-o com a mão fina, cujas articulações se tornaram brancas. Angélique mordeu os lábios de dor, mas o seu prazer foi mais forte. Preferia mil vezes vê-lo assim, violento e grosseiro, a distante e esquivo, inatacável no isolamento do seu desdém.

Sob a leve camada de pintura com que se maquilhava, o rosto do marquês du Plessis estava lívido. Apertou-lhe mais o pulso e Angélique recebeu em pleno rosto o seu hálito almiscarado.

- O cofre do veneno...-sibilou ele.-Fostes vós que vos apoderastes dele!

- Sim, fui eu.

- Marafonazinha! Sempre tive a certeza de que sabíeis qualquer coisa. O meu pai não acreditava. O desaparecimento do cofre torturou-o até morrer. E fostes vós! Ainda tendes esse cofre?

- Sim, continuo a tê-lo.

Filipe começou a praguejar entre dentes. Angélique achava magnífico ver aqueles belos lábios frescos proferirem semelhante rosário de palavrões.

- Deixai-me - pediu. - Estais a magoar-me.

Ele afastou-se lentamente, mas com um brilho no olhar.

- Bem sei-acrescentou Angélique - que gostaríeis de me fazer ainda pior. De me fazer mal até me calar

para sempre. Mas não ganharíeis nada com isso, Filipe. O meu testamento seria entregue ao rei no próprio dia da minha morte e Luís XIV encontraria nele as revelações necessárias e a indicação do esconderijo onde se encontram os documentos.

Entretanto, com pequenos trejeitos de dor, descolava do pulso a cadeia de ouro cujos elos os dedos de Filipe lhe tinham cravado na carne.

- Sois um bruto, Filipe - observou em tom despreocupado. Depois simulou olhar através da portinhola. Agora estava muito calma.

Lá fora, o sol-poente acabava de dardejar os seus raios dourados através das árvores. A carruagem voltara ao Bosque de Bolonha. Ainda estava claro, mas a noite não tardaria a cair.

Angélique sentiu-se traspassada pela umidade. Teve um arrepio e virou-se de novo para Filipe.

Estava tão branco e imóvel como uma estátua, mas ela notou que tinha o bigode louro molhado de suor.

- Gosto do príncipe e o meu pai era um homem de bem - disse ele.-Acho que se não pode fazer uma coisa dessas... Quanto quereis em troca desses documentos? Pedirei o dinheiro emprestado, se for preciso.

- Não quero dinheiro.

- Que quereis então?

- Disse-vo-lo há instantes, Filipe. Quero que caseis comigo. - Nunca! -exclamou ele, recuando.

Repugnava-lhe assim tanto? Contudo, houvera entre ambos mais alguma coisa do que meras conversas mundanas. Não procurara Filipe a sua companhia? A própria Ninon o notara.

Ficaram silenciosos. Só quando a carruagem parou diante do portão do Palácio de Beautreillis é que Angélique reparou que regressara a Paris. Era noite cerrada. A jovem já não via o rosto de Filipe. Era melhor assim.

Teve a audácia de o interrogar, em tom mordaz:

- Então, marquês, aonde vos levaram as vossas meditações?

Ele estremeceu e pareceu despertar de um mau sonho.

- Estamos entendidos, senhora, casarei convosco! Dignai-vos aparecer amanhã à tarde no meu palácio da Rua de Santo António. Discutireis lá com o meu administrador os termos do contrato.

Angélique não lhe estendeu a mão. Sabia que ele a recusaria.

Recusou a refeição que o criado grave lhe apresentava e, contrariamente ao seu hábito, não subiu aos aposentos dos filhos; dirigiu-se diretamente para o refúgio familiar do seu gabinete chinês.

- Deixa-me -ordenou a Javotte, quando esta apareceu para a despir.

Assim que ficou só, apagou as velas, pois receava a sua imagem refletida no espelho.

Ficou durante muito tempo imóvel, encostada ao canto escuro da janela. Através da noite vinham-lhe do belo jardim os aromas das flores novas.

Espreitá-la-ia o fantasma do Grande Goxo de máscara de ferro?

Não queria voltar-se, olhar para si mesma. "Deixaste-me sozinha! Que podia eu fazer?", gritava ao fantasma do seu amor. Dizia para consigo que em breve seria marquesa du Plessis-Bellière, mas não havia nenhuma alegria no seu triunfo. Sentia apenas todo o seu ser dilacerado, despedaçado.

"O que fizeste é ignóbil, horrível!..."

As lágrimas corriam-lhe pelas faces e, com a testa encostada aos vidros de que mão sacrílega apagara as armas do conde de Peyrac, chorava baixinho, jurando a si própria que aquelas lágrimas de fraqueza seriam as últimas que jamais verteria.

CAPÍTULO XIX - Molines redige o novo contrato de casamento

Quando, no dia seguinte à tardinha, a Sra. Morens se apresentou no palácio da Rua de Santo António, já recuperara um pouco de orgulho. Estava decidida a não comprometer com escrúpulos tardios as conseqüências de um ato que tanto lhe custara pôr em prática. "O que não tem remédio remediado está", teria dito mestre Bourjus.

Entrou, pois, de cabeça levantada numa grande sala iluminada apenas pelo lume da lareira. Não estava ali ninguém. Teve tempo de tirar a capa e a máscara e de estender os dedos para as chamas. Embora se recusasse a admitir qualquer espécie de apreensão, sentia as mãos frias e o coração agitado.

Alguns instantes mais tarde levantou-se um reposteiro e um velho modestamente vestido de preto aproximou-se dela e cumprimentou-a profundamente. Angélique nem por um momento pensara que o administrador dos Plessis-Bellière pudesse ser o Sr. Molines. Quando o reconheceu, soltou um grito de surpresa e pegou-lhe espontaneamente nas mãos.

- Sr. Molines!... Será possível? Que... Oh, como me sinto feliz por vos tornar a ver!

- Honrais-me muito, senhora - respondeu o velho, inclinando-se mais uma vez. - Tende a bondade de vos sentardes nesse cadeirão, peço-vos.

Sentou-se também ao pé da lareira, diante de uma mesinha de centro, em cima da qual se viam algumas folhas de papel, o preciso para escrever e uma taça de areia.

Enquanto ele aparava uma pena, Angélique, ainda estupefata com a sua aparição, examinava-o. Envelhecera, mas as suas feições continuavam firmes e o olhar rápido e perscrutador. Apenas os cabelos, que cobria com um barrete preto, estavam completamente brancos. Junto dele, Angélique não podia deixar de evocar a silhueta robusta do pai, que tantas vezes se sentara à lareira do administrador huguenote para cavaquear e preparar o futuro dos filhos.

-Podeis dar-me notícias do meu pai, Sr. Molines?

O administrador soprou as aparas da pena de ganso.

- O Sr. Barão está de boa saúde, senhora.

- E os machos?

- Os da última criação têm-se desenvolvido bem. Creio que o Sr. Barão está satisfeito com o negócio.

Angélique via-se sentada ao pé de Molines, como noutros tempos, quando era uma rapariguinha ingênua, um pouco intransigente e muito reta. Fora Molines quem negociara o seu casamento com o conde de Peyrac. Agora tornava a vê-lo, mas, desta vez, ao serviço de Filipe. Como uma aranha que tece pacientemente a sua teia, Molines sempre se encontrara envolvido na trama da sua vida. Era tranqüilizador tornar a vê-lo. Não seria um sinal de que o presente voltava a ligar-se ao passado? A paz da terra natal, a energia bebida no seio do patrimônio familiar, mas também as preocupações da infância, os esforços do pobre barão para arrumar a prole, as inquietantes liberalidades do administrador Molines.

- Lembrais-vos? -perguntou sonhadora.-Assististes ao meu casamento, em Monteloup. Estava muito

zangada convosco. E, no entanto, fui extraordinariamente feliz, graças a vós.

O velhote deitou-lhe um olhar por cima dos grossos óculos de tartaruga.

- Estamos aqui para nos entregarmos a considerações comoventes acerca do vosso primeiro casamento ou para negociar as cláusulas do segundo?

As faces de Angélique purpurearam-se.

- Sois duro, Molines.

- Também vós. Também vós sois dura, senhora, a julgar pelos meios a que recorrestes para convencer o meu jovem amo a desposar-vos.

Angélique soltou um profundo suspiro, mas não desviou a vista. Tinha consciência de que já passara o tempo em que, garota intimidade, rapariguinha pobre, olhava com temor o todo-poderoso administrador Molines, que tinha na mão a sorte da sua família.

Agora era uma mulher de negócios com quem o Sr. Colbert não desdenhava trocar impressões e cujos argumentos lúcidos desorientavam o banqueiro Pennautier.

- Molines, dissestes-me um dia: "Quando queremos atingir um fim, devemos aceitar correr alguns riscos." Assim, creio que neste negócio vou perder qualquer coisa bastante preciosa: a estima de mim mesma... Mas tanto pior! Tenho um fim a atingir.

Um sorriso fino distendeu os lábios severos do velhote.

- Se a minha humilde aprovação vos pode ser de algum conforto, concedo-vo-la, senhora.

Foi a vez de Angélique sorrir. Sempre se entenderia com Molines. Esta certeza deu-lhe coragem para enfrentar a discussão do contrato.

- Senhora - prosseguiu ele -, temos de ser precisos. O Sr. Marquês explicou-me que estão em jogo interesses muito importantes. Vou, pois, expor-vos algumas condições que deveis subscrever. Em seguida expor-me-eis as vossas. Depois redigirei o contrato e lê-lo-ei diante de ambas as partes. Mas, antes de mais nada, tereis de vos comprometer, senhora, a jurar sobre o crucifixo que conheceis o esconderijo de determinado cofre de cuja posse o Sr. Marquês se deseja assegurar. Só depois desse juramento as escrituras terão algum valor...

- Estou pronta a fazê-lo - afirmou Angélique, estendendo a mão.

- Dentro de instantes, o Sr. du Plessis apresentar-se-á com o seu capelão. Entretanto clarifiquemos a situação. Convencido de que a Sra. Morens é possuidora de um segredo que muito lhe interessa, o Sr. Marquês du Plessis-Bellièvre aceitará desposar a Sra. Morens, nascida Angélique de Sancé de Monteloup, mediante as seguintes concessões: uma vez o casamento realizado, isto é, imediatamente a seguir à bênção nupcial, comprometer-vos-eis a entregar o referido cofre na presença de duas testemunhas, que serão, sem dúvida, o capelão que abençoar o casamento e eu próprio, vosso humilde servidor. Além disso, o Sr. Marquês exige poder dispor livremente da vossa fortuna.

- Perdão!-atalhou vivamente Angélique.-O Sr. Marquês disporá de todo o dinheiro que quiser e estou pronta a fixar o montante da pensão que lhe pagarei anualmente. Mas continuarei a ser a única proprietária -e administradora dos meus bens. Oponho-me mesmo a que participe de qualquer modo na administração do que me pertence, pois não estou disposta a ver-me novamente na miséria, ainda que com um belo nome, depois de trabalhar duramente. Conheço o talento delapidador dos grandes senhores!

Sem pestanejar, Molines riscou algumas linhas e escreveu outras. Em seguida pediu a Angélique que lhe fizesse uma descrição tanto quanto possível pormenorizada dos diversos negócios de que se

ocupava... Com certo orgulho, a jovem pôs o administrador ao corrente dos seus empreendimentos, feliz por poder discutir de igual para igual, no tocante a negócios, com a velha raposa e indicar-lhe as pessoas importantes junto das quais poderia certificar-se da veracidade das suas declarações. Esta precaução não a perturbou, pois, desde que entrara nos arcanos da finanças e do comércio, aprendera a considerar que qualquer palavra só é válida na medida em que se baseia em fatos controláveis. Notou nos olhos de Molines um relâmpago de admiração quando lhe explicou a sua posição na Companhia das índias e como a conseguira.

- Confessai que me não saí nada mal, Sr. Molines...-concluiu.

Ele abanou a cabeça.

- Sim, não desmerecestes... Reconheço que as vossas combinações me parecem hábeis. Tudo depende, evidentemente, do que pudestes investir de início...

Angélique soltou uma gargalhadinha amarga e dura.

- De início?... Não tinha NADA, Molines, menos que nada. A pobreza em que vivíamos em Monteloup não era nada comparada com a que conheci depois da morte do Sr. de Peyrac.

Depois de pronunciar este nome, ficaram ambos silenciosos durante muito tempo. Como o lume enfraquecesse, Angélique tirou uma acha da arca colocada ao pé da lareira e colocou-a em cima das brasas.

- Devo falar-vos da vossa mina de Argentières - disse por fim Molines, no mesmo tom calmo. - Contribui para o amparo da vossa família nos últimos anos, mas agora é justo que beneficiéis, assim como os vossos filhos, do usufruto da sua produção.

- A mina não foi selada e atribuída a outros, como todos os bens do conde de Payrac?

- Escapou à rapacidade dos verificadores reais. Na época representava o vosso dote e a sua situação de propriedade permaneceu bastante ambígua...

- Como todas as coisas de que vos ocupais, mestre Molines - observou Angélique, rindo. - Tendes um talento especial para servir diversos amos...

- De maneira nenhuma!-protestou o administrador, com ar ofendido. - Não tenho diversos amos, senhora; tenho diversos negócios.

- Compreendo a subtilidade da diferença, mestre Molines. Falemos, pois, do negócio Du Plessis-Bellière filho. Subscribo os compromissos que me exigem no tocante ao cofre e estou pronta a estudar o montante da pensão necessária ao Sr. Marquês. Em troca desses benefícios, exijo o casamento e ser reconhecida marquesa soberana das terras e dos títulos pertencentes a meu marido. Exijo igualmente ser apresentada aos seus parentes e conhecidos como sua mulher legítima. Exijo também que os meus dois filhos encontrem acolhimento e proteção em casa do padraсто. Finalmente, gostaria de ser posta ao corrente dos valores e bens de que dispõe.

- Hum!... Aí, senhora, arriscais-vos a descobrir apenas magríssimas vantagens... Não vos oculto que o meu jovem amo está muito endividado. Além deste palácio parisiense, possui dois castelos: um, na Touraine, que herdou da mãe; outro no Poitou. Mas as terras de ambos os castelos estão hipotecadas.

- Tereis gerido mal os negócios do vosso amo, Sr. Molines?

- Ai de mim, senhora! O próprio Sr. Colbert, que trabalha quinze horas por dia para restabelecer as finanças do reino, é impotente contra o espírito de prodigalidade do rei, que faz tábua rasa de todos os cálculos do seu ministro. Acontece o mesmo com o Sr. Marquês, que dissipa os seus rendimentos, já muito diminuídos pelo fausto do senhor seu pai, em campanhas guerreiras ou frivolidades da corte. O

rei tem-lhe concedido várias vezes cargos interessantes, que poderia fazer frutificar, mas apressa-se a revendê-los para pagar uma dívida de jogo ou comprar uma equipagem. Não, senhora, o negócio Du Plessis-Bellière não é para mim um negócio vantajoso. Ocupo-me dele por hábito... sentimental. Permitti-me que redija as vossas propostas, senhora.

Por instantes, apenas se ouviram na sala o arranhar da pena e o crepitar do fogo. "Se me casar", pensava Angélique, "Molines tornar-se-á meu administrador... É curioso, nunca pensara em tal coisa! Claro que tentará, sem dúvida nenhuma, meter os dedos rapaces nos meus negócios e que terei de ter os olhos bem abertos... Mas, no fundo, será melhor assim, pois terei nele um excelente conselheiro."

- Posso permitir-me sugerir-vos uma cláusula suplementar? - perguntou Molines, levantando a cabeça.

- Em meu benefício ou em benefício do vosso amo?

- Em vosso benefício.

- Julgava que representáveis os interesses do Sr. du Plessis... O velhote sorriu sem responder e tirou os óculos. Em seguida recostou-se no cadeirão e pousou em Angélique o mesmo olhar vivo e penetrante em que já a envolvia dez anos antes, quando lhe dizia: "Creio conhecer-vos, Angélique, e portanto falar-vos-ei de modo diferente daquele que falo ao vosso pai..."

- Acho -disse ele - que é uma excelente coisa que caseis com o meu amo. Não esperava tornar a ver-vos, mas estais aqui, contra toda a verossimilhança, e o Sr. du Plessis encontra-se na obrigação de vos desposar. Espero que me façais a justiça de acreditar no que vos digo, uma vez que não interfeiri em nada nas circunstâncias que vos levam a semelhante união. Agora trata-se de conseguir que esse casamento seja um êxito: no interesse do meu amo, no vosso e - porque não? - no meu, pois a felicidade dos amos faz a dos servidores.

- Sou da vossa opinião, Molines. Qual é essa nova cláusula?

- Deveis exigir a consumação do casamento...

- A consumação do casamento? - repetiu Angélique, abrindo uns olhos de colegial acabada de sair do convento.

- Meu Deus, senhora, espero que compreendais o que quero dizer...

- Sim... compreendo -balbuciou Angélique, recuperando a presença de espírito. - Mas surpreendestes-me. Como é evidente, casando com o Sr. Du Plessis...

- Não é de modo algum evidente, senhora. Desposando-vos, o Sr. du Plessis não faz um casamento de inclinação. Direi mesmo que faz um casamento forçado. Surpreender-vos-ia muito se vos confiasse que os sentimentos que inspirais ao Sr. du Plessis estão longe de se assemelhar ao amor e, pelo contrário, se aproximam mais da cólera e até do rancor?

- Não duvido-murmurou Angélique, encolhendo os ombros de forma que pretendia fosse desenvolta.

Mas, ao mesmo tempo, a dor invadiu-a e gritou com violência:

- E depois?... Quero lá saber que me não ame! Tudo o que pretendo é o seu nome, são os seus títulos. O resto é-me indiferente. Pode desprezar-me à vontade e dormir com qualquer relaxada, se isso lhe der prazer. Não serei eu que correrei atrás dele!

- Faríeis mal, senhora. Creio que não conheceis bem o homem com quem ides casar. De momento, a vossa posição é muito forte e por isso o julgais fraco. Mas depois será necessário que o domineis de qualquer maneira. Senão...

- Senão?...

- Sereis HORRIVELMENTE INFELIZ.

O rosto de Angélique endureceu e ela disse, com os dentes apertados:

- Já fui horivelmente infeliz, Molines, e não tenciono recomeçar.

- Por isso vos proponho um meio de defesa. Escutai-me, Angélique. Sou bastante velho para vos falar cruamente. Depois do vosso casamento, já não tereis poder sobre Filipe du Plessis. O dinheiro, o cofre, tudo lhe pertencerá. O argumento do coração não tem nenhum valor para ele. É pois necessário que consigais dominá-lo pelos sentidos.

- É um poder perigoso, mestre Molines, e muito vulnerável.

- É um poder. Compete-vos a vós torná-lo invulnerável. Angélique estava perturbadíssima. Não lhe passava pela cabeça ofender-se por ouvir semelhantes conselhos da boca de um huguenote austero. Toda a pessoa de Molines se encontrava impregnada de uma sabedoria matreira- que nunca tivera em conta princípios, mas apenas as flutuações da natureza humana ao serviço de interesses materiais. Molines devia ter razão mais uma vez. Angélique recordava-se fugazmente dos acessos de medo que lhe inspirara Filipe e também da sensação de impotência que experimentava perante a sua indiferença, a sua calma glacial. No fundo de si mesma, contava já com a noite de núpcias para o subjugar. Quando uma mulher tem um homem nos braços é, diga-se o que se disser, muito poderosa, pois chega sempre o instante em que o homem cede perante a atração da volúpia. Uma mulher hábil deve saber aproveitar esse instante. Mais tarde, o homem voltará, quer queira, quer não, à fonte do prazer. Angélique sabia que quando o corpo magnífico de Filipe se confundisse com o seu, que quando aquela boca suave e fresca como um fruto pousasse na sua, ela própria se tornaria a mais ardente e experiente das amantes. Encontrariam juntos, no anonimato da luta amorosa, uma harmonia que, à luz do dia, talvez Filipe simulasse esquecer, mas que os ligaria mais firmemente um ao outro do que qualquer declaração inflamada.

O seu olhar, um pouco vago, voltou a pousar em Molines. Este devia ter-lhe seguido no rosto o fio dos pensamentos, pois esboçou um sorrisinho irônico e disse:

- Também estou convencido de que sois suficientemente bela para ganhar a partida. Mas será necessário... arranjar maneira de a jogar, embora isso não signifique que ganheis a primeira jogada...

- Que quereis dizer?

- O meu amo não aprecia as mulheres. É certo que tem tido relações íntimas com elas, mas para ele não passam de um fruto amargo e nauseabundo.

- No entanto, atribuem-lhe aventuras que deram brado, sem contar com as célebres orgias -a que se entregou no decurso das suas campanhas no estrangeiro, em Norgen...

- Reflexos de soldado inebriado pela guerra. Possui as mulheres como se ateasse um incêndio, como se traspassasse à espada o ventre de uma criança... para fazer mal.

- Molines, o que dizeis é espantoso!

- Não vos quero assustar, mas apenas prevenir-vos. Sois de família nobre, mas sã e rústica. Pareceis ignorar o gênero de educação a que é submetido um jovem gentil-homem cujos pais são ricos e mundanos. Desde a infância, torna-se o brinquedo de criadas e lacaios e depois dos senhores junto dos quais o colocam como pajem. Nas práticas italianas que lhe ensinam...

- Oh, calai-vos! Tudo isso é muito desagradável - murmurou Angélique, olhando o lume com ar constrangido.

Molines não insistiu e voltou a pôr os óculos.

- Devo acrescentar esta cláusula?

- Acrescentai o que quiserdes, Molines. Eu... Interrompeu-se ao ouvir abrir a porta. Na penumbra da sala, surgiu a silhueta de Filipe, vestido de cetim claro, primeiro como uma estátua de neve, mas que pouco a pouco se precisou. Branco e louro, coberto de ouro, o jovem parecia preparado para tomar parte num baile. Cumprimentou Angélique com arrogante indiferença.

- Como vão as vossas negociações, Molines?

- A Sra. Morens está pronta a assumir os compromissos propostos.

- Estais disposta a jurar sobre o crucifixo que conheceis VERDADEIRAMENTE o esconderijo do cofre?

- Estou - respondeu Angélique.

- Nesse caso podeis entrar, Sr. Carette...

O capelão, cuja magra e negra silhueta permanecera invisível atrás da do amo, apareceu por seu turno. Segurava um crucifixo, sobre o qual Angélique jurou que conhecia verdadeiramente o esconderijo do cofre e se comprometia a entregá-lo ao Sr. du Plessis depois do casamento. Em seguida, Molines enunciou o montante da pensão que Angélique concederia mais tarde ao marido. A importância era elevada, mas devia corresponder ao total das despesas do jovem gentil-homem, tal como o administrador costumava apresentar-lhas todos os anos. Angélique torceu levemente o nariz, mas não pestanejou: se os seus negócios continuassem sólidos e prosperassem, não teria dificuldade em pagar. Por outro lado, assim que fosse marquesa du Plessis tomaria algumas providências para fazer prosperar ao máximo os dois domínios de Filipe.

Este não pôs nenhuma objeção. Afetava um ar de profundo enfado.

- Está bem, Molines -declarou, dissimulando um bocejo. - Tratai de arrumar o mais depressa possível essa desagradável história.

O administrador pigarreou e esfregou as mãos, embaraçado.

- Há ainda uma cláusula, Sr. Marquês, que a Sra. Morens, aqui presente, me pediu que incluísse no contrato. Ei-la. as condições financeiras só serão executadas se houver consumação do casamento.

Filipe pareceu levar alguns instantes a compreender e depois corou.

- Sim?. Ah, sim?!...

Parecia faltarem-lhe de tal modo as palavras que Angélique experimentou por ele o estranho sentimento de compaixão e ternura que por vezes lhe inspirava.

- É o cúmulo! - exclamou por fim.- O impudor junta-se à impudência!

Agora estava branco de raiva.

- E podeis dizer-me, Molines, como deverei provar ao mundo que honrei a cama dessa mulher? Tirando a virgindade a uma puta que já teve dois filhos e correu as camas de todos os mosqueteiros e financeiros do reino?... Apresentando-me diante de um tribunal como o idiota do Langey, que devia esforçar-se por provar perante dez pessoas a sua virilidade? A Sra. Morens já escolheu as testemunhas que deverão assistir à cerimônia?

Molines ergueu as mãos, num gesto apaziguador.

- Não vejo, Sr. Marquês, por que motivo esta cláusula vos põe nesse estado. Na realidade é tão... - poderei permitir-me dizê-lo? é tão interessante para vós como para a vossa futura esposa. Lembrai-vos

de que, se, por uma questão de humor ou de rancor muito compreensível, negligenciásseis os vossos deveres conjugais, a Sra. Morens teria o direito, daqui a uns meses, de reclamar a anulação do casamento e de vos mover um processo ridículo e dispendioso. Pertenço à religião reformada, mas julgo saber que a não consumação do casamento é uma das cláusulas de anulação reconhecidas pela Igreja. Não é verdade, Sr. Capelão?

- Exatamente, Sr. Molines. O casamento cristão e católico só tem um fim: a procriação.

- Ora aí está! -disse suavemente o administrador, num tom cuja ironia só Angélique, que o conhecia bem, podia descobrir.-Quanto à prova da vossa boa vontade -prosseguiu manhosamente -, parece-me que a melhor será a vossa esposa dar-vos rapidamente um herdeiro...

Filipe virou-se para Angélique, que procurara permanecer impassível durante o diálogo. No entanto, quando o primo a olhou, não se pôde impedir de levantar os olhos para ele. A expressão dura daquele belo rosto causou-lhe, porém, um arrepio involuntário e que não era de prazer.

- Pois bem, está entendido - disse Filipe, lentamente, enquanto um sorriso cruel lhe distendia os lábios.
- Faremos o possível, Molines, faremos o possível...

Alusão a um processo de divórcio da época.

CAPITULO XX - Palavras estranhas de Molhes acerca do conde de Pevrac

- Obrigastes-me a desempenhar um papel mais odioso do que pensava - disse Angélique a Molines.

- Quando se escolhe um papel odioso, senhora, não se deve estar com meias-tintas. A única coisa que interessa é segurar bem as posições.

Figura negra ligeiramente curvada, Molines acompanhou-a até à carruagem. Com o seu barrete preto e o gesto um tanto cauteloso das mãos secas, que esfregava naturalmente uma na outra, representava uma sombra surgida do passado.

"Estou de novo entre os meus", disse Angélique para consigo, com uma sensação de plenitude que lhe atirava para longe das costas as injúrias humilhantes devidas ao desdém de Filipe.

Voltara a ter os pés bem assentes no chão, a reencontrar o seu mundo. No limiar, o administrador pareceu examinar com atenção o céu estrelado, enquanto a carruagem da Sra. Morens dava a volta no pátio a fim de virar diante da escadaria.

- Pergunto a mim próprio - prosseguiu o administrador, franzindo o sobrolho - como pôde semelhante homem morrer.

- Qual homem, Molines?

- O Sr. Conde de Peyrac...

Angélique arrepiou-se toda. Havia algum tempo que o desespero que experimentava sempre que pensava em Joffrey era agravado por vagos remorsos. Os seus olhos procuraram também, maquinalmente, o céu noturno.

- Parece-vos que... me quererá mal... se casar com Filipe? - perguntou.

O velhote pareceu não a ouvir.

- Que semelhante homem possa morrer, é coisa que excede o entendimento - acrescentou, abanando a cabeça. - Talvez o rei o compreendesse a tempo...

Angélique agarrou-lhe o braço, num gesto impulsivo.

- Molines... sabeis alguma coisa?

- Ouvi dizer que o rei o agraciara... no último momento.

- Infelizmente, vi-o com os meus olhos arder na fogueira.

- Então deixemos os mortos em paz - disse Molines, com um gesto de pastor protestante que lhe assentava como uma luva e devia ajudá-lo a enganar a sua gente. - Que a vida se cumpra!

Na carruagem que a reconduzia a casa, Angélique apertava uma na outra as mãos cobertas de anéis. "Joffrey, onde estás? Por que motivo aumenta este clarão quando a chama da fogueira já se extinguiu há cinco anos?... Se ainda vagueias pela Terra, volta para mim!"

Deteve-se, assustada com as palavras que lhe acudiam aos lábios. À passagem da carruagem, os candeeiros que o Sr. de La Reynie mandara instalar nas ruas projetavam-lhe manchas de luz no vestido. Detestava-os por dissiparem as trevas onde desejaria mergulhar às cegas.

Tinha medo. Medo de Filipe, mas sobretudo de Joffrey, quer estivesse morto, quer estivesse vivo!...

No Palácio de Beautreillis, Florimundo e Cantor vieram ao seu encontro. Estavam ambos vestidos de cetim cor-de-rosa, com golas de renda, cingiam espadas minúsculas e cobriam-se com chapéus de plumas igualmente cor-de-rosa. Encostavam-se ao pescoço de um canzarrão de pêlo ruço, quase tão alto como Cantor.

Angélique parou, com o coração palpitante, diante da graça daqueles dois entezinhos adoráveis. Como estavam graves e compenetrados da sua importância! Como andavam devagar, a fim de não amarrotarem os seus bonitos fatos!

Ambos se interpunham, fortes na sua fraqueza, entre Filipe e o fantasma de Joffrey. "Que a vida se cumpra", dissera o velho administrador huguenote. E a vida eram eles. Era por eles que devia continuar a abrir caminho, lentamente, sem desfalecimento.

CAPÍTULO XXI - Rostos do passado

As angústias e os escrúpulos que durante este período assaltaram Angélique e lhe perturbaram as noites não foram suspeitados nem por aqueles que a rodeavam, nem pelas amigas. Nunca parecera tão bela e tão senhora de si. Enfrentou, com um sorriso simultaneamente condescendente e natural, a curiosidade dos salões, onde se espalhou como um regueiro de pólvora, ao mesmo tempo que a notícia do seu futuro casamento, a revelação da sua origem aristocrática.

A Sra. Morens, a chocolateira, uma Sancé?... Tratava-se de uma família que caíra na obscuridade no decurso dos últimos séculos, mas que se encontrava ligada, através de uma rede de ramos gloriosos, aos Montmorencys e até aos Guises. Aliás, os últimos rebentos dessa família tinham começado a dar-lhe um novo lustre. Não exigira Ana de Áustria à sua cabeceira de agonizante a presença de um jesuíta de olhos ardentes, o reverendo padre de Sancé, que todas as grandes damas da corte ambicionavam ter como diretor espiritual? Assim, a Sra. Morens, cuja existência original e brusca ascensão eram, por mais que se dissesse o contrário, motivo de escândalo, era afinal a própria irmã desse delicado e suave eclesiástico já quase ilustre?... Havia quem duvidasse. Mas numa recepção dada pela Sra. de Albert,

que arranjava maneira de os pôr em presença um do outro, viu-se o jesuíta beijar a futura marquesa du Plessis-Bellièvre, tratá-la ostensivamente por tu e conversar durante muito tempo com ela em tom de fraternal despreocupação.

Fora, aliás, para Raimundo que Angélique se precipitara no dia seguinte ao do seu encontro com Molines. Sabia que teria nele um aliado seguro que, como quem não quer a coisa, organizaria admiravelmente a sua reabilitação mundana. O que, efetivamente, não deixou de acontecer.

Em menos de uma semana, a barreira de arrogância erguida entre o suposto plebeísmo da jovem e a simpatia das nobres damas do Marais desmoronou-se. Falou-se-lhes da irmã, a deliciosa Maria Inês de Sancé, cuja graça encantara a corte durante duas estações. A sua conversão era apenas passageira, não é verdade? Fosse como fosse, a corte ia ter a honra da presença doutra Sancé, cuja beleza nada tinha a invejar à primeira e cujo espírito já era célebre nos cenáculos.

Os irmãos Dinis e Alberto, este último pajem da Sra. de Rochant, visitaram-na e, depois de efusões cheias de franqueza, pediram-lhe dinheiro.

Não se falou do irmão pintor, cujo paradeiro se ignorava, e quase se passou em claro o mais velho, um jovem desmiolado que um dia partira para as Américas. De igual modo se não insistiu muito no primeiro casamento de Angélique nem nos motivos que teriam levado a descendente de uma autêntica família principesca a fabricar chocolate. Aqueles cortesãos e aquelas damas frívolas sabiam perfeitamente esquecer, nos sussurros de uma confidência, o que uns e outras tinham interesse em olvidar.

Com exceção de um só, De Guiche, todos os favoritos doutora, que receavam cair em desgraça, tinham aprendido a ser mais discretos. Vardes encontrava-se preso desde o caso do pequeno vendedor de barquinhos, que pusera a descoberto o da carta espanhola.

A profunda bondade da Grande Mademoiselle ditou-lhe o silêncio, apesar do seu apego aos mexericos. Beijou demoradamente Angélique e disse-lhe: "Sede feliz, muito feliz, minha querida", e enxugou algumas lágrimas de emoção.

A Sra. de Montespan recordava-se perfeitamente de um episódio deveras estranho da existência de Angélique de Sancé. No entanto, toda entregue às suas próprias intrigas, não perdeu muito tempo com isso. Sentia-se satisfeita por Angélique ser em breve apresentada à corte, onde o ambiente, entre a triste Luísa de La Vallière e uma rainha enfadonha e choramingtona, carecia de alegria. Ora o rei, grave e um bocadinho enfatuado, ansiava tanto por se divertir e folgar como um adolescente demasiado tempo aperreado. O temperamento alegre de Angélique seria um trunfo que permitiria ao espírito cintilante de Ateneia expandir-se. Não era já disputado nos salões, como garantia de animação e do êxito de uma festa, o grupo formado por estas duas belezas irreverentes e que se davam tão vivamente a réplica?

Ateneia de Montespan correu e deu à amiga uma infinidade de conselhos acerca dos vestidos e das jóias de que precisava para se apresentar na corte.

Quanto à Sra. Scarron, podia se confiar na sua discrição. A inteligente viúva tinha tão constante preocupação em preservar o presente, o passado ou o futuro das pessoas que lhe podiam ser úteis que não se arriscaria a cometer uma imprudência.

Graças a este acordo tácito geral, o passado recente de Angélique pareceu cair num poço sem fundo. Uma noite, depois de olhar mais uma vez o punhal de Redonho-o-Cigano, a jovem disse para consigo que tudo aquilo não passara de um pesadelo atroz em que não devia pensar mais. A sua vida reata vá-se de acordo com uma linha contínua e antecipadamente prescrita-a vida de Angélique de Sancé, jovem nobre do Poitou a quem já noutros tempos Filipe du Plessis-Bellièvre parecia prometido.

CAPÍTULO XXII - As violências de Audiger

Contudo, o desaparecimento de uma fatia da sua existência não se verificou sem alguns contratemplos.

Uma manhã, quando estava a tratar da sua toilette, o mordomo do conde de Soissons, Audiger, fez-se anunciar.

Esteve quase a vestir-se e a descer para o receber, mas reconsiderou e deixou-se ficar sentada diante do toucador. Uma grande dama podia perfeitamente receber de penteador um subalterno.

Quando Audiger entrou, não se virou e continuou a empoar delicadamente, com uma enorme borla, o pescoço e o princípio do colo. No grande espelho oval que tinha diante de si podia ver o visitante aproximar-se, rígido no seu simples traje burguês. Audiger trazia a expressão severa que lhe conhecia muito bem, a que precedia entre ambos a explosão das "cenas conjugais".

- Entrai, Audiger - disse cordialmente-, e sentai-vos junto de mim, nesse tamborete. Há muito tempo que nos não víamos, mas a verdade é que também não era necessário. Os nossos negócios estão tão bem entregues a esse excelente Marchandeaull.

- Deploro sempre estar demasiado tempo sem vos ver - redargüiu o jovem, com voz contida.- Porque, em geral, aproveitais a ocasião para fazer tolices. É verdade, se me é lícito dar crédito aos rumores públicos, que ides casar com o marquês du Plessis-Bellièrè?

- É tudo o que há de mais verdade, meu amigo - respondeu negligentemente Angélique, tirando com uma escovinha macia uns restos de pó do seu pescoço de cisne. -O marquês é um dos meus primos e, para ser franca, creio que sempre estive apaixonada por ele.

- Conseguistes, portanto, realizar os projetos do vosso cerebrozinho ambicioso! Há muito tempo que compreendera que nada seria jamais suficientemente alto para vós. A todo o custo, e como se isso valesse a pena, quereis pertencer à nobreza...

- Sou da nobreza, Audiger, e sempre o fui, mesmo no tempo em que servia os clientes de mestre Bourjus. Uma vez que estais tão bem ao corrente de todas as bisbilhotices, decerto também ouvistes dizer nos últimos dias que na realidade me chamo Angélique de Sancé de Monteloup.

O rosto do mordomo crispou-se. Estava muito corado. "Devia mandar-se sangrar", pensou Angélique.

- Ouvi, de fato. E isso esclareceu-me acerca do sentido dos vossos desdêns. Foi por essa razão que sempre recusastes ser minha mulher!... Tínheis vergonha de mim.

Alargou com um dedo o cabeção, que na sua cólera contida o estrangulava, e prosseguiu depois de tomar fôlego:

- Ignoro por que motivos caístes tão baixo que vos conheci criada pobre e escondendo-vos da vossa própria família. Conheço, no entanto, demasiado a alta sociedade para não adivinhar que fostes vítima de intrigas sórdidas e criminosas, como sempre acontece à sombra das cortes. E agora quereis regressar a essa sociedade!... Não, ainda vos não posso considerar assim. Por isso continuo a falar-vos num tom familiar que talvez já vos desagrade. Não, não ides desaparecer, Angélique, mais cruelmente do que se estivésseis morta. Na verdade, que grande glorio la pertencer a um meio vil, hipócrita e estúpido! Como é possível que vós, Angélique, de quem admirava a lucidez e o sólido bom senso, possais continuar cega aos defeitos dessa classe a que dizeis pertencer?... Como podeis repudiar tão facilmente a bondade fraternal dos simples que encontrastes entre nós - vede, não me envergonho de me colocar ao nível de um mestre Bourjus! - e a atmosfera sã de que necessitais para vos expandir?... Ficareis isolada no meio desses intriguistas cuja futilidade e vilania contrastarão com o vosso realismo e a vossa

franqueza, ou então corromper-vos-eis como eles...

Angélique pousou um pouco bruscamente a escova de prata à beira do toucador. Estava farta das cenas conjugais de Audiger. Teria de suportar até Versalhes os sermões de um mordomo? Deitou uma olhadela àquele rosto cheio e liso, de olhar franco e lábios bem desenhados, e disse para consigo: "Que pena este homem ser ao mesmo tempo tão simpático e tão estúpido!" Solto um suspiro decidido e levantou-se.

- Meu caro amigo...

- Já não sou vosso amigo! Deus me defenda de semelhantes amizades! - exclamou, levantando-se por seu turno.- Sra. Marquesa, permiti ao mordomo que se retire...

De corado, tornara-se muito pálido e tinha as feições alteradas. A voz tremeu-lhe como sob o efeito de uma alucinação súbita.

- Ilusões!...- trovejou. -Nunca tive senão ilusões a vosso respeito. Chegar ao ponto de encarar... Vós, minha mulher! Pobre idiota! É verdade... pertenceis bem ao vosso mundo. No fim de contas não passais de uma marafona que só serve para fornicar!

Aproximou-se dela em dois passos, agarrou-a pela cintura e derrubou-a em cima do sofá. Arquejante, com uma raiva inaudita, apertou-lhe os pulsos apenas com uma das mãos e manteve-lhos contra o peito a fim de lhe imobilizar o busto, enquanto com a outra mão lhe arrancava o penteador e a camisa fina, procurando desnudá-la inteiramente.

O primeiro reflexo de Angélique foi o de resistir, mas não tardou a submeter-se e ficar quieta, entregue àquele assalto furioso. O homem, que se preparava para lutar, sentiu pouco a pouco a inanidade e o ridículo da sua violência. Desconcertado, conteve-se, e afrouxou a pressão. Os seus olhos esgazeados cravaram-se naquele rosto, que, inclinado para trás, lembrava o de uma morta.

- Porque não vos defendeis? -balbuciou.

Olhou-o fixamente com as suas pupilas verdes, sem pestanejar. Nunca o rosto de Audiger estivera tão perto do seu. Gravemente, mergulhou a vista naquele olhar duro como bronze, onde se acendiam e apagavam alternadamente a loucura, o desespero e a paixão.

- Fostes um companheiro muito útil, Audiger -murmurou.-Reconheço-o. Possuí-me, se quereis. Não me recusarei. Sabeis perfeitamente que nunca recuo quando chega a hora de pagar uma dívida.

Ele contemplava-a, mudo. O sentido das palavras que ela pronunciava só muito lentamente lhe penetrava no espírito. Sentia numa perna o contacto daquela carne macia e firme, cujo perfume simultaneamente estranho e familiar o fazia desfalecer. Angélique não estava de modo algum assustada. Tinha de lhe prestar a justiça de reconhecer que se entregava sem hesitar. Mas aquele próprio abandono era insultante. O que se lhe oferecia era um corpo sem alma.

Compreendeu. Deixando escapar uma espécie de soluço, levantou-se e recuou alguns passos, vacilante, sem deixar de a olhar.

Angélique não se mexera; continuava ali, semideitada no sofá, sem sequer esboçar o gesto de puxar para o peito a renda rasgada do penteador. Audiger podia ver-lhe as pernas com que tanto sonhara, tão perfeitas como as imaginara, esguias, bem torneadas, terminadas por uns pés pequeníssimos, que se destacavam no veludo das almofadas como delicados bibelots de marfim cor-de-rosa. Respirou profundamente e disse com voz abafada:

- Arrepende-me-ei, sem dúvida, durante toda a minha vida, mas ao menos não me desprezarei. Adeus, senhora. Não quero a vossa esmola!

Recuou até à porta e saiu. Angélique ficou ainda um longo momento a refletir. Depois examinou os estragos da toilette; a gola de renda de Malines estava perdida.

"Diabo leve os homens!", disse para consigo, irritada.

Recordava-se de como desejara, no passeio ao moinho de Javel, que Audiger fosse seu amante. Mas as circunstâncias eram diferentes. Nessa época, Audiger era mais rico do que ela e a gola que nesse dia lhe adornava o vestido não custara três libras...

Soltou um breve suspiro e voltou a sentar-se diante do toucador.

"Ninon de Lenclos tem razão", pensou ainda. "O que no amor causa a maioria dos mal-entendidos é o fato de os relógios do desejo não soarem sempre à mesma hora."

No dia seguinte, uma criadita da Anã Espanhola trouxe-lhe um bilhete muito breve de Audiger em que este lhe pedia que fosse de tarde ao estabelecimento para examinar os livros com ele. O pretexto pareceu-lhe pouco inteligente. O pobre rapaz, depois de uma noite de insônias e torturas, devia ter dado ao Diabo a sua dignidade e grandeza de alma e estar disposto a aproveitar o "brinde" que lhe oferecera. Angélique não hesitou. Como dissera na véspera, estava decidida a fazer as coisas corretamente e sabia que devia muito a Audiger.

Por isso, sem entusiasmo, mas resolvida a provar-lhe, com essa única cedência do seu corpo, todo o seu reconhecimento, compareceu ao encontro marcado pelo mordomo. Encontrou-o no gabinetezinho contíguo à sala de prova. Trazia gibão de cavaleiro e calçava botas de caça. Parecia muito calmo e até bem disposto. Não fez nenhuma alusão às escaramuças da véspera.

- Desculpai-me, senhora, ter-vos incomodado, mas pareceu-me necessário examinar convosco, antes da minha partida, o estado dos negócios da chocolataria, embora a gerência de Marchandean. nos possa inspirar toda a confiança.

- Partis?

- É verdade. Acabo de me alistar para o Franco-Condado, onde consta que Sua Majestade quer conquistar não sei que cidade esta Primavera.

Durante mais de uma hora, com o auxílio de Marchandean, examinaram os livros de contas, foram à oficina ver as máquinas e aos armazéns verificar as reservas de cacau, açúcar e especiarias. Depois, em dado momento, Audiger levantou-se e saiu como se fosse buscar outra pasta de faturas. Mas, passados curtos instantes, Angélique ouviu um cavalo afastar-se. Compreendeu que Audiger partira e que nunca mais o tornaria a ver.

CAPÍTULO XXIII - Adeus a Desgrez

Acabou de escrever uma carta ao seu armador de La Rochelle e, depois de a secar com areia e lacrar, pôs a máscara e pegou na capa. Ouvia o ruído de vozes que vinha da sala cheia a deitar por fora, pois uma chuvada tão violenta como breve acabava de expulsar os clientes dos caramanchões.

O cheiro adocicado do chocolate, de mistura com o das amêndoas torradas, penetrava até ao gabinete onde, durante anos, Angélique, de vestido preto, gola e punhos brancos e pena de ganso na mão, se debruçara sobre montes intermináveis de faturas.

Levada pelo hábito, foi até à entrada da sala e observou os "seus" clientes através do interstício discreto do reposteiro. Quando fosse marquesa du Plessis-Bellièvre, já não se justificaria que entrasse naquela

sala a não ser para vir saborear, por seu turno, com um grupo de cavalheiros elegantes, o "divino" chocolate. Teria a sua graça, seria uma desforra deveras excitante.

Os grandes espelhos emoldurados de talha dourada refletiam a animação de bom-tom que sempre soubera manter na Anã Espanhola, sem grande dificuldade, aliás, pois o chocolate é uma bebida que dá mais propensão para as palavras amáveis do que para as discussões azedas.

Muito perto do reposteiro atrás do qual se encontrava escondida viu um homem sentado sozinho diante de uma chávena fumegante e que esfarelava melancolicamente pistácios. Depois de o olhar duas vezes, Angélique disse para consigo que o conhecia, e à terceira vez começou a suspeitar de que aquela personagem bastante ricamente vestida não podia ser senão o polícia Desgrez, disfarçado por uma hábil caracterização. Experimentou uma alegria pueril. Entre os rancores gelados do futuro marido, as censuras de Audiger e a curiosidade das amigas, Desgrez era sem dúvida a única pessoa com a qual poderia atualmente conversar sem ser obrigada a encher-se de coragem ou a representar uma comédia.

Saiu do esconderijo e aproximou-se dele.

- Parece-me que vos abandonaram, maitre Desgrez -disse-lhe a meia-voz. - Posso tentar substituir - oh, muito modestamente! a cruel dama que vos abandonou?

Ele levantou os olhos e reconheceu-a.

- Nada me pode honrar mais do que ter junto de mim a dona desta casa encantadora.

Sentou-se rindo ao pé dele e fez sinal a um dos pretitos para lhe trazer uma chávena e bolos.

- Que vindes caçar nas minhas terras, Desgrez? Um jornalista virulento?

- Não. Apenas o seu equivalente do sexo feminino, isto é, uma envenenadora.

- Ora, ora, que coisa tão vulgar! Até eu conheço envenenadoras - disse, irrefletidamente, Angélique, que pensava na Sra. de Brinvilliers.

- Bem sei. Mas o melhor que tendes a fazer é esquecer que as conheceis.

Como ele não sorrisse, Angélique fez-lhe sinal de que compreendera.

- Quando necessitar das vossas informações, saberei muito bem como vo-las pedir...-observou Desgrez, com um sorrisinho irónico.-Não tenho dúvida de que mas dareis com muito prazer.

Angélique pôs-se a saborear a beberagem escaldante que o negro Tom acabava de lhe servir.

- Que vos parece este chocolate, Sr. Desgrez?

- É uma autêntica penitência! Mas, bem vistas as coisas, quando procedemos a uma investigação, sabemos perfeitamente que temos de passar por umas provaçõezinhas deste gênero. Confesso que no decorrer da minha carreira já tive muitas vezes de entrar em lugares mais sinistros do que esta chocolataria. É muito elegante...

A jovem estava persuadida de que Desgrez se encontrava perfeitamente ao corrente do seu projeto de casamento com Filipe. Mas, como ele não tocava no assunto, não sabia como o abordar.

O acaso veio em seu socorro ao trazer, no meio de um alegre grupo de damas e cavalheiros, o próprio marquês. Angélique, mascarada e sentada num canto recuado da sala, não corria o risco de ser reconhecida por ele.

Indicando Filipe, disse a Desgrez:

- Vedes aquele gentil-homem de casaca de cetim azul-celeste? Vou casar com ele.

Desgrez simulou surpresa.

- Sim?... Mas não é o priminho que certa noite se divertiu à vossa custa na Máscara Vermelha?
- O próprio - confirmou Angélique, com um movimento provocante do queixo. - Então, que vos parece?
- O quê? O casamento ou o priminho?
- Os dois.
- O casamento é um assunto delicado. Prefiro, pois, deixar ao vosso confessor o cuidado de vos falar a esse respeito, minha filha - respondeu Desgrez, em tom douto. - Quanto ao priminho, verifico com pesar que não é de modo algum o vosso gênero de homem.
- Como assim? No entanto, é muito belo.
- Precisamente por isso. A beleza é, sem dúvida, é menos susceptível de vos atrair nos homens. O que apreciáis neles não são as qualidades que os aproximam das mulheres, mas sim o que os diferencia delas: a sua inteligência, a sua visão do mundo, nem sempre muito justa talvez, mas que vos parece nova, e também o mistério da sua função viril. Sim, senhora, sois como vos digo, e escusais de me olhar com esse ar zangado através da vossa máscara. Acrescentarei que quanto mais um homem se destaca do rebanho comum, tanto mais o reconheceis como senhor. É por isso que gostais dos originais, dos parias, dos revoltados, e também o motivo por que os vossos amores nem sempre acabam muito bem. Desde que um homem vos saiba distrair e fazer rir, estais pronta a segui-lo até ao cabo do mundo. E àquele que, além disso, possua a robustez e a ciência suficientes para satisfazer as exigências do vosso corpinho requintado, perdoais tudo. Ora o vosso primo não é tolo, mas não tem espírito. Se vos ama, correis grande risco de vos aborrecer mortalmente na sua companhia.
- Não me ama.
- Tanto melhor. Nesse caso podereis sempre distrair-vos a tentar fazer-vos amar. Mas, no tocante ao amor físico, não me importaria de apostar que é menos subtil do que um rústico. Não é verdade que, segundo me constou, fazia parte do grupo de Monsieur?
- Não gosto de ouvir falar assim de Filipe -disse Angélique, entristecida. - Oh, Desgrez, custa-me fazer-vos esta pergunta! No entanto, parece-vos que tais práticas poderão impedir um homem de... de ter filhos, por exemplo?
- Depende do gênero de homem de que se trate, minha bela inocente - redargüiu Desgrez. - A julgar pelo aspecto desse rapaz, penso que tem tudo o que é necessário para fazer uma mulher feliz e dar-lhe uma ranchada de filhos. O que não tem é coração. Quando morrer, o seu coração não poderá estar mais frio no peito do que está atualmente. Bom, mas, pelo que vejo, desejais saborear-lhe a beleza... Pois bem, saboreai-a, cravai-lhe bem os dentes e sobretudo não lamenteis nada. Agora tenho de vos deixar. Levantou-se para lhe beijar a mão.
- A minha envenenadora não veio. Pior para mim. No entanto, obrigado pela vossa agradável companhia.

Quando se afastou por entre as mesas, Angélique ficou como presa ao seu lugar pela sensação de inquietação e tristeza que lhe apertava a garganta.

"Agora tenho de vos deixar", dissera Desgrez.

De súbito descobriu que no mundo a que ia voltar - a corte, Versalhes, Saint-Germain, o Louvre - não tornaria a ver o polícia Desgrez e o seu cão Sorbona. Um e outro desapareceriam, reentrariam no ambiente de criados, negociantes e arraia-miúda que gira à volta dos grandes, mas que os olhos destes não vêem.

Angélique levantou-se, por seu turno, e dirigiu-se rapidamente para a porta por onde Desgrez saíra. Descobriu-o a afastar-se pelas alamedas sombrias do jardim, seguido pela silhueta branca de Sorbona.

Correu atrás dele:

- Desgrez!

Este parou e voltou para trás. Angélique empurrou-o para a penumbra de um caramanchão e rodeou-lhe o pescoço com os braços.

- Beijai-me, Desgrez.

O polícia teve um pequeno sobressalto.

- Que bicho vos mordeu? Tendes algum panfletário a salvar?

- Não... mas eu...

Não sabia como exprimir-lhe o pânico que se apoderara dela ao pensar que o não tornaria a ver. Perturbada, encostou ternamente a cara ao ombro de Desgrez.

- Vou-me casar, como sabeis. Então, depois, ser-me-á quase impossível enganar o meu marido.

- Pelo contrário, minha querida. Uma grande dama não deve cair no ridículo de amar o marido e ser-lhe fiel. Mas compreendo-vos. Como marquesa du Plessis-Bellière, não seria muito elegante da vossa parte contardes entre os vossos amantes um polícia chamado Desgrez...

- Oh, porque procurais razões? - protestou Angélique. Desejaria rir, mas não conseguia conter a sua emoção. E os olhos encheram-se-lhe de lágrimas quando murmurou de novo:

- Porque procurar razões? Desde que o mundo é mundo, quem, senhores, conseguiu explicar o coração das mulheres e o porquê das suas paixões?

Ele reconheceu o eco da sua própria voz quando um dia se erguera no pretório para defender o conde de Peyrac. Em silêncio, rodeou-a com os braços e apertou-a a si.

- Sois meu amigo, Desgrez -murmurava Angélique.-Não tenho nem nunca terei outro melhor. Dizei-me, vós que sabeis tudo, dizei-me que me não tornarei indigna DELE. Era um homem que dominara as suas desgraças e a pobreza, a ponto de reinar sobre o espírito dos outros como poucos conseguem... Mas eu, eu, não dominei também as minhas desgraças e a pobreza?... Vós, que sabeis donde venho, lembrai-vos e dizei-me: sou indigna desse prodigioso fenómeno de vontade que era o conde de Peyrac?... Na energia que despendi para arrancar os seus filhos à miséria, não reconheceria ele a sua... se voltasse?...

- Oh, não quebreis a cabeça com essas coisas, meu anjo!-redargüiu Desgrez, na sua voz arrastada.- Se ele voltasse... Pois bem, se ele voltasse, creio que, tanto quanto me foi dado apreciar esse homem, começaria por vos dar uma boa sova de marmeleiro. Depois, tomar-vos-ia nos braços e possuir-vos-ia até pedirdes misericórdia. Finalmente, iríeis juntos procurar um cantinho tranqüilo para esperardes nele as vossas bodas de ouro. Acalmai-vos, meu anjo. E segui o vosso caminho.

- Não é estranho, Desgrez, que não consiga destruir em mim a esperança de o tornar a ver um dia? Há quem diga que... não foi ele quem queimaram na Praça de Greve.

- Não deis ouvidos a essas histórias - redargüiu duramente.-Procura-se sempre criar lendas à volta das pessoas extraordinárias. Ele morreu, Angélique. Não espereis mais. Isso consome a alma. Olhai em frente e casai com o vosso marquesinho.

Ela não respondeu. O coração enchia-se-lhe de uma mágoa imensa, desmedida, infantil

- Não posso mais! - gemeu. - Estou tão triste... Beijai-me, Desgrez.

- Oh, estas mulheres!-resmungou ele.-Falam-nos do grande amor da sua vida, do ser único. E depois, um segundo mais tarde, pedem-nos que as beijemos... Que corja!

Um pouco brutalmente, desceu-lhe as mangas do corpete até aos cotovelos, descobrindo-lhe os ombros, e Angélique sentiu as mãos peludas de Desgrez insinuarem-se-lhe debaixo dos braços, cujo calor íntimo ele pareceu saborear com prazer.

- Sois endiabradamente apetitosa, não posso negar, mas, apesar disso, não vos beijarei.

- Porquê?

- Porque tenho mais que fazer do que amar-vos. E, se vos possuí uma vez, foi para vos ajudar. Porque essa vez já foi de mais para a paz da minha alma...

Lentamente, retirou as mãos, aproveitando a oportunidade para aflorar os seios intumescidos pelas barbas do espartilho.

- Não me queirais mal, minha linda, e lembrai-vos de mim... de vez em quando. Ficar-vos-ei reconhecido. Felicidades, marquesa dos Anjos!...

CAPÍTULO XXIV - Regresso ao Poitou

Filipe dissera-lhe desde o princípio que o casamento se realizaria no Plessis. Não desejava que a cerimônia se revestisse do mais pequeno fausto. Isso convinha perfeitamente a Angélique, pois permitia-lhe recuperar o famoso cofre sem recorrer a expedientes que poderiam dar nas vistas. Por vezes sentia um brusco suor frio quando perguntava a si própria se o cofre ainda estaria no mesmo sítio, no falso torreão do castelo. Ninguém o teria descoberto? Era pouco provável. Quem se lembraria de se arrastar ao longo de uma goteira onde mal cabia uma criança e de olhar para dentro de uma torrinha de aspecto tão insignificante? E ela sabia que, nos últimos anos, o Castelo do Plessis não sofrera nenhuma transformação. Havia pois, muitas possibilidades de alcançar o prêmio do seu triunfo, para o entregar a Filipe precisamente na altura do casamento.

Os preparativos da partida para o Poitou decorreram animadamente. Além de Florimundo e Cantor, iam também todo o pessoal e os animais domésticos: Bárbara, Calcanhares, os cães, o macaco e os papagaios. Com as malas e a criadagem, havia necessidade de uma carruagem e dois carros. O pessoal de Filipe seguiria com ele.

Este simulava ser estranho a tudo aquilo. Continuava a freqüentar as festas e as recepções da corte. Quando alguém se referia ao casamento, erguia as sobrancelhas com ar surpreendido e exclamava em tom desdenhoso: "Ah, sim, com efeito!"

Durante a última semana, Angélique não o viu uma só vez. Dava-lhe as suas ordens por meio de bilhetes breves, entregues por Molines: devia partir em tal data; iria ter com ela em tal dia. Chegaria com o abade e Molines; o casamento realizar-se-ia imediatamente.

Angélique submetia-se como uma esposa dócil. Mais tarde se veria como fazer mudar de tom o peralvilho. No fim de contas, levava-lhe uma fortuna e não lhe partia o coração separando-o da pequena Lamoignon. Far-lhe-ia compreender que, embora tivesse agido um pouco brutalmente, nem por isso ambos beneficiavam menos com o negócio e que o seu amuo era ridículo.

Sossegada e, ao mesmo tempo, decepcionada por não o ver, Angélique esforçou-se por não pensar

demasiado no "noivo". O "problema Filipe" era um espinho cravado em cheio na sua alegria e, quando pensava nele, descobria que tinha medo. Mais valia, portanto, não pensar.

As viaturas levaram menos de três dias a percorrer a distância entre Paris e Poitiers. As estradas estavam bastante más, esburacadas pelas chuvas primaveris, mas não houve acidentes, com exceção de um eixo partido um pouco antes da chegada a Poitiers, onde os viajantes ficaram vinte e quatro horas. Dois dias mais tarde, de manhã, Angélique começou a reconhecer a região. Passaram perto de Monteloup. Teve de se conter para não correr para lá, mas as crianças estavam cansadas e sujas, pois na noite anterior tinham dormido numa péssima estalagem infestada de pulgas e de ratos. Para encontrarem algum conforto, tinham de chegar ao Plessis.

Com o braço pelos ombros dos filhos, Angélique respirava deliciada o ar puro dos campos em flor e perguntava a si mesma como pudera viver tantos anos numa cidade como Paris. Soltava gritos de alegria e designava pelo nome as aldeolas que atravessavam, cada uma das quais lhe recordava um episódio da sua infância. Durante vários dias fizera aos filhos descrições pormenorizadas de Monteloup e das brincadeiras maravilhosas a que lá se poderiam entregar. Florimundo e Cantor conheciam o subterrâneo que noutros tempos lhe servira de caverna de feiticeira e o sótão dos cantos encantados.

Por fim, o Plessis surgiu ao longe, branco e discreto à beira da sua lagoa. Pareceu a Angélique, que conhecera as residências suntuosas e os palácios parisienses, mais pequeno do que a imagem que guardava na memória. Apareceram alguns criados. Apesar do abandono a que os senhores do Plessis deixavam o seu castelo de província, este estava bem conservado graças aos cuidados de Molines. Um correio mandado uma semana antes trouxera instruções para serem abertas as janelas e o cheiro fresco da cera quase não deixava notar o do mofo que impregnava as tapeçarias. Mas Angélique não experimentou o prazer com que contava. As suas sensações pareciam de súbito embotadas. Talvez precisasse de chorar ou pôr-se a dançar, de gritar e beijar Florimundo e Cantor. Na impossibilidade de o fazer, sentia-se uma alma morta. Incapaz de suportar a excessiva emoção do regresso, estava de tal modo absorta que não tinha nenhuma reação.

Perguntou onde os filhos poderiam descansar, ocupou-se pessoalmente da sua instalação e só os deixou depois de os ver lavados e de roupas limpas, sentados diante de uma merenda constituída por lacticínios e bolos trazidos pelos aldeões.

Então fez-se conduzir ao quarto da ala norte, que mandara preparar para si, o quarto do príncipe de Conde.

Teve ainda de aceitar os serviços de Javotte e de responder às saudações dos dois criados que transportavam as tinas de água quente para a casa de banho contígua. Distraidamente, perante o seu francês pouco fluente, respondeu-lhes em dialeto. Os homens abriram a boca de surpresa ao ouvirem aquela grande dama de Paris, cujos atavios lhes pareciam decerto extravagantes, exprimir-se na sua linguagem como se a falasse desde o berço.

- Mas é verdade! - exclamou Angélique, rindo.-Não me reconheceis? Sou Angélique de Sancé. E tu, Guillot, recordo-me que és da aldeia de Maubuis, perto de Monteloup.

O chamado Guillot, com quem ela, noutros tempos, fora algumas vezes apanhar amoras e cerejas, nos belos dias de Verão, sorriu extasiado.

- Fostes então vós, senhora, que casastes com o nosso amo?

- Fui eu, de fato.

- Bem, isso vai encher de contentamento toda a gente. Havia certa curiosidade em saber quem seria a nova patroa...

Portanto, a gente da região não estava ao corrente de nada. Ou, antes, o que sabiam era errado, pois julgavam-na já casada.

- Que pena não terdes esperado até estardes entre nós -continuou Guillot, abanando a cabeça hirsuta.- Teria sido um casamento de arromba!

Angélique não se atreveu a desmentir Filipe- dizendo ao aldeão que o casamento se devia efetuar no próprio Plessis e que, pela sua parte, contava que os festejos lhe permitissem tornar a ver toda a gente da região.

- Mesmo assim haverá festas- prometeu.

Em seguida disse a Javotte que se despachasse, pois queria tratar da sua toilette, e, quando a criadita de quarto se retirou, dirigiu-se, envolta no roupão de seda, para o meio do quarto.

A decoração era a mesma de há mais de dez anos. Mas Angélique já não a via com os seus olhos deslumbrados de rapariguinha. Achava terrivelmente antiquados os pesados móveis de madeira escura, de estilo holandês, e a cama com quatro colunas maciças.

Dirigiu-se para a janela e abriu-a. Sentiu um arrepio de medo ao ver como era estreito o rebordo para onde, noutros tempos, trepava com tanta agilidade e disse para consigo, desolada: "Engordei de mais. Nunca conseguirei ir até ao torreão."

Estava habituada a ouvir gabarem-lhe a elegância do corpo, mas naquela tarde teve de se curvar amargamente à marcha implacável do tempo. Não só já não possuía a agilidade necessária, como ainda lhe faltava coragem, pelo que se arriscava a partir pura e simplesmente o pescoço.

Depois de refletir decidiu chamar Javotte.

- Javotte, minha filha, és magra, pequena e mais flexível do que um junco. Vais subir para esse rebordo e ir até ao torreão da esquina. Mas cuidado, não caias!

- Pois sim, minha senhora - respondeu Javotte, que seria capaz de passar pelo buraco de uma agulha só para agradar à ama.

Debruçada da janela, Angélique seguiu com ansiedade o avanço da rapariga ao longo da goteira.

- Espreita para dentro do torreão. Vês alguma coisa?

- Vejo uma coisa escura, uma caixa - respondeu imediatamente Javotte.

Angélique fechou os olhos e teve de se encostar ao alizar.

- Está bem. Pega-lhe e traz-ma com cuidado.

Pouco depois, Angélique tinha nas mãos o cofre do monge Exili. Cobria-o uma crosta de terra formada pela umidade. Mas o cofre era de sândalo e nem os animais nem o bolor o tinham podido danificar.

- Agora vai-disse Angélique a Javotte, com voz inexpressiva.

- E não digas a ninguém o que acabas de fazer. Se tiveres tento na língua, dar-te-ei uma touca e um vestido novo.

- Oh, minha senhora, com quem quereis que fale? -protestou Javotte.-Nem sequer compreendo a língua desta gente...

Estava muito desgostosa por ter saído de Paris. Soltou um suspiro e foi juntar-se a Bárbara, para conversarem a respeito das pessoas que conheciam e do Sr. David Chaillou em particular.

Angélique limpou o cofre. Teve muita dificuldade em fazer funcionar a mola enferrujada. Por fim, a tampa abriu-se e apareceu, em cima de diversas folhas de papel, a ampola de veneno cor de esmeralda.

Depois de a contemplar, tornou a fechar o cofre. Onde o esconderia enquanto esperava a chegada de Filipe e a altura de lho entregar em troca do anel nupcial? Meteu-o na mesma secretária donde o retirara tão irrefletidamente quinze anos antes. "Se eu soubesse!...", disse para consigo. Mas pode alguém avaliar, aos 13 anos, o alcance dos seus atos?

Guardou a chave da secretária no seio e continuou a olhar à sua volta com desespero. Aqueles sítios só lhe tinham causado desgostos. Devido ao roubo que ela cometera, Joffrey, o seu único amor, fora condenado e a sua vida destruída!...

Obrigou-se a descansar. Depois, assim que uma chilreada de vozes infantis, no relvado, lhe revelou que os filhos tinham acordado, foi ter com eles, fê-los subir com Bárbara, Javotte, Flipot e Calcanhares para uma velha charrete que ela própria conduziu e puseram-se todos alegremente a caminho de Monteloup.

O sol declinava e lançava uma luz alaranjada sobre os grandes prados verdes onde pastavam os machos. As obras de secagem dos pântanos tinham transformado a paisagem. O domínio das ribeiras, com os seus arcos de verdura, parecia ter recuado para mais longe, para o oeste.

Mas, assim que transpôs a ponte levadiça, onde os perus se pavoneavam como dantes, Angélique verificou que o castelo da sua infância não mudara. O barão de Sancé, apesar da relativa abastança de que gozava agora, não fizera na velha edificação todas as reparações necessárias. A torre de menagem e as muralhas ameadas continuavam em ruínas debaixo do seu revestimento de hera e a entrada principal era ainda a da cozinha.

Encontraram o velho barão junto da ama, que descascava cebolas. A ama continuava a ser tão robusta e expedita como dantes, mas perdera os dentes e os cabelos, todos brancos, faziam que o rosto parecesse tão trigueiro como o de uma moura.

Seria ilusão? Pareceu a Angélique que a alegria com que o pai e a velha a acolhiam era um pouco forçada, como acontece quando encontramos viva uma pessoa que julgávamos morta. Chorámo-la, claro, mas depois a vida foi-se tecendo sem ela e de repente verificamos que temos de lhe arranjar lugar.

A presença de Florimundo e Cantor dissipou o constrangimento. A ama chorava, apertando ao peito os "lindos queridinhos". Em poucos minutos, os garotos ficaram com as faces vermelhas de beijos e as mãos cheias de maçãs e nozes. Cantor, empoleirado na mesa, cantou todo o seu repertório.

- E a velha damazinha de Monteloup, o fantasma, ainda continua a passear por cá? –perguntou Angélique.

- Há muito tempo que a não vejo - respondeu a ama, abanando a cabeça.-Desde que João Maria, o último da família, foi para o colégio, nunca mais apareceu. Sempre pensei que ela procurava um filho...

Na sala sombria, a tia Marta continuava a reinar diante do seu bastidor de bordar, como uma gorda e negra aranha no meio da sua teia.

- Já não ouve e não regula bem da cabeça - explicou o barão.

No entanto, a velha, depois de olhar para Angélique, perguntou com voz rouca:

- O Coxo também veio? Julgava que o tinham queimado...

Foi a única alusão feita em Monteloup ao primeiro casamento de Angélique. Todos pareciam deixar na sombra essa parte da sua vida. Aliás, o velho barão era pouco curioso. À medida que os filhos partiam, casavam, voltavam ou não voltavam, confundia-os um bocadinho no seu espírito. Falava muito de Dinis, o oficial, e de João Maria, o mais novo, mas não se preocupava com Hortense e manifestamente ignorava o que era feito de Gontrão. Na realidade, o seu principal tema de conversa continuavam a ser os machos.

Depois de percorrer o castelo, Angélique ficou mais calma. Monteloup estava na mesma. Tudo ali continuava a ser um pouco triste, um pouco miserável, mas tão cordial!

Viu com júbilo os filhos instalarem-se na cozinha de Monteloup, como se nela tivessem nascido entre os vapores da sopa de couves e as histórias da ama.

Insistiam em ficar para comer e dormir, mas Angélique voltou a levá-los para o Plessis, pois receava que Filipe chegasse e quera lá estar para o receber.

No dia seguinte, como nenhum correio lho viesse ainda anunciar, voltou sozinha a casa do pai.

Na sua companhia percorreu as terras e ele mostrou-lhe todas as obras que fizera.

A tarde estava agradável e perfumada. Angélique sentia vontade de cantar. Quando o passeio terminou, o barão parou de repente e olhou a filha com atenção. Depois soltou um suspiro.

- Voltaste, portanto, Angélique?...

Esta respondeu, comovida:

- Voltei, sim, pai, e vamos poder ver-nos muitas vezes. Como sabeis, tanto mais que nos mandastes o vosso consentimento, vou casar com Filipe du Plessis-Bellière.

- Mas eu julgava que esse casamento já se tinha realizado! - exclamou o barão, surpreendido.

Angélique apertou os lábios e não insistiu. Quais seriam as intenções de Filipe ao deixar crer às pessoas da região e à sua própria família que o casamento fora celebrado em Paris?...

CAPÍTULO XXV - Angélique defende os filhos da fúria de Filipe

Regressou um pouco preocupada e o coração pulsou-lhe mais depressa quando viu no pátio a carruagem do marquês.

Os lacaios disseram-lhe que o amo chegara havia mais de duas horas. Correu para o castelo e, ao subir a escada, ouviu os filhos gritarem.

"Mais uma birra de Florimundo ou Cantor", disse para consigo, contrariada. "O ar do campo torna-os turbulentos."

Não convinha que o futuro padraсто os considerasse insuportáveis e, por isso, precipitou-se para o quarto dos garotos, a fim de os meter severamente na ordem. Reconheceu a voz de Cantor. Este gritava em tom de indizível terror e os seus gritos confundiam-se com ladridos ferozes.

Angélique abriu a porta e ficou petrificada.

Diante da chaminé, onde flamejava um grande fogo, Florimundo e Cantor, agarrados um ao outro, encontravam-se encurralados por três enormes lobos-de-alsácia, negros como diabos do Inferno e que ladravam ferozmente, puxando as trelas de couro. A extremidade das trelas estava reunida na mão do marquês du Plessis, o qual, embora segurasse os animais, parecia muito divertido com o terror das crianças. No chão, numa poça de sangue, Angélique viu o cadáver de Partos, um dos cães prediletos dos garotos, que devia ter sido estrangulado ao tentar defendê-los.

Cantor gritava, com o rosto gorducho inundado de lágrimas. Mas a cara lívida de Florimundo apresentava uma extraordinária expressão de coragem. Desembainhara a sua espadinha e, apontando-a aos animais, tentava proteger o irmão.

Angélique não teve sequer tempo de soltar uma exclamação. Mais rápido do que um pensamento, um reflexo fê-la pegar num pesado tamborete de madeira e atirá-lo às fauces dos cães, que uivaram e recuaram ganindo de dor.

Ato contínuo, tomou Florimundo e Cantor nos braços e os garotos agarraram-se a ela. Cantor calou-se imediatamente.

- Filipe - disse arquejante -, não se deve assustar assim as crianças... Poderiam cair no lume... Vede, Cantor já tem a mão queimada...

O jovem pousou nela os olhos duros e límpidos como gelo.

- Os vossos filhos são covardes como mulheres -redargüiu com voz pastosa.

Tinha o rosto mais escuro do que de costume e cambaleava levemente.

"Bebeu", disse Angélique para consigo.

Neste momento apareceu Bárbara, sufocada e com uma das mãos no peito para conter as pulsações desordenadas do coração. Os seus olhos, em que havia uma expressão de terror, foram de Filipe para Angélique e depois detiveram-se no cão morto.

- Perdoe-me, minha senhora. Tinha ido à copa buscar o leite para os meninos e deixei-os à guarda de Filipe. Não esperava...

- Não aconteceu nada de grave, Bárbara - atalhou Angélique, muito calma.-Estas crianças não estão habituadas a ver cães de caça tão ferozes, mas têm de se acostumar se quiserem mais tarde caçar o veado e o javali como verdadeiros gentis-homens.

Os futuros gentis-homens deitaram um olhar pouco entusiasmado aos três animais. Mas, como estavam nos braços de Angélique, já não temiam nada.

- Sois uns tolinhos - disse-lhes a mãe, em tom de suave repreensão.

Especado nas pernas afastadas, Filipe, que ainda envergava o fato de viagem, de veludo castanho-avermelhado, contemplava o grupo formado pela mãe e pelos filhos. Bruscamente, fez estalar o chicote sobre os cães, puxou-os para trás e saiu do quarto.

Bárbara apressou-se a fechar a porta.

- Filipe foi-me procurar-cochichou.- O Sr. Marquês tinha-o expulsado do quarto. Ninguém me tira da idéia que queria fazer devorar os meninos pelos cães...

- Não digas tolices, Bárbara - atalhou Angélique, secamente. - O Sr. Marquês não está habituado a lidar com crianças; quis apenas brincar...

- Pois sim... Brincadeiras de príncipes! Bem sabemos até onde podem ir. Conheço um pobre rapazinho que as pagou bem caras...

Angélique estremeceu, lembrando-se do Maçarico. Não fora Filipe, com o seu ar indolente, um dos torcionários do pequeno vendedor de barquinhos? Ou não ficara, pelo menos, indiferente ao seu suplício?

Vendo que os filhos já estavam tranqüilizados, dirigiu-se para os seus aposentos e sentou-se diante do toucador para compor o cabelo.

Que significaria o que acabava de acontecer? Deveria tomar o incidente a sério? Filipe estava bêbedo, isso saltava aos olhos. Quando lhe passasse a bebedeira, decerto pediria desculpa de ter causado aquele rebuliço...

Mas uma palavra de Maria Inês acudia aos lábios de Angélique: "Uma besta!" Uma besta dissimulada, matreira, cruel... "Quando se quer vingar de uma mulher, não hesita diante de nada."

"Mesmo assim, espero que não se atreva a atacar os meus filhos", disse para consigo, atirando com o pente e levantando-se agitada.

No mesmo instante, a porta do quarto abriu-se e Angélique viu Filipe no limiar. Envolveu-a num olhar carregado e perguntou:

- Tendes o cofre do veneno?

- Entregar-vo-lo-ei no dia do nosso casamento, Filipe, como está convencionado no nosso contrato.

- Casaremos esta tarde.

- Então entregar-vo-lo-ei esta tarde - respondeu, esforçando-se por não deixar transparecer a sua perturbação.

Depois sorriu e estendeu-lha a mão.

- Ainda não nos cumprimentamos...

- Não vejo necessidade disso - replicou ele, e fechou brutalmente a porta.

Angélique mordeu os lábios. Decididamente, o senhor que escolhera não seria fácil de domesticar. Veio-lhe à memória o conselho de Molines: "Tentai dominá-lo pelos sentidos." Mas, pela primeira vez, duvidava da vitória. Sentia-se sem poder sobre aquele homem de gelo, no qual nunca sentira despertar qualquer desejo quando se encontrava na sua presença. Ela própria, de resto, também já não experimentava naquele momento, dominada pela ansiedade, nenhuma inclinação por ele.

"Disse que nos casaremos esta tarde, mas não sabe o que diz. O meu pai nem sequer foi prevenido..."

Neste ponto das suas reflexões bateram timidamente à porta. Angélique foi abrir e depararam-se-lhe os filhos, ainda agarrados um ao outro da forma mais comovente. Desta vez, porém, Florimundo estendia a sua proteção de mais velho ao macaco Piccolo, que trazia ao colo.

- Mãezinha - disse numa vozinha trêmula, mas decidida -, queríamos ir para casa do avô. Aqui temos medo...

- Medo é palavra que um rapaz que usa espada não deve pronunciar - redarguiu Angélique, severamente. - Sereis covardes, como alguém insinuou há pouco?

- O Sr. du Plessis já matou Partos. Agora é capaz de matar Piccolo...

Cantor desatou a chorar, em pequenos soluços abafados. Cantor, o calmo Cantor, estava apavorado! Era mais do que Angélique podia suportar. Não adiantava averiguar se tratava ou não de tolice; a verdade é que os filhos tinham medo. Ora ela jurara a si mesma que eles nunca mais saberiam o que era o medo.

- Está bem, ides partir com Bárbara para Monteloup, e já. Mas têm de me prometer que terão muito juízo.

- O avô prometeu que me deixava montar um macho - disse Cantor, já reconfortado.

- Puf! A mim vai-me dar um cavalo- afirmou Florimundo. Menos de uma hora mais tarde, Angélique metia-os na charrete com os criados que estavam ao seu serviço. Em Monteloup havia camas suficientes para todos. Os próprios criados pareciam contentes por se irem embora. A chegada de Filipe dera ao castelo branco uma atmosfera irrespirável. O belo homem, que desempenhava o papel da graça na corte do Rei Sol, fazia reinar no seu solitário domínio senhorial o pulso de um déspota.

Bárbara murmurou:

- Senhora, não vamos deixar-vos sozinha aqui com esse... homem.
- Qual homem? -perguntou Angélique, com altivez. Mas depois acrescentou:
- Bárbara, uma existência confortável fez-te esquecer certos episódios da nossa vida em comum. Lembra-te de que me sei defender de e contra todos.

E beijou a criada nas belas faces redondas, pois sentia o coração transido.

CAPITULO XXVI - Brutal noite de núpcias

Quando os guizos da pequena carruagem deixaram de se ouvir na tarde azulada, Angélique voltou lentamente para o castelo. Sentia-se aliviada por saber os filhos sob a proteção tutelar de Monteloup. Agora, porém, o Castelo do Plessis parecia-lhe ainda mais deserto e quase hostil, apesar da sua graça de jóia do Renascimento.

No vestíbulo, um laçao inclinou-se diante dela e informou-a de que a ceia estava servida. Dirigiu-se para a sala de jantar, onde a mesa fora posta. Quase imediatamente entrou Filipe, que, sem uma palavra, se sentou numa das extremidades da mesa. Angélique ocupou a outra. Estavam sós e eram servidos por dois laçaios. Um moço de cozinha trazia os pratos.

Três candelabros refletiam as suas chamas na preciosa baixela de prata. Durante toda a refeição apenas se ouviu o ruído dos talheres e o tinido dos copos, a que se sobrepunha o canto estridente dos grilos no relvado. Pela porta-janela aberta via-se a noite brumosa invadir o campo.

Angélique, depois de dizer para consigo que não conseguiria engolir uma garfada, comeu com apetite, consoante as reações particulares do seu temperamento. Notou que Filipe bebia muito, mas que, em vez de o tornar mais expansivo, a bebida aumentava cada vez mais a sua frieza.

Quando se levantou, depois de recusar a sobremesa, a jovem não teve outro remédio senão acompanhá-lo à sala contígua, onde encontrou Molines e o capelão, assim como uma aldeã muito velha, que, só o soube mais tarde, fora ama de Filipe.

- Está tudo pronto, abade?-perguntou o jovem, saindo do seu mutismo.

- Está, sim, Sr. Marquês.

- Então vamos para a capela.

Angélique estremeceu. O casamento, o seu casamento com Filipe, iria, apesar de tudo, realizar-se naquelas condições sinistras?

Protestou.

- Pretendeis dizer que está tudo pronto para o nosso casamento e que ele vai ser celebrado imediatamente?

- Pretendo, senhora - respondeu Filipe, em tom zombeteiro. - Assinamos o contrato em Paris. Satisfizemos o mundo. O Sr. Abade, aqui presente, vai abençoar-nos e trocaremos as nossas alianças. Satisfaremos Deus. Outros preparativos parecem-me desnecessários.

A jovem olhou hesitante as testemunhas da cena. Iluminava-os um único candelabro, que a velha empunhava. Lá fora escurecera por completo. Os criados tinham-se retirado. Se não fosse a presença de

Molines, do rude e duro Molines, mas que amava Angélique mais do que a própria filha, a jovem recearia ter caído numa cilada.

Procurou o olhar do administrador. Mas o velho baixou os olhos com o servilismo especial que simulava sempre diante dos senhores du Plessis.

Então resignou-se.

Na capela, iluminada por duas grandes velas de cera amarela, um aldeãozinho aturdido, de casula de menino de coro, trouxe a água benta.

Angélique e Filipe tomaram lugar em dois genuflexórios. O capelão colocou-se diante deles e recitou entre dentes as orações e as fórmulas usuais.

- Filipe du Plessis-Bellière, estais disposto a tomar como esposa Angélique de Sancé de Monteloup?

- Sim.

- Angélique de Sancé de Monteloup, estais disposta a tomar como esposo Filipe du Plessis-Bellière?

Ela disse "sim" e estendeu a mão a Filipe para que este lhe colocasse a aliança. Ao mesmo tempo assaltou-a a recordação de um gesto idêntico, realizado anos antes na Catedral de Tolosa.

Naquele dia não estava menos trêmula e a mão que tomara a sua apertara-lha suavemente, como para a tranquilizar. Na sua perturbação não compreendera o significado daquela discreta pressão, mas agora o pormenor vinha-lhe à memória e dilacera vá-a como uma punhalada, enquanto via Filipe, meio ébrio, cego pelos vapores do vinho, tatear sem conseguir meter-lhe a aliança no dedo. Por fim conseguiu-o. A cerimônia terminara.

O grupo saiu da capela.

- Agora é a vossa vez, senhora - disse Filipe, olhando-a com um insuportável sorriso gelado.

Ela compreendeu e pediu aos presentes que a acompanhassem ao seu quarto.

Aí, retirou o cofre da secretária, abriu-o e entregou-o ao marido. As chamas das velas fizeram brilhar a ampola de vidro.

- Não há dúvida de que é o cofre desaparecido - disse Filipe, depois de um instante de silêncio.-Está tudo em ordem, senhores.

O capelão e o administrador assinaram um papel em que reconheciam ter sido testemunhas da entrega do cofre pela Sra. du Plessis-Bellière, de acordo com as cláusulas do contrato de casamento. Em seguida curvaram-se mais uma vez diante do casal e retiraram-se em passos miudinhos, precedidos pela velha, que os alumiava.

Angélique teve de se conter para não reter o administrador. O pânico que experimentava era não só ridículo, mas também infundado. Claro que nunca é agradável ter de enfrentar o rancor furioso de um homem. Contudo, entre ela e Filipe talvez houvesse um meio de se entenderem, de estabelecerem uma trégua...

Olhou-o disfarçadamente. Sempre que o observava e atentava na perfeição da sua beleza, sentia-se mais tranqüila. Estava inclinado sobre o terrível cofre e, donde se encontrava, Angélique via-lhe o perfil de uma pureza de medalha, apenas quebrado pelo bigode louro que lhe adornava o lábio superior. As compridas e abundantes pestanas sombreavam-lhe as faces. Mas estava mais corado do que de costume e o forte cheiro a vinho que se desprendia dele era deveras desagradável.

Ao vê-lo levantar com mão insegura a ampola de veneno, Angélique disse vivamente:

- Cuidado, Filipe. O monge Exili afirmava que uma única gota desse veneno bastaria para desfigurar uma pessoa para sempre.

- Sim?...

Ergueu os olhos para ela e um clarão perverso atravessou-lhe as pupilas. Balouçou a ampola com a mão. Num relâmpago, Angélique compreendeu que estava tentado a atirar-lha à cara. Paralisada de medo, mas mesmo assim sem pestanejar, continuou a fitá-lo com expressão calma e ousada. Ele soltou uma espécie de gargalhada zombeteira e depois tornou a pousar a ampola e fechou o cofre, que pôs debaixo do braço.

Sem uma palavra, agarrou Angélique por um pulso e arrastou-a para fora do quarto.

O castelo estava silencioso e às escuras, mas a Lua, que acabava de nascer, projetava nas lajes a sombra das altas janelas.

A mão de Filipe apertava tão duramente o pulso frágil da jovem que esta sentia as suas próprias pulsações. Mas preferia-o assim. No castelo, Filipe adquiria uma firmeza que se lhe não vislumbrava na corte. Sem dúvida era assim na guerra, quando trocava o invólucro do belo cortesão sonhador pela sua verdadeira personalidade de guerreiro nobre, incisivo, quase bárbaro.

Desceram a escada, atravessaram o vestíbulo e saíram para os jardins.

Uma neblina prateada pairava por cima da lagoa. No pequeno cais de mármore, Filipe empurrou Angélique para um barco.

- Entrai! - ordenou secamente.

Instalou-se, por seu turno, no barco e pousou o cofre com precaução em cima de um banco. Angélique ouviu soltar a amarra e depois, lentamente, o barco afastou-se da margem. Filipe pegara num remo e impelia o barco para o meio da lagoa. O luar fazia-lhe cintilar as pregas da casaca de cetim branco e os anéis dourados da peruca. Ouvia-se apenas o ruído produzido pelo contacto do casco com as folhas cerradas dos nenúfares; as rãs, assustadas, tinham-se calado.

Quando atingiram a água negra, mas límpida, do centro da lagoa, Filipe parou o barco e pareceu olhar à sua volta com atenção. A terra encontrava-se longe e o castelo branco, entre os dois taludes escuros do parque, lembrava uma aparição. Em silêncio, o marquês du Plessis pegou no cofre cujo desaparecimento assediara os dias e as noites da sua família. Resolutamente, atirou-o à água. O objeto mergulhou e as ondas que assinalavam o sítio onde caíra não tardaram a desvanecer-se.

Então, Filipe olhou para Angélique. Esta tremeu. Ele deixou o seu lugar e veio sentar-se ao pé dela. Este gesto, que àquela hora e naquele ambiente feérico poderia ser o de um apaixonado, paralisou-a de medo.

Lentamente, com a graça que caracterizava cada um dos seus movimentos, ele levantou as mãos e pousou-as no pescoço da jovem.

- E agora vou-te estrangular, minha linda -disse a meia-voz. -Ireis juntar-vos no fundo da água ao vosso maldito cofrezinho!

Angélique conseguiu dominar-se e não se mexer. Estava bêbado ou louco. Fosse como fosse, era capaz de a matar. Não estava à sua mercê? Não podia pedir socorro nem defender-se. Num movimento imperceptível, encostou a cabeça ao ombro de Filipe e sentiu na testa o contacto de uma face que não fora barbeada desde manhã, uma face de homem, enternecedora. Tudo desapareceu... A Lua seguia o seu caminho no céu, o cofre repousava no fundo da lagoa, os campos suspiravam e o último ato da tragédia consumava-se. Não era justo que Angélique de Sancé morresse assim, às mãos do jovem deus chamado Filipe du Plessis?

De súbito recuperou a respiração e o aperto que a sufocava afrouxou. Viu Filipe com os dentes apertados e o rosto convulsionado pela cólera.

- Com mil demônios - praguejou ele -, nenhum medo fará curvar essa maldita cabecinha orgulhosa? Nada vos fará gritar, suplicar? Paciência, lá chegareis!

Repeliu-a brutalmente e pegou no remo.

Assim que pôs pé em terra, Angélique teve de fazer um grande esforço para conter a vontade de fugir desabaladamente. Já não sabia que fazer. As suas idéias continuavam confusas. Levou a mão ao pescoço, que lhe doía muito.

Filipe observava-a com uma atenção que lhe nublava o olhar. Aquela mulher não parecia de uma espécie comum. Nem lágrimas, nem gritos. Nem sequer tremia. Pelo contrário, ainda o desafiava, embora fosse ele o ofendido. Constrangera-o, humilhara-o como nenhum homem pode tolerar que o humilhem sem desejar a morte. A semelhante afronta um gentil-homem podia responder com a espada e um plebeu com um pau. Mas tratando-se de uma mulher?... Que reparação exigir a essas criaturas escorregadias, fracas, hipócritas, cujo contacto se assemelhava ao dos animais venenosos e que ludibriavam tão bem os homens com as suas palavras que estes, depois de enganados, ainda se consideravam culpados?

Oh, mas as mulheres nem sempre saíam vitoriosas! Filipe sabia como se vingar delas. Já se deleitara com os seus soluços, com os gritos de socorro, com as súplicas das raparigas que violara nas noites de combate e que depois entregara aos baixos instintos dos seus homens.

Vingava-se assim das humilhações que lhe tinham infligido na adolescência.

Mas aquela, como vergá-la? Reunia atrás da testa saliente, lisa, atrás dos olhos verde-mar, todas as astúcias femininas, toda a força subtil do seu sexo. Pelo menos, era o que ele imaginava. Não sabia que Angélique tremia e se sentia prestes a chorar.

Se o enfrentava, era porque estava habituada a enfrentar tudo e todos e a lutar.

Tornou-a a agarrá-la por um braço, como um guarda feroz, e levou-a para o castelo.

Enquanto subiam a escadaria principal, Angélique viu-o estender a mão para o comprido chicote dos cães, pendurado na parede...

- Filipe, separemo-nos aqui. Creio que estais bêbado. Que adianta continuarmos a discutir? Amanhã...

- Oh, não!-redargüiu sarcástico.-Não tenho a obrigação de cumprir o meu dever conjugal? Mas primeiro quero dar-vos uma ensinadelazinha, a fim de vos fazer perder o gosto pela chantagem. Não vos esqueçais, senhora, que sou o vosso marido e tenho todo o poder sobre vós.

Ela quis fugir, mas ele segurou-a e fustigou-a como fustigaria uma cadela insubmissa. Angélique soltou um grito que era mais de indignação do que de dor.

- Filipe, estais louco!

- Haveis de me pedir perdão!-exclamou com os dentes apertados.- Pedir-me-eis perdão do que fizestes!

- Não!

Empurrou-a para o quarto, fechou a porta atrás deles e começou a chicoteá-la. Sabia manejar o chicote. O seu cargo de monteiro-mor de França não era, decerto, imerecido.

Angélique cobria o rosto com os braços, para o proteger. Recuou até à parede e virou-se, num gesto instintivo. Cada chicotada fazia-a estremecer, mas mordida os lábios para não gemer. Entretanto invadia-a um sentimento curioso e a sua primeira revolta cedia o lugar a uma espécie de aceitação, a uma

estranha noção de justiça. De súbito, gritou:

- Basta, Filipe, basta!... Peço-vos perdão.

E como ele se detivesse, admirado com a sua fácil vitória, repetiu:

- Peço-vos perdão... a verdade, não procedi bem convosco. Manteve-se imóvel, indeciso. Troçava novamente dele, pensava, furtava-se à sua cólera recorrendo a uma submissão enganosa. Eram todas umas cadelas miseráveis! Arrogantes na vitória, rastejantes debaixo do chicote! Mas na voz de Angélique havia algo sincero que o perturbava. Talvez não fosse como as outras e a recordação que a pequena "baronesa do Triste Vestido" lhe deixara impressa na memória fosse mais alguma coisa do que uma simples aparência...

Na penumbra em que a claridade lunar e a do candelabro procuravam levar a melhor uma à outra, a vista daqueles ombros pisados, daquela nuca frágil, daquela fronte encostada à parede como a de uma criança arrependida, despertou nele um desejo violento, mas inusitado, como nenhuma mulher jamais lhe inspirara. Já se não tratava apenas de um desejo bestial e cego; juntava-se-lhe também uma atração algo misteriosa e quase terna.

Teve de súbito o pressentimento de que, com Angélique, atingiria qualquer coisa de novo, uma região desconhecida do amor em vão procurada através de tantos corpos esquecidos...

Os seus próprios lábios pareceram secos, sedentos, ávidos de se dessedentarem no contacto com uma carne sedosa e perfumada.

Com a respiração entrecortada, atirou para longe o chicote e desembaraçou-se do gibão e da peruca.

Angélique, inquieta, viu-o de súbito seminu e desarmado, direito como um arcanjo na sombra, com os seus curtos cabelos louros que lhe davam à cabeça um aspecto novo, de pastor antigo, a camisa de renda entreaberta, deixando ver o peito liso e branco, e os braços afastados num gesto indeciso.

Bruscamente, aproximou-se dela, agarrou-a e, desajeitadamente, pousou a boca na curva escaldante do pescoço. Mas Angélique ainda experimentava ali os efeitos do chicote e chegara a sua vez de se sentir ofendida. Além disso, se, por um lado, era suficientemente honesta para reconhecer as suas faltas, por outro também era demasiado orgulhosa para que o tratamento que acabava de sofrer lhe incutisse predisposições amorosas.

Arrancou-se, pois, das mãos do seu novo marido e exclamou:

- Ah, não, isso não!

Ao ouvir este grito, Filipe tornou a enfurecer-se. Assim, o sonho desvanecia-se mais uma vez! Aquela mulher não passava de uma mulher como as outras, rebelde, calculista, exigente, o eterno feminino!... Recuou, levantou a mão e esbofetou Angélique em pleno rosto.

Ela cambaleou e depois, agarrando-o com ambas as mãos pelas costas da camisa, atirou-o com força contra a parede. Filipe ficou um segundo estupefato. Ela tivera, para se defender, um gesto de cantineira habituada a lidar com bêbedos.

Nunca vira uma dama da alta sociedade defender-se assim. Achou o caso ao mesmo tempo divertido e exasperante. Estaria convencida de que ele ia ceder?...

Conhecia demasiado bem as mulheres daquela espécie. Se a não matasse naquela mesma noite, seria ela quem, no dia seguinte, o dominaria. Rangeu os dentes, invadido pelo incontível desejo de destruir, de se sobrepor a um momento de fraqueza, e de súbito saltou com uma agilidade sorrateira, agarrou-a pelo pescoço e bateu-lhe selvaticamente com a cabeça na parede.

Sob o efeito do choque, Angélique quase perdeu os sentidos e escorregou para o chão.

Esforçava-se por não desmaiar. Acabava de se lhe impor uma certeza: na estalagem da Máscara Vermelha fora sem dúvida Filipe, estava agora certa, que a semiaturdida antes de os outros a agarrarem para a violar. Oh, era um bruto, um horrível bruto!

O peso do seu corpo esmagava-a contra o chão gelado. Tinha a impressão de ser presa de uma fera enfurecida, de uma fera que, depois de a violentar, a martelava sem descanso, selvaticamente. Dores inumanas traspassavam-lhe os rins... Nenhuma mulher poderia suportar aquilo sem morrer... Ia mutilá-la, destruí-la!... Um bruto! Um horrível bruto...

Por fim, sem poder mais, soltou um grito dilacerante.

- Piedade, Filipe, piedade!...

Ele respondeu com um ronco surdo e triunfante. Finalmente gritara. Finalmente reencontrara a única forma de amor que o podia satisfazer, a alegria infernal de apertar a si uma presa retesada pela dor, uma presa enlouquecida, suplicante, que o vingava das humilhações passadas. O desejo, exaltado pelo ódio, pô-lo tenso como uma barra de ferro. Deixou-se cair com toda a força em cima dela.

Quando, por fim, a largou, Angélique estava quase desfalecida.

Contemplou-a estendida a seus pés.

Já não gemia, mas, procurando vagamente recuperar a consciência, agitava-se um pouco no lajedo, como uma bela ave ferida.

Filipe deixou escapar uma espécie de arquejo, como um soluço. "Que tenho eu?", pensou com terror.

O mundo convertera-se, de súbito, em trevas e desespero. Toda a luz desaparecera. Tudo se encontrava destruído para sempre. Tudo o que ainda poderia existir estava morto. Assassinara até a tímida recordação de uma rapariguinha vestida de cinzento cuja mão tremera na sua, essa recordação que por vezes lhe acudia à memória e o deleitava, não sabia porquê...

Angélique abriu os olhos. Tocou-lhe com a ponta do pé e disse com um riso escarninho:

- Bem, julgo que estais satisfeita... Boas noites, Sra. Marquesa du Plessis.

Ouviu-o afastar-se, chocando com os móveis, e depois sair do quarto.

CAPÍTULO XXVII - Angélique não se dá por vencida

Ficou muito tempo estendida no chão, apesar do frio que lhe enregelava o corpo nu.

Sentia-se moída até aos ossos e apertava-lhe a garganta um desejo infantil de chorar. Mal-grado seu, a recordação da sua primeira noite de núpcias, sob o céu de Tolosa, voltava a assediá-la.

Revia-se deitada, inerte, com a cabeça leve e os membros pesados, numa lassidão que conhecia pela primeira vez. À sua cabeceira inclinava-se a silhueta do grande Joffrey de Peyrac.

"Pobre avezinha ferida!", dissera ele.

Mas na sua voz não havia piedade. E, de súbito, desatara a rir, com um riso de triunfo, o riso exaltado do homem que foi o primeiro a marcar com o seu selo a carne da companheira amada.

"Aí está porque também o amo!", pensara ela então. "Porque é o Homem por excelência. Que importa a sua cara desfigurada! Possui a força e a inteligência, a virilidade, a intransigência subtil dos conquistadores, a simplicidade... em suma, tudo o que torna o Homem o primeiro dos seres, o rei da

criação..."

E fora esse homem que perdera, que acabava de perder pela segunda vez! Porque sentia obscuramente que o espírito de Joffrey de Peyrac a renegava. Não acabava de o trair?

Pensou na morte, na lagoa coberta de nenúfares. Depois recordou-se do que Desgrez lhe dissera: "Evitai remexer as cinzas que foram dispersas ao vento... Porque todas as vezes que pensardes nisso, tereis vontade de morrer... E eu nem sempre estarei presente..."

Então, por causa de Desgrez, por causa do seu amigo polícia, a marquesa dos Anjos afastou mais uma vez a tentação do desespero. Não queria decepcionar Desgrez.

Levantou-se, arrastou-se até à porta, fechou-a e depois dirigiu-se para a cama, onde se deixou cair como uma massa. Era melhor não pensar demasiado. De resto, Molines prevenira-a: "É possível que perca a primeira jogada..."

A febre martelava-lhe as têmporas e não sabia como acalmar as dores agudas do corpo.

De um raio de luar brotou o fantasma diáfano do poeta, com o seu chapéu pontiagudo e os seus cabelos claros. Chamou-o. Mas ele já desaparecia. Julgou ouvir Sorbona ladrar e os passos de Desgrez perderem-se ao longe...

Desgrez, o Caga-Versos... Confundia-os um pouco no espírito, o perseguidor e o perseguido, ambos filhos do grande Paris, ambos irreverentes e cínicos, homens que esmaltavam de latim a sua linguagem das alfurjas. Mas, por mais que reclamasse a sua presença, eles esfumavam-se, perdiam toda a realidade. Já não faziam parte da sua vida. Virara-se a página. Estava separada deles para sempre.

Angélique acordou bruscamente, embora estivesse convencida de que não dormira.

Apurou o ouvido. O silêncio da floresta de Nieul envolvia o castelo branco. Num dos quartos, o belo torcionário devia ressonar, embrutecido pelo vinho. Uma coruja piava e o seu chamamento abafado trazia consigo toda a poesia da noite e do arvoredo.

Invadiu-a uma grande calma. Virou-se na almofada e procurou deliberadamente dormir.

Perdera a primeira jogada, mas, apesar disso, era marquesa du Plessis-Bellière.

Contudo, a manhã, que enfrentou de cabeça levantada, trouxe-lhe nova decepção. Quando desceu, depois de se arranjar sozinha para evitar a curiosidade de Javotte e de cobrir o rosto de alvaiade e pó, a fim de dissimular uma equimose demasiado visível, soube que o marquês seu marido regressara pura e simplesmente a Paris ao romper do dia. Ou, antes, a Versalhes, onde a corte se reunia para as últimas festas antes das férias de Verão.

Angélique ficou sem pinga de sangue. Imaginaria Filipe que a mulher se resignaria a ficar enterrada na província enquanto decorriam as festas em Versalhes?...

Quatro horas mais tarde, uma carruagem puxada por seis cavalos a galope lançava-se pelas estradas pedregosas do Poitu.

Angélique, cheia de dores, mas inflexível na sua vontade, regressava também a Paris.

Não se atrevendo a aparecer diante dos olhos perspicazes de Molines, deixara-lhe uma carta em que lhe recomendava os filhos. Com Bárbara, a ama, o avô e o administrador, Florimundo e Cantor estariam nas suas sete quintas. Podia, portanto, partir descansada.

Em Paris dirigiu-se imediatamente para casa de Ninon de Lenclos, que havia três meses se mantinha fiel ao amor que lhe inspirava o duque de Gassempierre. Mas, como o duque estava na corte, onde se demoraria oito dias, Angélique encontrou em casa da amiga o retiro que ambicionava. Passou quarenta

e oito horas deitada na cama de Ninon, com uma cataplasma de bálsamo-do-peru na cara, duas compressas de alúmen nas pálpebras e o corpo untado com óleos e cremes diversos.

Atribuíra a um desastrado acidente de carruagem os numerosos vergões e nódoas negras que lhe cobriam a cara e as costas e o tacto da cortesã era tão grande que a própria Angélique nunca soube se acreditara nela ou não.

Ninon falou-lhe com a maior naturalidade de Filipe, que encontrara no seu regresso, quando se dirigia para Versalhes, onde estava projetado um programa de divertimentos deveras agradáveis: jogos de prendas, bailados, comédias, fogos de artifício e outras atrações muito curiosas. A cidade era palco de tagarelice das pessoas que estavam convidadas e do ranger de dentes daquelas que o não estavam.

Sentada à cabeceira de Angélique, Ninon falava ininterruptamente, a fim de a sua doente não ser tentada a abrir a boca, pois necessitava de sossego para recuperar rapidamente a sua tez de lírio e de rosa. Ninon dizia que não tinha pena de não conhecer Versalhes, onde a sua reputação lhe proibia ser recebida. De resto, o seu domínio era aquele palacete do Bairro do Marais, onde era verdadeiramente rainha, e não figurante. Bastava-lhe saber que, a propósito deste ou daquele incidente de cenáculo ou de corte, o rei perguntava às vezes: "E qual é a opinião da bela Ninon?"

- Quando fordes festejada em Versalhes, esquecer-me-eis, minha amiga?

Debaixo dos seus emplastros, Angélique fez sinal que não.

CAPÍTULO XXVIII - Angélique diante do rei

Em 21 de Junho de 1666, a marquesa du Plessis-Bellière dirigiu-se para Versalhes. Não tinha convite, mas em contrapartida possuía a maior audácia do mundo.

A sua carruagem, guarnecida de veludo verde interior e exteriormente, com franjas e galões dourados, caixas e rodas inteiramente douradas, era puxada por dois grandes cavalos malhados, pretos e brancos.

Angélique envergava um vestido de brocado verde-acizentado, com grandes flores prateadas, e levava como jóia um esplêndido colar de pérolas de várias voltas, que lhe descia abaixo da extremidade do corpete.

O cabelo, penteado por Binet, estava igualmente adornado com pérolas e guarnecido com duas plumas leves e imaculadas como flocos de neve. O rosto, cuidadosamente pintado, mas sem exagero, já não apresentava vestígios das violências de que ela fora vítima alguns dias antes. Tinha apenas uma marca azulada numa têmpora, que Ninon dissimulara com uma mosca de tafetá em forma de coração. Com outra mosca mais pequena ao canto dos lábios, Angélique estava perfeita.

Calçou as luvas de Vendôme, abriu o leque pintado à mão e, debruçando-se da portinhola, gritou:

- A Versalhes, cocheiro!

A sua inquietação e a sua alegria punham-na tão nervosa que levava Javotte consigo, a fim de poder tagarelar durante o trajeto.

- Vamos a Versalhes, Javotte!-repetia à pequena sentada diante dela, de touca de musselina e avental bordado.

- Oh, já lá fui, minha senhora, no domingo, na galé de Saint-Cloud, para ver o rei jantar.

- Não é a mesma coisa, Javotte. Não podes compreender.

A viagem pareceu-lhe interminável. A estrada encontrava-se em mau estado, cheia de buracos abertos pela passagem das duas mil carroças que diariamente a percorriam em ambos os sentidos, transportando pedras e gesso para a construção do palácio, assim como blocos de embrechado, canos de chumbo e estátuas para os jardins.

Carreiros e cocheiros insultavam-se copiosamente.

- Não devíamos ter vindo por aqui, minha senhora - dizia Javotte.- Devíamos ter ido por Saint-Cloud.

- Não, era demasiado longe.

Angélique estava constantemente a deitar a cabeça fora da portinhola, com risco de destruir o engenhoso penteado de Binet e de apanhar uma chapada de lama líquida.

- Com mil demônios, despacha-te, cocheiro! Os teus cavalos são umas lesmas.

Mas já via erguer-se no horizonte um alto talude cor-de-rosa, cintilante e que parecia irradiar todo o sol da manhã primaveril.

- Que é aquilo, cocheiro?

- Senhora, é Versalhes.

Uma alameda de árvores recentemente plantadas sombreava a extremidade da avenida. Nas imediações do primeiro portão, a carruagem de Angélique teve de parar para deixar passar outra que chegava a galope pela estrada de Saint-Cloud. A carruagem vermelha, puxada por seis cavalos baios, era escoltada por cavaleiros. Afirmava-se que se tratava de Monsieur. Seguia-a a carruagem de Madame, tirada por seis cavalos brancos.

Angélique mandou entrar a sua carruagem atrás das outras duas. Já não acreditava em maus encontros, em malefícios. Pairava acima das misérias terrenas, como se gozasse de uma espécie de imunidade. Uma certeza mais forte do que todos os receios assegurava-lhe que estava próxima a hora do seu triunfo, porque o pagara muito caro.

Esperou, no entanto, que a agitação causada pela chegada das duas altas personagens se acalmasse um pouco. Depois desceu da carruagem e dirigiu-se para o Pátio de Mármore através dos degraus que lhe davam acesso.

Filipe, envergando a libré dos Du Plessis -azul e cor de junquilha-, segurava-lhe a cauda do manto.

- Não te assoes às mangas - recomendou-lhe Angélique.-Não te esqueças que estamos em Versalhes.

- Sim, minha senhora - suspirou o antigo rapazote do Pátio dos Milagres, que abria a boca de admiração olhando à sua volta.

Versalhes não possuía ainda a majestade esmagadora que lhe deveriam conferir as duas alas brancas acrescentadas por Mansart quase no fim do reinado. Era um palácio feérico, erguido numa pequena - elevação de terreno, com a sua álcree arquitetura cor-de-rosa e de papoila, as suas varandas de ferro trabalhado e as suas altas chaminés claras. Os pináculos, as carrancas, os revestimentos de chumbo e os vasos flamejantes dos seus telhados eram inteiramente folheados a ouro e cintilavam como jóias ornamentais de um cofre precioso. A ardósia nova tinha, consoante os ângulos refletiam a sombra ou a luz, a profundidade aveludada da noite ou o brilho da prata, e as linhas vivas dos telhados pareciam fundir-se no azul do céu.

Reinava grande agitação nas imediações do palácio, onde as librés multicores dos criados e dos lacaios se misturavam com as blusas escuras dos operários que iam e vinham com os seus carrinhos de mão e as suas ferramentas. O ruído cantante dos cinzeiros que martelavam a pedra acompanhava os tambores e os pífaros de uma companhia de mosqueteiros que desfilava no meio do grande pátio.

Angélique olhou à sua volta e não viu caras conhecidas. Por fim, entrou no palácio por uma porta da ala esquerda, onde as idas e vindas pareciam numerosas. Uma grande escadaria de mármore de várias cores conduziu-a a um grande salão onde se comprimia uma multidão de pessoas modestamente vestidas que a olharam com espanto. Informou-se. Disseram-lhe que se encontrava na Sala dos Guardas, onde todas as segundas-feiras os solicitantes vinham apresentar as suas petições ou procurar a resposta a requerimentos já apresentados. Ao fundo da sala, em cima da chaminé, a naveta de ouro e prata dourada representava a pessoa do rei, mas esperava-se que Sua Majestade aparecesse, como por vezes costumava fazer.

Com as suas plumas e o seu pajem, Angélique sentiu-se deslocada no meio daqueles velhos militares, daquelas viúvas e daqueles órfãos. Ia retirar-se quando viu a Sra. Scarron, que lhe saltou ao pescoço, feliz por encontrar, finalmente, uma pessoa conhecida.

-Procuro a corte - disse-lhe Angélique. - O meu marido deve estar a assistir ao levantar do rei e quero ir ter com ele.

A Sra. Scarron, mais pobre e modesta do que nunca, parecia pouco indicada para a informar acerca do paradeiro dos cortesãos. Mas, desde que freqüentava as antecâmaras reais em busca de uma pensão, a jovem viúva encontrava-se mais ao corrente do programa pormenorizado da corte do que o próprio cronista Loren, encarregado de lhe registrar hora a hora os acontecimentos mais importantes.

Muito obsequiosamente, a Sra. Scarron levou Angélique para outra porta que deitava para uma espécie de grande varanda⁴ donde se viam os jardins.

- Creio que o levantar do rei já terminou - disse. - Acaba de se dirigir para o seu gabinete, onde conversará alguns instantes com as princesas reais, e em seguida descerá aos jardins, a não ser que venha aqui. De qualquer modo, o melhor para vós será seguirdes por esta galeria aberta. Mesmo ao fundo, à direita, encontrareis a antecâmara que leva ao gabinete do rei. É lá que a esta hora se reúnem todos os cortesãos e onde podereis encontrar sem dificuldade o vosso marido.

Angélique deitou um olhar à varanda, onde se viam apenas alguns guardas suíços.

- Estou morta de medo -confessou.- Não vindes comigo? -Oh, minha querida, como poderia? - surpreendeu-se Francisca, deitando uma olhadela confusa ao seu pobre vestido.

Só então Angélique reparou no contraste entre a forma como uma e outra estavam vestidas.

- Porque estais aqui como solicitante? Ainda tendes dificuldades de dinheiro?

- Mais do que nunca, infelizmente! A morte da rainha-mãe originou a supressão da minha pensão. Mas tenho esperança de que ma restabeleçam. O Sr. de Albret prometeu-me o seu apoio.

- Desejo que a consigais. Estou sinceramente desolada...

A Sra. Scarron sorriu com muita amabilidade e acariciou-lhe o rosto.

- Não estejais. Seria pena. Pareceis tão feliz! De resto, mereceis bem a vossa felicidade, minha querida. Sinto-me contente por vos ver tão bela, O rei é muito sensível à beleza. Estou certa de que ficará encantado convosco.

«Pois eu começo a duvidar», pensou Angélique, cujo coração começou a pulsar desordenadamente. Mas o esplendor de Versalhes animava-a a levar até ao fim a sua audácia. Claro que estava louca. Mas tanto pior! Não se comportaria como o corredor que desiste a poucos metros da meta...

Sorriu à Sra. Scarron e lançou-se através da galeria, caminhando tão depressa que Flipot quase perdia o

⁴ No sítio desta varanda fica hoje a Galeria dos Espelhos.

fôlego atrás dela. Quando ia a meio do caminho, surgiu um grupo na outra extremidade, parecendo vir ao seu encontro. Mesmo àquela distância, Angélique não teve nenhuma dificuldade em reconhecer, caminhando no meio dos cortesãos, a silhueta majestosa do rei.

Salientando-se pelos saltos vermelhos dos sapatos e pela opulenta peruca, Luís XIV também se distinguia dos outros pela arte admirável do andar. Além disso, ninguém melhor do que ele se sabia servir das altas bengalas de que lançava a moda e que até ali tinham parecido reservadas apenas aos velhos e aos doentes. Fazia delas um instrumento de firmeza, de bela atitude e até, no seu caso, de sedução.

Avançava, pois, apoiado na bengala de ébano e castão de ouro, conversando alegremente com as duas princesas que o acompanhavam, Henriqueta de Inglaterra e a jovem duquesa de Enghien. Naquele dia, a favorita oficial, Luísa de La Vallière, não tomava parte no passeio e Sua Majestade não estava descontente com isso. A pobre rapariga era cada vez menos decorativa. Na intimidade, o rei ainda lhe encontrava alguma sedução, mas, naquelas bonitas manhãs em que os esplendores de Versalhes desabrochavam, a palidez e a magreza de M^{lle} de La Vallière pareciam aumentar. Desde que ela permanecesse no seu retiro, ia vê-la de vez em quando e informar-se da sua saúde...

A manhã estava verdadeiramente esplêndida e Versalhes maravilhoso. Não seria a própria deusa da Primavera que se dirigia para o soberano na pessoa daquela mulher desconhecida?... O sol nimbava-a com uma auréola e as jóias desciam-lhe até à cintura como pérolas de orvalho...

Angélique compreendera imediatamente que se cobriria de ridículo se arrepiasse caminho. Continuava, pois, a avançar, mas cada vez mais devagar, com essa estranha sensação de impotência e fatalidade que por vezes experimentamos quando sonhamos. Na neblina que a rodeava apenas se distinguia o Rei-Sol, que olhava fixamente como atraída por um ímã. Mesmo que quisesse baixar os olhos, seria incapaz. Estava agora tão perto dele como estivera outrora na sala escura do Louvre onde o enfrentara e para ela nada mais existia do que essa recordação terrível.

Nem sequer tinha consciência do espetáculo que oferecia, sozinha no meio daquela galeria banhada de luz, com o seu traje magnífico, a plenitude da sua beleza e a sua expressão fascinada.

Luís XIV parara, e os cortesãos fizeram o mesmo atrás dele. Lauzun, que reconhecera Angélique, mordeu os lábios e escondeu-se atrás dos outros, satisfeitíssimo. Ia-se assistir a algo surpreendente!

Muito cortês, o rei tirou o chapéu ornamentado com plumas cor de fogo. Impressionava-se facilmente com a beleza das mulheres e a calma ousadia com que aquela o fitava com os seus olhos cor de esmeralda, longe de o descontentar, pelo contrário, encantava-o. Quem seria?... Como não a notara já?...

Entretanto, obedecendo a uma reação inconsciente, Angélique fez uma profunda reverência. Agora, semiajoelhada, desejava nunca mais se levantar. Levantou-se, porém, com os olhos irresistivelmente atraídos pelo rosto do rei. Fitava-o, sem querer, com expressão provocante.

O rei estava surpreendido. Havia qualquer coisa de inusitado na atitude daquela desconhecida e também no silêncio e na surpresa dos cortesãos. Olhou à sua volta e franziu levemente o sobrolho.

Angélique julgou desfalecer. As mãos começaram-lhe a tremer nas pregas do vestido. Sentia-se sem forças, perdida.

Foi então que uns dedos pegaram nos seus e lhos apertaram a ponto de quase a fazerem gritar, enquanto a voz de Filipe dizia, muito calma:

- Sire, que Vossa Majestade me conceda a honra de lhe apresentar a minha mulher, a marquesa du Plessis-Bellièvre.

- Vossa mulher, marquês? -disse o rei.-A notícia é surpreendente. Já tinha ouvido falar de qualquer coisa a vosso respeito, mas esperava que vós próprio me pusésseis ao corrente do que se tratava...

- Sire, não me pareceu necessário informar Vossa Majestade de semelhante ninharia.

- Ninharia? Um casamento! Acautelai-vos, marquês, não vos ouça o Sr. Bossuet!... E estas damas! Por São Luís, apesar de vos conhecer há muito tempo, ainda pergunto às vezes a mim mesmo de que massa sereis feito. Sabeis que a vossa discrição para comigo é quase uma insolência?...

- Sire, lamento profundamente que Vossa Majestade interprete assim o meu silêncio. O caso tinha tão pouca importância!

- Calai-vos, senhor. A vossa inconsciência ultrapassa as marcas e não vos permito nem mais um minuto que faleis de modo tão desagradável diante dessa jovem encantadora, vossa mulher. Palavra de honra que não passais de um grosseirão! E vós, senhora, que pensais do vosso marido?

- Procuro habituar-me à sua maneira de ser, sire -respondeu Angélique, que durante o diálogo recuperara algumas cores.

O rei sorriu.

- Sois uma mulher razoável. E, além disso, muito bela. Duas coisas que nem sempre se encontram na mesma pessoa! Marquês, perdô-te, atendendo à tua boa escolha... e aos seus belos olhos.

Olhos verdes... Uma cor rara, que não tenho tido oportunidade de admirar muitas vezes. As mulheres que possuem olhos vereis são... Interrompeu-se, ficou um instante pensativo, sem deixar de examinar com atenção o rosto de Angélique, e depois deixou de sorrir e toda a pessoa do monarca pareceu ficar hirta, como se acabasse de ser fulminada por um raio. Luís XIV começou a empalidecer, fenômeno que não escapou a ninguém, pois o rei era de compleição sanguínea e o seu cirurgião tinha de o sangrar frequentemente. Ora a verdade é que ficara em poucos segundos tão branco como os bofes da sua camisa, embora nada no seu rosto se alterasse.

Desorientada, Angélique fitava-o de novo, a seu pesar com ar provocante, como certas crianças culpadas fitam quem as vai castigar.

- Não sois do Sul, senhora?-perguntou o rei, com súbita brusquidão.- De Tolosa?...

- Não, sire, a minha mulher é do Poitou -disse imediatamente Filipe.-O seu pai é o barão de Sancé de Monteloup, cujas terras se situam nos arredores de Niort.

- Oh, sire, confundir uma poitevina com uma dama do Sul!-exclamou Ateneia de Montespan, soltando uma das suas belas gargalhadas. - Vós, sire!...

A bela Ateneia sentia-se já suficientemente nas boas graças do rei para não recuar diante de um atrevimento deste gênero. O constrangimento dissipou-se e o rei recuperou as suas cores habituais. Sempre senhor de si, deitou uma olhadela divertida a Ateneia e observou, suspirando:

- Não há dúvida de que as poitevinas são muitíssimo encantadoras. Mas acautelai-vos, senhora, não vá o Sr. de Montespan ver-se obrigado a bater-se com todos os gascões de Versalhes. Estes poderiam querer vingar o insulto feito às suas mulheres...

- Insulto, sire? Não estava nas minhas intenções. Quis apenas dizer que os encantos de ambos os tipos de beleza, embora iguais em qualidade, não se confundem. Que Vossa Majestade me perdoe a minha humilde observação.

O sorriso dos seus grandes olhos azuis estava, sem dúvida, longe de ser contrito, mas era inegavelmente irresistível.

- Conheço a Sra. du Plessis há muitos anos - continuou a Sra. de Montespan. - Andamos no colégio juntas e a sua família é aparentada com a minha...

Angélique prometeu a si própria nunca mais esquecer o que devia à Sra. de Montespan. Fosse qual fosse o móbil a que a bela Ateneia obedecera, nem por isso salvara menos a amiga.

O rei voltou a inclinar-se, com um sorriso calmo, diante de Angélique du Plessis.

- Pois bem... Versalhes acolhe-vos com muito prazer, senhora. Sede bem-vinda.

Mas, mais baixo, acrescentou:

- Sentimo-nos felizes por vos tornar a ver.

Angélique compreendeu então que o rei a reconhecera, mas que a aceitava e desejava esquecer o passado.

Pela última vez, as chamas de uma fogueira pareceram erguer-se entre ambos. Prosternada numa profunda reverência, a jovem sentiu os olhos encherem-se-lhe de lágrimas.

Felizmente, o rei recomeçara a andar e ela pôde-se levantar, limpar furtivamente os olhos e olhar um pouco constrangida para Filipe.

- Como hei-de agradecer-vos, Filipe?...

- Agradecer-me!-sibilou a meia-voz, apertando os dentes com cólera.-Mas era o meu nome que tinha de defender do ridículo e da desgraça!... Sois minha mulher, com mil demônios! Peço-vos que o não esqueçais daqui em diante... Aparecer assim em Versalhes! Sem convite! Sem apresentação!... E olháveis o rei com uma insolência!... Pelos vistos, nada pode abater o vosso infernal topete! Devia ter-vos matado na outra noite.

- Oh, suplico-vos, Filipe, não me estragueis este belo dia! Seguindo os outros cortesãos, chegaram aos jardins. O brilho azul do céu, juntamente com o dos repuxos de água e com as cintilações do sol ao quebrar-se na superfície lisa dos dois grandes lagos do primeiro terraço, deslumbraram Angélique.

Julgava caminhar no meio de um paraíso onde tudo era leve e ordenado como uma morada elísia.

Do cimo dos degraus que dominavam um lago em que havia um grupo escultórico em forma de pirâmide cônica podia ver o desenho admirável das grandes árvores dispostas em quincôncios e rodeadas pela farândola das brancas estátuas de mármore. Por todos os lados, a perder de vista, estendiam-se canteiros que formavam tapetes multicores.

Com as mãos juntas diante dos lábios, numa atitude de fervor infantil, Angélique permanecia imóvel, dominada por um êxtase em que o entusiasmo do sonho se confundia com uma admiração sincera.

Uma leve brisa agitava-lhe contra a testa as plumas brancas do penteado.

A carruagem do rei acabava de parar ao fundo dos degraus. Mas, quando ia a subir para ela, Luís XIV voltou para trás e tornou a subir os degraus. Angélique viu-o de súbito a seu lado. Estava sozinho, pois afastara, com um gesto imperceptível, as pessoas que o rodeavam.

- Admirais Versalhes, senhora? -perguntou.

Angélique fez uma reverência e respondeu com inexcedível graça:

- Sire, agradeço a Vossa Majestade ter posto tanta beleza diante dos olhos dos seus súbditos. A história ficar-lhe-á reconhecida.

Luís XIV ficou silencioso um momento, não por o impressionarem louvores a que estava habituado, mas sim por não conseguir, naquele instante, exprimir o seu pensamento.

- Sois feliz? -perguntou por fim.

Angélique desviou os olhos e, ao sol e ao vento, pareceu de súbito mais nova, como se fosse uma rapariga que não tivesse conhecido desgostos nem tormentos.

- Como poderia alguém não ser feliz em Versalhes? murmurou.

- Então não choreis mais -disse o rei.- E dai-me o prazer de compartilhar o meu passeio. Quero mostrar-vos o parque.

Angélique pôs a mão na de Luís XIV e desceu com ele os degraus do lago de Latona. Os cortesãos inclinaram-se à sua passagem.

Quando se sentava junto de Ateneia de Montespan, diante das duas princesas e de Sua Majestade, entreviu o rosto do marido.

Filipe olhava-a com expressão enigmática, não destituída de súbito interesse. Começava a compreender que casara com um autêntico fenómeno.

Angélique poderia voar, de tal modo se sentia leve. A seus olhos, o futuro apresentava-se tão azul como o horizonte. Dizia para consigo que os filhos nunca mais conheceriam a miséria. Seriam educados na Academia do Monte Parnaso e tornar-se-iam gentis-homens. A própria Angélique seria uma das mulheres mais festejadas da corte.

E, uma vez que o rei exprimira esse desejo, tentaria apagar do coração todos os vestígios de amargura. No fundo de si mesma, Angélique sabia perfeitamente que o fogo do amor em que fora consumida - esse fogo terrível que também consumira o seu amor- jamais se extinguiria. Duraria toda a sua vida. Dissera-o a Voisin.

Mas o destino, que não é injusto, queria que Angélique se detivesse por uns tempos na colina encantada, a fim de aí recuperar forças na embriaguez do seu êxito e no triunfo da sua beleza.

Mais tarde reencontraria o caminho da sua existência aventureira. Mas naquele dia já não receava nada. ESTAVA EM VERSALHES!

¹ Atual Palácio de Chaillot